



Gravura sobre a Copacabana do início do século XIX, de autoria de Johann Moritz Rugendas.  
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro – RJ.

.....

# DOIS ANOS NO BRASIL



*Mesa Diretora*  
Biênio 2003/2004

Senador José Sarney  
*Presidente*

Senador Paulo Paim  
*1º Vice-Presidente*

Senador Eduardo Siqueira Campos  
*2º Vice-Presidente*

Senador Romeu Tuma  
*1º Secretário*

Senador Alberto Silva  
*2º Secretário*

Senador Heráclito Fortes  
*3º Secretário*

Senador Sérgio Zambiasi  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador João Alberto Souza  
Senador Geraldo Mesquita Júnior

Senadora Serys Shessarenko  
Senador Marcelo Crivella

*Conselho Editorial*

Senador José Sarney  
*Presidente*

Joaquim Campelo Marques  
*Vice-Presidente*

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim  
João Almino

Carlyle Coutinho Madruga  
Raimundo Pontes Cunha Neto

.....  
*Edições do Senado Federal – Vol. 13*

# DOIS ANOS NO BRASIL

*Auguste François Biard*



*Brasília – 2004*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

Vol. 13

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexões sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2004

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

.....

Biard, Auguste François.

Dois anos no Brasil / Auguste François Biard. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

252 p. -- (Edições do Senado Federal ; 13)

1. Viagem, descrição, Brasil. 2. Viagem, descrição, Rio de Janeiro.
  3. Viagem, descrição, Espírito Santo. 4. Rio Amazonas, descrição.
- I. Título. II. Série.

CDD 918.1

.....

.....

## *Sumário*

I – *A travessia*. Prefácio. Os conselheiros da partida e os perguntadores à volta – Motivos desta viagem – Londres – O palácio de Sydenham – O vapor *Tyne* e seus passageiros – Lisboa – Madeira – Tenerife  
– São Vicente – A esparrela – Pernambuco

*pág. 11*

II – *Rio de Janeiro*. Bahia – Chegada ao Rio – Aspecto interno e externo da capital – Hospedarias – O cônsul da França  
– O Imperador do Brasil – A Imperatriz – Sua beneficência  
– O palácio de São Cristóvão

*pág. 27*

III – *Província do Espírito Santo* – *O rio Sangaçu* – Os indígenas  
– O Sr. X... – Travessia do Rio a Vitória – O navio incendiado  
– Vitória – *Tenha paciência* – Nova Almeida – Santa Cruz  
– Um pórtico de catedral visto de frente e de perfil  
– O rio Sangaçu – Cenas e paisagens

*pág. 53*

IV – *Província do Espírito Santo* – *A mata virgem*  
– O sapo – O caranguejo – Minha primeira volta pelo interior  
– Os índios – O negro fugido – O boi vendido duas vezes  
– O *Pulex-penetrans* – A aranha – Uma migração de formigas  
– Festa de São Benedito – Queimada – O desenho incômodo  
– A surucucu – Morte de um índio – Tribos indígenas da província  
– Uma noite nas matas – O gato do mato  
– As onças – Volta ao Rio

*pág. 73*

- V – *O Amazonas – Do Rio ao Pará* – O navio brasileiro *Paraná*  
– Pernambuco – Paraíba do Norte – Quadros alegóricos  
– Cabo São Roque – Aspecto do litoral – Ceará  
– São Luís do Maranhão – Pará ou Belém – O intérprete  
– O cônsul – Sr. Benoit – Arrabaldes do Pará  
– Marajó – Ara-piranga

*pág. 123*

- VI – *O Amazonas – Do Pará a Manaus*  
– Navegação pelo furo de Breves – Cidades do Baixo Amazonas  
– A árvore do veneno – Os índios Muras  
– O grande braço do Amazonas – Prágua – Santarém –  
O rio Tapajós – As cidades de Óbidos, Vila Bela e  
Serpa – O rio Negro

*pág. 147*

- VII – *O Amazonas – Manaus e rio Negro*  
– Passeios em Manaus e nas matas – Cascata – O negro hospitaleiro –  
Um curral – Instalação nas florestas do rio Negro – Solidão  
– Trabalhos – Índios Muras – Compra de uma canoa  
– Urubus – Tartarugas – Preparativos de partida

*pág. 163*

- VIII – *O Amazonas – Do rio Negro ao Madeira*  
– Uma tempestade no Amazonas – Ovos de tartaruga – Um jaguar  
– Refeição numa ilha – Um braço do Madeira – As mutucas  
– O interior da canoa – Policarpo e seus companheiros  
– Um banho perigoso – Margens do Madeira – O colono branco  
– O abismo de areia – Cólera – Seus resultados – Canoma  
– Índios mundurucus

*pág. 189*

- IX – *O Amazonas – Margens e habitantes do rio Madeira*  
– Os índios do Baixo-Madeira – Mundurucus e Araras  
– Retratos interrompidos – Capitão João – Um rapaz bom para casar  
– Uma nova peça de Policarpo – Crenças e costumes indígenas  
– Adivinhos – O curare e as velhas – A zarabatana – Maués

*pág. 207*

X – *Regresso – Do rio Madeira aos Estados Unidos – Navegação*  
– Um despertar dentro d'água – Uma branca um pouco escura  
– Uma pescaria – Volta ao Amazonas – Vila Bela  
– Amadores de pintura – O bom Miguel – Acesso de cólera  
– Castigo e fuga de Policarpo – Freguesia – Serpente-monstro  
– Tempestade – Insolação e conseqüências  
– Doença – Santarém – Pará  
*pág. 229*

EPÍLOGO  
*pág. 247*

ÍNDICE ONOMÁSTICO  
*pág. 249*



.....

I  
*A Travessia*

EXÓRDIO – OS QUE ACONSELHAM NA PARTIDA E INDAGAM  
NO REGRESSO – MOTIVOS DESTA VIAGEM – LONDRES – O  
PALÁCIO DE SIDENHAM – O VAPOR *TYNE* E SEUS  
PASSAGEIROS – LISBOA – MADEIRA – TENERIFE – SÃO  
VICENTE – A ESPARRELA – PERNAMBUCO

**M**EU CARO amigo, diga-me, por favor, como lhe nasceu essa idéia de ir ao Brasil? Não sabe ser uma terra muito insalubre? A febre amarela, ali, é endêmica e dizem mais que as cobras, das mais venenosas, matam qualquer criatura em poucos minutos.

Não se meta a ir ao Brasil, alertava-me outro. Quem vai ao Brasil?! Não se põem os pés nesse país senão para se ser o seu Imperador. Você foi por acaso nomeado Imperador do Brasil?

Que feliz coincidência! – exclamou meu sapateiro. Estimo que o Senhor viaje e para essas bandas. Vai me prestar um obséquio. Avalie que um figurão, dizendo-se marquês, me fez uma encomenda e antes de me pagar embarcou para sua pátria, que se chama Bourbon.

Prometi ao meu sapateiro fazer todos os esforços no sentido de descobrir o seu marquês, meu futuro vizinho de algumas mil léguas, e obter dele o pagamento da conta ou, pelo menos, uma gorda amortização. Em reconhecimento, desde logo, o homem me consertou um par de botinas de maneira ainda pior que a costumada.

Não poria um ponto final nas citações de conselhos e pedidos que me dirigiram, nessa ocasião, se as quisesse a todas recordar. Procuravam acautelar-me contra quaisquer acidentes de que seria inevitavelmente vítima se não seguisse à risca as advertências amigas. Deveria usar sempre flanela e ao mesmo tempo trajes brancos, por causa do sol. Que me defendesse como de inimigo mortal, dos tecidos pesados, até mesmo batista, porém, em compensação, não tirasse do corpo as camisas e as meias de algodão. Sobretudo, não me esquecesse de escolher um camarote a bombordo, porque nele, a caminho da América, poderia abrir minha vigia para gozar os ventos eliseos. Cometi loucuras para conseguir essa vantajosa situação, mas o vento foi tão violento durante a travessia que só se podiam abrir justamente as vigias de estibordo, enquanto eu morria de calor no meu camarote. Por outro lado, à procura de roupas, remexi todo o sortimento da *Belle Jardinière*. O que existia de mais escuro nas cores fora implacavelmente recusado pela pessoa que me acompanhava: ela só queria escolher os tons mais claros, e bem a propósito agiu, porquanto no Brasil todo mundo se veste de preto, não somente para ir às festas, mas, também, durante o dia, muito embora o sol derreta a todos de suor.

Quando voltei, as perguntas substituíram as recomendações:  
– Você deve ter agüentado um calor dos diabos, hein?!

Contaram-me que estive no meio dos selvagens?! São perversos? Que belas coisas você presenciou! É verdade que andou também pela América do Norte, pelo Canadá, pela cachoeira do Niágara? Então, viu Blondin? Existe mesmo ou se trata apenas de uma pilhéria?

Previra o assalto dessas curiosidades, porque não me esquecera de que ao regresso de uma viagem ao pólo norte houve quem me perguntasse se sentira muito frio. Por precaução, trouxera de Nova Iorque uma prova estereoscópica representando Blondin sobre sua corda. Quando aludem a esse homem, tiro do bolso esse testemunho, quase vivo, da atitude em que ele mais se exhibe, e, assim, evito maiores explica-

ções. Contudo, no que diz respeito aos índios, a coisa não se torna tão fácil. Pobre de mim! Não pude conduzir comigo por toda Paris os retratos de todos os meus companheiros das florestas virgens e de outros lugares, que procurei reproduzir com a mais escrupulosa fidelidade, não obstante, confesso, com algumas dificuldades.

Reparo agora: tenho apenas tratado das perguntas que me fizeram e não disse nada ainda das respostas a elas dadas. Para atender a todos, mesmo aos que não me interrogaram, vou me explicar, lamentando o meu mau hábito de passar de um assunto a outro sem aparente necessidade. Que me perdoe o leitor.

Dois motivos, bem diversos, levaram-me à América. Eu vinha morando há alguns anos no prédio nº 8 da Praça Vendôme e, ali, ocupava um apartamento de que gostava e do qual não pretendia me mudar; toda minha existência de artista ali decorrera. De cada viagem realizada trazia novos objetos com os quais ia aumentando meu pequeno museu, e, como o amor-próprio em tudo se intromete, sentia orgulho ao ouvir afirmar possuir o mais belo atelier de Paris, ao menos o mais curioso. Quem poderia pensar que certo dia um senhorio destruiria com uma palavra um trabalho construído com tantos esforços e cuidados! Foi o que me aconteceu, como num despertar de um sonho que durava há 20 anos. Planos urbanísticos de alargamento foram a causa do abandono de um teto onde contava viver até o dia da minha morte. Apelo para todos que já foram também intimados a se mudar em condições semelhantes. Nada compensa a perturbação súbita de nossos hábitos. Eu não podia disfarçar a minha tristeza; ela me seguia por toda parte. Mudar-me!... Só tinha em mente essa contingência.

Eis aí o primeiro motivo de minha viagem. Outro, aparentemente fútil, decidiu-me e apontou-me o rumo a tomar. Tendo ido jantar, uma noite, com minha filha, em casa de um amigo, o acaso colocou-me perto de um general belga há longo tempo residindo na Bahia. Conversamos bastante acerca dos aspectos maravilhosos oferecidos a cada passo nessa terra de esplendores. “E por que o Senhor não vai passar uns meses no Brasil? Tal passeio far-lhe-ia bem à saúde e esqueceria seus aborrecimentos.” Não foi preciso mais para se me encher a cabeça com esse projeto tão de conforme aos meus gostos. Ao reconduzir minha filha ao internato, aludi à conversa mantida com o general e, rin-

do-me, disse-lhe: “Se eu fosse passar um mês ou dois nesse país distante, estaria de volta pelas férias. Seria excursão semelhante às que faço ao campo, no verão, quando não te vejo freqüentemente.”

Acertei meus negócios, e, uma vez que tinha de deixar a casa em 1859, foi fácil combinar com o proprietário minha mudança em 1858.

Fala-se habitualmente da coragem que se precisa ter para efetuar uma longa travessia. Há os perigos e as privações de toda ordem e a todo momento. Na verdade, a coragem é indispensável, em resoluções dessa natureza, porém não para fazer face a um risco qualquer. O instinto de conservação está em guarda, mas o hábito vai amenizando tudo. Acostumamo-nos a viver cercados de animais ferozes; não se pensa nem na peste, nem na febre amarela, nem nos leões, nem em ursos brancos quando já se passou alguns meses na sua vizinhança. Foi o que pude constatar. Recordo-me da última tarde que passei com minha filha, das várias histórias que lhe contei para distraí-la e suavizar-lhe os sobressaltos com minha ausência. Não queria afligi-la mais do que ela já se achava, traindo minhas próprias preocupações. Afirmava-lhe com bonomia só existirem tigres e cobras no Jardim Zoológico. Ademais, Deus sabia bem que coisas magníficas eu traria dessa terra que ia conhecer! Virara menino; divertia-me e quando me vi sozinho, bem sozinho, no meio de Paris, lá foi que se me tornou necessária boa dose de ânimo para voltar atrás, para me mostrar alegre quando sentia o coração apertado.

Tinha o que fazer ainda em Londres e fui até lá levando minha bagagem. Embarquei no Havre e desci em Southampton. A 5 de abril de 1858 tomei um vapor inglês e ao passar pelo Tâmis vi o *Leviathan*, cujo tamanho descomunal produziu efeito singular em alguns caixeiros viajantes, meus companheiros de travessia, o que me espantou, pois estão acostumados a ver tudo. Eu fizera a tolice de trazer comigo a mala com a roupa nova destinada ao meu desembarque no Rio de Janeiro, o que motivou dificuldades com os guardas da Alfândega. Felizmente deixaram-me passar sem pagamento de direitos. Logo que me desembarcei dos negócios, e depois de rever alguns amigos, fui novamente ao Palácio de Cristal, que há tempos visitara. Todo mundo conhece as belezas de Sidenham; tantas descrições já foram escritas que nada mais há a se dizer a seu respeito. Contudo, do que menos se tem falado é justamente

do que mais me agrada. Na parte inferior desse imenso terreno colocaram, em poses pitorescas, seja na água, seja em terra, os diversos seres que nos precederam no mundo. Ali se vêem animais primitivos, aqueles cuja perfeição ainda não se completara como os pterodáctilos, os plesiossauros, os grandes lezardos, de pescoço de serpente, todos esses bichos dos quais nenhum outro atualmente nos dá uma idéia. E existem mais os dinotérios, os anoplotérios, os ursos, os mastodontes, tudo no seu tamanho natural. Deste modo pode-se, num passeio, aprender sem estudar, e é tão cômodo não se estudar! Muita gente ignora como se formou o carvão dentro da terra, de que natureza são o granito, o mármore, as pedras de amolar, etc. Reparem, no entanto, ali, as camadas geológicas e logo todos ficarão mestres. Feitas ainda umas visitas, tomei o trem de Londres para Southampton. Nesta cidade, tive logo contato, num hotel, com várias pessoas que partiriam comigo no dia seguinte; aludiam a uma bonita italiana, nossa futura companheira de viagem. Como não estivesse disposto a conversar, fui dar uma volta pela localidade, apesar do mau tempo reinante. No outro dia, 9 de agosto, pequena embarcação nos levou à que deveria ser nosso mundo durante um mês.

Dessa vez a Alfândega não se mostrou tão cordata como no Tâmis: fizeram-me pagar por ocasião do embarque duas libras por excesso de bagagem. Partimos, afinal. Eu ocupava o camarote nº 21, a bombordo, tendo como companheiro um digno professor chamado Trinac, que voltava ao Brasil, onde já passara alguns anos. Decorreram os dois ou três primeiros dias numa espécie de ambientação: íamos fazendo relações e formando grupos nas horas de refeições. Franceses reunidos, ingleses para outro lado, portugueses e brasileiros para outro. Escolhiam-se os companheiros de convivência na longa viagem.

Espalharam, logo que entramos no *Tyne*, achar-se a bordo um príncipe alemão; ia se casar em Lisboa com uma princesa portuguesa. Nada, porém, indicava a presença dessa real personagem a bordo. As mais burlescas conjeturas vieram agravar esse mistério. Um príncipe devia possuir seus preconceitos e não se misturaria com a gente vulgar, e, por isso, todas as desconfianças se voltaram para um passageiro com cara de poucos amigos e que não falara até então com ninguém. De minha parte não fiz suposições a respeito pois me repugnava admitir fosse esse ridículo indivíduo o herói das hipóteses de todos os outros viajan-

tes. E, por fim, o tal príncipe não passava de um modesto funcionário diplomático inglês que ia tomar conta de seu cargo num distante país qualquer. Mas, o desejo de se descobrir o príncipe era de tal monta que transferiram as suspeitas para um outro sujeito que, após jantar vagorosamente, desaparecia da vista de todos. Também esse não tinha sangue azul. Soube-se por um seu companheiro de camarote. Era apenas, igualmente, um inglês, que, tendo ouvido falar dos diamantes do Brasil, para lá se voltava à procura dessas pedras preciosas, muito embora lhe houvesse custado arranjar dinheiro para a passagem. Quem me dera estas informações fora um jovem de fisionomia bondosa e inteligente e que tinha sido, contra a vontade, enviado ao Brasil como correspondente da *Revu des Races Latines*. Pobre Alteve Aumont! Seria uma das próximas vítimas da febre amarela, que no ano passado arrebatou todos os meus amigos. Ele me assegurara que seu parceiro de camarote, longe de ser um príncipe, nem sequer tinha roupa suficiente e, por isso, mal acabava as refeições, recolhia-se para poupar o pouco, de indumentária que possuía. Todavia, as suposições não diminuía a bordo, e o alvo delas se encontrava realmente entre nós; nada de suas atitudes fazia atrair para si a suspeita de ser o procurado príncipe; vivia, como todos os outros passageiros viviam, cercado de alguns amigos, e estes, veio a se saber depois, eram seus próprios ajudantes de ordens ou oficiais da sua comitiva. Quem tudo revelou foi a atenção especial do comandante para com essa personagem privilegiada, destinando-lhe um camarote numerado perto do mastro principal da embarcação, a fim de poder o príncipe apreciar à vontade o mar, sem estar exposto ao vento áspero que soprava. Não preveniram, contudo, a Sua Alteza ter esse camarote servido, em viagem precedente, de isolamento para vários passageiros atacados de febre amarela, doença a preocupar todo o mundo.

Havia a bordo tipos de todas as nacionalidades. Entreguei-me, por alguns dias, à tarefa de observá-los, apesar de não ser poliglota, e, por isso, não seria pelos seus idiomas que os identificaria. Alguns passageiros jogavam o dia inteiro, e nunca deixavam de se desavir a ponto de parecer estar iminente uma luta corporal; à mesa enchiam os pratos com tudo que se achava ao alcance das mãos, disputavam a comida aos criados, sem se importar com quem estivesse sentado por perto, nem com os olhares de admiração e censura despertados por seus

gestos de canibais; após as refeições iam para o tombadilho e ali tiravam as chinelas ou sapatos para se porem mais a gosto nos bancos; outros preferiam caminhar a largos passos de mãos nos bolsos, abalroando com os companheiros sem lhes pedir desculpas; falavam e riam-se pouco, ao contrário dos passageiros de outra nação, que tagarelavam e davam gargalhadas a propósito de tudo, dirigiam perguntas a cada instante ao capitão do navio, aos marinheiros, aos grumetes, curiosos do estado do tempo hoje e amanhã. Se estes costumavam passear de forma moderada, aqueles estavam sempre em movimento.

Em todos os recantos do vapor, onde era possível conseguir-se meio de improvisar um leito, havia gente a cochilar, fosse perto da chaminé, da ponte ou dos cordames. Alguns indivíduos faziam-se notar por um constante sono. Eram pobres colonos alemães que, suggestionados por promessas nem sempre objetivadas, iam ao novo mundo procurar uma riqueza, nem sempre a todos proporcionada. Voltei a falar mais tarde deste triste assunto.

E o vapor ia avançando na sua rota. O tempo estava muito frio. A Mancha e o golfo de Gasconha envolviam-se nos seus nevoeiros e evocavam os seus freqüentes temporais. De mim, confesso, aguardava impaciente a latitude mais suportável de Lisboa a fim de gozar a temperatura agradável que tanto me gabavam; uma vez chegando-se lá, o clima se transforma como por milagre. A 13 entrávamos no Tejo, não podendo admirá-lo por ser noite. Lançamos ferro ainda cedo defronte da cidade. Achava-se no porto o navio *Avon*, há pouco chegado do Rio. Havia quarentena para ele, por trazer doentes a bordo, tendo falecido durante a travessia vários outros passageiros. Quem já viveu em lugares flagelados pelo cólera ou a peste avaliará nossa ansiedade quando o capitão do *Tyne*, pelo porta-voz, indagou de seu colega do *Avon* acerca do estado sanitário do Brasil. A temível febre amarela ia desaparecendo pouco a pouco. Foi essa a resposta, mas felizes os que conheciam o inglês e puderam logo compreender a frase do capitão do *Avon*. Mesmo assim estavam expostos às variadas traduções que se fizeram. Esqueceram-se, porém, depressa as inquietações e voltaram as esperanças. Até os enjoados se sentiram bem e tratou-se sem demora de ir a terra, pisar em solo firme; inúmeros botes cercavam o vapor e era só escolher um deles. Ao desembarcar tive a agradável surpresa de testemunhar a mutação do am-

biente: às enervantes brumas inglesas, ao frio penetrante deixado há dias, sucedera verdadeira primavera. Bem vizinho ao cais, contemplei lindo jardim, cheio de flores tropicais. Passado esse primeiro momento de espanto, já habituado ao bem-estar oferecido pelo sol, pela terra firme e pelas belezas naturais, ainda mais expressivas aos olhos dos recém-vindos, experimentei, após minha partida, o primeiro momento de satisfação. Entrei assim de bom humor pela cidade a dentro, disposto a gostar de tudo o que fosse vendo. Quase repeti comigo a frase de Maria Stuart: “Tinha vontade de abraçar todo mundo.” Mal caminhava um pouco, ouvi música militar e logo depois notei que muita gente corria; por minha vez apressei os passos e vi, em meio da multidão, o príncipe, meu companheiro de viagem, seguido de numerosa comitiva, onde avultavam as fardas. Sua Alteza contrastava, na sua inalterável simplicidade, com o brilho da recepção.

Desaparecido o cortejo, minha admiração por Lisboa extinguiu-se como por encanto. Atravessei ruas escuras e desertas. A maior parte delas em ladeiras que carros puxados a bois sobem penosamente, enquanto as rodas entoam um canto nasalado ouvido de longe. Fui à cidade alta e de lá pude melhor julgar do aspecto panorâmico de Lisboa: por toda parte casas velhas em torno dos palácios. Ainda se vêem ruínas ameaçadoras que são vestígios do terremoto de 1745; no entanto, essas paredes inseguras abrigam famílias pobres. Sem conhecer o português, não me foi possível indagar se esses pesados veículos, arrastados por mulas e guiados por pontilhões de botas de montaria, eram fiacres ou carruagens burguesas; de qualquer modo, não são nada convidativos. Mudara-se em decepção meu desejo de vir à terra para apreciar a única capital da Europa não conhecida ainda. Ao regressar a bordo, e enquanto o vapor descia o Tejo, sem me importar com o famoso romance, meti-me no camarote, amuado com todo o mundo, com o passado, com o presente, e, principalmente, com o meu sapateiro, que me fizera umas botinas apertadas, certamente para que não me esquecesse nem dele nem do seu devedor.

O vapor corria bem; sopravam com certa intensidade os elíseos e não podia abrir minha vigia, amaldiçoava quem me aconselhara a preferir o lado de bombordo, estaria gozando a frescura e a claridade que me eram proibidas. Ao entardecer, subi ao convés, onde uns músicos



alemães se preparavam para tocar qualquer coisa. Acomodaram-se, em silêncio, obedecendo à altura de cada um, e a um sinal do chefe da orquestra 20 formidáveis *houacs* estrondaram no navio inteiro, desde a quilha à ponta dos mastros. Nunca me esquecerei de um clarinete em fá; o chefe da orquestra, que o tocava, fazia jus, só por ele, à passagem que fora concedida a sua banda. Tenho a pretensão de entender também um pouco de música, mas, quando o trecho é um tanto difícil, executo-o sorrateiramente numa oitava mais baixo; esse recurso admite-se ao amador tímido, porém aqui a bordo o negócio era outro. O clarinete a que aludo não recuava diante de qualquer dificuldade; afrontava-a com desembaraço, que nem sempre era coroado de êxito, e nesses instantes tinha-se vontade de tapar os ouvidos. Nem por isso o destemido músico desanimava. Sua maneira honesta de corresponder ao gesto do comandante proporcionando-lhe transporte fazia-me recordar antigo modelo acadêmico contratado por um artista para posar durante três dias. Como, de repente, alguns interesses houvessem exigido à presença do pintor fora de Paris, teve de paralisar o trabalho, embora disposto a pagar ao modelo no regresso da sua viagem. À hora indicada para as poses, o modelo, sem ter tido ciência da ausência do artista, bate-lhe à porta, torna a bater e, não tendo resposta, resolve-se a fazer jus de qualquer modo aos seus honorários; despe-se tranqüilamente ali mesmo no patamar, em frente à porta da habitação do artista, toma a posição que lhe fora marcada e posa nos momentos indicados, e, de quando em quando, interrompido pelas pessoas que descem ou sobem a escada, cumprimenta-as polidamente. Durante os três dias convencionados esse modelo cumpriu à risca seu dever, merecendo o seu salário.

Tenho notado que, por uma esquisitice semelhante à que impele as mulheres de pequena estatura para os grandalhões dos tambores-mores, os músicos baixos também preferem os instrumentos grandes. Aquele pequeno clarinete quase se sumia entre os dedos fornidos do honesto e colossal alemão, ao passo que seu filho, contando apenas 10 anos, soprava com esforço um trombone maior do que ele.

No primeiro dia de audição, os trechos musicais foram apenas ouvidos, mas, na outra tarde, já dois amáveis passageiros valsaram juntos; dois outros os imitaram e, por fim, ousaram fazer convites às damas cujos pés acompanhavam os compassos; improvisou-se deste modo um baile

digno da música, apesar dos balanços do navio. Um abismo imensurável estava debaixo de nossos pés, mas quem pensa nisso ao dançar! Pouco a pouco todos nós íamos nos familiarizando. Intimidades despontaram em um dia como plantas de estufa. Não se realizavam, entretanto, as promessas de encontrar mar calmo e temperatura suportável, ao sairmos de Lisboa, pois o vento permanecia violento. A 14 avistamos Porto-Santo e ainda no mesmo dia chegamos a Madeira, um dos lugares que mais desejava visitar. O tempo de demora foi curto: mal pude dar uma vista de olhos na cidade e nos seus habitantes. O bote, que eu e alguns companheiros alugáramos para ir à terra, fora atracar, por imperícia ou costume, numa praia coberta de seixos para lastro. Tornou-se impossível o desembarque, ali, porque as ondas se quebravam com ímpeto. Foi quando os tripulantes se lembraram de atrelar dois bois à embarcação, o que resolveu o caso em poucos minutos, sem que, todavia, a meio caminho, os passageiros deixassem de cair uns em cima dos outros, como cartas de baralho, causando hilaridade a um bando de tipos esfarrapados já afeitos certamente a essa espécie de espetáculo. Desembarcamos molhados e de mau humor e sem dúvida seríamos seguidos pelos espectadores se por acaso outro grupo de indivíduos ávidos de divertimento não nos aparecesse trazendo-nos cavalos providos de selas e arreios. Cada um de nós montou no seu, para iniciar subida tão penosa quanto as das ruas de Lisboa; esta vez, felizmente, quem padecia com as ladeiras eram os animais. Fomos ver uma igreja cujo nome me escapou; de lá teríamos um belo panorama.

Atravessamos muros de jardins fartamente plantados e cujas flores quase roçavam o chão, e, ora aos solavancos, ora a galope, atingimos o alvo de nosso passeio. Percorri tantas igrejas na Itália e na Espanha, que todas elas se misturam nas minhas recordações a ponto de não poder me lembrar nitidamente desta ou daquela, a não ser São Pedro de Roma, as catedrais de Sevilha, de Burgos, de Toledo. Mesmo assim me encontraria embaraçado para atender a uma pergunta concernente a pormenores de uma delas. Mas, se não pude conservar recordação perfeita do templo visitado, na Madeira, do espetáculo dali descortinado jamais me esquecerei.

A Madeira é um jardim; todos os frutos da Europa e os dos trópicos dão-se ali maravilhosamente; possui a ilha o clima mais sadio

do mundo inteiro. Para lá vão os doentes desenganados. Os ingleses dispõem de habitações encantadoras; tive ocasião de conhecer, de passagem, algumas dessas vivendas. Procurei, por toda parte, os famosos vinhedos; arrancaram-nos para plantar cana-de-açúcar. Os canaviais estendiam-se por todos os lados. Disseram-me, no entanto, que haviam poupado os vinhedos a leste da ilha.

O cavalo que eu montava tinha o andar muito duro; fui obrigado a aprear-me e a puxá-lo pela rédea. Mas, de quando em quando, escorregava, pois a ladeira era calçada com uma espécie de tijolos que com as chuvas se tornavam escorregadios como o gelo. Tive de montar de novo. Apesar dos pesares o cavalo possuía os pés mais firmes do que os meus, nesse caminho resvaladiço. Mal chegáramos à base da ladeira, o grupo de esfarrapados acercou-se de nós novamente; desta vez as risadas foram substituídas por lamúrias. Contrastava o aspecto dos nababos ingleses a tomarem fresco nos terraços de suas lindas vivendas, entre flores, e o daqueles mendigos a choramingar, alguns fazendo lembrar o que pedira esmola a Gil Blas armado de uma escopeta.

Na Madeira o vinho deve ser excelente, pensei com os meus botões; numa ilha em que existem tantas coisas boas, comer-se-á esplendidamente. Estávamos em terra e despertara-se-me o apetite com aquela corrida de obstáculos. Que engano! Tudo ruim. Principalmente o vinho. E note-se termos pago o triplo do que nos teria custado refeição melhor no Café de Paris. Ao regressarmos a bordo compramos poltronas de vime com que mobiliamos a popa do navio onde costumávamos nos reunir.

Chegamos a 17 a Tenerife. Como a demora fosse apenas de duas horas, desisti de ir à terra. Desenhei o pico que se avista a grande distância. O cimo estava encoberto; o resto da montanha vestia-se de neve; em baixo, nevoeiro velando tudo.

Achava-me no camarote a ler, quando se ouviu qualquer coisa de estranho; julguei ter alguém caído ao mar. Gritos e carreiras. Os marujos trepados às vergas, nos ovéns, nos cestos das gáveas; os passageiros alvoroçados. Distinguia-se uma voz a implorar: “Não vão matá-lo; ele está ali; não, desapareceu! Ah! Olhe ele outra vez; é brabo, não vão espantá-lo.” Era apenas uma pobre avezinha de arribação e fugida da gaiola, por culpa de uma negra estouvada. Prolongou-se ainda por algum

tempo a caça ao bichinho, sem resultado, e, por fim, cada um foi cuidar de seus interesses. No mar, os mínimos incidentes tomam proporções de grandes cenas. Muitas vezes me entretive, sentado ou deitado perto dos cordames do navio, a contemplar o movimento das vagas, a observar um peixe voador, ou a seguir com a vista um bando de golfinhos subindo ou descendo a correnteza quando se anunciava tempestade. A avezinha fora um acontecimento. Estava a pensar nela quando a vi descer cautelosamente em direção de uma vasilha cheia de água; mostrava-se naturalmente fatigada com um exercício tanto mais penoso quanto vivera tanto tempo no sossego de uma gaiola. Pobre bichinho! Essa água foi tirada do mar. Olhas com tristeza em torno. Que valem agora tuas asas? Mal te susténs e vais morrer. Todavia, no outro dia, quando, de costume, subi ao convés, tive a alegria de ver a fugitiva aparar no bico as primeiras gotas de uma chuva que dali a pouco se transformou em aguaceiro.

Estamos à vista do Cabo Verde. E poucas horas depois fundeávamos em São Vicente. Para quem vem da Madeira o aspecto de desolação dessa ilha mais impressiona. Enquanto grupos de negros abarrotam de carvão o vapor, fomos a terra. É de cor a maior parte dos habitantes; os próprios soldados portugueses, em regra, não são brancos. Mal desembarquei, fui cercado de olhares provocadores por parte de negras ainda moças e bonitas, que aguardam a passagem dos que se dirigem ao Brasil. Não vi em toda a ilha senão árvores raquíticas parecidas com zimbros. Por toda parte meninos nus me seguiam a distância. Senti sede porque o sol queimava. Tendo me aproximado de pequena cisterna, ia solicitar de duas velhas pretas a fineza de me darem um pouco de água que elas tiravam do poço, em uns potes, mas a cor escura do líquido me fez passar a sede. Na praia, detritos de mariscos substituíam a areia e, ali, há pequeno obelisco erguido por uma mulher em memória do marido, capitão de um navio ali naufragado. Vêem-se ainda restos da embarcação. A temperatura em São Vicente era bem alta e os meus trajés de verão, afinal envergados, pareciam-me pesados.

Foi nesta altura da viagem que, com grande surpresa, vi surgir no tombadilho a tal italiana tão gabada em Southampton. O enjão prendera-a no camarote, até então, e como agora o mar se mostrava sereno aproveitava-se das circunstâncias para exhibir seus encantos. Apareceu-nos com um vestido de veludo verde enfeitado de arminho. Era re-

almente muito bonita, embora com aquele vestido fora da estação. Soube que sua mãe ia todos os anos ao Brasil receber uma herança e de cada viagem se fazia acompanhar de uma filha. Desta vez vinha a quarta, e logo uma multidão de adoradores a cercou. Mas, foi o comissário de bordo quem ganhou a preferência: pobre comissário!

De São Vicente a Pernambuco o trajeto é longo. Atravessa-se de verdade o Atlântico, e, como não houvesse nenhuma escala, a monotonia nos envolveu. Ia se tornando insuportável o calor: penetrávamos na região a que os marítimos chamam de esparrela, e, por isso, muita gente não se achava tranqüila. As tormentas sucedem-se repentinamente ao bom tempo. O calor enerva e abate, eu tinha disso experiência, pois atravessei o Grande Deserto, e disso me convenci ao viajar mais tarde pelos rios equatoriais. Os que se entregavam à leitura não compreendiam bem o sentido dessas páginas e só faziam bocejar; as danças perdiam o atrativo. Fugia o interesse de todos os espetáculos, até o do aparecimento de uma baleia. Alguns passageiros ergueram-se de suas cadeiras, foram vê-la, porém voltaram depressa ao repouso com a mesma taciturnidade. Que diferença dos dias anteriores! E essa atonia aumentava dia a dia, de tal modo que desaparecera até a tendência para se bisbilhotar a vida do vizinho.

Eu esperava as chuvas freqüentes nestas paragens; pelo menos haveria um pouco de frescura. É melhor a gente se molhar, no equador, do que asfixiar-se de um calor que diminui todas as faculdades. Todos a bordo pareciam desanimados. Somente um grande abalo, um forte acontecimento nos poderia arrancar desse torpor. De súbito a equipagem surgiu no convés numa atitude de alarma: os marinheiros correram às embarcações de salvamento, soltaram-lhe as amarras; todas elas foram descidas ao mar. Os remos ficaram nas suas posições de manejo; outros marujos levaram para os botes sacos de correspondências. Funcionaram as bombas; parou-se a máquina do vapor. O mestre da equipagem, armado de um machado, colocou-se na popa do navio. Que era preciso mais para emocionar todos os espíritos? Que é que havia? Que risco corríamos? Todos os olhos fitavam o comandante a dar ordens ao imediato que, por sua vez, as transmitia a um piloto. Este ia às pressas até a proa, repetindo em voz baixa as instruções recebidas... Ninguém

ousava dizer nada, porém, todos se achavam curados... Aquilo tudo, afinal, não passava de um exercício para caso de incêndio.

Dali a pouco o tempo se encarregou de completar o espetáculo que o comandante começara. Uma grande nuvem escura avançou para nós, no céu. Rapidamente. Teríamos agradecido uma boa chuvada, mas um aguaceiro tropical era demais. Todos trataram de se abrigar. Eu já trazia escolhido, para situações semelhantes, um abrigo entre os galinheiros, e como navegávamos em plena zona dos imprevistos, tive muitas vezes oportunidade de egoisticamente me servir do meu recanto protetor, deixando os companheiros disputar agasalho perto da escotilha.

Cruzamos a linha no dia 26 às 8 horas e meia da noite. Desconfiara, por certos movimentos estranhos durante o dia, que íamos assistir a alguma cerimônia. Não houve, no entanto, nada demais. Apenas uma cota para se beber champanha: fez-se a saúde do comandante com muitos hip... hip... hurrahs! mais desagradáveis aos ouvidos do que as rodas dos carros de Lisboa ou as variações do clarinete em *fá*. Esses gritos me ofereceram uma antecipada sensação da música dos índios.

Mal a sineta de bordo chamava para as refeições, todos corriam para ser os primeiros à mesa. Os lugares não eram reservados e, por isso, quem se retardasse ficava sem cadeira. Detestável a comida preparada à inglesa, sobretudo nos últimos dias da viagem; contudo, o que aparecesse nos pratos era devorado. Nos primeiros dias, por hábito de polidez, eu esperava que se servissem antes de mim; percebi, no entanto, ser essa prática tolice, pois os outros dela se aproveitavam para levar os melhores bocados. Infeliz do que fosse discreto. Tenho viajado bastante e posso afirmar, sem receio de errar, que nunca assisti a cenas menos recomendáveis do que as dessas refeições feitas a muque...

Soberbo o nascer do sol a 1<sup>a</sup> de maio. Eu passara a noite inteira no convés vivamente impressionado por um singular efeito no céu desde que transpuseramos o equador. Frequentemente surgia no firmamento límpido extensa nuvem opaca, quase preta, e foi acima de uma dessas nuvens ameaçadoras que me apareceu pela primeira vez a constelação do Cruzeiro do Sul, somente visível no hemisfério austral. Já se sumira há dias a estrela polar e muitos dentre nós não a tornariam a ver. Este pensamento me entristeceu. Todavia, ao avistar esses astros novos, como que sentia mais a distância aberta entre mim e os meus, dan-

do-me ânsias de regressar para junto deles o mais depressa possível. Em meio dessas meditações, desses projetos de volta, como interrogasse intensamente o horizonte, vai se formar outra nuvem em breves instantes substituindo a que atravessara já o espaço. Pareceu-me distinguir também algumas aves. Redobrou-se-me a atenção. Sinais de árvores no fundo do céu, semelhantes a pontos escuros flutuantes. Levanto-me, contendo a respiração; não, não estou enganado. Tenho a América diante de meus olhos. Aqueles pontos escuros são os cimos das palmeiras cujos troncos por uma miragem desaparecem à vista por efeito do calor. *Terra! Terra!* E ao meu grito todos os companheiros, enjoados, entristecidos, fatigados, sobem ao convés curados dos seus males, desta vez com mais eficácia do que no dia do exercício de salvamento.

Pouco a pouco os coqueiros tornam-se visíveis. Nenhuma montanha, nenhum segundo plano, apenas árvores e céu. Uma velazinha parece surgir de dentro do mar; caminha na nossa direção com vento a favor. Vemos apenas uma vela, sem sabermos qual o seu ponto de apoio. Intriga-nos a cena. “São jangadas, diz-me ao ouvido um marselhês que vivia há anos em Buenos Aires. O Senhor vai ver daqui a pouco como são embarcações seguras, embora não o pareçam.” Efetivamente, era segura. Meia dúzia de paus amarrados entre si, um banco e, ao centro, um furo onde se fixava o mastro. Nada mais. Nessa espécie de embarcações não se vai ao fundo, é verdade, porém tem-se os pés sempre dentro d’água, e, às vezes, um pouco mais do que os pés.

“Esses jangadeiros, fique certo, se lhes pagassem, eram capazes de ir assim até à Europa.” Não me convenci e repliquei: “Acho um arrojo demasiado. Como se arranjarão eles nessa longa travessia?” E o marselhês respondeu-me sem pestanejar: “Iam costeando.” Não precisei perguntar mais nada: convencera-me.

Aproximávamo-nos de Pernambuco e dali a pouco lançávamos ferro defronte de uma linha de recifes tão regulares que pareciam uma muralha. Do ponto onde nos encontrávamos não se podia descortinar a cidade edificada em terreno muito plano. Mandou-se um bote a terra levar os documentos. Ninguém pensando em desembarcar numa dessas jangadas que podiam ir à Europa pela costa, sobretudo quando o mar arrebetava com violência nos recifes, tivemos de esperar o regresso do bote. O comandante já se mostrara descontente com a demora e ao ver

a embarcação foi receber pessoalmente os tripulantes visivelmente embriagados. Como um bom *boxeur* meteu socos nos marinheiros e mandou-os pôr a ferros, o que certamente lhes ajudou a cura.

No dia posterior ao da nossa partida de Pernambuco, quando todos os passageiros ainda estavam deitados, vi aparecerem à popa do navio esses delinqüentes da véspera. Eram conduzidos por um companheiro investido das funções de “capitão de armas”; este amarrou-os a uma das escadas dos ovêns de bombordo, e o mestre de equipagem trouxe um grande cartaz, sem dúvida do regulamento marítimo. O comandante e o imediato leram calmamente os artigos que se referiam às penas impostas com um ar de quem acrescenta: “Nós sentimos ter de fazer isto, mas é da lei.” Terminado esse pequeno conselho de guerra, os culpados foram paternalmente postos a ferros.

Entre Pernambuco e Bahia nada de novo: baleias, aves marinhas, peixes voadores, apenas. Para começar minha coleção de objetos de história natural pedi a um marinheiro me preparasse um desses peixes voadores que ele conseguira pescar; meteu-o num barril de salmoura e após essa indispensável precaução estendeu-o numa tabuazinha; com o auxílio de alfinetes abriu-lhe as barbatanas que servem de asas e devassou esse curioso engenho que, ao contato com o ar, se tornou completamente rijo. Foi minha primeira lição de embelezamento.



.....

## II

### *Rio de Janeiro*

BAHIA – CHEGADA AO RIO – ASPECTO INTERNO E EXTERNO  
DESSA CAPITAL – HOSPEDARIAS – O CÔNSUL DA FRANÇA – O  
IMPERADOR DO BRASIL – A IMPERATRIZ – SEUS HÁBITOS DE  
BENEFICÊNCIA – O PALÁCIO DE SÃO CRISTÓVÃO

**A** O CHEGARMOS à Bahia chovia copiosamente e uma espessa cerração ocultava-nos parte da cidade. Quando o tempo clareou, não fiquei nada satisfeito. O que se me oferecia à vista não correspondia à idéia que eu fizera do Brasil; talvez tivesse outra impressão mais tarde ao desembarcar, mas não confiava muito em que tal acontecesse. E de fato conservei as sensações anteriores depois de ter ido a terra. Nada de pitoresco: por toda parte negros a gritar e a empurrar. Nenhuma nota singular nos costumes: saias e camisas sujas, pés enlameados, quase sempre inchados a denunciar essa terrível doença, elefantíase, causada pelo deboche. Ouvira dizer que negras bonitas eu as veria na Bahia. Realmente encontrei algumas de belo tipo, mas num cenário de ruas acanhadas da cidade baixa, onde vivem numa atmosfera empestada

negociantes franceses, ingleses, portugueses, judeus e católicos. Apressei-me em fugir desse formigueiro, subindo com dificuldade, como em Lisboa, comprida rua que me levava à parte alta da Povoação. Ali, atravessando um jardim, vi, pela primeira vez, um pássaro-mosca voando em redor de uma laranjeira. Pareceu-me feliz presságio; ele me reconciliava comigo mesmo e com minhas esperanças, anunciando-me verdadeiramente o novo-mundo. Pouco me importavam o teatro, a bolsa, os outros edifícios públicos existentes na Bahia. Pensava era em começar minha caça aos insetos, aos pássaros, aos répteis. Eu não viera até cá pelo interesse de cidades.

Aproveitando minha passagem pela Bahia, fui dar um abraço num velho amigo para ali vindo poucos meses antes de mim. Mostrou-se satisfeito com a sua nova vida e desejei-lhe constantes venturas, embora não lhe dizendo que, se me visse na perspectiva de ficar ali residindo, morreria de tédio. Comigo mesmo já decidira que, se o Rio fosse igual à Bahia, minha demora lá seria a menor possível.

Depois de ver o papa-moscas, o que mais atraiu minha atenção foram as cadeirinhas. São forradas de chita azul escuro, e dois escravos as conduzem, soltando, de quando em quando, consoante o costume, gritos de alerta. Numa rua muito estreita assisti à pitoresca cena do encontro de duas dessas cadeirinhas que, indo uma em sentido contrário da outra, não queriam recuar nem avançar. Numa delas ia gorda mulata que insistia para que os seus portadores continuassem o trajeto, enquanto as da outra cadeirinha a isso se opunham e não cediam o passo. Não sei que fim teve a história, pois estava na hora do jantar e retirei-me do local. O hotel que procuramos para comer pertencia a um tal Sr. Janeiro ou Fevereiro, e estava sendo reformado à francesa. A uma mesa, perto da nossa, sentara-se a bela italiana, e enquanto aguardava o prato pedido sorvia cálices de vinho. Pouco depois apareceu a mãe, seguida de um bonito, gordo e elegante brasileiro, todo cheio de anéis e berloques e trajando roupa preta, como de uso nos trópicos. Era certamente parente das duas mulheres, pois, terminado o jantar, saiu sozinho com a mais moça delas. A bordo, de binóculo em punho, o comissário esperava a volta da italiana, mas quem ali voltou, e para retirar as bagagens, foi a velha. Os ares da Bahia lhe haviam sido aconselhados como saudáveis...

De certo, nesse momento, o comissário se lembrou da conhecida história de Ariana abandonada.

Três dias decorridos mais entrávamos na magnífica baía do Rio de Janeiro. Um negociante francês, com quem me dera na viagem, mostrava-me, com entusiasmo, os vários pontos que íamos descortinando. Eu não podia, no entanto, corresponder intimamente à alegria por ele demonstrada, pois, imbuído de minhas tristezas, julgava as coisas de modo diferente. Meu companheiro era casado com uma linda mulher e ia revê-la dali a pouco; ambos gozariam os proventos das economias realizadas juntas com muito trabalho. Eu, ao contrário, deixara família na Europa e não podia esquecer-la, nem à força de uma ocupação habitual, nem diante dessas maravilhas, desse desconhecido que viera procurar. “Olhe ali Botafogo” dizia-me ele, “o hospital fica ao fundo, deste lado; aquela colina à beira-mar, povoada de casinhas cercadas de árvores, é a Glória; perto, onde você vê aquelas habitações brancas e róseas, é o Catete, o bairro Saint Germain do Rio; a outra colina, onde existe um aqueduto, chama-se Santa Teresa, recanto muito aprazível. Vá morar lá; não há febre amarela. No alto daquele rochedo fica o Castelo. Não está vendo os sinais? Todos os navios são ali anunciados desde que aparecem ao longe.” Todos esses pormenores tinham para mim grande interesse, pois denotavam achar-me numa cidade que não se parecia com a Bahia. Sem querer fui me entusiasmando também; meu companheiro continuava a me mostrar tudo o que era visto, com minúcias, e com um carinho tal que se diria fossem todos esses aspectos de sua propriedade. Tudo era dele. O sol não era como no Rio; o ar não era perfumado como no Rio. Contudo, quanto a este último conceito eu poderia arriscar certa restrição: aproximávamo-nos de um cais povoado de negros que traziam certos objetos cuja utilidade a princípio não pude perceber bem. Milhares de gaivotas voavam-lhes em torno. Que quereriam as aves? Pareceu-me que grande intimidade as ligava aos negros, sobretudo aos recém-chegados. Nada podia, porém, arrancar o meu amigo à sua admiração. Ele já me mostrara o rochedo conhecido de todos os navegantes, o Pão de Açúcar; depois o Corcovado, de onde se descortina amplo panorama; e, como tivesse notado no pico dessa montanha ponto branco semelhante a neve, fui informado de que, tendo se dado vários desastres na travessia de um precipício, o governo mandara construir ali uma es-

pécie de parapeito. E, desde essa época, nunca mais houve acidente a lamentar. Todo mundo que aqui chega vai ao Corcovado admirar a “vista”; é assim que chamam os cenários que desse alto se desvendam. Também se visita o Jardim Botânico, não tanto pelas riquezas de história natural que possui, mas para ver uma alameda de Palmeiras de uma beleza realmente notável.

Entrementes, fundeávamos dentro do porto. Não se devia pensar em conduzir logo suas bagagens; tinham de ir para a alfândega e ali demorariam dois ou três dias. O jeito era levar num embrulho alguma coisa necessária durante esse tempo. Inúmeros botes cercavam o vapor. Uns, vazios, à cata de fregueses, outros trazendo famílias e amigos. Desembarquei com meu companheiro de viagem, num bote onde já se encontravam as pessoas que o tinham vindo receber. O Sr. Aumont, com quem a bordo eu fizera relações mais íntimas, atraído por grande simpatia, já desembarcara e me prometera arranjar bom quarto no hotel Ravaud, a nós recomendado.

Ao pôr o pé num cais, o dos Mineiros, escorreguei e quase caía ao mar; dali tomei a rua Direita, em parte habitada por negociantes portugueses. Nela ficam a alfândega e o Correio. As calçadas eram ocupadas pelas mais belas e altas negras que já conheci. Entramos na famosa rua do Ouvidor, rua francesa de ponta a ponta; os comerciantes ali estabelecidos denominam-na modestamente de rua Vivienne. A cidade, pode-se dizer, resume nessa artéria; ali se passeia e ali as damas exibem seus trajes.

O momento, porém, não seria bastante para estudar os costumes do Brasil; tornava-se preciso primeiro me aboletar num hotel e já sabia que isso me custaria, pelo menos, 20 francos diários. Resignara-me ao preço. Ao entrar no hotel encontrei, graças aos cuidados do senhor Aumont, a refeição pronta; quanto a quarto só havia um para nós dois. E assim mesmo sem janelas; a luz entrava por uma espécie de óculo, o que se resumia num calabouço, para quem quer repouso após um mês de desconforto a bordo. Armários, nem sombra! Tínhamos de guardar nossa roupa à moda matuta; numa trouxa. O que fazia mais falta era o ar. Viver no Brasil sem ar é suportar o suplício dos cárceres de Veneza; é mais duro do que as calmarias do equador. Muitas vezes à meia-noite, tive de sair da cama e de me deitar numa poltrona de vime. Por seu lado,

o Sr. Aumont lutava com inimigos invisíveis. Tivéramos já de combater os mosquitos, cujas picadas são terríveis, mas, desta vez, o adversário era outro. Os novos assaltantes deviam ser numerosos. Ao acendermos as velas, descobrimos um mundo de bichinhos escuros, de compridas pernas, rápidos como estrelas cadentes e que desapareciam às nossas vistas com rapidez inacreditável. Buscas minuciosas dadas para encontrá-los eram infrutíferas, porém, mal se apagavam de novo as luzes, a “dança” recomeçava. Contudo, devíamos saber ao certo do que se tratava. Reacesa a vela, de repente, precipitei-me para a cama e esmaguei sem pena um dos pequenos animais. Que horror! Era um percevejo dos maiores (dão-lhes o nome de *baratos*, no Brasil), um percevejo muito mais feio do que os já vistos certa vez na minha mocidade. Um navio de guerra, no qual eu vivera durante um ano, trouxera do Senegal alguns bichinhos dessa espécie e de tal modo proliferaram que, com pouco tempo, toda a embarcação fora por eles invadida. Muitos anos se passaram, mas quando deles me recordo ainda fico todo arrepiado. E eis-me de novo às voltas com os terríveis percevejos. A cama do Sr. Aumont ainda estava mais infestada do que a minha. Tivemos de nos sentar nas cadeiras e, de velas acesas, esperar com paciência que clareasse.

No dia seguinte ao da nossa chegada fui visitar o Sr. Taunay, cônsul da França, para quem trouxera cartas de recomendação. Duas pessoas ali conversavam. Uma, em voz alta, outra mais baixo; e se, sem querer, eu ouvia bem o que dizia a primeira, o mesmo não acontecia quanto ao outro que, pelo seus modos mansos, me pareceu um solicitante. O presumível protetor era um pedinchão; o outro, tão simples, quer no falar, quer nos gestos, era o cônsul. Que ele me desculpe se me valho da oportunidade destas impressões de viagem para afirmar que de todos os homens a quem tenho conhecido na vida nunca encontrei outro que o sobrepujasse pelo caráter. Somente vive para fazer o bem o Sr. Taunay. Dá tudo o que tem, até as próprias roupas. Priva-se de comodidades, anda a pé, mesmo em distâncias longas e fatigantes, contanto que reserve o dinheiro, com que pagaria as carruagens, para os pobres.

Deu-me o Sr. Taunay uma carta de apresentação para o mordomo do palácio M. P. B. E graças a essa apresentação deixei de pagar os pesados direitos aduaneiros que agravam os menores objetos vindos da Europa. O senhor M. P. B. acolheu-me com bastante amabilidade,

sem, todavia, deixar de entrever que ele, como quase todos os brasileiros, não olham com bons olhos os estrangeiros. Como não viesse pedir emprego e tencionasse me demorar no Rio o tempo indispensável para conseguir os meios de realizar uma excursão pelo interior, não liguei importância ao modo um tanto reservado com que fui recebido; manifestei-lhe o desejo de ser apresentado ao Imperador, para quem trouxera preciosas recomendações, e recebi a promessa de ser atendido. Apenas teria de esperar alguns dias, porque Sua Majestade estava em Petrópolis, na residência de verão.

Enquanto aguardava esse regresso, percorri a cidade, com meu companheiro de quarto e de infortúnios, à procura de outro teto. Enverguei, para esse passeio, as roupas leves compradas na *Belle Jardinière*, mas me senti acanhado ao reparar que todos me olhavam com espanto semelhante ao que manifestávamos antigamente diante de um árabe com seu albornoz ou um grego com sua saia pregueada. Por toda parte o preto predominava. Os caixeiros das lojas, manejando as vassouras, já vestiam, às 7 da manhã, elegantes redingotes de casimira. O branco, neste país, onde o preto deveria ser castigo para os galés, era desconhecido. Acreditem e tomem nota para seguir o exemplo. Contudo um me foi dado aqui e adotei-o: o de nunca sair à rua sem guarda-chuva. Não obstante nosso modo de trajar, tivemos de prosseguir na nossa procura de hospedaria. Passamos por uma praça onde havia magnífico chafariz, bem original aliás, porquanto dispunha de umas dezenas de torneiras como jamais vira em quantidade. Uns cinqüenta negros e negras, sempre aos berros, sucessivamente, iam enchendo seus potes sem grande demora.

Atravessando ruas e mais ruas, chegamos ao cais, onde viviam muitos urubus. Já verificara qual o motivo que os atraía para os negros: eram nem mais nem menos os vasos e cestos transbordantes de sujidades que se despejavam na praia. Ao viajar temos de observar tudo. No cais existe, vizinho ao mar, magnífico hospital. Adiante, num terraço, vêem-se dois elegantes pavilhões: é o passeio público. Não pude nesse dia visitá-lo; íamos ver uma casa na encosta de uma colina em cujo alto existe uma igreja, e que reunia duas condições bem agradáveis: o mar, para o banho, e árvores, para nos protegerem do sol; nada havia para se alugar, no entanto, ali, e continuamos nossas buscas desejosos de aban-

donar o hotel dos percevejos o mais depressa possível. Depois da Glória, como se chama a tal colina, vai-se ao Catete, de que ela faz parte. Nele moram os aristocratas da nobreza e do dinheiro; é, como já acentei, uma espécie do bairro de Saint Germain no Rio. Lindas casas, encantadores parques, tornam essa parte da cidade bem convidativa; se bem que a febre amarela não a poupe, ao que dizem, por causa da vizinhança do mar. É pelo menos o que afirmam. Eu esperava encontrar aqui, como em Lisboa e Madeira, ruas cheias de flores; tal não acontece, porém, e os jardins, por mais interessantes que sejam, não se comparam aos nossos. Neles não vi flores magníficas como as que ornamentam nossas estufas. Prosseguindo em nosso caminho, chegamos a Botafogo, numa praia. A mais bela habitação pertence ao marquês de Abrantes, esclarecido espírito protetor das artes, ao que asseguram. Em nenhum ponto desse trajeto obtivemos casa para nos instalarmos. Aliás, teríamos de comprar móveis e alugar um negro ou uma negra para a cozinha. E eu tinha, num só dia, avaliado os inconvenientes de longa permanência na cidade. Decidimos assim ficar mesmo no hotel, uma vez conseguido outro quarto, com janela. Regressamos a penates num pequeno barco a vapor.

Não me convindo demorar mais a visita ao Imperador, para lhe entregar as cartas de recomendação, resolvi ir até Petrópolis. Neste ínterim, porém, Sua Majestade voltava à Corte e, no dia seguinte, fui ao palácio de São Cristóvão, mais ou menos às 11 horas. M. B. mandou-me entrar para uma galeria de arquitetura bastante simples, onde esperei Sua Majestade. Experimentava grande estranheza nisso, pois em Paris me garantira pessoa bem informada que a etiqueta no Brasil não permite se falar com o monarca e sim a um seu conselheiro, que traduz os pedidos, os quais são depois lidos diante do Imperador, a fim de poupá-lo do incômodo de estar atendendo os visitantes. Se a carta ou o pedido merecer resposta, deve-se deixar o endereço, e será feliz o que tiver solução dentro de um mês.

De conformidade com esse cerimonial, que lembrava o das cortes despóticas do Oriente, esperava a todo momento que aparecesse o introdutor, quando de uma peça, ao fundo da galeria, me surge o Imperador, que, muito gentilmente, recebeu a carta que lhe estendi. Após havê-la lido, teve a extrema bondade de indagar o que eu desejava do Brasil; fez-me perguntas sobre minhas viagens, parecendo verdadei-

ramente interessado com as respostas, notadamente no que dizia respeito ao pólo norte. Saí encantado dessa audiência, tão diferente do que esperara. Esqueci-me de dizer que Sua Majestade, curioso de ver alguns esboços por mim trazidos da Europa, deu ordens para que me conduzissem imediatamente ao paço da cidade e ali escolhesse o apartamento que me conviesse.

Bem se vê como devemos desconfiar de certas informações. Contrariamente ao que me asseguraram, sua Majestade acolhe bondosamente todos os que o procuram, sem distinção de classes. Sempre os que o visitam se trajam convenientemente. Não há, porém, nenhum rigor nessa indumentária. Presenciei várias pessoas por ele recebidas vestidas com simplicidade. Todos são, inclusive os pobres, atendidos naquela galeria do palácio de São Cristóvão, onde o monarca passa uma parte do ano.

Tive de fazer, doutra vez, curta visita a deliciosa vivenda, a um quarto de légua de São Cristóvão. O Senhor Conde de Barral, que conheci em Paris, dera-me uma carta para a Condessa, que exercia importantes funções junto às princesas Leopoldina e Isabel. Essa senhora ofereceu-me seu auxílio no que precisasse durante o tempo de estada no Rio, o que me foi de valioso préstimo; deixo-lhe aqui o meu reconhecimento.

Fora, dias antes dessa visita, procurar minhas bagagens na alfândega. Compara-se essa repartição à Torre de Babel, que lamento não haver conhecido, onde as malas, as caixas dos viajantes, empilhadas ao acaso, se misturam num Cafarnaum; os que possuíam objetos frágeis, depois de haver infrutiferamente escalado as camadas superiores, onde com certeza se encontrariam, desciam desalentados para irem por fim descobrir suas caixas de chapéus ou de vestidos finos e toucados de renda debaixo do peso dos maiores volumes. Haviam retirado primeiro de bordo os objetos mais leves, que vêm sempre mais à mão, e depois os de maior tamanho. Os negros encarregados desse trabalho não se embaçam com tais pormenores, e do alto das cabeças onde os conduzem vão atirando ao chão as suas cargas sem atender a fragilidades. De minha parte, trouxera três caixas; duas foram a custo encontradas, mas da terceira não existiam traços. Tive de voltar no dia seguinte. Felizmente pude reavê-la sã e salva e, como confessei, sem nada pagar, enquanto



uma senhora tivera de desembolsar 6 francos por um pintassilgo e um canário. Todavia, como a felicidade nunca é ao todo completa, perdi na confusão as minhas chaves.

No dia marcado pelo Imperador para visitar meu ateliê dispus do melhor modo meus desenhos e ainda me lembro com pavor o que estive a ponto de me acontecer. Sua Majestade me dissera que viria às 4 horas; eram já quase 6 e eu, cedendo a um sono em vão combatido, ia adormecendo, quando de repente ouvi passos precipitados e despertei assustado. Quase o Imperador me surpreendia a dormir.

Aproveitei os dias seguintes para continuar minha visita à cidade. Mas não me era dado levar a vida a percorrer ruas. Enquanto aguardava certas informações ainda não obtidas, dispus-me a fazer uns estudos de paisagem numa montanha chamada Tijuca. Vai-se até lá a começo num ônibus, depois tomam-se mulas ao pé da serra para subi-la. Aconselharam-me levasse um negro para conduzir minha maleta, garantindo-me não teria preocupações com esse transporte. Os negros, no Rio, encarregam-se dessas comissões, mas os salários, em vez de lhes serem pagos, cabem aos senhores. Receei, porém, entregar minha maleta aos riscos de um extravio, e preferi acompanhá-la de perto, embora a pé, até o local onde se alugavam as mulas. A todos a quem fiz sentir esta minha resolução, causei risos ou espanto: tomaram-me como doido. Eu não chegaria vivo ao término de tal caminhada. Convém acentuar que o clima torna os europeus tão indolentes quanto os habitantes do sul, após sua chegada ao Brasil. Enfraquecem, não andam mais a pé e esperam a noite para realizar pequena excursão. Deste modo minha deliberação de levar a efeito um modesto trajeto de alguns quilômetros em pleno dia, a fim de atingir meu destino antes do morrer do sol, parecia a todos um ato de temeridade inqualificável, o que, todavia, não impediu minha partida, por volta de 11 horas, seguido de um negro. Deveríamos pernoitar num hotel, à base da montanha, se me sentisse muito fatigado. Minha mala era pesada e ao cabo de uma hora o pobre diabo tinha o aspecto de estátua de bronze, tanto sua pele se tornara luzidia pelo suor a banhá-lo inteiramente. Abrigado sob o chapéu de sol, eu o acompanhava a custo, reconhecendo, a cada passo, fizera uma loucura nessa marcha forçada debaixo de um sol a que não estava ainda afeito e principiava a me dar

vertigens; vencemos algumas léguas e depois subimos tão rapidamente uma ladeira que resolvi mesmo repousar no hotel. Mas, onde ficaria esse hotel? Eu não sabia português para indagar direito. Parei, por fim, à porta de uma casa onde bati e pedi um copo d'água. O proprietário, evidentemente estrangeiro, veio ao meu encontro e falou francês; era o cônsul da Suécia, que, por acaso, se dedicava ao estudo da entomologia, também minha paixão. Durante meu descanso, o cônsul me mostrou suas preciosidades, que invejei e desejei também possuir um dia, se conseguisse viver algum tempo nas florestas.

Soube já havermos passado pelo hotel procurado. O negro, por ignorância, não parara a sua porta e tínhamos percorrido um trecho da encosta da Tijuca. Para voltar ao ponto onde existia a hospedaria, teríamos de andar tanto tempo quanto o necessário para atingir o alto da montanha. Decidi-me pela segunda hipótese e, após agradecer ao cônsul a gentileza do descanso proporcionado, prossegui na caminhada e fui parar, mais morto do que vivo, à porta de um hotel pertencente a um inglês. Levava-lhe carta de apresentação; o destinatário, depois de lê-la com toda gravidade, declarou-me não dispor de cômodos; todos os quartos estavam alugados a compatriotas cujo *farniente* eu nesse momento ambicionava mais do que tudo no mundo, enquanto, de pé, aguardava o que ia fazer de mim esse soberano da Tijuca. Acompanhou-me a outra dependência, recentemente construída, e destinada aos hóspedes de menor importância. Ali me deu uma espécie de célula.

Paguei pelo negro 2\$0, um pouco menos de 6 francos, e, depois de jantar metade à inglesa, metade à brasileira, fui passear um pouco, até ao escurecer, admirando tudo, respirando um ar agradável, quase frio, de que me achava privado há algum tempo. No dia seguinte, hesitantes sobre o que devia pintar, preparava meu material quando vários companheiros de bordo, montados em burros, chegaram ali para passar o domingo comigo; mostravam-se alegres e dispostos, pois, mais prudentes do que eu, tinham feito a viagem de ônibus e em animais. Escanchei-me igualmente numa mula e fomos ver a grande cascata cujas águas vão se misturar com as do mar. Essa pequena excursão foi-me como um prelúdio de todas as maravilhas do Brasil; por todos os lados plantações de café; à frente de cada casa estendia-se um terreiro plano

semelhante às nossas áreas de bater o trigo; e por trás de imensos rochedos, próximos e de cor roxeada, percebia-se o rumor das águas correntes, escondidas entre a luxuriosa vegetação a bordar nosso caminho.

Decorrida uma hora da partida, fizemos alto numa barraca onde se encontra tudo, menos o que se deseja. Deixando ali nossas montarias, metemo-nos por veredas quase impenetráveis e serpenteantes entre bananeiras e cafeeiros. Atingíramos a cachoeira: enorme rochedo, sem vegetação, apenas sustentado por uma pedra que deixa ver o abismo, ergue-se ao lado esquerdo da cascata como para lhe emprestar tom de maior pitoresco e lhe servir de repuxo. A água, após haver pulado de rochedo em rochedo, estaca numa espécie de patamar, onde se formam pequenos tanques, nos quais se pode tomar banho sem receio, e, em seguida, a água se precipita por uma encosta única e cai de grande altura. Banhando as vizinhanças de várias habitações, caminha, então, para o mar.

Sempre apreciando o que se me ia oferecendo à vista no passeio, notei delicioso recanto ornado de lindas espécies vegetais e banhado por um regato. Era excelente motivo para meu pincel e guardei-o na memória para outra visita. Meus companheiros voltaram à cidade de noite. Eu fiquei para passar uns 15 dias nesse agradável sítio, onde teria muito que fazer. Tudo me era novidade. Demoraria até que me fosse dado penetrar nas florestas virgens. Apenas existia pequena dificuldade, aliás, apresentada várias vezes no Rio: nos países em que predomina a escravidão fica feio a quem quer que seja carregar embrulhos; o costume é de se fazer acompanhar de um negro, que leva esses pequenos objetos, sempre fáceis de se meter nos bolsos. Há como uma espécie de desonra em se conduzir volumes de qualquer natureza. Meu caso seria ainda mais grave pois teria de carregar às costas uma mochila de soldado com a caixa de tintas, um pau para apoio do pára-sol, e, deste modo, passar por entre ricaços, moças e até negros de mãos vazias, os quais se sentiriam chocados com a minha figura.

Não obstante essas contingências e, como me fosse desagradável ter um estranho todos os dias ao meu lado, muni-me de comida para o almoço no campo, e, mal o relógio soava 6 da manhã, punha o saco às costas e partia. Longa a caminhada; chegava ao ponto desejado

realmente cansado. Tomei um banho, o que me fez muito bem, e durante o dia inteiro pintei, à sombra de copadas árvores e a ouvir o estrondo da cachoeira. Enfim, eu vivia! Eu voltara a ser pintor! Um panorama esplêndido estava à disposição de meus olhos, e pela primeira vez, desde que deixara a Europa, me senti plenamente feliz. E, também, pela primeira vez, travei relações com as formigas, que engoliram metade do meu almoço, enquanto eu trabalhava. Todavia, que belo dia desfrutei e com que satisfação pensava em repeti-lo! Há muito tempo ansiava por essa ventura! Quando dei por terminada minha tarefa, à tarde, retomei o saco e o guarda-sol. Escravos com quem ia cruzando me olhavam com espanto: era inacreditável o que viam. Um homem livre, um doutor talvez (no Brasil cada profissão tem seus doutores), um branco carregado de coisas! Ao reentrar no hotel, outro acontecimento de sensação me esperava. À porta da hospedaria achava-se, cercado de curiosos, um mensageiro de farda bordada e a minha espera. Imaginem o contraste! Um mensageiro do palácio imperial a aguardar um carregador! Certamente falarão por longo tempo desse espetáculo inexplicável. Como a carta era endereçada ao Sr. Biard e, como esse nome era o do meu registro no livro do hotel, eu tinha o direito de abrir o envelope, por mais estranho que isso parecesse. Da Corte me transmitiam o desejo de Sua Majestade a Imperatriz de que lhe fizessem um retrato, de corpo inteiro, e em traje de gala, semelhante aos das princesas Isabel e Leopoldina.

Tinha, portanto, de dizer adeus a esta boa vida do campo e à cascata. Ia deixá-los e sem saber se poderia tornar a vê-los. Mas dispunha ainda de dois dias: no seguinte fui terminar a tela começada. Ao regressar do trabalho, surpreendeu-me a presença de duas pessoas, com as quais já mantivera relações quase de intimidade: vieram-me buscar imediatamente, e eis a razão por quê. Na minha ausência figuras eminentes pela posição social e pela cultura haviam resolvido fundar no Rio uma Sociedade dos Amigos da Arte, e minha presença nessa cidade fora o natural pretexto para proporcionar aos amadores um estímulo, certos todos de que depois tudo marcharia maravilhosamente, o que não acontecia com a Academia de Belas Artes até então, pois dispunha de nove professores e apenas três alunos. O diretor dessa Academia, homem de grande percepção, notável médico, não dispunha todavia das qualidades necessárias para animar os artistas. Esqueci todas as razões

que me apresentaram para me convencerem de que ia prestar um valioso serviço à mocidade estudiosa, a qual precisava de um bom orientador, e confesso que não pude conter certa emoção. Ligaria meu nome ao reconhecimento das artes no Brasil. O que Debray e Taunay haviam iniciado no tempo do bom rei D. João VI eu continuaria, sem que me pudessem obstar o aproveitamento dessa missão oferecida com tanta gentileza e bondade. Uma carruagem estava a minha disposição; foi só tratar da bagagem e partir. Numa curva do caminho descortinei um espetáculo soberbo: lá em baixo todas as ruas iluminadas, toda a cidade verdadeiramente feérica. Os lampiões a gás espalhados pelas montanhas, como as de Santa Teresa do Castelo e Glória, destacavam-se no céu, misturavam-se com as estrelas, no meio das quais o Cruzeiro do Sul brilhava como uma cruz de fogo.

Talvez seja o Rio a única cidade do mundo que ofereça este aspecto por ser toda cercada de montanhas, possuindo mesmo algumas no seu próprio seio. Esses vários planos luminosos fazem pensar nos Contos das Mil e uma Noites. Foi pelo menos a imagem que me veio à idéia ao contemplá-lo assim do alto, nesta bela noite tropical em que a claridade dos astros rivaliza com a do próprio dia. A presença das bananeiras, das magnólias e das palmeiras mais concorria para a ilusão de um sonho oriental.

Há tempos eu fora, na companhia do digno almirante Parceval Deschênes, visitar a cidade de Rosete e ver o Nilo e o Delta. Eu me afastara um pouco, ao cair da noite, deixando a caravana marchar a minha frente e confiando nas pernas do meu camelo para alcançá-la quando me aprovesse. Era na época do Ramadan. Recordo-me que, tendo fechado os olhos, a pensar não sei bem em que, ao reabri-los julguei-me transportado a um país imaginário; todos os minaretes tinham sido iluminados e a cidade parecia abrasada, verdadeiro oásis cercado de areias do deserto de Barca, à exceção do lado sudoeste que é banhado pelas águas do Nilo. Por alguns momentos sonhei ser o príncipe. Cameralzaman ou Ali-Baba. Ali eu poderia divagar à vontade; meu camelo tinha o passo firme ao caminhar na areia, mas aqui, na descida da Tijuca, como era necessário prestar atenção à mula, o meu sonho se dissipou mal o animal prosseguiu na marcha. Eu disse que no sopé da montanha uma carruagem nos esperava. A estrada era larga

porém cheia de buracos, de pedras, de atoleiros que nos expunham a constantes solavancos. Graças a Deus, meu veículo resistiu. Dessa viagem ficou-me o sentimento de grande admiração pelo artista que construíra esse carro, e prometi a mim mesmo ir cumprimentá-lo quando uma parte, embora pequena, das promessas que me faziam, se realizasse.

Esperando por isso, comecei dois quadros: o de Sua Majestade a Imperatriz e o das duas princesas. Ia diariamente a São Cristóvão, que fica a alguns quilômetros da cidade. As poses eram feitas na biblioteca do Imperador. Meu traje de rigor era o preto. Ora, como é difícil se encontrar auxiliares que entendam do que um pintor precisa, era obrigado a cuidar de tudo, inclusive de espichar as telas após haver me desesperado de explicar esse serviço aos homens que me ajudavam. Não sabia falar português e valia-me de intérpretes, o que não dava bons resultados quase sempre; tinha mesmo de esticar as telas, metido numa roupa preta, o que, depois de uma caminhada de uma hora e meia, se tornava sobremodo fatigante. Todavia, fiz sempre esse trajeto a pé; em caminho estudava português, fazia esboços, e, do mesmo modo, regressava lendo. O tempo assim me parecia passar mais depressa. A impressão de bondade que a Imperatriz oferecia a todo mundo que dela se acercava não se desmentiu para comigo. Recordarei eternamente a lembrança da benevolência com que me distinguiu, indagando até de minha família quando chegava vapor da Europa. Não me permite o profundo respeito que sua Majestade me inspirou, falar do que pessoalmente lhe fiquei devendo; mas quem quer que vá ao Rio, procure um desgraçado qualquer que a ela tenha recorrido sem ser satisfeito e não o encontrará.

Somente aos domingos eu podia ir trabalhar nos retratos das princesas, porque nos dias de semana elas estavam presas aos estudos. O Imperador ensinava-lhes até Astronomia, ciência de que entendia bastante. O trabalho efetuava-se geralmente após o almoço; de raro antes dessa refeição. As sessões, porém, eram infelizmente curtas e nem sempre a luz as favorecia nessa biblioteca rasgada de janelas por todos os lados. O Imperador, com freqüência, vinha assistir ao meu trabalho e me surpreendia com o acerto de suas apreciações.

Por mil motivos, que julgo desnecessário expor aqui, a Sociedade dos amigos da arte não teve êxito. Pessoas contrariadas com esse fracasso afirmaram que, se se tratasse de uma sociedade de danças, de mágicos ou de mamulengos, o triunfo seria certo. Não posso referendar essa opinião porque não morei no Rio o tempo suficiente para julgá-la.

Tão ocupado eu andava com minhas viagens da cidade a São Cristóvão e de São Cristóvão à cidade que mal tinha folga para conhecê-la bastante. Ao voltar jantava e dali a pouco ia me deitar, sem sair do hotel onde obtivera um quarto com janela. Por fim, a fim de cuidar melhor dos retratos, eu me instalara no Paço, e, para evitar o incômodo de atravessar os pátios onde permaneciam as sentinelas, haviam me confiado uma chave da porta que se abria para a rua da Misericórdia. Essa chave despertou-me dois sentimentos bem diversos: o de satisfação, por poder entrar e sair a qualquer hora, sem cerimônia, o de espanto, pelo tamanho dessa chave, que não cabia em nenhum dos meus bolsos. Contudo, aceitei-a com reconhecimento, embora tivesse de aumentar uma das minhas algibeiras. Não me foi possível, porém, diminuir o peso do objeto. Por vezes eu me esquecia de que a trazia comigo, e, nesses momentos, ao me sentar em cima, reerguia-me de golpe como se me tivesse sentado sobre uma cobra. Pouco a pouco me acostumei com esse pesadelo.

Nos intervalos do meu trabalho eu continuava a observar os costumes da terra. Ia todos os dias ao mercado. É ali que melhor se apreciam os usos de um povo... Todas as manhãs embarcações trazem das ilhas próximas laranjas, bananas, lenha, peixes; é um espetáculo divertido no qual tomam parte os negros a gritar, chamar, rir ou chorar. E como esses barcos não podem se aproximar do cais por causa de uma rampa de pedras que desce até o mar, outros pretos, munidos de um balaio redondo, entram n'água e por vezes formam fila para se despacharem mais depressa. Quando é alta a maré, aumenta o pagode costumeiro; caem mercadorias dentro d'água e os escravos recebem como castigo socos e pauladas. Nas vizinhanças, abrigadas em barracas, negras vendem café e carne seca com feijão, prato habitual da gente pobre e freqüentemente das classes mais finas.

Por esse cais vagam os regateadores olhando e cobiçando os artigos que mais lhes interessam. A mim, o que mais atraía a atenção eram magníficas coleções de pássaros. Quisera comprá-los todos para os conservar empalhados, mas a habilidade de embalsamador, adquirida depois, não me era ainda concedida.

Defronte desse cais, tão movimentado, fica o mercado propriamente dito, cercado de uma galeria onde há as lojas que vendem colchões, esteiras, cabaços e geralmente todos os utensílios domésticos. Ali também se expõem à venda peixes já escamados e partidos, pássaros, macacos, etc. Possuía, na França, um viveiro e, ao ver as aves brasileiras, tão ricas de plumagens coloridas, dava-me sempre desejo de adquiri-las. O que não se encontra facilmente, ou custa muito caro, é uma gaiola forte (as usadas aqui são de junco). Com dificuldade encontrei uma das que procurava num depósito de coisas velhas; estava um tanto estragada, com os ponteiros tortos, mas comprei um pouco de arame e com o jeito que me foi possível nessa espécie de trabalho passei dois dias a endireitar tudo. Reposta na sua utilidade a gaiola, comecei a organizar minha coleção de pássaros. Admirava-me, no entanto, notar a existência de poucos apaixonados pela ornitologia, neste país; as raras gaiolas que se vêem abrigam quase sempre um canário ou um pintassilgo. Dá-se o mesmo com as flores. São raras as espécies tropicais; só se cultivam rosas.

Ia-me correndo o tempo agradavelmente; trabalhava durante uma parte do dia; defronte ficava a Câmara dos Deputados, o que me permitia ouvir, sem me incomodar, belos discursos que os jornais no dia seguinte reproduziam; desenhava transeuntes, recebia muitas visitas e toda a imprensa me tratava com bastante gentileza. Eu havia comprado um redingote preto, suportava muito calor, porém recebia provas de alta consideração. Que queria mais? Hospedado num palácio real, de onde via a guarda-nacional fazer exercícios com seus sapadores cujos aventais variam com o regimento a que pertencem, uns imitando a pele do tigre, outros ornados de duas plantas nacionais, o chá e o café, pintadas a óleo, de modo bizarro. Era-me permitido dali assistir ao desfile das forças, os soldados e os oficiais que levavam debaixo dos braços seus bonés de pêlo ou suas barretinas. A meus olhos desenrolavam-se precisas manobras nas quais observava com prazer a prudência que



anima a guarda nacional; cada soldado-cidadão, visando sem dúvida o interesse do seu vizinho de fileira, fazia fogo ora um pouco antes, ora um tanto depois da ordem, virando a cara.

Não obstante todos esses motivos de distração, sentia falta de qualquer coisa. Existiam vários inconvenientes que não pudera afastar inimigos que me atacavam sem piedade e que não me foi possível vencer: os mosquitos e as formigas. Nesse enorme palácio pouco habitado, viviam miríades desses esfaimados bichinhos. Apesar de ter o cuidado de cerrar completamente o mosquitoeiro da cama, era sugado à vontade pelos mosquitos e não podia dormir melhor que no hotel dos percevejos; depois de ensaiar mil recursos de proteção, cheguei a adotar um deles: pregara uma das pontas do cortinado à cabeceira e outra ao pé da cama, deixando apenas uma brecha que eu abria rapidamente no momento exato de me enfiar nas cobertas que me protegiam inteiramente como um teto. Este, no entanto, era muito baixo, e, por isso, os mosquitos achavam jeito de picar as partes salientes do meu corpo, ainda que fosse apenas o nariz.

Aborreci-me da comida do restaurante e resolvi fazer as refeições no meu próprio aposento. Para isso improvisei uma mesa e mandava comprar conservas, bananas e laranjas. Tinha, porém, de defender minhas provisões das formigas, sobretudo as frutas, o açúcar e o pão. Quando havia viração, ia aproveitá-la, à noite perto da janela, e, de uma casa fronteira toda acesa, saíam sons de violão e de flauta nem sempre harmonizados; duas vezes pouco agradáveis cantavam romanzas que mais pareciam cânticos fúnebres. Esses cantores lúgubres enterneciam-se bastante e lançavam olhares lânguidos que ora baixavam no chão ora subiam ao céu. O amor transbordava-lhes dos corações e esses idílios duravam até a madrugada. Nesses momentos, se alguém se aproximasse de mim, seria mordido...

Não me interessando uma aproximação mais íntima com pessoas de quem deveria me separar muito breve, vivia quase sempre só, salvo quando ia a alguma reunião. Ao cair da noite subia à colina onde fica o semáforo, no centro da cidade. Todos me diziam no Rio que, se botassem abaixo esse morro, a cidade lucraria bastante porquanto o ar circularia com mais facilidade e se espalharia melhor por toda parte. Por outro lado diminuir-se-iam certas distâncias, abrindo-se

novas ruas no terreno ora ocupado por essa elevação, e, deste modo, as comunicações se tornariam mais fáceis entre um ponto e outro do centro urbano. Era também opinião geral de que com essa demolição a febre amarela desapareceria. Uma companhia inglesa propôs-se a botar o morro abaixo, obra não muito penosa porquanto o terreno é pouco sólido; as próprias enxurradas, quando caem chuvas copiosas, arrastam as terras e causam estragos que, para serem reparados, exigem despesas maiores do que as necessárias às desapropriações. Aliás a empresa de que falei pedia, apenas, como indenização, o direito de negociar com os terrenos ganhos ao mar com os aterros feitos com o material retirado do morro. Contudo essa obra não foi levada a efeito até hoje, o que revela a desaprovação do Governo; ele não a terá considerado vantajosa. E os governos nunca se enganam... De mim, confesso não haver formado opinião neste assunto como em outros com os quais me encheram os ouvidos. Apenas lastimaria que já tivessem demolido o morro do Castelo pois muitas vezes ia até ao cimo para admirar, incessantemente, a imensa baía bordada de ilhas tão numerosas que a vista não as pode conter. Ao fundo a serra dos Órgãos se recorta em formas caprichosas. Quando me cansava de contemplar a baía de um certo ponto, ia sentar-me mais adiante e dali recomeçava a contemplação como se se tratasse de um novo cenário. Pouco a pouco escurecia: a planície e as montanhas vestiam-se de luzes, a cidade cintilava a meus pés... Às vezes adormecia junto a uma muralha. Qualquer movimento em falso, dali, seria uma queda de grande altura.

Fora, aos poucos, ganhando esse gosto da solidão não possuído antes de minha chegada ao Brasil. É de uso, na terra, visitar-se aos que chegam. Parece-me útil encorajar-se aquele que ainda não conhece ninguém. Fui, deste modo, amplamente favorecido, neste ponto, de tal forma que me visitaram logo pessoas para as quais trouxera cartas de recomendação e a quem ainda não pudera procurar. Senti-me até embaraçado para escolher minhas amizades. Se eu aparecia na rua acompanhado de alguém que já me visitara, outro me chamava à parte e, com interesse de que não me julgava merecedor, me prevenia de que não devia andar com um indivíduo pouco conceituado na cidade. E me diziam a razão desses juízos. No dia seguinte, afirmavam-me que o amável informante também não primava pela honestidade. – Não caia

na asneira de lhe emprestar dinheiro! – Tantos foram os conselhos desta natureza recebidos de uns e de outros que acabei preferindo andar só e passear pelo morro do Castelo.

De qualquer modo preferia essa solidão a um café-cantante, único lugar de diversão no Rio, a não ser o teatro; nunca fui ao primeiro e raramente comparecia ao segundo. Também não me agradava passear na famosa Rua do Ouvidor; entretanto ali se reúne o que existe de mais elegante na terra; mostram as lindas brasileiras os seus vestidos caros, acompanhadas, como de praxe, de duas ou três mulatinhas, duas ou três negras, alguns molequinhos e molequinhas, tudo desfilando gravemente, o marido à frente. Nesses trajes femininos quase sempre de cores vistosas, adivinhava o sentido da economia e da ordem que as nossas compatriotas não possuem.

Essas cores berrantes conseguem afrontar o sol e, quando vão ficando queimadas, tomam tons mais suaves e parecem outros vestidos sem maior dispêndio. Numa esquina ouvi uma dúzia de órgãos e outros tantos pianos tocados ao mesmo tempo com o fito de atrair os fregueses àquela loja. Não era obrigado a me deliciar com semelhantes cenas, aliás monótonas, e, por isso, subia ao Castelo, variando meus passeios na escolha desta ou daquela ladeira que até ali me conduzia.

Muito depressa dei por vista a cidade e suas distrações, porquanto da minha própria janela apreciava o que havia de mais curioso.

Dias após minha chegada assisti à procissão de São Jorge. Todas as autoridades tomaram parte no cortejo, acompanhando um boneco montado a cavalo e vestido com uma espécie de couraça. De longe pareceu-me uma figura real. Por acaso, ou para que depressa desaparecessem minhas dúvidas, os que estavam encarregados de tomar conta do santo se esqueceram dele um instante, e, a um movimento brusco do cavalo, quase a imagem vinha ao chão. Dias mais, tive ocasião de ver a passagem de outra procissão na qual tomaram parte graciosas meninas de 8 a 12 anos exibindo mantos de seda, veludo e saias balões. Elas ao andar faziam uma espécie de passo de dança, com um ar de faceirice, como se já soubessem ser os mais belos ornamentos do cortejo. Algumas delas, no entanto, por um verdadeiro contraste, vinham acompanhadas por uns homens, certamente seus pais, que

marchavam também com certo ar de importância, mas metidos numas opas de todas as cores, chapéu de sol aberto e cigarros na boca. Os oficiais, sempre com seu boné peludo ou barretinas debaixo do braço, conduziam os andores. À frente dos sapadores vinha um tambor-mor, de farda toda vermelha. Na cauda do cortejo negros atiravam petecas nas pernas dos espectadores.

Tornou-se indispensável no Rio, em todas as festas religiosas e profanas, esses costumes de se atirar petecas; há ocasiões em que não se pode atravessar um ponto qualquer da cidade sem se fugir ao choque desses projéteis nas nossas roupas ou mesmo nos nossos rostos, para gáudio dos que os lançam; vários acidentes graves tem decorrido dessa prática perigosa e comum na terra. Teria bem satisfação em distribuir uns tabefes quando fosse alvo desses ataques, mas os culpados sempre me escapavam e, apesar de tudo, não podia deixar de achar graça ao ver aquelas bocas abertas, aqueles dentes alvos e aquele ar de contenteza dos negros. Dizia comigo mesmo: pobres escravos, essa distração não vos deve ser proibida, mas, todavia, tomai cuidado para não me furardes os olhos. Realmente bem engraçados esses pretos do Rio, a região onde eles são, suponho, menos infelizes. Logo que cheguei aqui tive de interromper, um dia, o que estava fazendo, impelido pela curiosidade; ouvira uns sons estranhos de uma ponta à outra da rua; era apenas uma mudança. Cada negro conduzia um móvel, grande ou pequeno, leve ou pesado, conforme a sorte de cada um; e esses carregadores executavam sua tarefa obedecendo a um certo ritmo, entoando um canto, gutural por vezes, em que uma ou duas sílabas eram repetidas. Havia alguns que transportavam barris vazios três vezes maiores que as suas pessoas, e, no fim de tudo, vinha um piano de cauda carregado por seis homens, em duas filas. Na primeira, um dos portadores, com funções de chefe de orquestra, trazia na mão uma espécie de ralo de regador, dentro do qual se chocavam pedrinhas,<sup>1</sup> e com esse instrumento o negro marcava o compasso. Como de hábito entre os negros, os objetos transportados vão equilibrados às cabeças, sem se tornar necessário o auxílio das mãos para sustentá-los. Vi, certa vez, três mulheres a falar com larga gesticulação, tendo à cabeça um guarda-chuva fechado, outra, uma laranja e a ter-

---

1 Espécie de maracá.

ceira um frasco. Deverão, talvez, a esse costume de conduzir tudo nas cabeças os corpos geralmente bem feitos que possuem as negras; seus bustos salientes e seu modo gracioso de andar fazem inveja a muitas mulheres brancas e ricas.

De outra feita ouvi outro ruído debaixo da minha janela: seriam ainda as diabruras dos negros nas suas brincadeiras; como já me julgasse acostumado com tais forças, não me movi de onde me achava. Mas, o barulho continuava e ia se tornando maior; parecia-me aumentar as vozes. Levantei-me, fui ver a história, e não perdi meu tempo, pois a cena me era inédita. Um *spahi*, que chegara no último pacote, sem dúvida para se mostrar e causar reparo, conservara sua farda. Cercado de curiosos, com as mãos na cintura, com o seu ar amável de militar francês, parecia dizer:

– Vocês nunca viram ninguém enfeitado como eu?

Ele julgava estar despertando a admiração dos que o contemplavam, porém, ao meu ver, o efeito produzido entre os espectadores era o de ridículo, de troça. Encontrei ainda uma ou duas vezes esse soldado com seu fardamento, depois, penso, ele mudou o traje e se meteu a trabalhar em algum recanto da cidade.

Decorridos alguns dias, estávamos a 7 de setembro, e todo o Rio se alvoroçou. Era a data da Independência do Brasil; por uma coincidência haveria também um eclipse do sol. Centenas de negros gritavam por toda parte: “Viva a Independência do Brasil”. Deste modo, sem compreender as próprias palavras pronunciadas, os pobres negros festejavam a liberdade de um povo de que eram escravos. Não se precisa acrescentar que nesse dia não faltaram nem os foguetes nem as petecas que estragaram muitas roupas.

Assisti, uma vez, a uma venda de escravos num armazém e, de outra, numa casa particular após um falecimento. Não notei diferença entre as duas formas de comércio; apenas no armazém o leiloeiro estava trepado num caixão de queijos; no outro, em pé, numa cadeira com um martelinho na mão. Em meio de consolos, marquesas, lampiões, sentavam-se cinco negros e negrinhas. Julguei se mostravam tristes. Ao contrário. Todos os cinco foram vendidos, um após outro, por 6.000 francos. Um dos compradores ficou com duas mulheres, uma mesa e um cavalo.

Durante minha permanência no Rio venderam-se sete escravos que pertenciam a um senhor de bom coração; esses pobres diabos, habituados a ser tratados com doçura, não se conformavam com a idéia de irem cair a outras mãos e, nesse propósito, revoltaram-se, entrincheiraram-se. Ofereceram desesperada resistência a uns 60 soldados e muitos deles só foram dominados depois de gravemente feridos. Levaram-nos então para a Correção. É nessa prisão que os donos de escravos mandam castigar suas “peças” por meio de chicotadas. Contudo, as crueldades vão se tornando muito raras no Brasil; talvez por uma questão de interesse, pois, com a proibição do tráfico, o negro subiu de valor. Um que custava antigamente mil ou mil e duzentos francos, hoje não se dá por seis ou sete mil. Em regra, a vida do escravo no Brasil é bem mais suportável do que a dos infelizes colonos, com os quais nem sempre se cumpre o que se prometeu ao tentá-lo no seu próprio país. Vêem-se pelas ruas desditosos filhos de toda as terras: pálidos, magros, pedindo pão. Vi dois chineses, um deles cego, receber uma esmola de um negro. Tornam-se indispensáveis certas condições, nem sempre previamente expostas, para que um colono possa se dar bem num país ainda quase desabitado como é o Brasil: antes de dois anos ele não consegue tirar proveito do seu trabalho; e, se nesse período não for protegido, é um homem perdido. Tive contato com vários deles que, depois de esgotar todos os esforços, haviam caído no desespero, ainda por cima sendo doentes. Muitos meses passam antes que as terras fiquem em condições de ser arroteadas e de produzir; pouca gente sabe disso, e eu seria um desses se a vida que passei nas matas não me houvesse desvendado todas as dificuldades que se oferecem a quem por ali deseje se estabelecer. Precisa-se, antes do mais, de uma barraca para abrigo e víveres que durem por longo tempo; tem-se de botar abaixo enormes árvores e esperar uns seis meses para fazer uma queimada e limpar o terreno. Troncos de grande tamanho ficam agarrados no chão e impossibilitam o emprego da charrua. Os animais não dispõem de forragem como o feno na Europa; é indispensável plantar, e não semear, uma erva chamada capim que substitui de modo inferior a grama. Numerosos parasitas brotam de repente nesse formidável mundo vegetal. Se a seca mata o capim, os bichos também sucumbem. Eu não poderia expor com precisão tudo o que se faz preciso realizar para que a vida se abra aos colo-

nos, nos primeiros tempos de sua instalação, com certas probabilidades de êxito; todavia o pouco que aqui lhes disse, a título de aviso, faltou aos que fui encontrando já desalentados e vencidos. E daí concluí que a vida dos negros é mais suave do que as dos colonos. Quando me refiro a negros, é claro, não aludo aos dos Estado Unidos: todo mundo sabe o modo por que estes são tratados. Dão-lhes uma verdadeira caça, utilizando-se até cachorros ensinados para esse mister... No Brasil, a melhor sorte que possa ter um escravo é a de possuir um bom senhor; esta felicidade, entretanto, é às vezes negativa porquanto há ameaça de perdê-lo, de uma maneira ou de outra, e de ir para as mãos de um outro dono menos compassivo, o que, por comparação, agrava o infortúnio. Há ainda as inevitáveis separações; o que adquire a filha não se interessa pela mãe. Os próprios esposos se vêem separados. Viveram por longos anos juntos e de repente são vendidos separadamente. Essas reflexões espontâneas ou provocadas por comentários alheios me levaram a um ponto estranho da minha narrativa, que é o de contar os episódios de minha viagem.

Andava com pressa de terminar os retratos da imperatriz e das princesas. Por isso recusava outras encomendas: meu maior intento era o de viajar, estudar e volver à França o mais breve possível. A hora da liberdade, no entanto, não havia ainda soado. Viera o Imperador ver os três retratos quase prontos, e após me elogiar o trabalho, pela sua semelhança, declarou-me querer também o seu. Tive de recomeçar meus passeios a São Cristóvão, o que me adiantou mais um bocado no português, visto aprendê-lo em caminho. Sempre se mostrou bondoso e amável para comigo o Imperador, e se não expresso tudo o que sinto a esse respeito é porque não o julgo discreto. Fiz o retrato de Sua Majestade em roupas comuns, mas, depois, pedi-lhe que me emprestasse seu traje de cerimônia, o que ele usa duas vezes apenas, no ano, por ocasião da abertura e do encerramento das Câmaras, e fui atendido, sentindo-me grato por essa distinção, uma vez que ia, dessa vez, realizar um retrato para mim mesmo e que levaria para a Europa. Vários negros do palácio São Cristóvão me trouxeram alguns baús de flandres (usados geralmente no Brasil para evitar os insetos) contendo o manto de veludo verde bordado a ouro, a túnica de seda branca, a faixa, o cetro, enfim, tudo o que era necessário. Fui em seguida à Academia no propósito de obter um

manequim, por não querer pôr essas vestes solenes do Imperador num mortal qualquer. Aliás esse modelo não seria fácil de achar, pois sua Majestade tem de altura seis pés menos duas linhas. O manequim disponível era bem pequeno para o caso, mas existia outro em poder de um artista; esse me convinha bastante. Contudo, o colega só poderia ceder-me dali a uma semana; contrariou-me não ter dado resultado meu pedido, quando possuía no meu aposento objetos de tão grande valor. E, nesse dia, alta noite, após haver jantado e passado muitas horas em casa do Ministro do Exterior, voltava ao meu quarto bem aborrecido pelo fracasso de minha tentativa direta de rápido empréstimo do manequim. Mais de uma vez me sentara de mau jeito em cima da chave de minha porta, o que era sempre para mim mau presságio. Quando eu tornava a fechar a porta da rua atrás de mim, tinha de transpor longo corredor, escuro e úmido; em seguida subia um lance de escada, e no patamar, bem em frente, se achava a porta do meu aposento. Ao fazer esse trajeto, vinha-me às vezes a idéia de ser assaltado por um malfeitor, o que não seria difícil. Ou pelo menos vítima de algum susto. Havia apenas a iluminar esse longo corredor uma lâmpada que nessa noite ainda mais fraca se mostrava, parecendo querer se apagar. Senti um aperto no coração. E pensei: “Se alguém tivesse vindo roubar o traje de gala do Imperador e, encontrando-me agora, aqui, me desse uma facada ou me apertasse o pescoço?” Essa hipótese, nada extraordinária, não me proporcionava, é claro, tranqüilidade. Confesso que estava com medo; a mão tremia-me e não acertava com a fechadura da porta. Nunca experimentara coisa igual. De repente notei uma espécie de sopro junto de mim, como quem estivesse respirando alto. Era certamente um homem e seu corpo interceptava por momentos a débil luz da lâmpada. Não havia dúvida que o tal sujeito se aproximava de mim; escolhia o local para dar o golpe, para me derrubar antes que eu gritasse. Nesse instante crítico tive ainda coragem de indagar, numa voz que a mim próprio assustava: “Qui va lá?” Não obtendo resposta, repeti a pergunta em português, sem resultado. Há situações em que tomamos uma decisão imediata; eu não trazia nenhuma arma; não me lembrara sequer da chave que tinha no bolso e poderia servir de defesa. Recordei-me, entretanto, de que já me exercitara há tempo no boxe e, cerrando o punho, desfechei um bom soco bem na direção do rosto do assassino que caiu a meus pés. Precipitei-me cega-



mente sobre ele e repetia as pancadas... quando, ao ruído da queda, apareceram outros moradores do palácio que traziam velas acesas... E, ai de mim! Eu estava a lutar com um manequim; arrancara-lhe a cabeça, quebrara-lhe o nariz, esfolando os dedos. Soube então de toda a história: na minha ausência haviam me enviado esse boneco e os portadores, achando minha porta fechada, tinham-no deixado ali, à minha espera. Fora uma gentileza do secretário da Academia que, depois de minha estada lá, tinha reclamado do outro artista o manequim que lhe estava emprestado. Avaliem como se riram todos desse episódio e a minha custa!

Quando acabei de fazer o retrato do Imperador, pedi um negro para levar o manequim. Os escravos do palácio não se prestavam a esse carroto; arranjam um carregador, tão preto quanto eles, mas de categoria social inferior. Esse manequim nascera com o destino de causar grandes cenas. O negro, que o deveria transportar, ao avistá-lo atirou ao chão o balaio que trazia, enfiou mais na cabeça um resto de chapéu de mulher que usava às avessas, e, sem dizer mais nada, desatou a correr, pelo corredor, soltando berros de medo.

.....

*III*  
*Província do Espírito Santo*

O RIO SANGAÇU

OS ÍNDIOS – O SR. X... – VIAGEM DO RIO A VITÓRIA – O NAVIO  
INCENDIADO – VITÓRIA – TENHA PACIÊNCIA – NOVA  
ALMEIDA – SANTA CRUZ – UM PÓRTICO DE CATEDRAL VISTO  
DE FRENTE E DE PERFIL – O RIACHO SANGAÇU – CENAS E  
PAISAGENS

**M**UITAS VEZES indagara de franceses que já tinham estado no Brasil aonde se deveria ir para ver os índios e de nenhum recebera uma satisfatória resposta. Na opinião da maioria dessas pessoas, não existiam mais índios; a raça desaparecera; todavia, a meu ver, haveria ainda alguns em alguma parte. Eu queria encontrá-los fosse como fosse. Negros já eu vira muitos na África e até mesmo em Paris. Não me interessavam mais. Teimava era em conhecer os índios.

Afinal, um dia, soube que certo italiano vivia há oito anos no interior do Brasil e comprara terras na província do Espírito Santo para

vender jacarandás; ele poderia me prestar informações seguras acerca dos selvagens. Em breve encontrá-lo-ia, pois estava sendo esperado no Rio, a negócios. Prometeram-me uma apresentação a esse europeu e trouxeram-no a meu ateliê justamente na ocasião em que trabalhava no retrato, em corpo inteiro, de encantadora e inteligente brasileira, a filha do Ministro dos Estrangeiros. A circunstância foi feliz, pois o italiano necessitava certamente de proteção, e, percebendo-o, procurei do melhor modo corresponder desde já à hospitalidade que ele me assegurara ter satisfação em me oferecer. Interessei-me o mais que pude pela sua pretensão e, se ele não obteve tudo o que desejava, não foi minha culpa. Nem por tal poupou nenhum meio de me testemunhar sua gratidão. Eu não tinha, portanto, senão por que confiar no seu auxílio para afastar quaisquer embaraços à minha excursão: tudo o que lhe pertencia era meu e poria à minha disposição sua casa e sua gente. Essa “sua gente” eram os índios. Eu estava radiante de alegria. Ficou decidido que penetraria as regiões mais agrestes sob a proteção do Sr. X.

Já nas vésperas de partir veio-me à cabeça uma idéia de fazer coisa de que não entendia patavina: ser fotógrafo. Comprei máquinas em segunda mão, drogas avariadas e um manual que leria na viagem. A 2 de novembro embarcamos no *Mercury*, navio que levava a reboque um vaporzinho destinado a subir o rio do mesmo nome. O mar estava grosso e ventava bastante. A embarcação rebocada retardava visivelmente nossa marcha. A maior parte dos passageiros se compunha de colonos alemães que iam engrossar o número dos seus compatriotas já instalados às margens do rio. Não era de grandes dimensões o navio em que viajávamos, e, por isso, muitos de nós dormíamos numas espécies de beliches armados no convés; eu ocupava um deles e como o balanço fosse forte preferia manter-me deitado durante o dia inteiro. Não era somente pelo jogo do barco que me conservava no beliche – sentia-me esgotado de trabalho e também em consequência da vida que levava, obrigado a me alimentar somente com frutas e conservas. Há tempos não dormia direito e todos me aconselhavam a deixar a cidade, mesmo porque ao chegar o inverno todos os que dispõem de recursos fogem da terrível febre amarela. Na terceira noite da viagem, o sono me fizera a agradável surpresa de voltar, e ia adormecendo quando fui despertado por violento estrondo; um enorme clarão, parecendo sair de dentro do mar, refle-

tia-se sobre os mastros e as enxárcias de nosso navio, avermelhando-os. Ouvimos gritos na embarcação a que estávamos ligados e a esses gritos seguiram-se gemidos. Depois tudo ficou no escuro. Foram arriados escaleres malgrado o risco de serem tragados pelas vagas encapeladas. Decorreram minutos sem se saber de que natureza fora o sinistro. Em regra os navios brasileiros são na maioria tripulados por negros e, por isso, as ordens dos oficiais não são cumpridas com a brevidade exigida. Um homem colocou-se perto das amarras com um machado na mão. Apesar da escuridão pude perceber um primeiro bote a se afastar; outro não conseguiu fazê-lo por ter sido repellido pelas ondas e ter corrido o risco de se arrebentar contra o costado.

Víamos, com terror, pequenas centelhas voarem de instante em instante sobre nosso navio e ouvíamos ao longe confusos rumores de angústia e de lamentos trazidos pelo vento. Vozes dolorosas misturavam-se ao estrépito das ondas perturbando-nos as almas. Afinal, entre duas vagas descobrimos um ponto móvel que ora surgia, ora se ocultava, e dali a pouco içavam para o nosso convés três corpos que não pareciam ter mais forma humana. Soubemos então que a caldeira do outro navio havia explodido quando os maquinistas, desejosos de nos auxiliar a marcha, haviam aumentado a pressão. Um incêndio principiou a se manifestar, mas a tripulação acudindo a tempo pudera dominá-lo. Os homens que nos trouxeram não estavam mortos como no primeiro instante supuseramos; enrolaram-nos em panos molhados de “cachaça”, aguardente de cana-de-açúcar. O ardor como que os chamou de novo à vida. Com grandes cuidados foram os três deitados em camas onde viajariam até tocarmos em Vitória; ali ficariam em tratamento. O médico de bordo tinha esperanças de salvar dois deles; quanto ao terceiro, um negro, era uma chaga viva da cabeça aos pés. Este mesmo não morreu; vi-o meses depois, tinha apenas a pele toda manchada como o couro de um tigre.

Fiquei, então, sabendo uma coisa que ignorava; as queimaduras nos pretos tornam-se esbranquiçadas.

Esse triste episódio nos fez perder muito tempo; a marcha do navio foi diminuída para que se prestassem os socorros e depois, ao prosseguir, levávamos um reboque ainda mais difícil de arrastar, pois já não nos podia ajudar com suas máquinas. Acresce a circunstância de termos sido obrigados a lançar ferro diante do porto de Vitória e ali es-

perarmos o amanhecer, pois nos arriscaríamos a bater de encontro aos rochedos da barra se tentássemos entrar à noite com o nosso fardo. Somente por volta das 8 horas da manhã pudemos fazê-lo e antes de alcançar o ancoradouro trocaram-se palavras com um senhor que viera até nós trepado num canhão e de porta-voz nas mãos. Passávamos de frente à fortaleza e não sei se por ilusão de ótica a bandeira que ali se desfraldava me pareceu maior do que o próprio forte. Eu trouxera, por gentileza da Senhora de Barral, cartas de recomendação, porque, no Brasil, onde freqüentemente não se encontrava hospedarias, torna-se necessário valermos da hospitalidade, e ninguém a pratica tão nobremente como o brasileiro.

Não esperava ao saltar em Vitória encontrar compatriotas e, no entanto, deparei-me logo no cais com dois franceses que aguardavam a chegada do vapor; um deles me era já conhecido, pois jantáramos juntos certo dia no Rio; ao outro, porém, nunca vira. Atraiu-me logo sua fisionomia bastante simpática. O estimável Sr. Penaud, depois de ter experimentado vários meios de vencer na vida, resolvera explorar o comércio de padaria e obtivera resultados. O outro arrendara terras e ia colonizá-las.

Meu camarada italiano foi pela cidade procurar um hotel para mim. Existia um, sim, mas que hotel! Sobretudo, que cama! Preferi estender um colchão em cima de um bilhar e, não obstante o grande desapontamento de alguns jogadores habituais, tranquei um ferrolho que rivalizava em tamanho com a minha chave do Paço. Cansado da viagem tão desagradável e de emoções fáceis de avaliar, eu teria dormido como um bem-aventurado sobre o bilhar, mesmo sem cobertas, se não houvesse ouvido, mais ou menos às 8 horas da noite, grandes gritos, ou melhor, urros, que não pareciam ser de gente, o que me obrigou a pular do improvisado leito e me levou à janela de onde pude divisar uma multidão que se dirigia para os lados de um grande navio. Esses berros eram apenas um canto religioso entoado por negros que consideram esses habituais urros como se fossem orações.

No dia seguinte, o italiano que iria me hospedar nas suas terras, acompanhou-me pela cidade para entrega das cartas que trouxera. Fomos ao presidente da província, ao chefe de polícia e a algumas personalidades de importância. Facilmente percebi, com satisfação, que o

Sr X. sabia tirar partido de tudo; isto me deu boa impressão dele. Essas cartas diziam-me particularmente respeito, e quando eram lidas ele me comunicava a tradução de alguns cumprimentos, oferecimentos de serviços, e, depois, sem transição e demoradamente, ele tratava de seus interesses com os destinatários das missivas, pedindo-lhes favores, explicando-lhes projetos maravilhosos que tinha na cabeça, no único fito de ser útil ao País. Tudo terminado, íamos embora, enquanto comigo mesmo eu indagava se o propósito da senhora Barral ao escrever tais cartas fora o de me ser útil ou o de proteger a um outro que delas se estava servindo jeitosamente.

Todavia, sou obrigado a reconhecer que graças a uma dessas missivas obtivemos cavalos para nosso transporte e um negro para trazer os animais quando deles não mais precisássemos. Era do nosso intento deixar as bagagens em Vitória e ao atingirmos Santa Cruz mandar buscá-las em canoas. E como não tivéssemos de partir logo fui dar uma volta pela cidade e seus arredores; foi, ali, que vi pela primeira vez um grupo de índios formando uma espécie de bairro. São bem numerosos esses indígenas: a sua habitação, sem que se possa chamar uma casa, não é contudo mais uma taba. Eles já tinham certos hábitos civilizados. Entrei numa dessas habitações: em quase todas, mulheres faziam rendas de almofada e se via um periquito empoleirado num pau. Vi, também, alguns papagaios soltos.

No dia seguinte, os cavalos estavam à nossa porta; os portadores foram em busca das selas, o que demorou bastante, porquanto as ruas são ladeirasas e não se pode com facilidade galgá-las sem perigo de escorregar. Caminhamos à procura dessas selas, abaixo e acima, sem resultado; de uma casa nos mandavam a outra e nada! Ouvíamos repetir inúmeras vezes esta frase desesperada: “Um cavalo sem sela!” E, como consolo, todos nos diziam (como se diz *goddem* na Inglaterra e *dam* na França): “Tenha paciência!” Esse contratempo que nos atingia tornara-se quase uma calamidade pública; pessoas obsequiosas se esforçaram em nos ser gentis e em breve traziam-nos dois arreios completos, com ares de triunfo. E pudemos afinal partir em paz.

A região que de início percorremos não tinha nada daquela com que eu sonhara. Nada de virgem tinha a natureza; ao contrário, já sofrera muitas modificações. Atravessamos campos outrora cultivados e

agora em abandono. De quando em quando era necessário aos animais meterem-se na água dos rios; por mais precauções que tomássemos, ficávamos molhados e, de outras vezes, tínhamos de nos ajoelhar em cima das selas. De certa feita, o meu cavalo viu-se na contingência de nadar um bocado, pois eu errara o ponto mais conveniente para a travessia do curso d'água. O banho foi completo e, se a água não fosse salgada, teria gostado da oportunidade, pois fazia muito calor. Doíam-me bastante os pés porque os estribos, segundo o costume da terra, são muito apertados e mal cabem neles os bicos das botinas. Por mais de uma vez o cavalo do meu companheiro tropeçara e estivera a ponto de se atolar quando atravessávamos os charcos tão freqüentes nesta região; isto deu margem a que, após havermos descansado um pouco numa barraca, o italiano, no intuito de me ser agradável, trocasse o seu cavalo comigo, estando, como me declarou, mais acostumado com esses estribos. Convém notar que meu animal tinha as pernas mais sólidas; contudo mostrei-me grato a esse gesto obsequioso que me dera uma ruim montaria em troca de uma boa.

Haviam nos dado para comer, no caminho, um pão com fatias de salame. Depois de ingeri-los, daria tudo por um copo d'água; não dessa água que os bois e cavalos também bebiam, mas água pura e fresca. Deixei que meu amigo se distanciasse de mim e manifestei em mau português ao negro que me acompanhava o desejo de beber água; compreendeu-me e pouco tempo depois me mostrou qualquer coisa a brilhar entre os matos que nos cercavam. Água! Água! E não pude deixar de galopar em direção dela. Lembrei-me, porém, da pequena ave que fugira da gaiola, a bordo do *Tyne*, porque pobre de mim! Porque estava diante de um braço de mar cuja água salgada não me agradava. Não somente da ave me recordara nesse momento; evoquei também minha primeira travessia por um deserto, na companhia de um inglês. No almoço comêramos camarões e bebêramos champanha. Ao meio-dia tínhamos sede louca; dávamos subido valor a um copo d'água e nos dirigimos para um belo lago que refletia nitidamente algumas palmeiras. Enorme o nosso desapontamento: uma miragem. Todavia, esperanças-nos: avistamos adiante de novo água. Desta vez não havia dúvida. Um bando de camelos passava perto do lago e dobravam as longas pernas para se dessedentarem nessa água transparente como um espelho.

Ai de nós! Era ainda uma miragem. Outras nos surgiram aos olhos nessa caminhada pela areia ardente. Sempre lagos convidativos, mas ilusórios. O sol esmorecia-nos o ânimo e a cada vez, embora já enganados, nós nos enganávamos novamente. Agora é água mesmo! E assim decorreu esse nosso primeiro dia de viagem começado por camarões e champanha.

O pão com salame fazia-me o mesmo efeito, e não achava jeito de satisfazer a sede. Alguns índios nos esperavam com as canoas, único transporte entre Santa Cruz e Vitória. Passamo-nos com os cavalos para as embarcações e a travessia se realizou sem incidentes. Como nos achássemos molhados, qualquer banho forçado teria sido acidente de pequena importância.

Notara já lindos insetos, ora voando em torno de nós, ora pousados nas folhas. Entretive-me, então, a caçá-los, aliás frutuosamente, valendo-me do auxílio do negro. Íamos pegando não somente os que eu encontrava como os que o negro, com seu instinto de gente de cor, descobria entre os matos. A caminhada foi-se tornando mais distraída com o aumento da minha coleção. De quando em quando penetrávamos por veredas muito sombreadas e delas saíamos a percorrer trechos de praia. Íamos agarrando mais insetos. E não somente insetos, porém, mariscos. Até da sede me esquecera um bocado.

Até que avistamos uma fumaça entre as árvores. Já era tempo de chegar. A custo pude descer do cavalo. O animal, tão gentilmente cedido por meu companheiro, tinha vários defeitos, provavelmente não percebidos por ele, o que me obrigara a manter bem seguras as rédeas durante a viagem. Tudo isso, e mais o sol, me deixara num estado tal de fadiga e entorpecimento que mal conseguia me agüentar em pé. Tive acanhamento de pedir uma ajuda para me apear e fi-lo sabe Deus como, aproveitando-me do escuro para esconder minhas caretas de dor. Mas, afinal, ao cabo de alguns minutos caí redondamente no chão, sem me agüentar mais nas pernas. Achávamo-nos na aldeia indígena de Nova Almeida, outrora habitada por jesuítas. No centro da praça há ainda grande pedra na qual eles prendiam os índios acusados de algum delito. A influência dos jesuítas sobre essas almas que deles beberam as primeiras noções do cristianismo se foi transmitindo de geração em geração e ainda hoje eles respeitam rigorosamente os padres.



Logo que me pude reerguer, o que fiz logo, como era natural, foi ir a uma fonte beber água e também me banhar, satisfazendo, portanto, grande desejo de me refrescar. Após o banho, pois fora um verdadeiro banho as repetidas imersões que fiz naquela fonte, pensei em jantar. A hora própria já passara há muito, mas o apetite me voltara com a viagem. O resto do meu pão com salame eu o atirara a dois cachorros que encontrara. Meu companheiro, que tinha amizades no lugar, me dissera haver conseguido camas para dormirmos, porém quanto à comida nada pedira, por acanhamento, a quem nos ia agasalhar, por notar que se tratava de gente pobre. Ele falava nesse provável jejum com indiferença porque comera toda sua ração de viagem e mesmo surpreendi-lhe um gesto de quem estivera a mastigar qualquer coisa. Dispus-me a dar uma volta pela povoação no intuito de pedir a esmola de um pedaço de pão; meu hóspede, entretanto, achou que eu faria mal, pois melindraria a pessoa que nos oferecera dormida, a qual era seu compatriota. – “Não se importe com isso,” disse-me, “ao amanhecer e antes de partir, nós arranjarremos o que comer.” Pareceu-me duro ir dormir assim com a barriga vazia. E já tinha motivos para supor que o homem, a cujas mãos me confiara para essa jornada pelo interior, não manifestava a meu respeito as atenções que em caso semelhante eu teria tido para com ele. Mas eu havia me comprometido e devia ir até o fim.

No dia seguinte, fiel a sua promessa, veio bater à minha porta às 3 da madrugada, e como não quisesse fazê-lo esperar pulei logo da cama; fui selar meu cavalo e quando voltei a casa não vi mais o Sr. X. Procurei-o debalde. Por felicidade aprendera esta frase de uso na terra: “Tenha paciência.” Esperei-o até 7 horas, e como não o visse chegar fui dar um giro pela povoação, onde, sem dúvida, encontraria quem dele me desse notícias, se é que não o encontrasse, distraído, às voltas com algum velho amigo. Nascia-me no cérebro uma suspeita qualquer quando o foram descobrir na sua própria cama, pregado num profundo sono. É óbvio afirmar que cada vez lhe ia ficando mais reconhecido.

Como na véspera, a estrada a percorrermos desenrolava-se ora à beira-mar, ora por veredas entre árvores, mas à medida que avançávamos tornava-se de maior pitoresco o trajeto. Vi, nesse dia, pela primeira vez, orquídeas trepando pelos troncos. Passamos por uma espécie

de alamedas debruadas de cactos gigantescos cujos caules têm 30 a 40 pés de altura; substituem aqui a cortiça; nos mercados do Rio vendem essas plantas aos pedaços. Como ninguém me dissera isso, ainda, levei comigo uma provisão desses cactos que, se eram leves, tomavam, entretanto, muito espaço. Meu companheiro ia, como no dia anterior, mais à frente e eu não fazia questão desse avanço, preferindo manter-me mais atrás com o meu negro que virara, apaixonadamente, entomologista e conchiologista, consentindo-me aumentar minhas coleções sem descer do cavalo. Almoçamos com satisfação carne-seca e feijão e, por precaução, conduziâmos não somente uma garrafa de vinho, como também uma vasilha cheia d'água, muito a propósito dessa vez porquanto encontramos várias nascentes de um líquido puro e bem frio. Por volta de meio-dia ninguém agüentava o calor, e com muita pena saía da sombra das árvores para percorrer um trecho na praia. Eu não me achava de todo curado dos males que me haviam torturado no Rio, sintomas do início de uma doença que nas regiões quentes se torna quase sempre mortal. Ansiava pelo fim da jornada. O resto da viagem devia ser feito em canoa e me senti alegre ao avistar, do ponto em que nos achávamos, embora ainda distante, a torre de uma igreja desenhada no céu: só podia ser Santa Cruz. Ia descansar durante alguns dias; teríamos de aguardar a chegada das embarcações condutoras de nossas bagagens. Não fora prevenido de ir conhecer uma vila de certa importância; imaginara Santa Cruz como uma outra aldeia de índios. Causou-me assim espanto deparar-me com uma igreja aparentemente vistosa. O derradeiro trecho do caminho foi vencido por entre grandes árvores, e ao desembocarmos na planície avistei logo palhoças cobertas de palhas de coqueiros seguidas por algumas casinhas alegremente caiadas. Moviam-se pela povoação pescadores, mulheres queimadas de sol, com vestidos de cores berrantes e descalças. Raros senhores de roupas pretas, gravatas brancas e mãos sujas.

Não vi mais a torre. Desaparecera. Tinha certeza de tê-la visto. Era do tipo comum dos campanários espanhóis, portugueses e brasileiros. Percebera bem de longe, com o auxílio dessa luz solar intensa que nos faz distinguir uma mosca a cem passos de distância, aquela torre branca, com ornatos, vasos esculpidos e sinos. E tanto mais certeza tinha dos sinos que não somente os avistara como os ouvira. Que sonho esquisito fora esse então que tivera!... Intrigado com o desaparecimento

da torre e ansioso de desvendar-lhe o mistério, perguntei a meu companheiro onde ficava a igreja da terra. Ele me mostrou uma parede com três pés de grossura que eu já notara pela sua altura, mas de que não falara ainda por ignorar o seu significado ou préstimo. Duvidei da resposta e ia emitir umas ponderações quando, ao nos aproximarmos mais da tal parede, todo um poema se desenrolou a nossos olhos e contemplei a obra-prima mais completa no seu orgulhoso aspecto e na sua mais ingênua expressão. Essa parede era, de fato, a igreja, mas apenas a fachada; se de perfil não passava de um alto muro de 3 pés de espessura, de frente era mesmo uma fachada. Através das janelas superiores viam-se dois sinos. Grandes vasos e uma cruz ornavam, no alto, essa fachada grandiosa, prefácio das riquezas de arte que deveriam existir no seu interior. Supor-se-ia assim, vendo-a de frente; mas, a coisa seria bem outra. Esse muro tão enfeitado não passava de simples muro: andaimes, pela parte de detrás, protegiam-no das ventanias. Os que subiam os degraus exteriores para entrar na igreja tinham, do lado oposto, de descer outra escadaria, para entrar então no verdadeiro templo, uma pobre palhoça que só se distinguia das demais, na povoação, por ser um tanto maior. Quem tivesse divisado, pela frente, os sinos a aparecer nos seus nichos, vê-los-ia agora, por trás do muro, tangidos pelo sineiro trepado numa escada de madeira. Tudo havia sido construído de tal maneira, para o êxito das aparências, que a própria parede monumental só recebera reboco e pintura na parte externa; na outra ainda estava nua. O orgulho dos habitantes, contudo, fora satisfeito.

Meu companheiro possuía uma pequena habitação na localidade, mas tão atulhada de caixas, pacotes que não lhe era fácil arrumá-los de forma a me permitir ali uma hospedagem. Pediu a um vizinho que me cedesse um cantinho, e este me foi reservado numa grande sala, muito úmida, servindo de armazém de cal. Varreram o chão onde estenderam meu colchão e me deram como lavatório um barril de bacalhau. E enquanto faziam esses preparativos, tratei de me pôr à vontade, mau grado a suntuosidade da igreja e as roupas pretas usadas por alguns indivíduos que são de importância na terra, porquanto nas suas lojas se encontram sempre vasos de beiços quebrados, pólvora avariada e fósforos infalivelmente úmidos. Embora fosse aristocrática a aparência dos habitantes de Santa Cruz, eu me pus a passear de pés descalços pela gra-

ma que crescia à vontade nas ruas e dali fui até a beira-mar, onde me deitei na areia, debaixo das mangueiras de longe avistadas. Eu fora fácil ao crer que no Brasil se poderia dormir ao ar livre; bem depressa mudei de idéia, pois me assaltaram vagas de insetos de todas as espécies e não houve jeito de fechar os olhos num sono agradável de que tanta necessidade sentia. À força abandonei o local de repouso e vim me valer do colchão que me haviam preparado, e como tinham varrido o aposento suportei uma nuvem de poeira. Meu companheiro, cuja extrema delicadeza não se desmentia, veio avisar-me, com solicitude, terem os comerciantes adivinhado ser eu um colono ou um novo criado que viria substituir a cozinheira com quem não estavam satisfeitos. É de se avaliar quanto me foi agradável saber qual o conceito que eu ocupava na opinião pública.

No dia seguinte, mandaram índios buscar nossas bagagens em Vitória. O tempo, infelizmente, andava hostil e as canoas não puderam lutar com a ventania, pelo que tivemos de esperar. Travei relações com o padre, um homem ainda moço e sem preconceitos, não recusando mesmo participar de algumas garrafas de vinho do Porto ou de aguardente. Mas, como ele, após alguns dias de nossa convivência, houvesse declarado aos que não me tinham conhecido bem, que eu, embora fosse francês, parecia possuir algum preparo intelectual, prefiro limitar minhas observações a seu respeito. Esse sacerdote emprestou-me uma espingarda e, providos de pólvora e de chumbo, partimos, certa madrugada, para uma caçada na qual fomos ambos desastrados. Se depois vim a ser hábil caçador, a ponto de andar sempre com minha espingarda, a princípio por gosto e posteriormente por necessidade, tal não acontecia naquela época, por isso que abandonara os exercícios venatórios em seguida a um acidente no qual quase matara um companheiro. Com um pressentimento, porém, de que um dia poderia precisar ter boa pontaria, todas as manhãs me exercitava no tiro; ao deixar Santa Cruz já seria capaz de fazer brilhaturas com a minha arma.

Os índios, devido ao mau tempo, voltaram do caminho e foram obrigados a esperar uma bonança. Durante essa demora eu ia de cabana em cabana, examinando tudo, pedindo explicações sobre o uso de cada objeto, passeando pela praia a apanhar mariscos, habitualmente seguido por um bando de crianças que me ajudavam nessa apanha de

conchas. Mercê dos olhos infantis, mais penetrantes que os meus, pude colecionar uma porção de mariscos pequeninos num estado de perfeita conservação. Também graças aos meus auxiliares em história natural consegui um grande aumento da minha coleção de insetos. Vinham oferecer-me pássaros pegados em alçapões. Eu já não era um estranho para essa gente. Mas, se por um lado me prestigiava entre os índios, grandes ou pequenos, não obtinha melhora de situação entre os brancos que me olhavam com persistente desconfiança.

Tive ocasião de assinalar que a igreja de Santa Cruz possuía de notável apenas a fachada. Ali só vi, depois, que merecesse uma referência especial, um chafariz há pouco construído. O resto quase nada valia: casinhas sem simetria, capim por toda parte, um portozinho protegido por alguns recifes. Durante minha permanência forçada nessa localidade, ouvia os tripulantes de três embarcações que se achavam carregando madeira cantar árias monótonas enquanto davam voltas aos cabrestantes ou içavam os toros para bordo. Ao passar pelas vizinhanças, tapava os ouvidos a fim de não gravar na memória essas notas, o que fiz em vão, pois hoje, ao escrever estas impressões, as cantigas dos embarcadiços me servem de inspiração. Em regra a madeira que ali carregam os navios compõem-se de uma espécie de jacarandá que se exporta para o Rio e de lá para a Europa. Os donos de terras onde existem essas árvores fazem dela único meio de comércio. Trazem do interior os troncos cortados à altura dos primeiros galhos e em Santa Cruz os serram em duas metades antes do embarque.

Voltando a ser favorável o tempo, reuniram novamente os índios, mas foi preciso procurá-los por toda parte, tangendo-os para o trabalho. Notava-se bem que eles vinham constrangidos, não lhes sendo agradável a viagem a realizar. O italiano não desfrutava entre os índios de muita consideração. Mas, as canoas partiram afinal, e o vento ajudou-as na ida, o que não lhes aconteceu no regresso, pois não se dera nenhuma mudança. Passaram-se três semanas. Dia a dia eu observava o rumo do vento. Sempre o mesmo. As embarcações voltaram, porém, em que condições! Tudo o que nos pertencia, estragado, nossas malas, encharcadas; nem tempo houve para uma tentativa de reparo, porque nesse mesmo dia partimos e, dessa vez, tínhamos muito que caminhar. Carregaram-se três canoas com a nossa bagagem. Eu tinha trazido muita

coisa de Vitória e me vi obrigado a me instalar por cima de malas e fardos. Meu amável companheiro de viagem, vendo-me assim, e para melhor me ser útil, foi se arranjar sozinho numa outra canoa em que viajou à vontade, enquanto eu ficara na minha por demais sobrecarregada.

Subimos, à força de remos, o Sangaçu, ainda sob a influência da maré, o que era fácil de se verificar, porquanto os mangues com suas raízes entrelaçadas se estendiam bem perto d'água. Meia hora depois da partida aguaceiros repetidos de quarto em quarto de hora abateram-se sobre nós; meu guarda-chuva rompeu-se, minhas malas inundaram-se e a embarcação encheu-se tanto d'água que, se um índio não se apressasse em esgotá-la, teríamos ido ao fundo. O índio salvador, à falta de outro objeto apropriado ao caso, serviu-se de um copo, enquanto os companheiros empurravam a canoa para a margem do rio que, felizmente, foi alcançada e onde aguardamos melhorasse o tempo. Não tendo mais a recear um bando forçado, aproveitei a meia hora que passamos agarrados a uma pedra em calcular quantos dias teriam sido necessários para esvaziar nossa canoa com o auxílio do simples copo de que o selvagem se valera. Cheguei à conclusão de que três dias seriam suficientes.

Afinal o céu tornou a ficar azul e prosseguimos na nossa rota. Íamos nos aproximando das matas virgens; o rio se alargara; eu via ao longe grandes pássaros brancos; garças de bicos azuis e ornadas de penachos que pendiam de um lado e outro da cabeça, gaviões, etc. Passou por perto de nós uma pirogazinha tripulada por um jovem casal: o marido ao leme e a mulher ao centro da embarcação segurando um ramo de árvore que servia de vela. Um motivo pitoresco para um desenho essa pequena canoa que o vento impelia e depressa se sumiu de nossas vistas.

Eu ia afinal atingindo as matas virgens por que tanto suspirara; veria a essa natureza quase desconhecida dos outros homens, onde nunca o machado trabalhara. Tinha a impressão de ser o espectador de uma nova existência, de um outro mundo. Minha tendência de esmerilar o lado cômico do que até então me fora dado ver transformava-se numa inclinação para os pensamentos sérios, para um recolhimento meio religioso. Cada remada que me ia tornando mais perto dessas florestas grandiosas apagava um pouco as recordações do passado. Estreitava-se sensivelmente o rio como querendo juntar as duas margens; desapareciam os mangues, a água doce substituía a salgada; plantas aquáticas

encobriam as praias; agora, árvores frondosas e gigantescas, cobertas de parasitas em flor, dessas orquídeas tão bem denominadas de filhas do espaço, pois vivem sem ter raízes, sem saberem bem por que, e como o acaso ali as colocou.

Torna-se o leito do rio de tal forma estreito que somos obrigados a nos abaixar para evitar os ramos das árvores que se debruçam sobre as águas. Atravessamos sob verdadeiras arcadas vegetais, debaixo dos leques de palmeiras, de troncos tão frágeis, que parecem prestes a tombar ao menor sopro de vento. Meu companheiro não podia alcançar as razões de minha admiração, de meu êxtase diante das formas bizarras que essas trepadeiras floridas davam às árvores a que envolviam, a ponto de lhes emprestar todas as figuras criadas pela imaginação. Nesse trecho de mata, cada árvore ostentava verdadeiro labirinto de cipós a se cruzarem por todos os lados, ora subindo, ora descendo, tecendo rendas caprichosas, sempre verdes, sempre floridas, de modo a despertar no cérebro humano idéias de templos, círculos, animais fantásticos, uma infinidade de imagens a se sucederem maravilhosamente. Das copas desses arvoredos caíam, como cordagens de navios, outros cipós de maneira tão regular que pareciam obras-de-arte. E deles se penduravam sagüis a nos olhar com curiosidade, soltando de quando em quando assobios.

Há, porém, em tudo, contrastes; aqui eles nasciam desses horrendos caranguejos que, à nossa aproximação, fugiam de nós à força de suas pernas formadas por tesouras formidáveis, e os sapos do tamanho de um gato que possuem um olhar tão manso projetado de uma carcaça tão repelente. Descobrimos de súbito uma clareira; tinham abatido, ali, várias árvores, mas deixando uma fileira delas em pé. O rio, assim protegido do sol, tornara-se o sítio mais delicioso do mundo para um banho: uma areia fina e dourada me convidava a um mergulho, mas reprimi a tentação porque estávamos quase a termo da jornada. E logo minhas impressões poéticas se dissiparam ao pôr o pé em terra. Vi logo, no alto de um outeiro, uma palhoça maior do que as dos índios de Santa Cruz, dentro de um terreno plano cheio de poças d'água e de grama. No horizonte matas cujo aspecto já não me interessava mais. Para limparem o terreno onde fora levantada a habitação, tinham botado abaixo várias árvores cujos troncos e galhos, inclusive as trepadeiras das que tinham sido poupadas do machado, foram queimados. As árvores salvas, despi-

das dos seus cipós, apresentavam aspecto lastimável. Como o entusiasmo não é um estado normal, minha admiração cessara; a presença do meu companheiro, junto de quem ia passar seis meses, era bastante para esfriar quaisquer tendências admiradoras; demais, sem saber bem por quê, eu me sentia triste e desencantado no momento em que ia justamente realizar meus mais caros sonhos. Os índios locais vieram buscar minha bagagem, tarefa que não foi fácil, pois o capim era escorregadio na ladeira. Primeiro, eles haviam, de acordo com a ordem recebida, transportado a bagagem do patrão. Sentado num tronco de árvore eu assistia às provas de cortesia de que era alvo. Contudo, minha vez chegara e levaram-me ao meu aposento. Um quarto atravancado de caixas, de barris e de fardos de carne-seca, de tal jeito que a entrada se tornara impossível. Fui me sentar de novo no capim, esquecido do que me acontecera em Santa Cruz; os insetos se encarregaram de me avivar a memória. Obrigado a regressar ao meu abrigo, entretive-me, antes de jantar, em dar uma vista de olhos por dentro e por fora da habitação. Na cozinha, de indescritível sujidade, uma velha índia cozinhava, tendo espichado, sobre carvões acesos, um tatu; julguei-o destinado a nossa refeição. O fogão, ao centro da peça, era feito de uma dúzia de pedras; de um lado e outro, bancos sobre os quais cochilavam os homens que haviam carregado nossas bagagens. Eu me enganara quanto ao destino do tatu; não era para nossas bocas, não. Nosso jantar preparava-o à parte uma mulata ainda inocente. Meu hospedeiro esquecendo-se de que eu não sabia onde me aboletar, ou mesmo esquecido de minha existência, conversava com o feitor ou, como se diz nas colônias, seu administrador. Prossegui na minha visita: após a cozinha tive o cuidado de examinar a sala de refeições onde havia um sagüi brabo que mordida todo mundo, seis cachorros magricelas, outros tantos gatos grandes e pequenos, galinhas, patos e bacurinhos vivendo à vontade com os donos da casa e cometendo, como pude testemunhar logo depois, repetidos atos pouco recomendáveis por ocasião de nossas refeições. Até que enfim o dono da casa me veio dizer em tom amável: “Meu caro, vamos jantar.” Envaideceu-me o tratamento e fui cuidar do estômago.

De barriga cheia, nada se tinha de melhor a fazer do que dormir. O cansaço transformou um cobertor estendido no chão em um leito delicioso.



A peça onde me haviam “depositado” entre outros fardos não oferecia, como aliás os demais aposentos da casa, para proteção ao sol e aos insetos senão um pedaço de madapolão estendido com o auxílio de pregos à guisa de cortina. Nessa primeira noite ouvi gritos de todos os lados: alguns bem desagradáveis, como os de um pássaro de que me haviam falado. Essa ave a que os índios dão o nome de *saci*, porque parece pronunciar essas duas sílabas ao cantar, constitui motivo de superstição: julgam que as almas dos seus mortos moram nos corpos desses animais. Passei, depois, muitas tardes, a perseguir os sacis. Guiado pelo seu canto, aproximava-me cautelosamente, contendo até a respiração. A ave calava-se por um instante, mas ao cantar de novo já o fazia nas minhas costas. Nunca pude vê-la. Predisposto à nostalgia, como me achava desde minha chegada a esse deserto, tal grito, ouvido pela primeira vez, me impressionou bastante. Não podendo dormir, pus-me à janela e fui bem recompensado pelo espetáculo que se me ofereceu. Contrastando com o maciço das florestas enegrecidas pela noite, brilhavam miríades de insetos luminosos que pareciam estrelas. Bem depressa esqueci-me do saci, dos gritos agudos das garças, dos miados dos gatos selvagens, diante desse fogo de vista proporcionado pela natureza. Admirando-o, seria capaz de passar a noite inteira, se acaso outros insetos não me obrigassem a desistir do espetáculo e me proteger de seus assaltos por trás do cortinado.

No dia seguinte pedi ao dono da casa que desatravancasse o aposento a mim destinado. Achou justo meu desejo, mas continuou a desarrumar suas malas e dispor seus objetos de uso; nesse trabalho passaram-se alguns dias, enquanto o tempo de rondar todos os obséquios que lhe prestara para compará-los à maneira com que me tratava agora. Não tivera eu a ousadia de ir expor e recomendar seus planos de colonização ao próprio Imperador? Ele me dissuadira de trazer comigo dinheiro, pois aqui se encarregaria de atender às minhas necessidades dessa espécie, até que no meu regresso ao Rio pudesse indenizá-lo do que houvesse despendido com minhas despesas. Eu me achava, portanto, a sua mercê, e essa perspectiva não era nada risonha. Sem socorro, sem dinheiro, não podendo voltar sem seu consentimento, pois ele é que dispunha de embarcações, de tripulantes ou de meios com que pagar minha passagem. Esses pensamentos, essa situação, esse impasse, tiravam-me o prazer

com que eu contava. E não me sendo possível contemporizar mais com um procedimento tão censurável do dono da casa para comigo, fui, ao terceiro dia de minha estada ali, interrompê-lo numa conversa com o feitor, para dizer-lhe que estava farto de sua hospitalidade, o que lhe causou espanto; não me espantei menos de afirmar-lhe que, se ele estivesse no meu lugar e eu no seu, a primeira coisa que eu faria era me ocupar com a sua comodidade e não com a minha. O homem não se perturbou e ponderou-me: “Não ficou combinado que entre nós não haveria cerimônias?” Era verdade; mas como em assunto de falta de cerimônias nossa situação não fosse igual, eu lhe solicitei me facilitasse os meios para minha volta. Este nosso primeiro desentendimento não foi além dessa troca de satisfação e permaneci ali como hóspede.

Consegui no outro dia o auxílio de um homem que, munido de martelo e verrumas, me ajudou a construir pequena câmara escura para meus trabalhos fotográficos. Se falei em verrumas foi porque as madeiras brasileiras são de tal modo duras que não se podem pregar apenas com pregos. O que no Brasil se chama tábua pesa como os nossos pranchões na Europa. O acanhado aposento a me servir de câmara, de ateliê, de quarto de dormir e de laboratório de história natural, não recebia luz senão por uma porta; o telhado, de folhas de palmeira, formava um beiral tão longo que me roubava ainda mais a claridade do sol; todavia, se me causava inconvenientes de iluminação, me concedia vantagens quanto à temperatura.

Na minha instalação, as pranchas e os barris me serviram bastante: dois barris vazios transformaram-se em mesa, e tive como cadeira uma caixa de velas. De uma velha esteira fiz uma porta. Tinha por onde entrar e sair, nada mais. Ao longo do meu quarto dispus em prateleiras duas outras tábuas e enchi mais duas barricas vazias de mil objetos de utilidade. Em torno da câmara escura espalhavam-se minhas roupas a fim de taparem as brechas das tábuas já em parte cobertas com papel. Arrumei então meus instrumentos de trabalho de jeito a facilitar-me nas ocasiões oportunas os vários gêneros de serviços que eu viera realizar naquelas matas. Nas prateleiras ficaram ordenadas minha caixa de tintas e os papéis de desenho com os quais tencionava depois organizar um álbum. Vinham em seguida frascos, alfinetes com insetos, tabuazinhas por mim serradas e aplainadas. Um terceiro escaninho continha escalpelos,

tesouras, sabão arsenical para conservar animais, e, afinal, num último compartimento, produtos químicos, balanças e um livro no qual eu beberia os primeiros conhecimentos de fotografia, arte que me era tão estranha quanto a de preparar animais que, por sinal, ainda não estavam mortos.

Meu hospedeiro, com o qual fizera as pazes, escolhera entre as espingardas novas, de fabricação belga, que costumava vender aos índios, a que estava em pior estado, e me entregou, certamente receoso de pôr em minhas mãos arma de dois canos, pois podemos nos ferir se, por descuido, se põe dupla carga num cano só. Recomendou-me sobretudo que, ao caçar, tivesse muito cuidado com a pontaria, pois os seus bois costumavam se deitar na relva, e eu podia, ao visar uma ave, atingir inocentemente uma das suas reses. De outra vez, numa série de excelentes conselhos que me dava, ao me ver montado, recomendou-me também relaxar a brida do cavalo quando ele quisesse beber água a fim de que pudesse baixar a cabeça.

Concluídas minhas arrumações deveria principiar meus trabalhos, porém tudo ainda não se achava pronto. Pretendera fazer economia com a construção da câmara escura, mas depressa vi ter errado nesse propósito. Logo no primeiro dia quebrei o vidro despolido, e como chovesse a umidade atacou os instrumentos. Passei 15 dias em consertos e em construir outro gabinete fotográfico utilizando umas fazendas trazidas nas malas e uns vestidos velhos comprados à cozinha. Costurei tudo com o maior dos cuidados e aproveitei também meu guarda-sol de paisagista, prendendo cada haste com um cordão ao solo, de modo a proteger minha barraca do vento, que no Brasil sopra todas as manhãs por volta de 8 horas. Deste modo, antes das 8 horas, umidade; depois das 8 horas, ventania; que jeito deveria dar para obter qualquer coisa de bom, sobretudo quando não se tem senão cópias a tirar? Bem considerado tudo, o remédio era abandonar a fotografia e voltar à pintura, mesmo porque as chuvas copiosas não permitiam pusesse os pés fora de casa. Resolvi então pintar um quadro aproveitando os índios como modelos, mas tomara essa resolução *sem me lembrar do meu hospedeiro*. Logo que soube da história, começaram suas objeções. Os índios eram supersticiosos, não queriam posar, e quanto a ele tinha escrúpulos de obrigá-los a isso. Contudo consegui pintar um dos índios. E não me atrevi a pintar

um segundo, porque, conforme me assegurara o Sr. X, o primeiro não ficara lá muito satisfeito...

Manifestei desejos de dispor de uma canoa e de conduzi-la por esse rio que me proporcionara, nos primeiros dias de minha chegada, tantos motivos de recordações. Esperei debalde; nem a canoa nem o homem vieram. Quis também, no intuito de evitar o vento, fazer minhas experiências fotográficas dentro das matas, mas, para tal, seria mister uma ajuda de um homem que levasse os apetrechos de trabalho. Foi impossível obter esse homem. Certo dia, porém, encontrei um índio a quem emprestara meu fuzil, pólvora e chumbo. Ele matou alguns pássaros, e então lhe propus a ser meu ajudante nessas excursões à floresta, com a condição de lhe permitir caçasse com minha espingarda enquanto eu trabalhasse. Devo acrescentar que essa idéia de contratar um índio para me auxiliar, a minha custa, me fora lembrada pelo meu hospedeiro. Aceitei-a, embora me parecesse original o alvitre da parte de uma pessoa que deveria pôr a minha disposição a sua gente e a quem nada custaria me ceder um dos seus servidores por algumas horas. Notei, sem demora, pelo olhar espantado do selvagem, não haver compreendido bem e convidei-o então a vir comigo até em casa, onde tudo se combinaria; ali, no entanto, meu hospedeiro pô-lo ao seu serviço, dizendo-me não me convinha tal ajudante pois era um preguiçoso. Deste modo, tudo me era difícil, tudo me escapava, graças à hospitalidade do Sr. X. O único recurso era a caça quando a chuva me permitia, e, em breve, me tornei perito na arte. Quando voltava a casa, preparava os animais que matara – aves, mamíferos, cobras. No tocante aos insetos, era-me necessário ter caixas para guardá-los, e eu não as trouxera por esquecimento. Felizmente não eram raras as caixas de charutos; cortei umas tirinhas de cacto, preguei-as ao fundo dessas caixas e ali coloquei minhas coleções de insetos. Era obrigado a me apressar nesse trabalho porque, se deixasse para mais tarde, as formigas davam cabo de tudo numa dissecação que começava sempre pelos olhos. Passei os meses de novembro a dezembro ocupando-me de outras coisas menos importantes. A internada não me consentia sair, uma vez que os caminhos viviam alagados. Não podia, assim, pintar as árvores às margens do rio, a menos que me metesse dentro d'água até a cintura. Costumava ir de pés descalços, o que me produziu feridas, que por muito tempo me afligiram; elas eram oca-

sionadas por enxames de insetos agressores das pernas, tirando-me uma gota de sangue a cada picada. Essas picadas multiplicadas, umas em cima das outras, degeneravam em chagas difíceis de cicatrizar, porque eu me via obrigado a andar descalço e outros insetos vinham aumentar o mal. Sem falar nas plantas eriçadas de espinhos.

.....

IV  
*Província do Espírito Santo*

A MATA VIRGEM

O SAPO – O CARANGUEJO – MEU PRIMEIRO DIA NO SEIO DA FLORESTA – OS ÍNDIOS – O NEGRO FUGIDO – O BOI QUE FOI VENDIDO DUAS VEZES – *PULEX PENETRANS* – A ARANHA – UMA MIGRAÇÃO DE FORMIGAS – A FESTA DE SÃO BENEDITO – INCÊNDIO NA MATA – O INCÔMODO CROQUIS – A SURUCUCU – MORTE DE UM INDÍGENA – TRIBOS INDÍGENAS DA PROVÍNCIA – UM BAILE NA MATA – UM GATO BRABO – ONÇAS – VOLTA AO RIO

U

MA VEZ que não me fora dado pintar índios, tratei de pintar paisagens. E, para tal, esperava com impaciência que o tempo melhorasse, tanto mais que desejava também realizar estudos sobre as orquídeas, essas plantas parasitas que eu contava até meu regresso à Europa. Era de meu intento, outrossim, colecionar mariscos terrestres. E nenhum desses propósitos me era dado pôr em prática. Todavia começara um segundo qua-

dro, cujo assunto era um naturalista cercado de frutos de suas explorações. Logo que se verificavam uma trégua aos aguaceiros, corria a apanhar umas flores para me servirem de tema a uma tela, à falta de coisa mais interessante, e, certa tarde, de volta de um passeio, trazia comigo um bocado delas para me serem úteis no dia seguinte. Daquela vez me afastara bastante de casa e a chuva me surpreendera quando descia uma encosta, no momento transformada em cachoeira; a água batia-me pelo joelho, e, como de costume, estava descalço. Rapidamente a noite caiu, pois nesta região tropical não existe crepúsculo: a claridade do sol é de golpe vencida pela escuridão noturna. Pulando de pedra em pedra, para evitar os detritos de toda espécie que as águas carreavam, pisei em qualquer coisa escorregadia e mole. Era um desses enormes batráquios a que os índios chamam sapo-boi. Familiarizado já com certos encontros, atirei-lhe meu paletó para cobri-lo e, pondo-lhe um dos pés em cima, consegui agarrá-lo, apesar de sua resistência, pelas costas, dominando-lhe as pernas e evitando-lhe as dentadas. Ao voltar a casa, os índios, após o serviço, repousavam à porta, e o sapo constituiu um divertimento para todos eles, pois num paroxismo de cólera o animal, ao se ver solto no chão, avançou contra mim com a goela escancarada e ganindo como um cachorro. Quisera bem conservar perfeito esse interessante sapo, mas ignorava a maneira de matá-lo sem o deformar. Valeu-me, porém, o feitor que se achava presente e tomara parte nas gargalhadas provocadas pelos esgares do sapo. Esse homem encontrou um meio simples de dar fim à existência do bicho e foi matá-lo com uma pedrada na cabeça. Tive ímpetos de dar-lhe; o miserável havia dado a perder o meu sapo. Contudo, à força de mil cuidados, pude tornar a peça mais ou menos apresentável a minha coleção.

Cessara a chuva. Havia ainda um pouco de claridade e, tendo deixado o sapo protegido contra as formigas, fui observar o que estava fazendo um grupo de índios. Numa espécie de cercado onde eram guardados os bois, e para evitar que eles nas suas brigas se ferissem mutuamente, estavam cerrando-lhes os chifres. Fiquei admirado com a maneira de se efetuar esse trabalho, pois em vez de um serrote utilizavam um cordão. Tive ocasião de, posteriormente, assistir a cenas semelhantes e confesso que, se não a houvesse presenciado, teria duvidado da eficácia de tal operação contada por terceiros.

Tinham me falado, várias vezes, desde que chegara ao Brasil, de uma terrível cobra, a maior das trigonocéfalas, conhecida pelo nome de surucucu, e quando manifestei desejos de matar uma delas os cabelos de meu interlocutor ficaram em pé. “Que Deus o livre de um encontro desses, porque é morte certa. O bicho, além de um ferrão na boca, tem outro no rabo.” Repetia uma coisa em que todo mundo ali acreditava de boa-fé. Eu não duvidava de que essa cobra, mesmo sem o ferrão na cauda, era perigosa; que possuía um veneno terrível nos dentes e jamais fugia de ninguém, pois se fiava na virulência do tóxico destilado a menor dentada. Um dia, eu estava a tocaiar umas aves, metido até os joelhos numa touceira, quando descobri uma cabeça com dois olhos brilhantes virados para mim. Como legítimo habitante da Europa, não pude dominar o arrepio que experimentamos ao ver um réptil por menor que seja. Ademais sempre ouvira afirmar que a surucucu dava botes contra as pessoas a lhe passarem perto. Recuei precipitadamente para abrir entre nós uma conveniente distância e, quando me vi mais ou menos em segurança, comecei a refletir sobre se deveria ir embora ou avançar de novo. Esta última hipótese era uma aventura de que poderia resultar bem ou mal. Tinham me prevenido: ao se atacar essa serpente a sorte dependia da certeza do golpe. Se esse falhasse, o da cobra não falharia. Ainda hesitante, carreguei minha espingarda com dois tiros. A cabeça escondera-se, mais percebia-se-lhe o corpo através dos movimentos por entre as plantas onde se metera. Depois de ter verificado qual o caminho a tomar no caso de uma súbita retirada de defesa, atirei visando a cabeça da serpente que reaparecera. A dificuldade, porém, era a de constatar se a bala a atingira mesmo; poderia estar apenas ferida e reagir. Esperei um quarto de hora. Nada mais se mexia. Tornei a carregar a arma e com cautela fui me aproximando para conhecer de perto o inimigo com que me batera. Decididamente eu era um bravo; há tempos um manequim se vira vítima de meus socos e hoje eu matara um caranguejo! Mas que diabo estava esse caranguejo fazendo tão longe do rio e com um pedaço de pano amarrado a uma das patas? Sem demora achei explicação para o fenômeno: os índios haviam pescado na véspera um bocado de caranguejos e como de costume os amarraram pelas pernas; aquele certamente conseguira fugir e não soubera que caminho tomar ao se ver liberto.



Deparou-se comigo. Ninguém foge ao seu destino. Inútil é acrescentar! Não me mostrei apressado em contar este meu novo feito.

Há uns dois meses vinha tentando penetrar pela mata virgem que ainda não conhecia, mas não o pudera realizar até então devido aos charcos que se haviam formado com as chuvas copiosas. Um verdadeiro lago. Tornava-se necessário esperar que ele secasse aos poucos à medida que os aguaceiros cessassem de todo. O que eu tinha visto, em matéria de matas, até aquela data – exceto a paisagem do dia de minha chegada – não me parecia muito interessante. Faltava-lhe o quer que fosse de grandioso.

Afinal chegou o dia em que pude prosseguir nas minhas excursões; reuni provisões para a jornada. Meu livro de esboços, chumbo, pólvora, tudo em bom estado, e os frascos para guardar insetos. Uma sacola ia repleta do que me pudesse ser necessário. Pus-me a caminho ao nascer o sol. As águas tinham baixado sensivelmente e eu só as sentia até metade das coxas. Pela primeira vez, após 10 meses de minha partida de Paris, via realizado completamente meu sonho.

Ao iniciar este livro, fiz uma comparação entre a coragem que é mister ter para deixar os entes que nos são queridos e a que se precisa possuir diante dos riscos prováveis em certas viagens; deste modo, eu me senti bem mais isolado nas ruas de Paris do que no meio dessas matas sem saídas, sem caminhos traçados, onde a cada passo poderia me defrontar com um mau encontro, onde poderia me perder para sempre. Não me é nada fácil exprimir as emoções experimentadas nessa ocasião: era um misto de admiração, de espanto, talvez de tristeza. Como me reconhecia pequeno em face dessas árvores gigantescas que têm quase a idade do mundo! Assaltava-me uma ânsia de desenhar tudo aquilo e não me achava calmo bastante para iniciar a pintura. E ai de mim! Forçoso é confessá-lo: os mosquitos me atacavam por todos os lados porque eles reinam despoticamente dentro dessas florestas em que os raios do sol mal penetram, favorecendo, assim, uma umidade perpétua.

Por ali não passa nenhuma criatura humana. Torna-se preciso abrir caminho a golpes de machado. Se se pára um instante, por todos os lados se é assaltado. Deste primeiro dia de minhas grandes excursões pelas florestas do novo mundo, guardarei eternamente recordações; como que ouço ainda o alarido dos papagaios trepados nos mais altos

ramos das árvores, bem como o canto dos tucanos; apercebo-me do rastejar de um lindo reptil de um vermelho vivo, chamado cobra-coral, e que com seu veneno mata com a virulência de uma víbora e de uma jararaca. A cortar cipós, ganhando terreno não pé-a-pé, mas polegada-a-polegada, alcancei uma espécie de clareira formada por um grupo de árvores derrubadas talvez pelo raio. O sol entrava na mata. Insetos esvoaçavam em torno de enormes flores que se vêem a cada passo e delas fiz uma rica colheita apesar dos mosquitos. O mesmo não me aconteceu, porém, com um lindo pássaro que ia visar com a espingarda, certo de reunir à minha coleção, mas me escapou por haver um danado de mosquito tentado me entrar num olho no momento exato do tiro.

Eu não tomara as precauções indispensáveis, justamente por causa da defesa constante contra os insetos, para reconhecer a direção que ia seguindo dentro da mata, e, por isso, de repente, senti-me perdido e tive verdadeiro aperto no coração. Perder-se em sítios semelhantes é correr mil probabilidades de morte. Mas, felizmente, pude, com algum esforço de orientação, encontrar não somente o ponto de partida para penetrar na clareira a que aludi, como, também, alguns passos adiante, uma vereda meio encoberta pela vegetação. E com o auxílio da luz solar consegui orientar-me de novo. Tinha tirado o dia para caminhar a esmo. Armara-me com uma boa faca que de um lado cortava e de outro servia de serra; a espingarda dispunha de balas ao alcance das mãos para a possível hipótese de um mau encontro, porque, se na América não existem tigres nem leões, os jaguares, os ursos e as onças são numerosos. Por muito tempo andei escoltado pelos meus inimigos mosquitos, sem poder, por sua causa, esboçar o menor desenho. Só se pode formar idéia de quanto essa luta com os mosquitos inutiliza qualquer atividade experimentando-a. Alcancei, numa descida, uma espécie de queda d'água, onde pude matar a sede e lavar os pés e as mãos. Essa água a correr à sombra das árvores era morna; vim a saber depois constituía essa queda d'água um limite de certas terras concedidas pelo governo a uma pequena tribo de índios, os puris. Encontrava-me, portanto, dentro da sua propriedade e divisei plantações de mamonas, laranjeiras, limoeiros e mandiocais.

Consintam faça um parêntese a fim de explicar o que seja essa raiz da mandioca e como a aproveitam na alimentação, substituindo, em

toda a América, o pão, não somente nas classes pobres, como nas mais favorecidas pela fortuna. Tem essa raiz grande semelhança com a beterraba; mergulham-na por vários dias n'água e, após, fazem-na cozinhar em um forno que, entre os indígenas, é apenas uma vasilha de ferro em forma de prato; ao sair do forno pilam-na numa espécie de almofariz fabricado a maior parte das vezes de um tronco de árvore, e quando já se achava a mandioca bastante pulverizada levam-na outra vez ao forno transformada numa farinha grosseira. Comem geralmente essa farinha seca, porém os de apetite mais requintado misturam-na à banha de porco. Faz-se também com a mandioca goma e tapioca.

Quando surgi em frente das habitações dos índios, mulheres e meninos fugiram de mim apressadamente; os homens, mais afoitos, esperaram que me aproximasse, embora espantados de me verem pegar insetos, o que para eles constituía uma esquisitice. Não descobri nenhum sinal de hostilidade por parte dos índios, ao contrário, ao notarem que eu, aproveitando-me da trégua que me davam os mosquitos, ia começar meu almoço, chupando umas laranjas que estavam caídas no chão, dois dos selvagens vieram ao meu encontro com umas varas e tiraram dos pés uma meia dúzia de frutas das mais bonitas, oferecendo-me com o melhor sorriso deste mundo. A refeição que eu ia fazer tinha sido bem ganha. Sentei-me debaixo das laranjeiras e os meus dois novos amigos ousaram se avizinhar mais de mim, o que não o haviam feito tanto, mesmo quando me deram as laranjas. Minha faca de caçador, meus frascos cheios de insetos, minha arma, intrigavam um pouco esses homens.

Era já tarde; o sol percorrera dois terços de seu caminho e eu tinha ainda um longo trajeto a vencer no regresso a casa. Reentrei na mata onde, apesar das veredas e dos pontos de referência que eu ali deixara para orientação, tive trabalho em reconhecer meu caminho. Matei umas aves e um sagüi. Enquanto ia andando, procurava notar o que houvesse por ali de mais interessante para me servir de assunto aos quadros que pretendia pintar no dia seguinte.

Soube, ao chegar a casa, que um negro a quem eu dera um casaco de borracha, sem outro motivo, fugira; o que causara enorme desapontamento ao Sr. X. Não podia se consolar com esse prejuízo, tanto maior quando o escravo, de magro e doente que era ao chegar ali, engordara e se tornara robusto. Essa fuga importava numa perda de alguns

mil francos. O Sr. X escreveu várias cartas de aviso e enviou vários servidores à procura do negro fujão tão ingrato para com o dono que o engordara daquela maneira. Com meus botões eu desejava que todas as buscas resultassem inúteis e já pensava que tal tivesse acontecido, quando um dia o negro reaparece trazido por um índio e um mulato. O pobre do fugitivo vinha algemado e não ignorava haver incorrido em pena rigorosa: de cabeça baixa, as lágrimas escorrendo pelo rosto e pelas mãos cruzadas ao peito. Aguardei com ansiedade o que iam fazer com o infeliz, disposto a intervir em seu favor se o castigo fosse severo demais. Felizmente, porém, o culpado recorreu a tempo a um costume que permite ao senhor ser indulgente sem quebra da autoridade: ele se confiou à clemência do feitor; este, tornando-se seu fiador, interessou-se pela causa do afilhado, que foi apenas punido com uns bolos de palmatória, uma espécie de férula destinada a castigos domésticos. Na pequena habitação a que me acolhera, cada dia dispunha de uma novidade para quebrar a monotonia de minha vida interior; quase sempre eram os animais que me ofereciam, representando o papel mais saliente. Ora um rato que roía um sapato, ora um porco que entornara a panela, ora um cachorro que comera o jantar, quando não fossem galinhas a trepar nos móveis e quebrar objetos mais frágeis ou gatos de várias gerações e de ambos os sexos que, após terem cometido delitos de todas as qualidades, durante o dia, tomavam as noites para levar a efeito um barulho de todos os diabos pelos telhados. Perto do meu quarto, três bacurinhos costumavam vir grunhir, o que me era altamente desagradável, sobretudo quando se instalavam na minha porta. Eu me armara de uma espécie de ferrão com que os repelia de minha vizinhança, mas, ao fazê-lo, os porcos corriam, e, por sua vez, espantavam os bois que também se punham em debandada. Com barulho os cachorros se punham a ladrar em coro e era então um concertante de mugidos, de grunhidos e de latidos. O Sr. X., supondo um assalto, punha prudentemente a cabeça à janela e eu, como não me envaidescesse aparecer como autor dessa algazarra, voltava logo a minha cama sem dar nenhuma demonstração de incômodo. Limitava-me apenas a no outro dia ouvir com atenção as narrativas dos acontecimentos. Os bois estavam votados a constituir um papel de relevo nas minhas impressões de viagem. Certa vez, um desses bois recém-adquiridos, e que ia partir para um curral do interior, comeu erva

venenosa e morreu dentro de poucas horas. Os índios trouxeram-no numa canoa e, desembarcando, perto de casa, cortaram-lhe a cabeça, atirando-a numa capoeira; depois esfolaram o corpo. O Sr. X estava ausente, mas a mulata, que governava a casa, mandou meter num barril os pedaços de carne do animal. Em menos de dois dias decorridos os vermes tinham tomado conta de tudo; todavia, passada uma semana, ainda se comia desse boi.

Como se tratava de fazer economias e como meu hospedeiro falava sempre da carestia dos víveres, a mulata evitara me dizer de que morreria o tal boi. Durante 48 horas todos os outros bois levaram a urrar em torno do lugar onde haviam enterrado a cabeça do companheiro e, sem demora, os jaguares vieram também fazer coro com eles. Dali a pouco apareceram centenas de corvos pretos chamados aqui urubus. E tudo isso fazia um estranho contraste com esta rica e brilhante natureza. Debaixo de umas laranjeiras eu visava com minha espingarda essas feias aves a se disputarem os restos de um boi que fizera as delícias de meu paladar sem adivinhar de que modo ele morreria.

Todavia, ao cabo de três dias, apesar dos temperos, senti necessidade de mudar de alimentação. Desnecessário seria acrescentar que o dono da casa, ao voltar de sua viagem, não provou daquela carne de boi, prato esse destinado apenas aos hóspedes.

Pensei não ter mais ocasião de me envolver em casos de bois, vivos ou mortos que fossem, mas me enganava porque, se um se perdera, outro fora comprado em Santa Cruz. No dia em que deviam tê-lo conduzido para entrega ao novo dono, chegaram somente os filhos do vendedor, com o propósito de devolverem o dinheiro já recebido e trazendo as desculpas do pai por ter negociado o animal com um terceiro indivíduo, embora por motivo contrário a sua vontade. O meu hospiteiro amigo ficou desapontado porque o vendedor do boi era uma espécie de pesadelo para ele; no seu conceito tratava-se de um homem sem fé nem lei. Como nesse caso não havia razões para julgar de modo contrário, esqueci as minhas queixas e animei o Sr. X. a não se deixar vencer nessa questão, reclamando energicamente a entrega do boi. Minha atitude tinha os seus méritos, pois, a muito custo, com os pés feridos, pude calçar-me, e, levando nossas pistolas, partimos. Em meio do caminho uns cães fizeram medo a meu cavalo e ele se pôs em pé, recuando,

até bater num velho tronco e cair de lado. Percebi o perigo, mas, felizmente, já estivera na Lapônia! Parecerá esquisito que eu me rejubile de já ter andado na Lapônia a propósito de um cavalo que se assusta numa mata brasileira e obriga o cavaleiro a se precaver para não ficar debaixo dele. E, no entanto, nada mais natural essa evocação. Certa vez o meu cavalo caiu numa turfeira e, debatendo-se, deu comigo no chão: um dos seus pés prendeu minha mão esquerda e íamos ambos desaparecer quando vieram em nosso socorro, e, com o auxílio de varas e de um mastro que servia para armar minha barraca, puderam nos tirar do buraco embora em lastimável estado. Desde esse dia, receoso de ser enterrado vivo, ao menor passo falso dado por um cavalo que eu montasse, levantava rapidamente a perna e, fosse dentro d'água, num espinheiro ou em cima de pedras, escorregava suavemente tal e qual um saco de trigo mal amarrado. E esse gesto se renovava cerca de quatrocentas vezes num raio de cem léguas.

Havia uns 10 dias que eu errava assim sobre a terra firme quando cheguei a um lugar onde Regnard disse em belos versos latinos que o mundo se acabava. Dão-se a esses enganos a denominação de licença poética; confesso a minha incompetência e como costume fazer nos casos de que não entendo prefiro abster-me. Contudo, meus estudos lapônios a respeito dos meios de não cair dos cavalos não me foram inúteis no Brasil. No caso presente dei um salto tão brusco que, em vez de ser o animal que me causasse mal, eu é que lhe fiz uma contusão no estômago, sem aludir, é claro, a uma torcidela no pé já magoado que não pude evitar. Mas, apesar disso, tornei a montar.

Fomos, primeiro, à presença do mulato a fim de sabermos direito como e por que ele, depois de ter recebido o dinheiro do boi, vendera-o a um outro. O pobre homem estava embaraçado de verdade para se justificar; pareceu-me que o outro comprador obtivera anteriormente uma promessa de venda. Tudo se achava, porém, muito complicado. Não havia outro jeito senão procurar o novo proprietário do animal e conforme sua resposta quebrar a cabeça do inocente boi, dispostos também a fazer o mesmo com o seu dono, caso reagisse. Ao nos aproximarmos da casa desse indivíduo, o Sr. X. foi desagradavelmente surpreendido com a presença de todos os criados pretos e índios formados em frente da porta, com o patrão ao lado, de braços cruzados, como à

espera dos acontecimentos. O Sr. X. desceu do cavalo; eu não pude imitá-lo. Não poderia descrever os insultos que o meu hospitaleiro amigo teve de ouvir: ladrão, caluniador, homem de maus bofes, etc. Achei conveniente intervir e fi-lo estendendo majestosamente o braço e pronunciando um discurso que não teria ficado mal a Sancho Pança:

“Há alguns minutos que ouço atentamente as acusações que vêm de ser dirigidas contra o Sr. X. Aliás, acusações semelhantes tenho ouvido do meu hospedeiro contra quem agora o ataca. O que se passa neste instante me convence de que existe entre ambos um mal entendido proveniente de mexericos e maledicências. É preciso dar um fim a esse estado de coisas. Apertem-se as mãos, Senhores, e prometam que não levarão mais em conta intrigas que façam de um a outro. E quanto ao boi o melhor é matá-lo; salgá-lo e dividi-lo.”

Meu discurso foi traduzido e aplaudiram-no vivamente. O homem branco falara bem.

Voltara o bom tempo e o sol se tornara mais suave; todas as manhãs a viração era agradável. Fui por várias vezes até à mata pintar algumas paisagens. Familiarizava-me com a floresta sem deixar de admirá-la. Escolhera uns troncos de árvores e umas plantas para copiá-los. Levava comigo o almoço e demorava dentro daquela deliciosa sombra, embora sempre hostilizado pelos mosquitos e pelas formigas, contra as quais protegia minha comida. Conseguira aumentar bastante a coleção de orquídeas; certa vez colhi tantas que o seu peso me deu dores nas costas. Todos os dias jurava a mim próprio não voltar à mata tanto os insetos me maltratavam, mas ao ouvir os cantos dos galos me levantava e para lá me botava. Ao regresso era-me costume passar uma hora perto do regato mais encantador deste mundo: uma areia finíssima, árvores a formarem uma cúpula e flores penduradas por todos os lados. Que admiráveis tardes as da minha volta da floresta, com o sol em declínio, e quando, depois de um banho delicioso, podia entregar-me à caça aos insetos! Impossibilitado de pintar os índios, ou de ensaiar umas fotografias, porque não dispunha de quem carregasse minha “bagagem”, me contentava em apanhar umas paisagens. E, ao me sentir cansado do continuado labor cotidiano, sentava-me na relva e desenhava algumas folhas, cuja variedade era infinita. Para comprovar a veracidade de meu lápis colhia muitas dessas folhas e guardava-as, medida que de muito me

valeu, pois já na França elas me auxiliaram bastante ao querer pintar uma mata-virgem.

Aproveitando-se do bom tempo que fazia, o meu hospedeiro resolvera aumentar sua casa. Era um projeto muito natural, tanto mais quando essas obras só poderiam trazer incômodos para mim, uma vez que, para se prolongar o telhado do prédio antigo a ponto de se unir ao da nova construção, tornava-se preciso descobrir o meu quarto. Mas substituíram as telhas por um couro de boi que não evitava a investida do vento, da chuva e, o que talvez fosse pior, de toda sorte de mosquitos atraídos pelo candeeiro do qual, diga-se entre parênteses, me valia sobriamente para não me tornar indiscreto. Sendo hábito levantar-me da cama cedo, costumava me deitar à noite também cedo, e se às vezes me demorava em ir para cama era por estar ocupado numa operação bem dolorosa. Existe, no Brasil, um insetozinho, quase invisível, o *pulex penetrans* ou bicho do pé, um danadozinho de animal que se introduz debaixo das unhas ou em qualquer outra parte dos pés; uma vez ali aninhado, por vezes profundamente, faz a sua postura e os milhões de ovos vão crescendo dentro de um saco. Se consentirmos nessa evolução, surgem inflamações dolorosas e às vezes com funestas consequências. Conta-se de um cientista que quis transportar *in loco* esses insetos, para estudá-los na Europa, porém, veio a morrer durante a viagem. Conforme já fiz sentir, meu quarto era pouco asseado e, por isso, todas as noites, revistava os pés, armado de um canivete e de um alfinete, para dar caça aos “bichos” que ali se houvessem instalado, antes de se desenvolverem; o trabalho requer grande cuidado pois não se deve romper o saco, sob pena de os ovos permanecerem na carne e continuarem a nos afligir. Certa vez tive preguiça de realizar minha caçada habitual e no dia seguinte encontrei onze ninhos no polegar do pé direito. É fácil de se avaliar que esses buracos de onde se extraem os sacos se prestam à invasão de novas pulgas.

Enquanto eu era dissecado pela base, as outras famílias de insetos tomavam conta da minha pessoa pelo resto do corpo, atraídas pela luz do meu candeeiro. E quase me punham doido. Acima das ancas tinha sinais avermelhados da mordedura de um outro bichinho, também quase imperceptível, a que chamam de maruim, e, também, era freqüente outra espécie de pulga, “carrapato”, vivendo à custa do meu sangue,



engordando à vontade. Ainda não falei dos bichos de galinha que sabiam ser igualmente bastante incômodos. Além das minhas feridas nos pés, fiquei com o nariz e os olhos inflamados das picadas dos mosquitos. Um dia, tendo bolido sem querer numa casa de abelhas, as suas moradoras se irritaram e me atacaram com toda veemência, visando sobretudo minha cabeça, cujo cabelo mandara raspar há dias.

Aos animais malfazejos é mister acrescentar os que me visitavam inofensivamente. Milhares de coleópteros que se lançavam contra tudo, perfurando com as mandíbulas a madeira de tal forma que um dia furaram um barril e derramaram o vinho que continha. Eles assaltavam em massa os objetos brilhantes e, como a luz me servia para a caçada aos bichos de pé, era preciso combatê-los agarrando-os aos punhados e atirando-os fora do quarto. Também os besouros e mariposas me visitavam aos enxames. Devo citar uma coisa curiosa: os caranguejos, os horríveis caranguejos, com sua carcaça e com suas patas, cobriam as paredes de meu aposento, ao cair da noite. Em um dia eu pintara uma flor vermelha e um pássaro cujo papo era também encarnado, e na manhã seguinte notei que essa cor desaparecera na tela. Restaurei a pintura e o fato se reproduziu. Não sabendo a que atribuir esse misterioso desaparecimento, pendurei o quadro, apaguei o candeeiro, e pus-me de espreita; a um pequeno ruído, acendi de golpe o candeeiro e descobri os caranguejos a atacar minha pintura. E eu que já lhes votava um ódio de morte... Como não sou químico, não pude compreender porque esse animal gostava somente do vermelho. Quando eu terminava minha operação nos pés, e apagava a luz, de ordinário os meus visitantes iam embora, exceto os mosquitos. Mas, depois de terem coberto meu quarto com o couro de boi, os ratos deram também em me despertar roendo aquela espécie de cobertura; eu fazia barulho e eles desertavam, voltando, porém, logo que o silêncio se restabelecia. Tive uma idéia feliz: como já fizera com os porcos, vali-me da bengala ferrada de paisagista para combater os ratos. Quando os supunha entregues ao seu banquete em cima do telhado, levantava de brusco o couro de boi com a bengala e atirava aos ares todos os convivas. Era bem necessário encontrar uma diversão quando não se pode dormir direito e com esse duplo ataque aos porcos e aos ratos eu me furtava também às picadas dos mosquitos.

Uma manhã, um tanto preguiçoso para me levantar, porque chovesse, permanecia estirado no colchão, meio acordado, meio dormindo, quando a vista de uma coisa horrível me fez dar um pulo e interromper o *dolce farniente* a que raramente me entrego: descobrira perto de mim uma aranha de 10 a 12 polegadas de tamanho, toda cabeluda e armada de dois ferrões que provocavam febre durante vários dias; esse animal ataca e come pequenas aves. Não obstante minha repugnância, reuni a aranha à minha coleção. Nessa época já conhecera também o escorpião.

Certa vez eu estava pintando um tronco de árvore coberto por trepadeiras que o envolviam como os arcos de um tonel. Enquanto trabalhava, não deixava de prestar atenção a insetos lezardos que passavam perto de mim, sempre na mesma direção; ouvia, mais distantes, gritos de aves, alguns deles a se tornarem mais próximos. Pensei a princípio se tratasse de uma tempestade prestes a se desencadear e como tinha de percorrer bem uma légua antes de chegar a casa tratei de meu regresso, quando de súbito me vi coberto da cabeça aos pés por um exército de formigas. Mal tive tempo de me levantar, derramando tudo quanto tinha dentro de minha caixa de tintas, e fugi a toda velocidade, procurando me ver livre das formigas. E nem pensei em ir buscar os objetos deixados à toa. Numa extensão de dez metros mais ou menos de largura, unidas de tal modo que não se via um palmo do terreno, miríades de formigas caminhavam sem se importar com os obstáculos, a transporem parasitas, plantas, árvores das mais elevadas. Pássaros de todas as espécies acompanhavam o cortejo e de quando em quando se cejavam nele à vontade. Senti não estar armado, pois deixara a espingarda na minha fuga, e não pude ir buscá-la, pois durante 3 horas não tive um ponto limpo para botar os pés. Somente muito tempo depois foram se formando entre aquele tapete ambulante umas veredas dentro das quais pude ir saltando, com o maior cuidado para não me aproximar das formigas que de novo me assaltariam. Nem assim evitei algumas mordeduras ao pegar na espingarda. Aos pulos, ainda, pus-me afinal longe daqueles inimigos. Consegui abater algumas aves, porém ao terminar o desfile das formigas verifiquei que a minha caça tinha sido inteiramente destruída: só ficaram os esqueletos. Ao chegar a casa, verifiquei haver ali também passado o formigueiro em marcha e em destruição. Felizmente

não gostaram das aves embalsamadas; o sabão arsenical não lhes tentara o paladar. Salvaram-se assim minhas coleções. Mais infeliz fora eu, que apresentava pelo corpo vários sinais de dentadas a me exacerbarem o sistema nervoso. À noite, sem poder dormir, armei-me com o cacete e dispus-me a exterminar o que me incomodasse. De repente ouvi ao longe rumor um tanto confuso, como se alguém batesse num tambor cuja pele estivesse molhada. Que história seria essa? Pela manhã vim a saber que se tratava da festa de São Benedito, divindade de grande devoção dos índios. Eles faziam preparativos para essa festa uns seis meses antes e guardavam dela uma recordação pelos outros seis meses do ano. Desde o momento em que esse tambor começa a ser tocado, não pára mais, nem de noite nem de dia. Não deixei de ir me divertir um pouco nessa festa que se realizava numa povoação chamada, se não me engano, destacamento. O Sr. X. fez-me companhia. Em todos os tetos em que entrávamos bebia-se “câouêba” e cachaça, e a pretexto de se cantar, berrava-se. Mantinham-se os homens sentados tendo entre as pernas um tambor primitivo fabricado com pequeno tronco de árvore oco coberto por um pedaço de couro de boi; outros homens esfregavam uns pauzinhos num instrumento feito de bambu todo entalhado. Ao som desse charivari, mulheres, mesmo velhas, dançavam devotamente um desgraçoso canção que mereceria certamente a reprovação de nossos virtuosos agentes de polícia. Depois de se ter dançado bem e melhor bebido e urrado, numa casa, ia-se fazer o mesmo numa outra habitação. Numa delas tive a coragem de beber numa espécie de cabaço a tal “câouêba”, o que fiz, aliás, para despertar simpatias e conseguir depois me permitissem uns retratos. Não ignorava como se prepara essa bebida: sabia que as mulheres idosas (são elas sempre as encarregadas das funções mais importantes) mastigam raízes de mandiocas antes de deitá-las numa vasilha; cada uma de sua vez cuspiam nessa panela o conteúdo das suas bocas e deixavam a massa fermentar. Como se vê, em mim, o amor à arte sobrelevava o instinto da repugnância. Dessa casa passei a outra e nessa não existiam representantes do “belo sexo”; apenas um índio cantava ao som de um violão uma modinha suave e monótona que tinha encanto particular. Sentei-me ao seu lado e fiquei surpreso de ver que me tornei motivo dos improvisos desse cantador. O seu estribilho era este:

*Su Bia ao sertão guerea*  
*Matar passarinhos*  
*Su Bia ao sertão*  
*E também souroucoucou*<sup>1</sup>

*M. Biard dans la montagne*  
*Désire tuer petits oiseaux,*  
*M. Biard dans la montagne*  
*Cherche aussi serpents dangereux*<sup>2</sup>

Ficaram todos admirados de me ver rir a bandeiras despregadas dessa cantiga que me homenageava, embora com suas pequenas imperfeições. Afinal chegara o momento ansiosamente esperado: surgiram duas figuras importantes. A primeira era um índio alto, revestido de uma túnica branca a lembrar um pouco o roquete de um coroinha e tendo na mão um guarda-chuva vermelho ornado de flores amarelas; na outra mão trazia uma bandeja que também se pendurava de um velho chale de franjas amarrado à cintura como um talabarte. Dentro da bandeja vinha São Benedito, que, não sei por que, é preto, todo cercado de flores. Ali se colocam as ofertas feitas ao santo. A segunda personagem, digna de fazer parte do exército do imperador Soulouque, cingira uma farda azul celeste toda enfeitada de chita em xadrez encarnado; usava dragonas como as do general La Fayette, e na cabeça um chapéu de pontas, fenomenal no tamanho e encimado por um penacho que já fora verde. Como emblema ostentava uma rodela com três cerejas bem vermelhas. Esta última figura é o comandante. Para se merecer essa graduação torna-se indispensável possuir umas pernas de resistência superior à de todas as outras da Terra, pois durante as cerimônias o capitão não cessa de dançar. Ele precede ao cortejo, sempre num passo de dança, com uma baliza nas mãos. A princípio, pensei tratar-se de um círio. Atrás dele vai o homem de guarda-sol vermelho, levando o santo; depois os músicos em duas fileiras, e em torno da imagem as velhas devotas no seu câncã. Meio escondidas nos postigos ou nas portas se surpreendem jovens e bonitas cabeças. Diante de cada pessoa convidada para o banquete, o cor-

---

1 Como no original.

2 Como no original.

tejo parava; o capitão entrava, a dançar, e dava uma volta pelo interior da habitação. Dali se passava a outra casa e, nesse passo, chegaram à igreja toda enfeitada com palmeiras; a iluminação era feita por meio de cabaças cheias de azeite. Fora preparada a mesa defronte do altar; por precaução estenderam-lhe por cima uns panos sem dúvida com receio da investida das aranhas e de outros bichos malfeitores. Trancaram São Benedito na caixa, após terem retirado as ofertas, e nós então voltamos.

Em caminho vim imaginando o desenho dessa festa grotesca, mas para levá-lo a efeito precisava de pormenores que só me seria dado obter com o auxílio do Sr. X. Dessa vez ele me cedeu um dos seus índios. Digo assim porque é costume na província do Espírito Santo tomar-se conta dessas criaturas desde meninos, embora pertençam a alguma instituição orfanológica; comprometem-se a criá-los e vigiá-los até uma determinada idade, não como escravos, mas apenas como empregados. A começo obtive generosamente um modelo para meu quadro, porém depois tudo transcorreu como anteriormente: os pormenores, o chapéu de sol vermelho, os tambores, a vestimenta, o chapéu de dois bicos com o emblema cor de cerejas, nada pude obter e tive de suspender o trabalho.

É de imaginar os desgostos que me traziam esses entraves, enquanto o tempo corria. Afinal, um dia recebi uma carta do bondoso Sr. Taunay, verdadeiro contraste do espírito malevolente do italiano que me hospedava. Uma espécie de pressentimento, não há dúvida, levava o Sr. Taunay a me enviar algum dinheiro. Desde o nosso primeiro e feliz encontro calculei que, no decorrer desta minha história, o seu nome se ofereceria várias vezes à minha pena, porque nunca, em minhas relações com esse digno homem, houve entre nós qualquer motivo de desconfiança. A soma que me remetera não seria bastante para permitir a continuação de minha viagem, mas, quando já pensava em dar por finda a excursão, me vem às mãos outra importância maior e logo depois uma terceira remessa. Ele me enviara esse dinheiro propositadamente em parcelas, a fim de evitar que, dando-se um extravio no caminho, o prejuízo não me fosse total.

Achava-me finalmente bem provido monetariamente e restava-me agora obter uma canoa e alguns homens para me tirarem daquela casa de maribondos, e, enquanto não me chegava o momento de partida, ia aumentando minhas coleções. Havia botado abaixo muitas árvo-

res numa vasta extensão de terreno, e era ali que eu apanhava os insetos porque o sol os atrai mais do que a sombra das matas. Depois de abatidas as árvores preparavam-se para lançar-lhes fogo, rematando a obra destruidora do machado; para tal, entretanto, era mister aguardar certas condições favoráveis como fossem um dia bem quente e um vento de leste. Certa manhã me vieram prevenir de que se me ofereceria o espetáculo da queimada e tratei logo de me colocar num ponto em que pudessem reproduzir numa tela essa cena grandiosa. Todos os servidores na casa afluíram igualmente para assistir à queimada, atraídos pela curiosidade e não menos pela cachaça que é distribuída nesses momentos. Embora me visse embaraçado por alguns instantes em escolher bom lugar, coloquei-me convenientemente entre a assistência. A um só tempo inflamaram-se os velhos troncos, os montes de galhos, as folhas secas, tudo aquilo que durante os seis meses estivera exposto aos raios solares. Cada criado com um facho alimentava as chamas onde elas davam sinal de esmorecimento. E esses homens pretos e vermelhos, movimentando-se entre as labaredas, davam uma idéia de feiticeiros numa cena de *sabat*. As chamas serpenteando pelos cimos das árvores não derrubadas simulavam inúmeras gigantescas tochas, e de tal modo os turbilhões de fogo se multiplicavam que eu não sabia como principiar a pintá-los. Eu me encostara a um tronco de árvore há tempos abatida e tão grosso que o deixaram no ponto em que caíra antigamente. Essa escolha quase me foi fatal, pois, enquanto estava a pintar, rapidamente o vento mudou de direção e as labaredas avançaram para meu lado. Vi-me coberto de centelhas a me queimar a pele e quase me atingiam os olhos; sem poder cerrá-los, porque tinha de procurar caminho para a fuga, ainda por cima me vi em dificuldades para transpor o tronco que me servira de abrigo, o qual tinha mais de quatro metros de grossura e mais de 20 de comprimento. Corri ao longo dele, deixando em abandono meu chapéu e meu banco portátil, mas salvei milagrosamente a caixa de tintas e o papel. Cheguei a casa coberto de cinzas, que a custo me saíram do corpo e da roupa. Uma chuva inesperada veio diminuir o efeito da queimada; muitos galhos ficaram meio consumidos pelo fogo.

À noite voltei ao local do incêndio e, dessa vez, sentado à vontade, pude contemplar sem riscos o admirável espetáculo: entre aquelas árvores queimadas existiam outras ainda de pé, esperando ape-

nas que o vento as derrubasse, uma vez que o fogo as ia corroendo pelas bases pouco a pouco. Eu fechava por instantes os olhos, enquanto o fogo prosseguia no seu trabalho de solapamento; esperava ouvir o fragor do tronco vindo ao chão. O estrépito da queda era repetido pelo eco; nuvens de cinza e de fagulhas se erguiam para o céu e ao longe gritos cortavam os ares, sem dúvida de onças e de macacos abandonando amedrontados suas antigas moradas. O homem selvagem já cedera o passo à civilização; agora era o turno dos animais. Mais tarde viriam outros invasores tomar conta destas terras que hoje estavam sendo desbastadas. Ao ver por todos os lados caírem ao solo aquelas árvores, meu pensamento andava longe da cena que se me apresentava aos olhos.

Presenciara inúmeras vezes discussões políticas, nem sempre compreendidas direito. Diziam uns que o Brasil seria um dia presa de aventureiros americanos; afirmavam outros que em breve o Norte se separaria do Sul, tornando-se uma república, forma de governo aliás que o resto acabaria também adotando. Sobretudo achavam que tais acontecimentos seriam conseqüências da dificuldade de se substituir a raça negra, máxime não houvesse um auxílio de colonos. Faltavam braços e que futuro poderia ter uma terra que não produzisse? Ouvira muitas outras coisas e talvez todos, ao mesmo tempo, tivessem razões. Por minha parte, depois que passara a viver nas florestas, arriscava também minha opinião política, a meu jeito, e minhas reflexões, desta vez, encontravam berço na história das invasões.

O Brasil fora conquistado pelos portugueses; por algum tempo os holandeses dominaram aqui, mas depois os portugueses conseguiram desalojá-los; da fusão destes últimos com os indígenas se originou a raça brasileira. As tribos selvagens foram pouco a pouco se refugiando no interior do País e, dizem, virá uma época em que outros povos substituirão os brasileiros. De mim julgava que, se tal acontecer, inevitáveis inimigos, a seu tempo, porão em fuga vencedores e vencidos e ficarão unicamente os senhores desta bela e magnífica terra. Incontáveis legiões cavam há anos minas subterrâneas; exércitos mais numerosos que as areias das praias se espalham sem que possam ser contidos; tangidos de um lado, eles voltam mais encarniçados de outra parte. Eis os verdadeiros inimigos do Brasil: os que têm compelido tribos inteiras a se mudar de uma zona para outra, abandonando suas casas e o solo em que nas-

ceram – são as formigas. Falo seriamente: vi móveis maciços e enormes portas de madeira resistente como o ferro se desmancharem em pó; vi plantações devastadas numa noite. As formigas dividem-se em dois grupos: um deles trepa as árvores e corta-lhes as folhas; o outro carrega a colheita para seus abrigos. Constroem formigueiros tão grandes que não se podem descrever e chegam a causar medo. Presenciei os preparativos de combate a um montículo que era a “panela” de um formigueiro tão numeroso que a um quarto de légua de distância ainda se encontravam ramificações subterrâneas. Ao cair da noite esses exércitos saem dos buracos e a eles regressam carregados. O combate aos bichinhos terríveis é feito com o auxílio de toda a espécie de matérias combustíveis; os índios, armados de varas, remexem as entradas dos formigueiros e lançam-lhes fogo no interior, destruindo os ovos que às vezes formam volumes maiores do que elefantes. As formigas fogem dos esconderijos tontas pela fumaça, enquanto os ovos crepitam. Porém, passado um mês, os formigueiros estão novamente formados. Não se pode andar nas matas sem se encontrar verdadeiros tapetes de folhas verdes cortadas pelas formigas e por elas transportadas. A princípio, ao ver aquelas folhas em marcha, julguei se tratasse de uma espécie de insetos. Os bandos chegam a interceptar a passagem dos pés humanos. Se encontram a meio do caminho um galho ou um tronco, elas os transpõem umas atrás das outras. Quem quiser colher uma orquídea deve antes de tocá-la se prevenir. Ganhei experiência própria: as formigas lá se acham aninhadas nas flores. Costumam-se ver, por todos os lados, no chão, nas árvores, umas protuberâncias escuras, duras, espessas, de 4 e 6 pés de altura; fazei-lhes um furo e de dentro sairão legiões de formigas armadas de venenosas mandíbulas. Não se pode imaginar bem as precauções que me foi necessário tomar para proteger minhas coleções desses bichinhos terríveis; não menos minha comida e a água que bebia... Eles se metiam por toda parte e tive um dia a prova, bem triste, do quanto de mal podiam produzir. Certa vez, querendo apanhar um ninho, vi-me coberto de formigas da cabeça aos pés. E penso já haver dito bastante acerca deste assunto, ao qual não terei, tão cedo, oportunidade de voltar.

Meti-me um dia a visitar o sertão, na região do rio Doce onde vivem os botocudos. Não ignorava as dificuldades que teria de enfrentar, mas tomei precauções; caminhamos dois dias sempre dentro da



mata, mas por veredas abertas pelos pés humanos. Antes que tudo era preciso reunir os índios que deviam fazer a viagem comigo. Se de Vitória a Santa Cruz várias ocasiões tivemos de nos meter dentro d'água, desta vez era na lama que deveríamos andar; freqüentemente tínhamos de puxar os cavalos atolados até as barrigas... Quanto mais avançávamos, mais as árvores aumentavam de porte; atravessamos clareiras onde cada árvore tinha a sua copa inteirante florida; de quando em quando me apeava para caçar alguns pássaros. Dormimos numa barraca semelhante às que são armadas pelos trabalhadores de estradas, e apesar dos seus inconvenientes meu sono foi tranqüilo, embora perto houvesse uma estrepitosa cascata. No segundo dia de jornada atingimos uma cabana habitada por índios que procuravam por ali o jacarandá; os troncos dessa madeira eram arrastados por bois, até à beira do rio. Havia em redor dessa habitação baixas de capim para esses animais. Eles são de tal modo necessários ali para o trabalho que o meu amável hospedeiro preferia privar-se de beber leite a ter uma só vaca que comesse o capim reservado aos bois.

Como eu caminhava muitas vezes a pé, confiara meu cavalo a um índio: este seguira na frente e não se preocupou mais comigo, de modo que tive de me agüentar, assim, pela detestável estrada, até o fim do percurso, chegando todo enlameado, muito cansado; isto, todavia, não me impediu de tratar logo do embalsamamento das aves que matara. Deitei-me numas tábuas. Os índios, não satisfeitos com o calor que fazia, atearam mais uma enorme fogueira perto da qual se deitaram. Quase morri abafado e assaltaram-me pesadelos. Ao clarear, partimos de novo; desta vez com o propósito de explorar matas mais impenetráveis do que aquelas por onde já tínhamos andado. Cada um de nós se armou com uma machadinha e golpeava, derrubando para um lado e para outro. As aranhas desalojadas caíam-nos em cima, e houve ocasiões de ficar com uma dúzia delas agarradas ao corpo e ao rosto. Após termos vencido longo trecho, desta maneira, vencendo ligeira ladeira, atingimos rampas tão íngremes que não as podíamos subir sem auxílio das árvores e dos cipós. Enquanto realizávamos essa ascensão, os cães que nos acompanhavam faziam exercícios de caça: certa ocasião latiram de tal modo que julgamos terem feito algum sensacional encontro. Era um quati; antes de ser morto havia rasgado a barriga de dois dos seus agressores. A pre-

mência do tempo não permitiu que os índios derrubassem uma árvore onde havia uma colméia; o fato contrariou bastante pois contavam se aproveitar do mel. As abelhas tinham feito na árvore um buraco como a boca de uma corneta. À medida que avançávamos, mais áspero se ia tornando o caminho, retardando-nos os passos.

Os braços sentiam-se cansados de manejar as machadinhas; vimo-nos dentro de um bambual cerradíssimo; abrimos uma passagem a muito custo, ferindo-nos bastante, sobretudo nos pés, porque tínhamos de caminhar sobre inúmeros galhos que cobriam o chão. Atingimos um riacho sem nome; ele corria muito abaixo do ponto em que nos encontrávamos. Para chegar-lhe perto era necessário nos suspendermos aos ramos das árvores com risco de nos arrebentarmos todos se os pontos de apoio falhassem. Eu já me acostumara com as contusões; meus pés estavam mais ou menos sarados; e, assim, pulei como vira os outros pularem. Quando chegamos lá em baixo, todos se encontravam estafados sem poder dar um passo a mais; sentamo-nos em pleno sol num monte de areia e ali descansamos e almoçamos. Resolveu-se, durante essa etapa, que, se não se conseguisse voltar à mata, tentar-se-ia subir o riacho, o que se fez. A princípio eu não tinha água senão até a cintura, mas ao cabo de mais algum tempo fui obrigado a me despir todo e a fazer da roupa um embrulho, que amarrei às costas com a espingarda. Não era cômodo esse trambolho para viajar, tanto mais quando ia aumentando o peso com os meus utensílios de caçador; veio-me arrependimento de tê-los levado. Todos os esforços eram necessários para não molhar minha bagagem, o que nem sempre era fácil conseguir. Acompanhava de longe os companheiros e, quando a água não me chegava ao pescoço, erguia os braços e fazia vagarosamente um esboço, lamentando não viesse atrás de mim um colega de pintura para apanhar minha figura, assim metido n'água, com a roupa e a espingarda penduradas às costas, e de braços no ar a desenhar. Seria muito pitoresco. Não me detinha a desenhar aspectos já familiares, mas ao transpor um trecho bosqueado de bambus e enfeitado de trepadeiras, quando divisava as orquídeas a se balançarem como os lustres de uma catedral, sem quase se distinguir os delgados cipós que as sustinham, não podia deixar de deter os passos e desenhar; realizava apenas um croqui numa proporção relativa de cada margem, porque os braços elevados depressa se fatiga-

vam e tinha de deixar o trabalho mal iniciado. Após algumas horas desse passeio aquático, principiamos a encontrar obstáculos: troncos de árvores, grandes pedras. Era forçoso voltar às matas e como nessa época as enchentes encharcam as terras marginais, quando tentávamos um solo firme, atolávamo-nos na lama até as coxas. E bem de sorte nos julgávamos ao descobrir esses caminhozinhos feitos pelas antas para irem matar a sede nos rios. Percorriamos alguns quilômetros por dentro da mata, com dificuldades, pois nem podíamos manejar os machados, e, depois, reentrávamos no rio. Como meu vestuário era dos mais rudimentares, meu corpo se enchia de arranhões. Mas, íamos caminhando por essa líquida estrada, como patos, enquanto as águas só nos atingiam os queixos. E o dia todo decorreu assim, a subir esse riozinho, com intervalos de caminhadas pela mata. Já quase no fim da jornada, um índio que ia na minha frente fez-me parar, estendendo a mão: um enorme tronco barrava-nos a passagem. Esse índio só tinha o seu revólver a proteger da água e sempre o conservava protegido; apontou a arma para qualquer coisa que eu não distinguira ainda e atirou. O que me apareceu então fez-me recuar tão precipitadamente que caí num espinheiro. A dor fez com que me levantasse o mais rápido possível, tanto mais quanto eu estava em presença, pela primeira vez, de uma terrível surucucu, serpente venenosíssima. Porém ela se achava mortalmente ferida. Tinha bem uma dúzia de pés de comprimento; com a cauda quebrava tudo ao seu alcance; a cabeça, do tamanho de um focinho de porco, ainda se erguia e fazia esforços para se atirar contra nós, mas em vão porque estava com a coluna vertebral partida. Ainda me lembro, como se fosse hoje, da impressão que me causou aquela goela escancarada, mostrando dois ferrões venenosos, que, uma vez atingindo alguém, lhe dá uma morte quase instantânea. Debateu-se a cobra por espaço de meia hora. Os índios queriam esmagá-la, mas me opus por desejar levá-la comigo o mais perfeita possível. Quando a vimos inerte, cortei um cipó e me aproximei, pois não pensava sequer em pedir aos índios para me ajudar nesse trabalho; fi-lo com todas as precauções, mexi-lhe com o cipó na cabeça e, certo de que se achava mesmo morta, amarrei-a pelo pescoço. Em silêncio os índios me observavam. Pus-me a arrastar o monstro, o que não me era muito cômodo, porquanto já levava outras coisas pesadas às costas. Contudo o índio que matara a serpente e que, entre parênteses,

fora o meu único modelo, me auxiliou um pouco, foi-me bem útil, pois talvez sozinho não conseguisse realizar o meu intento de conduzir o monstruoso animal. Afinal chegáramos a um sítio em que teríamos definitivamente de abandonar o rio. Eu tinha os pés de tal modo inchados que muito me custou enfiar as botinas. Não obstante as cautelas tomadas, a bagagem se molhara toda e a pólvora se inutilizara.

A caminhada pela mata foi longa; meti-me de novo nas roupas, embora encharcadas d'água; e recomeçamos a luta contra os cipós e os espinhos. Os índios, com seu instinto de bichos do mato, nos guiavam direito, apesar da escuridão; todavia, de quando em quando esbarrávamos em obstáculos. Animais quase invisíveis corriam diante de nossos passos; os cães mantinham-se aos nossos lados; por toda parte viam-se sombras aterrorizadoras; bem assim luzes erradias parecidas com os fogos fátuos que metem medo aos viajantes. Tive a curiosidade de conhecer a razão dessas luzes; mexi nuns troncos apodrecidos e apanhei uma porção de vermes brilhantes. Mais tarde quando quis ver-lhes o efeito o fósforo havia desaparecido.

Ora sozinho, ora com o auxílio do índio, conseguira arrastar a surucucu, e ao darmos com uma clareira na mata, achando-nos perto de uma habitação, os outros indígenas me pediram para deixar ali a serpente a fim de não atrair, com o cheiro do sangue, outros animais da mesma espécie. Atendi ao pedido, mas na manhã seguinte, com meu escalpelo e meu canivete, entreguei-me ao trabalho pretendido. Amarrei a surucucu num alto galho e, depois de lhe ter cortado a cabeça, coloquei-a num grande frasco cheio de álcool. Quando os selvagens compreenderam o que eu ia fazer, meteram-se na mata e de longe acompanhavam com seus olhos assustados minha tarefa de arrancar o couro da cobra. Terminada a operação, todos voltaram à cabana e, apesar de lhes afirmar que não havia encontrado nenhum ferrão na cauda do réptil, ninguém acreditou em mim. Ao findar esse serviço, verifiquei, com tristeza, haver perdido meus óculos. Cometera a imprudência de não ter levado outros sobressalentes, mas apenas vidros, e fiz esforços vão para ajustá-los aos olhos. Minhas habilidades óticas estavam quase esgotadas quando me trouxeram afinal os óculos que perdera.

Dias após, a desconfortável casa que me agasalhava recebeu novos hóspedes. Trouxeram numa rede, gravemente enfermo em conse-

qüência da longa excursão que fizéramos por dentro do rio, um dos índios, e, também, outro, quase morto. Este era o pobre Almeida, o que matara a cobra e me ajudara a trazê-la. Dois dias decorridos, ele morria. Soube, ao me levantar, que tinham avisado aos parentes, e esses viriam sem demora buscar o cadáver. Como não conseguira pintar índios vivos, vali-me da triste oportunidade para pintar um selvagem morto e, nesse propósito, fui até ao aposento onde haviam colocado, sobre duas tábuas, o inditoso rapaz. Servia-lhe de cama habitual velha esteira. Deitaram-no com as mãos em cruz no peito; vestiram-lhe uma blusa azulada, mas conservava as coxas e as pernas nuas. Ao lado desse compartimento de casa ficava a cozinha e ali os companheiros do defunto conversavam e riam, enquanto numa fogueira assavam peixes. Ao pé do cadáver, Rosa, sua mãe, entoava baixinho uma oração, sem que, contudo, deixasse de ir de quando em quando buscar um peixe na cozinha, voltando a mastigá-lo. Fora meu intento, ao ir fazer o meu desenho, retirar-me logo chegassem os parentes do morto; surpreendeu-me, porém, notar que a mãe dele não só nada tivera que me dizer a respeito do trabalho que eu executava como até me forneceu alguns objetos de que necessitara e lhe pedira. Não era, portanto, verdadeira minha suposição de encontrar quaisquer entraves à pintura e, por isso, tratei de aproveitar do melhor modo o meu tempo. Estava a terminar quando ouvi o anúncio de virem próximo os índios. Apressei o trabalho, com pesar, o que não obstou a intervenção intempestiva e grosseira do meu hospedeiro: “Vamos, vamos, acabe com isso; retire-se!” E ao lhe ponderar que a mãe do selvagem falecido nada tivera a alegar contra meu desenho, o homenzinho replicou aos berros: “Termine essa história de uma vez. Quero lá me indispor com os índios por sua causa?” Perco a serenidade quando me perturbam o trabalho, e para transbordar minha paciência não precisava tanto. A indignação há muito contida explodiu e, agarrando tudo quanto levava para aquela câmara mortuária, passei pela frente daquele tipo que tantas vezes me havia provocado, sem lhe dar uma palavra, mas jurando a mim mesmo preferir morrer dentro das matas a permanecer mais um dia sob seu teto. Entrei no meu quarto, arrumei as bagagens, pus a chave das malas no bolso e retirei-me para não mais voltar. “Sim, dizia com meus botões, embora sucumba de fome, sede e cansaço, é preferível tudo a essa ignóbil hospitalidade.” Na véspera, ao caçar, colherei umas vinte

goiabas; sentei-me perto de um regato e ali fiz frugal refeição; depois continuei a andar por entre os arvoredos. Caía a noite; ouvia já sons bem conhecidos; sentia-me fatigadíssimo. Fui fraquejando nos propósitos que me haviam encorajado até agora. Se não saísse depressa da mata, teria de dormir ali, deitado no chão, o que não seria nem agradável nem seguro. Felizmente alcançara uma clareira; em roda, árvores derrubadas: um roçado onde já brotavam mandiocais. Uma cabana mais parecida com uma gaiola em começo de construção me apareceu; não vi nem ouvi a ninguém. Ao penetrar nela, vários animais espantados fugiram e foram se esconder no escuro da noite. Conseguira um abrigo, afinal! Fui me deitar sob a parte já coberta e malgrado a fome dormi perfeitamente até o amanhecer, quando fora despertado por um bando de morcegos a me roçarem o rosto com as asas. Ergui-me de rompante, tentando agarrar um deles, espécie que me falta na coleção. Esqueci-me por instante de minha deplorável situação e somente dela tive noção exata depois de haver fracassado minha caça aos morcegos. Sabia que para aquelas bandas existiam algumas habitações espalhadas, mas nunca dirigira os passos nessa direção e temia não acertar com o caminho; arrependia-me mesmo de não ter preferido outro rumo mais da minha familiaridade. Evitara-o, desejoso de não me encontrar de novo com o indivíduo cuja casa abandonara.

Eis-me em busca de um agasalho. Tive a sorte de encontrar por perto goiabeiras carregadas de frutos e enchi com eles os bolsos. Servir-me-iam de alimento se não achasse coisa melhor mais tarde. E toco a andar. Por fim ouvi uns latidos e orientei meus passos para o local de onde partiam. Vi uma casinha de cujo telhado saía fumaça. Uma meia dúzia de cachorros atacou-me, rosnando, mas bastante mofinos para correrem diante de meus gestos de defesa. Entrei na habitação sem dificuldade nem cerimônias; dentro, nem viva alma! Contudo os donos da casa não andariam longe porquanto descobri sobre a cinza quente, a assarem, grandes bananas que geralmente não se comem cruas. Se no dia anterior houvesse achado uma guloseima daquelas, ter-me-ia servido independente de convite, porém agora poderia esperar. Fiquei ali sozinho meia hora. Novos latidos da cachorrada avisaram-me de que iria ter companheiros, e efetivamente dois homens armados de espingardas entraram, acompanhando três mulheres, das quais uma muito idosa, sem

dúvida a que estava preparando as bananas. Falavam português e fiz-me entender do melhor modo possível, cumprimentando-os; como soubera haver por essas bandas um velho europeu, perguntei-lhes se o conheciam. Não pude ser logo entendido, não sei se por culpa minha ou dos meus interlocutores. Os homens trocaram entre si umas frases, enquanto as mulheres, certas de terem defensores, atiçavam o fogo, viravam as bananas e enrolavam duas das mais bonitas numa folha de mandioca; uma delas veio me oferecer o petisco, ao tempo em que os homens encostaram as armas na parede. Pareceu-me que os cachorros aguardavam esse gesto dos seus donos para cessar as hostilidades, porque desde minha chegada não tinham deixado de grunhir. Um a um entraram na casa de rabo murcho. Não obtivera, entretanto, resposta à pergunta que lhes fizera. Por fim, um dos índios confessou-me não me ter entendido direito, e então achei acertado acrescentar ao meu ruim português um quê de mímica capaz de esclarecer o sentido de minha interrogação acerca do branco que procurava; levei a ponta do dedo ao meu rosto e disse numa linguagem rudimentar mais ou menos assim: “Onde mora um homem que é branco como eu sou?” Não levava em conta estar tão queimado quanto os que me atendiam, e me mostrava vaidoso. Afinal, fossem as palavras, fossem os gestos, pude ser compreendido, pois um dos homens retomou a espingarda e me fez um gesto para acompanhá-lo. Uma hora de caminhada, em meio de terrenos outrora cultivados, mas agora em abandono, por causa das formigas, segundo vim a saber depois; por fim, meu guia bateu a uma porta de barraca e dali saiu um homem a quem tive vontade de beijar, pois me perguntou em francês o que eu queria. Conversamos bastante, e, ao saber de minha decisão de viver naqueles matos se encontrasse onde me alojar, desencorajou-me, disse-me ser impossível a realização de tal propósito. Todavia, instei para que me acompanhasse até certo sítio onde existiam apenas dois casebres; nele eu ficaria, como almejava, somente com os índios. Ao chegarmos ao local, acrescentavam a uma das casas uma nova peça. Desprovida de janelas, compunha-se a habitação, como de costume, de alguns pequenos troncos de árvores, de uma porta e de um telhado de palhas de coqueiro. As paredes eram feitas de pequenos caibros dispostos horizontalmente e presos uns aos outros com cipós, enchendo-se os espaços com barro molhado; este ao secar forma uma espécie de reboco, fácil no

entanto de sair aos pedaços a qualquer choque mais forte. Haviam tirado do próprio solo da casa o barro empregado nas paredes, de modo que ao entrar me enterrei até aos joelhos num buraco. Ao dizerem ao proprietário que eu desejava viver ali, ponderou que eu queria era morrer. “Ninguém pode morar aqui antes de um mês, principalmente à noite, sob pena de correr um grande perigo.” A mim, porém, tudo era preferível ao teto que deixara. E como o risco era somente meu, meti-me nesse úmido casebre, por sinal gratuitamente; graças a meu intérprete, deram-me como companheiro um rapaz chamado Manuel. Servia-me de criado, cozinhava e carregava uma parte de meu material fotográfico quando eu ia percorrer as matas. Consegui três homens e uma canoa para irem buscar minha bagagem, porquanto, sem o supor, levava quase dois dias para voltar às vizinhanças do rio do qual me julgava muito afastado. Essa circunstância simplificava minha mudança, tirando-me da cabeça funda preocupação, uma vez que, ao percorrer a esmo as matas, avaliava quanto de embarços surgiriam ao transporte dessa bagagem por um terreno inçado de dificuldades. Realizara em perspectiva os projetos de estudo há tempos acariciados em vão. Numa hora apenas encontrara uma casa, um criado, homens e canoas para o transporte desejado. Ia viver entre vários tipos de modelos e estava convicto de torná-los menos supersticiosos, embora tivesse de me valer da prodigalidade na cachaça de que faria larga provisão. Entrementes o meu compatriota me oferecera um banco para que dele fizesse cama e algumas bananas para me facilitar a digestão de um pedaço de toucinho muito gordo. Tive de me contentar dessa vez com um punhado de farinha seca e ainda dei graças a Deus pois na casa onde estivera hospedado fora obrigado a comer umas bolachas untadas de banha e passadas ao fogo. O momento não era oportuno para procurar dificuldades.

Partiram os canoeiros de madrugada e no outro dia estavam de volta com minha bagagem. Vim a saber que me haviam procurado bastante no dia de meu desaparecimento; essa fuga trouxera graves conseqüências porque o meu hospedeiro possuía por toda parte inimigos e fizera de mim uma proteção contra eles, espalhando que eu era uma personagem muito importante e deveria ser acatada por todos. Essa patranha fora-lhe fácil espalhar e dela tirar proveitos. Que iriam, porém,



pensar agora ao me verem abrigado num casebre, mal tendo o que comer, e sem outra proteção que não fosse a da minha espingarda?

Pouco me importava. O essencial era me ver livre do italiano. Dinheiro não me faltava mercê da generosidade do Sr. Taunay, e com esses recursos enviei dois índios, numa canoa, até Santa Cruz a fim de fazerem ali um sortimento de feijão, carne-seca, fósforos, vinagre, sal, toucinho e comprar uma panela. Enquanto esperava a volta dos índios, tratei de arrumar a casa com a ajuda do Manuel. Minha “toca” compunha-se de duas peças: no que era menos claro, depois de ter nivelado o solo, dispus meus frascos a um canto, protegendo-os com pedras. Para trabalhar, ali, era obrigado a ficar de joelhos e para maior comodidade fiz um buraco no chão. Ali não havia tábuas como em casa do Sr. X; tive, assim, no propósito de proteger outros objetos, de me valer de pequenos troncos de palmeira que cortei e estendi sobre pedras a alguns pés do solo. Alguns pregos serviram-me de cabides para roupas. Adquiri dos índios umas curiosas bacias cavadas como as canoas em uns pedaços de árvores. Tendo a experiência me ensinado a me garantir contra os assaltos das formigas, enchi d’água uma dessas vasilhas, a maior, coloquei um pote no meio, pus uma tábua em cima e desse jeito ficaram em segurança minhas provisões. No telhado estendi cordas untadas de sabão arsenical, e nas extremidades de cada uma cartuchos de papel que receberiam os animais ainda não embalsamados. Pendurei a rede, presente que me fizeram há tempos os competentes naturalistas Eduardo e Júlio Verreaux. Construí também uma mesa, valendo-me sempre dos troncos de palmito, árvore preciosa cujo galho terminal me serviria igualmente de jantar. Dispunha de alguns pedaços de tela para pintura; ao ficar pronta a mesa, estendi sobre ela um pedaço dessa tela à guisa de toalha. Senti-me satisfeito com a obra realizada; minha cadeira de viagem completou o mobiliário da sala de refeições. Mas, onde colocar o resto da bagagem? Não devia pensar em pôr no chão certas coisas; apodreceriam em poucos dias com a umidade. Onde afinal colocá-las? Andando para cá e para lá descobri uns restos de velha canoa imprestável e com o auxílio de Manuel trouxe-os para casa, e por felicidade pude transformá-la num móvel que me faltava. Tinha agora não somente o necessário, porém um quê de luxo, uma vez que esse esqueleto de canoa, economizando o espaço de meus pacotes, proporcionara-me um

canapé que eu tornara tão macio quanto um sibarita o exigisse, forrando-o com uma espécie de crina que se dependurava das árvores por toda parte. Apenas uma depressão incômoda ao centro da canoa me obrigava a manter as pernas suspensas.

Com a volta dos índios, minha cabana tornou-se uma delícia; nada lhe faltava. A maior parte de meus utensílios estavam pendurados e protegidos da umidade, e o sol, em breve, com seu benfazejo calor acabaria de secar a minha habitação. Um belo dia mudei-me para lá, dizendo adeus ao meu velho patrício. E à noite deitei-me na minha rede, cercado de um conforto estranho aos casebres habitados pelos pobres selvagens. Nessa noite, porém, um temporal desabou com chuva grossa e trovoadas, e não pude dormir. Ao construírem aquele casebre tinham feito uns montes de barro e de madeira por trás do prédio, com o intuito de posteriormente retirá-los dali. A enxurrada arrastou tudo aquilo e inundou o meu interior, obrigando-me a cavar uma espécie de rego para dar vazão às águas. Felizmente não tive prejuízos materiais pois colocara todos os meus objetos de uso acima do solo. Fui dormir muito tarde, cansadíssimo, mas acordei bem disposto. Tudo que me cercava havia sido fruto do meu esforço, e um modesto presente pagaria o aluguel ao meu humilde proprietário. O resto não me despertava preocupações. Ao levantar-me cuidei alegremente de umas outras arrumações e sem maior retardo fui fazer um desenho. Enquanto trabalhava, pude apanhar um bonito inseto a que dão o nome de arlequim. A casa ficava, como geralmente acontece, numa eminência distante do rio. Renunciei a tomar banho nesse rio porque teria de me meter também na lama. Em roda de mim as montanhas cobertas de vegetação formavam um círculo recortando-se no azul do horizonte. Ao longe avistava-se outra habitação erguida no terreno despido de árvores e nela os índios iam aos domingos beber aguardente. À força de transitarem por perto do meu teto eles se familiarizaram comigo; vendo-me caçar insetos, quadrúpedes e reptis, acabaram por trazer-me os que iam apanhando, e como eu os gratificava tornou-se-me fácil ir lhes pedindo espécies que me interessassem. Esses índios, de ambos os sexos, acostumaram-se a vir me visitar aos domingos, e eu lhes oferecia cachaça. Aproveitei essas visitas para fazer-lhes os retratos desejados e, com poucas exceções, encontrava a melhor boa vontade, desaparecidas as dificuldades de outrora. Pude escolher os ti-

pos que me convinha pintar. Trabalhava diariamente, caçava ao amanhecer, antes de manejar os pincéis, alimentava-me do que caçava, e do que me vendiam, aumentava minhas coleções... Que poderia desejar mais?... Levava, entretanto, vida meio sedentária; passaram-se dias e semanas sem me dispor a me afastar dali, sem correr as matas, e era-me preciso recuperar o tempo perdido. Deixei um pouco a pintura, e, reunindo o material fotográfico, procurei matas ainda poupadas pelos machados, de vez que vivia cercado de matos rasteiros e plantações destruídas pelas formigas. Gastava mais de uma hora para atingir a floresta virgem. Manuel ajudava-me a transportar a máquina fotográfica e os apetrechos necessários. Eu conduzia também um saco cheio de frascos; a tiracolo uma bolsa de caçador com uma porção de coisas: vinte estacas para armar a barraca, meu caderno de esboços, chumbo, pólvora em grande quantidade, para que a caça não me faltasse, laranjas, bananas, farinha, um fogareiro, fósforos, um novelo de cordão, tesouras, um tubo com álcali, garrafas d'água, nitrato de prata, ácido pirogálico, hipossulfito de sódio, etc. Presos ao cinturão, um facão, uma espingarda de caçadores de Orléans emprestada pelo velho Francisco. Não sei como essa arma lhe foi parar às mãos; serviu-me, porém, bastante, pois minha carabina me explodira nas mãos sem me ferir felizmente. Estimaria fosse menos pesada, porque a soma do peso dos objetos que carregava me fatigava sobremodo. Levantava-me ao cantar dos galos, preparava a bagagem e muito antes de Manuel me punha a caminho. Primeiro tinha de subir uma ladeira e depois, sempre em terreno acidentado, penetrava na mata até atingir um planalto, o que conseguia antes de sair o sol, porém já bastante suado. Durante muito tempo não prestei grande atenção a uns pássaros chamados sabiás, cuja plumagem não oferece atrativos, mas agora, como se tratava de aproveitá-los como alimento, não os poupei, e se me tornava fácil caçá-los, não somente a eles como a engole-ventos que são aves que aparecem quer de manhã quer à tarde. Bastava me baixar um pouco, arriar o saco no chão, apontar a carabina suavemente e as provisões não me faltavam. Caminhando sem grandes etapas de descanso, atingia o coração das florestas, em meio das raízes descobertas pelas chuvas. Enquanto aguardava a chegada de Manuel, com minha máquina, preparava o terreno para recebê-la, o que nem sempre era fácil devido às grossas raízes. Mal chegava, o criado dispunha tudo para o trabalho a

realizar, salvo se os mosquitos intervinham. Falo freqüentemente nesses dípteros porque nas matas eles têm um papel saliente. Procurava apañhar umas vistas, mas infelizmente quase sempre era impedido pela grande proximidade do sítio visado. Punha-me de joelhos na barraca para trabalhar. Às vezes descobria um belo efeito de luz, corria até junto da máquina e ao ir tirar a fotografia o sol havia se escondido. Passava o dia inteiro à sombra, sem repouso, comendo em pé, bebendo água. Freqüentemente um temporal nos surpreendia e era preciso arrumar tudo às pressas e partir por veredas transformadas em riachos impetuosos. Chegava-se a casa num estado digno de lástima. Bebíamos então uns goles de aguardente e depois de mudar de roupa estirava-me na rede, enquanto Manuel ia pôr a sua calça para enxugar. Nesses dias de chuvas eu aproveitava o tempo para pintar uma cabeça de índio, fosse homem ou mulher, e não saía de casa. De outras vezes embalsamava animais para minha coleção. Não posso dizer ao certo qual fosse mais penosa, se minhas voltas da mata em dias de temporal, todo molhado, se nas tardes de sol ardente, ensopado de suor como uma esponja. Nem por isso, após um quarto de hora de descanso, deixava perder qualquer modelo que se me apresentasse às vistas.

Um dia, ao manejar uns frascos com colódio, perto do fogo, a chama comunicou-se a um litro de éter. Felizmente ainda dessa vez a explosão não me atingiu, mas o fogo ganhou o teto da casa e, não fora a rapidez com que me lancei a uma bacia cheia d'água, o incêndio seria total. Mesmo assim queimei um pouco os cabelos e as pontas dos dedos. Com o resto de meus produtos químicos reconstitui o carregamento habitual de meu saco de viagem e achava-me justamente nesse dia de joelhos na minha barraca, entregue a um serviço, quando vi lá fora vozes a dialogarem com meu criado Manuel. E qual não foi meu espanto ao meter a cabeça pela porta: vi não um caçador armado de fuzil, como às vezes acontecia, porém uma dúzia de índios botocudos com seus beijos deformados e suas enormes orelhas. Eles sem dúvida não poderiam nunca compreender o que eu fazia nessa tenda onde em pleno dia havia uma luz artificial. E mais admirados teriam ficado ao verem sair dali, de rastros, uma cabeça raspada e uma comprida barba. Manuel já lhes teria dito quem eu era, mas seu entendimento das coisas não iria ao ponto de traduzir o que eu fazia. Esses botocudos procediam de Vitória, aonde

tinham ido, numa embaixada, até a presença do presidente da capitania. Haviam entrado na cidade completamente nus; trouxeram-lhes, no entanto, pressurosamente, calças e camisas, deram-lhes carabinas, pólvora e chumbo, acrescentando aos donativos belas frases e excelentes promessas, de que não se recordariam depois, e mandaram-nos embora. Mal os selvagens se apanharam fora da povoação, como se sentissem incomodados com os trajos, fizeram o que eu também lá fizera na travessia aquática de que falei anteriormente: transformaram tudo numa trouxa. As espingardas levavam a tiracolo, mas os arcos, às mãos. Eu possuía na barraca alguns pequenos objetos sem grande importância, como por exemplo uma faca e uma lima para unhas, comprados em Paris numa daquelas feiras de fim de ano. Presenteei o chefe do grupo com esses utensílios, e tornamo-nos logo amigos, pois recebi também como lembrança um arco e três flechas. Ainda os convidei para compartilhar de meu almoço, o que aceitaram. Tive recompensa dessa boa ação pelo que pude verificar: esse índio tinha, como os outros, metido num furo feito no lábio inferior uma rodela de cactos um pouco maior do que uma moeda de 5 francos. Servia-se dessa roda como de um prato cortando em cima dela, com a faca que lhe dera, um pedaço de carne-de-sol presa antes de levá-la à boca. Essa maneira de transformar o beijo num prato pareceu-me realmente de imensa comodidade. Os indígenas cujo conhecimento eu estava fazendo usavam igualmente outras rodelas de pau às orelhas. Sem esses enfeites, as orelhas diminuiriam um meio pé de tamanho. O encontro com os botocudos me alegrou bastante, porquanto, embora a zona que habitavam não ficasse muito distanciada da em que me achava, talvez não me fora dado ir até lá.

O dia estava reservado às aventuras. Ao voltar a meu trabalho dentro da barraca ouvi Manuel gritar: “Seu Bia, um bacorinho!”<sup>2</sup> Era um porco. Corri para fora da barraca, agarrei a espingarda com certa emoção. Um porco! Oferecer-me-ia o animal, se não errasse o tiro, alimentação para um bocado de tempo. “Ali, Senhor! Ali dentro do mato!” Agi com prudência, pois não constituía propriamente uma brincadeira expor-me a esse bicho brabo; carreguei a arma com duas balas. Toda cautela era aconselhável. Não contava muito com a coragem

---

2 No original: Su Bia, un bacourino!

do Manuel, que se trepara a uma árvore, aguardando os acontecimentos. Do seu posto podia ver tudo melhor do que eu, uma vez que devassava com a vista o seio da mata. E quando eu procurava descobrir o porco do mato, o inteligente Manuel pôs-se a berrar.

Um instante após vi se mexer entre as ervas uma família de porquinhos conduzidos pela mãe. Pertenciam sem dúvida, pude compreendê-lo, a alguma casa não distante dali. Meu criado ia me levando a fazer “um bonito serviço”! Era o feitio da sua raça: gente de uma selvagem intrepidez, mas ingratos, indolentes e indiferentes ao mal que recaía sobre os outros, embora do seu próprio sangue.

Há muito vinham as formigas me visitar. Quando davam em percorrer o caminho que ia ter ao meu ateliê, era inútil continuar o trabalho. Tinha de esperar que acabassem de passar. Certa vez, dois índios caçadores vieram até junto de nós sem se aperceber das formigas e só deram com elas quando já se achavam cobertos dos pés às cabeças. Manuel não tivera uma palavra para avisar os patrícios do perigo, e, no entanto, quando tinha medo de qualquer coisa, gritava como um perdido. Esse costume, todavia, tinha sua utilidade. Um dia, ao me achar numa touceira de cipós, ouvi Manuel gritar nas minhas costa: “Seu Bia, uma cobra!”<sup>3</sup> E já o criado se aproximava de mim sempre a exclamar: “Seu Bia, uma cobra!” Achava-me realmente a dois passos de uma serpente verde, que, de pé, vinha em minha direção. A cor da cobra confundia-se com a da folhagem, e não fora o grito de alerta de Manuel ficaria ao seu alcance sem dar por tal. Era um animal bem grosso e não foi pequeno o trabalho para lhe tirar o couro. Os índios dão-lhe nome de marouba.

Além de medroso, Manuel era preguiçoso. Há muito tempo eu desejava comer ao jantar um guisado de palmitos, e estava sempre a mandar o criado colher esse legume que, como se sabe, é o gomo terminal de uma palmeira. Ora, o meu Manuel tinha preguiça de ir apanhar o palmito a quarenta pés de altura e contentava-se em arrancar na mata uns brotos de palmeiras; e teria sido necessário centenas desses filhotes para se preparar um guisado. Mandei-o buscar mais; não voltou a casa por mais que me esgoelasse em chamá-lo. Nesse dia meu jantar com-

---

3 No original: “Lá signo tali, no mato”.

pôs-se de bananas. Se Manuel me aparecesse nessa ocasião, teria feito uma dupla asneira, pois, além da surra que lhe daria, acabaria sendo eu cozinheiro de mim mesmo. No dia seguinte, como de costume, madruguei e parti para a floresta; dali a pouco Manuel surgiu com minha máquina às costas como se nada houvesse acontecido na véspera. Por conveniência eu também me fiz de desentendido.

Como era natural, acabaram-se os meus produtos químicos. Muito trabalho para minguados resultados. Dispondo apenas de uma dúzia de chapas, poucas vezes fui feliz nas provas fotográficas, ora por inexperiência, ora por causa do calor, da umidade, de mil outras circunstâncias imprevistas. No último dia de minhas excursões fotográficas Manuel me veio a falar num sítio onde existiam muitas laranjeiras carregadas de frutos. Deixei minha bagagem na mata e partimos os dois em busca das laranjas. Um tanto ao acaso pois o índio não sabia bem o rumo a seguir. Tivemos de abrir caminho, com um facão, e após uma hora atingimos uma clareira entre altas plantas que se tornavam a cerrar logo que as afastávamos para passar. Consoante já fiz sentir, as aves e os insetos gostam mais dos terrenos já desbastados do que do interior das matas. As aves do Brasil alimentam-se dos brotos dessas plantas que renascem. Geralmente se nutrem de frutos, ao invés de sementes, o que torna quase impossível seu transporte para a Europa. No local em que nos encontrávamos, meu trabalho era somente o da escolha: via pássaros de todas as cores. Um deles me atraiu particularmente a atenção, de um belíssimo azul. Levei-o em triunfo a Manuel, que me disse logo: “É um passarinho verde.” Sunguei os ombros e pedi-lhe que me mostrasse as tais laranjeiras. A vegetação rodeante era mais alta do que nossas cabeças, e se tornava difícil uma orientação. Afinal chegamos perto de uma tapera, e em frente havia de fato laranjeiras e limoeiros cobertos de frutos, porém ainda mais de folhas, o que lhes dava singular aspecto. Ali, como em outras partes, as formigas tinham obrigado os moradores a uma mudança. Fiz um desenho e chupei algumas laranjas. Não me sendo possível apanhar umas chapas, projetei logo voltar ali uma manhã a fim de aumentar minha coleção de pássaros. Regressamos a casa, nessa tarde, muito cansados da jornada, e, ao examinar a colheita que fizera, fiquei espantado de verificar que o pássaro azul virara verde-mar. “Manuel tinha razão”, disse com meus botões. Nesse momento o criado entrava

no meu quarto e por sua vez conveio em que a ave era mesmo azul. Trabalhava-se afinal de um efeito de posição das penas da ave com relação à luz, de tal modo que vista de um outro ponto pareciam violeta. Trouxe para a Europa vários desses pássaros.

Tornei a visitar o sítio das laranjeiras e orientando-me melhor descobri um dos mais encantadores recantos que um caçador possa desejar: uma espécie de caminho protegido por sombreadoras árvores e ladeado de capoeiras. Ali era-me obra fácil escolher as aves de minha maior predileção, pois elas vinham descansar à sombra das ramagens depois de suas excursões costumadas. Eu passeava sem fadiga; caçava um pouco e depois sentava-me num tronco qualquer para saborear umas laranjas. Nos intervalos desenhava flores, folhas, copas de árvores. Como em regra não fazia muito ruído, certa vez ouvi qualquer coisa se mover no capim. Voltei-me vagorosamente e avistei um belo gato-do-mato. Dava uns pulinhos, agarrava-se aos cipós, e de quando em quando soltava suaves miados. Era o primeiro gato-do-mato que eu via de tão perto. Trazia sempre no bolso balas e chumbo grosso; carreguei a espingarda. Ao me levantar porém o gato deu um salto e foi se esconder num galho bem alto de uma árvore. Mesmo assim atirei quase ao acaso e com surpresa vi o animal cair querendo ainda se agarrar aos ramos. Ao bater no chão estava morto. O dia me encheu as medidas e eu voltei a casa com uma pesada caça às costas.

Conforme o costume, os índios já me esperavam, sentados à minha porta. Eles não me temiam mais. Entre esses selvagens figuravam os parentes do pobre Almeida, aqueles mesmos que, na opinião do meu ex-hospedeiro, eram tão supersticiosos e tinham sido causa de minha saída de lá. Pinteí diante de todos eles, e de quando em quando exclamavam cheios de admiração: “Tal e qual! Tal e qual!” Se quisesse continuar no trabalho, não teria dificuldades em conseguir modelos. Pagava uma pataca a cada um, ou sejam, 16 *sous*. Depois distribuía cachaça; primeiro, os homens, após, as mulheres. Era generoso, pois de cada vez gastava uma garrafa. Quando esta ficava vazia, todos se retiravam, sem mesmo se despedir de “seu Bia”. Eu tinha algumas protegidas, que ainda não haviam posado. Para essas, reservava uns cálices de cachaça, às escondidas. Uma delas, certa vez, aproveitando-se de minha distração, roubou-me uma garrafa e bebeu-a inteirinha. Ao terminar começou a



gritar e a rolar pelo chão em contorções horríveis. Compreendi que dizia estar envenenada; que bebera uma das minhas drogas. Eu realmente costumava afirmar existirem nas minhas garrafas tóxicos violentíssimos, a fim de que não procurassem furtá-las. Meus dedos, manchados de nitrato de prata, atestavam quanto os líquidos de que me servia eram perigosos. Mas, no caso, eu sabia bem tratar-se de bebedeiras, e como o marido da ébria principiasse também a berrar em coro com a mulher fui obrigado a pô-lo fora de casa.

Procurei provar tudo quanto por ali se come e experimentar todos os objetos de que se utilizam. Fora testemunha dos extraordinários resultados obtidos com arcos de duas cordas chamados bодоques, os quais, em vez de serem armados com flechas, são-nos com pedras ou com bolas de argila seca. Nenhum fuzil consegue atirar mais longe do que esses bодоques. Fiz experiências, mas confesso não ter conseguido grande proveito. O mais que obtive foi jogar uma pedra a dez passos em um alvo de vinte pés de superfície.

Deveria pensar no regresso. Iam-me faltando roupas. Mas, antes de partir, tomara comigo mesmo o compromisso de pintar um panorama a fim de possuir uma visão de conjunto de uma mata virgem. Outrora estivera num terraço de Alexandria com o propósito de copiar tudo quanto me rodeasse. De um lado o mar, a ponta do Serralho, os enormes edifícios do porto; do outro, o forte Napoleão, a coluna chamada Pompeu, as agulhas de Cleópatra, os vestígios da Biblioteca e ao fundo o deserto de Barea e a ponta do Farol. A umidade do mar estragou-me esse primeiro panorama.

Tempos depois, quando o navio *Lilloise*, do comando do capitão Blosseville, perdeu-se entre os gelos, o governo mandou em socorro aos mares polares a corveta *La Recherche* e eu fiz parte, espontaneamente, dessa expedição. Atingimos 80° de latitude N. no Spitzberg. Passei 15 dias dentro da neve; quase perdi os dedos com o frio, porém concluí o panorama da baía de Madalena, ao nordeste da ilha. Ainda passados alguns anos encomendaram-me um trabalho para ornar uma das salas do Jardim das Plantas. Reunira em torno desse panorama tudo quanto pudesse interessar na moldura desse cenário habitado apenas por ursos brancos, raposas azuis, renas e morsos. Já uma parte dessa sala estava terminada quando me vi interrompido nesse trabalho tão interessante

para mim pela hostilidade de quem dirigia os assuntos concernentes às belas-artes. Para realizar o terceiro panorama devia me sobrepor a outros obstáculos: os mosquitos. Devo referir-me a eles ainda uma vez pois se achavam sempre em cena. No sítio que escolhera para trabalhar era-me impossível evitá-los: ou suportá-los ou desistir. Resignei-me, embora no primeiro dia quase não pudesse fazer nada. No outro dia Manuel acendeu uma fogueira que afugentou um tanto os insetos; depois voltaram à carga ainda mais terríveis e não obstante os esforços do criado atacavam-me os olhos, o nariz, o corpo todo, obrigando-me a fumar um cigarro cujo cheiro e fumaça me causavam nojo. Na manhã seguinte armei um mosquito com quatro paus e meti-me debaixo dele como o fazia no Rio na minha cama do palácio. Era o único jeito a dar. Tinha, entretanto, pequeno inconveniente: o pano do mosquito era verde e tudo quanto eu pintava saía dessa cor. Contudo, sentado nessa espécie de barraca, estava protegido contra as picadas, via e ouvia, com certo ar de desafio, milhares de maruins investirem contra meu fraco abrigo e sitiá-lo em vão. Posto que menores do que os mosquitos comuns, eles são mais perigosos pois deixam na pele um líquido venenoso.

Pude trabalhar em segurança alguns instantes; de repente uma alfinetada na testa. Matei o agressor após longa peleja. Retomei a paleta. Outra mordidela, outro combate. Sem querer fiz uma brecha no mosquito e deu-se imediatamente uma invasão. Era demais! Atirei tudo ao chão: mosquito, pincéis, caixa de tintas, o diabo. Quis puxar os cabelos com desespero, mas eram tão curtos! Se Manuel estivesse ali, ter-lhe-ia batido. Rasguei o mosquito e quebrei os paus de suporte. Ao regressar a casa, mais calmo, convicto de que a cólera nada constrói, tentei outros recursos. Pensei em usar uma máscara de esgrima e quis fabricar uma com arame; não deu certo e voltei-me para outro processo de defesa, talvez o melhor. Adaptei ao meu chapéu de abas largas um pedaço do pano do mosquito à guisa de véu de noiva. Caía-me sobre os ombros protegendo-me assim o pescoço. No lugar dos olhos abria dois buracos sobre os quais colocava os óculos. Duas velhas saias envolviam-me os pés. A manhã seguinte ser-me-ia proveitosa, e ao clarear parti satisfeito. De fato tudo decorreu maravilhosamente. Desta vez poderia desafiar os adversários e pintar à vontade. De súbito, os óculos voaram; eu lhes havia dado uma pancada que felizmente não lhe quebrou os

vidros. Um maruim se metera entre os óculos e o meu olho esquerdo. Estava definitivamente vencido. Desisti das armas defensivas e aceitei o martírio. Ai de mim! Embora sem nenhuma esperança de ser canonizado, suportei durante três semanas sofrimentos de que nem quero me lembrar, nem tampouco referir, pois não seria compreendido. Ao cabo desse tempo mal se me viam os olhos de tão inchado o rosto, mas, como na vizinhança do pólo norte, entre os ursos brancos, acabara o panorama. Compunha-se de seis partes e, como de costume, pintara-o com a maior honestidade, copiando servilmente árvores, plantas, flores, tal como procedera com as geleiras e os rochedos negros e agudos do Spitzberg. Considerei esse panorama minha obra-capital. Lograra atingir meu principal objetivo e, agora, depois de mais umas percorridas pelas matas, iria deixar estes sítios que, apesar dos infinitos incômodos a oferecerem e não menos riscos que se correm, nos levam a perder a lembrança do passado e nos contagiam com essa doença a que o capitão Mayne-Reid, no seu romance *Lês Chasseurs de chevelures*, dá o nome de febre do campo. Vivi como um selvagem, alimentando-me quase sempre do que caçava, sem obrigações a cumprir, sem direção certa, mas também sem afetos. Contava somente comigo mesmo. Prodigalizava-me essa vida um grande encanto e quase me acostumara a ela como se outra diferente nunca houvera levado. Por isso não podia conter certa pena de partir. Consolava-me apenas a convicção de ter aproveitado bem o meu tempo.

Caçava enquanto minhas telas secavam; passei os dias inteiros a percorrer as matas que cercavam a casa abandonada. Uma noite, ao ouvir certo rumor, desci da rede e senti uma picada no pé. Acendi a candeia e tive a surpresa de ver quase um litro de feijões reservados para meu jantar do dia seguinte, a caminhar pelo chão, como se tivessem pés. Era uma tribo de formigas, das cabeças grandes, que invadira minha morada e carregava o resto de minha despensa. Pode-se daí avaliar bem o tamanho dessas formigas. Afugentei-as atirando-lhes água e voltei à rede resignado a no outro dia ter de procurar com que substituir meu jantar perdido. A experiência me ensinara que as formigas, ao descobrir um celeiro, costumam repetir as visitas, e, por isso, procurei acautelá-las tomando a precaução de, antes de me deitar, pôr umas cascas de laranjas perto da entrada de casa. À noite as formigas voltaram, como

esperava, e se refestelaram com o meu presente. O ardil serviu-me e tive de repeti-lo. Mas, a gente se cansa de tudo, até de dar de comer às formigas. Ao quarto dia me esqueci da precaução e fui me deitar julgando estar livre da invasão. As formigas não seriam indiscretas a ponto de insistir mais diante da minha anterior generosidade. Ao despertar, percebi estarem roendo a palha do telhado; ouvi também outros ruídos pelo chão. “Pensei com meus botões; conheço esses rumores; são as formigas que, formando dois grupos, tesouram as folhas do teto enquanto outras, embaixo, carregam os despojos para os formigueiros. Roubar feijões e cascas de laranjas, vá lá! mas palhas!... Não compreendia a vantagem...” Riam comigo próprio da partida que pregara às formigas. Ah! O dia clareou... O que as formigas haviam roído, sobre minha cabeça, fora o panorama. Vi-o todo recortado, quase destruído. Cada tela parecia um desses brinquedos para ensinar geografia cujas peças recortadas nas bordas são destinadas a se inserirem umas nas outras formando um todo. A cabeça de Medusa estava diante de mim... tanto trabalho, tanto sofrimento para tal desfecho! Quedei-me por mais de uma hora a contemplar esses destroços, descrendo da realidade, e experimentando sincera dor. Se aquilo me acontecesse em Paris, por exemplo, teria apenas o incômodo de dar uns passeios de trem e depois de umas horas à sombra, tranqüilo, reconstituiria o panorama. Ali, porém, passei o dia a chorar como um menino, sem saber mesmo que fizesse. Mas, lágrimas não dariam remédio a nada; tratei de colar os fragmentos das telas uns nos outros e no dia seguinte votei-me ao suplício de restabelecer minha obra. Cinco dias foram necessários para reparar os danos das formigas. O destino devia-me algumas compensações. Tive de enfrentar, durante esses cinco dias, a visita de animais bem malévolos; vali-me da espingarda que não me saía de junto. E fui assim aumentando as coleções. De uma das vezes matei com a coronha da arma uma grande cobra que se aproximara bastante de mim. Afinal, o panorama ficara de novo concluído. E só Deus sabe minhas preocupações até vê-lo seco de todo. Ao menor ruído, despertava, punha-me em pé, alerta. Todavia, a força das vocações é tão poderosa que em meio desses transes idealizava um quarto panorama: o do rio Amazonas com as suas pororocas.

Empolgara-me a paixão do deserto. Ia trocar as grandes matas pelo grande rio, sempre com o ideal de realizar estudos interessantes.

Nos últimos dias que passei na floresta obtive um companheiro de caça, um índio, verdadeiro, “pernas de couro”, alto, magro, de uma admirável perícia. Trocando o arco pelo fuzil abatera num dia cinco porcos do mato através de uma dezena de léguas, entre caminhos tão cheios de obstáculos que por eles nesse mesmo tempo eu não teria percorrido um quilômetro. No dia seguinte me veio comunicar haver perdido seu facão dentro do mato, mas voltando até lá achara o objeto perdido, num sítio onde eu não distinguiria um boi a dez passos, de tal modo intrincada era a vegetação. Contou-me, então, que o pai, melhor caçador do que ele próprio, quando perdia uma flecha, atirava outra na mesma direção e depois ia buscar as duas.

Afinal chegara o dia da minha partida. Ia deixar as grandes matas. No dia de Páscoa, um ano justo após minha despedida de Paris, voltei mais uma vez a esse lugar em que, malgrado certos desapontamentos e incômodos, de que tanto já falei, talvez mesmo de mais, vivera feliz; ia rever a casa abandonada, as laranjeiras cobertas de frutos e despojadas de folhas, dizer adeus ao caminho onde me abrigava do sol e passava os dias a caçar ou desenhar. Permaneci por longo tempo sentado num tronco de árvore, era meu canapé habitual. Ali não havia mosquitos. Muitas vezes cheguei a dormir sobre esse tronco, sonhando com o que constituía toda a minha existência. Nesses sonhos sempre pintava obras-primas. Bastava-me escolher entre os animais maravilhosos que se ofereciam ao cano de minha espingarda os que queria abater. Minhas refeições eram esplêndidas. Comia sem recear indigestões bananas enormes, feijões do tamanho de nozes e o mais que quisesse. Ai de mim! Esses sonhos não me voltarão ao cérebro. Vou de novo para a cidade; vou me meter nos trajos civilizados, calçar meias e sapatos, pôr meu chapéu de ridículo formato ao invés do de abas largas usado no campo. Regresso com certa melancolia ao meu teto rústico e no outro dia tomo a canoa que desce o rio Sanguaçu tão rico de doces impressões para mim. Vi, depois, outros rios, outras margens, outras florestas impenetráveis, e, sempre como ao ir descendo este rio, curvei-me ao encanto cuja lembrança vive presente no meu espírito. Seja qual for minha disposição de alma, não me recordo dessa travessia sem profunda saudade. Durante esses seis meses de minha vida empreguei bem todos os minutos. A saúde, abalada pela demora no Rio, revigorou-se, mercê dos exercícios e

das fadigas a que me impus. Obtive maior robustez e uma grande indiferença perante todos os perigos. As cobras que temera tanto já não me inquietavam, mesmo dentro do mato onde meus pés nus poderiam pisá-las a qualquer momento. E, no entanto, teria todas as razões para ter medo delas, pois vira mais de um índio morrer picado por essas serpentes. Matara dois porcos do mato; ouvira muitas vezes urros tremendos e desconhecidos perto de mim. Nada conseguira interromper o trabalho a que me devotara. Enfim eu estava retemperado, conforme predissera o general belga que despertara meu interesse pelo Brasil. No meu regresso, tornara a avistar os coqueirais debruçados sobre o rio e me curvara sob as árvores enfeitadas de parasitas. Outra vez os enormes caranguejos a fugirem de mim valendo-se das disformes patas. No alto, em agudos grasnidos, os gaviões brancos. E toda essa vegetação primitiva, pouco a pouco a desaparecer, a tomar fantásticas formas, imitando estranhos templos. Nas vizinhanças do mar, os mangues ressurgiram a nossas vistas. É preciso ver esses imensos mangues, cujas raízes desenhavam arcos, para se ter uma idéia da sua extensão, avançando pela água salgada, a perder de vista como uma extraordinária inundação.

Fez-se sem acidentes minha viagem de volta e alcancei Santa Cruz, onde consegui a chave de uma casinha para me instalar. Manuel viera comigo. Infelizmente teria de demorar um pouco, pois somente com vento favorável atingiria Vitória. Queria acompanhar minha bagagem e contratei uma canoa, pois não dispunha de cavalo para me transportar por terra. O canoeiro era um valente português chamado Domingos. Não seria isenta de riscos a travessia, porquanto o trajeto marítimo era de 30 léguas. Assentou-se embarcar primeiro a bagagem e logo que o tempo permitisse a partida eu teria aviso para ir também para bordo. Na hipótese de partir à noite deixaria a chave de minha casa pendurada à porta do vizinho. Mas o vento custou a se mostrar favorável, como da outra vez. Não encontrava distração em nada; a vida na floresta tirara-me o interesse para outros cenários. Os próprios assuntos para pintar eram banais; conhecia os arredores; restituíra minha famosa espingarda. Contudo, sendo a caça ainda uma ocupação capaz de me distrair um bocado, ali tomei emprestado um fuzil de dois canos. Ruim mesmo. Gastava vinte cartuchos para dar dois tiros, e isso por um cano apenas, porquanto o direito estava obstruído. Servia-me apenas do esquerdo.

Outrora subira por um caminho na montanha e lá me ensaiara como caçador. A vegetação, nessa época luxuriante, enchia de sombra toda a encosta até ao alto, de modo que podia, meio escondido, atirar para todos os lados sem que ninguém me perturbasse. Agora, porém, o aspecto era outro. As chuvas copiosas de dezembro e janeiro haviam causado grandes estragos; uma parte da colina abatera soterrando dezessete casinhas. Do antigo esplendor vegetal restavam troncos, folhas e galhos secos, escombros. Metade do caminhezinho meu conhecido resistira à avalanche, mas justamente o trecho que ficava acima do desmoronamento e portanto se tornava arriscadíssimo ir até lá, sem ponto de apoio e na iminência de cair de uma grande altura sobre destroços de toda ordem que, como de hábito no sul, ninguém pensava em retirar dali. Vi descerem por esse caminho alguns indivíduos que me faziam lembrar cenas de ópera-cômica, como as de *Fra-Diavolo* e outros bandidos célebres, envoltos em longos mantos. Eu preferia subir por outras veredas, mais seguras, embora com grandes rodeios e poupando-me do sol. Numa dessas excursões, tive saudades de meu lápis e parei para pintar qualquer coisa. Abriguei-me sob uma árvore. Mal principiara o meu esboço ouvi gritos que me pareceram de entusiasmo. Olhei. Era um bando de capotes que se aproximavam de mim e sem dúvida gritavam daquela maneira para me estimular ao trabalho. Apressei o esboço e mudei de lugar. A uns cem metros de distância julguei-me em sossego, fora do alcance de algum indiscreto amador. Desta vez surgiram bandos de periquitos a pousarem nos galhos de uma árvore. Largo o lápis e tomo a espingarda. Faço pontaria e vou atirar quando de novo atroam os ares com maior estridência ainda os gritos dos capotes. Fiquei tão danado que fiz fogo sobre eles. Por sorte o tiro falhou.

Já confessei não ter grande queda pela caça. Por isso, sem dúvida, não tornei a carregar a arma. Vali-me, porém, de algumas pedras e atirei-as a esmo contra as aves, dispersando-as e vingando-me dos aperreios que me proporcionaram com o seu berreiro causador da interrupção de meu trabalho e do fracasso do tiro aos periquitos.

Achava-me nesse momento em local descoberto, e afora raras árvores não se via senão ralos matos que se prolongavam até a entrada de uma floresta onde ainda não entrara. Tinha enriquecido minhas coleções um ervário composto de folhas que pelas suas formas me pareciam

interessantes para levar comigo à Europa. E como nada tinha a fazer de melhor tomei a direção da mata de que falei há pouco. Desde que fora obrigado a demorar em Santa Cruz, adquirira o hábito de passear com as mãos para trás e levando minha espingarda como se fosse um cacete. Ia assim caminhando a esmo através das árvores, de cabeça baixa, procurando quaisquer plantas que valessem a pena ser colhidas, e sem me preocupar com os empecilhos armados pelos cipós. Não tinha pressa e não dispunha de faca para cortar esses cipós e abrir caminho; ao me ver metido nessa rede de lianas que à primeira vista parecem não ter força para prender um coelho e que no entanto possuem resistência de ferro, era obrigado a fazer um esforço de quem arrasta um carro para prosseguir na marcha. Muitas vezes tive de desistir de continuar o passeio por aquele caminho, confessando assim não ser o mais forte... Foi numa dessas lutas com os cipós que percebi certo ruído perto de mim e ergui a cabeça... Havia uma árvore cujos galhos tinham crescido muito baixo e para os lados de tal jeito que se enlaçaram vigorosamente às árvores vizinhas. Em cima dessa árvore, cuja copa espessa me oferecia sombra e era quase de minha altura, descobri estupefato três gatos do mato prestes a pularem em cima de mim. Não podia recuar nem fugir e não trazia minha faca; a espingarda estava descarregada no cano esquerdo e com o direito eu não podia contar por ser inútil. Além disso, mesmo que disparasse, seria com chumbo miúdo. Acrescia a dificuldade de mudar a posição da arma sem grande ruído. Essas reflexões passaram pelo meu cérebro com mais rapidez do que eu mesmo supunha. No entroncamento dos galhos, encontrava-se o maior e o menor dos animais. O terceiro aboletara-se num ramo mais alto. Afeito a derrubar papa-moscas em pleno vôo, só me restava uma decisão a tomar, e era a de apontar bem nos olhos um dos bichos, o mais próximo de mim. Nenhum dos três se mexeu talvez por enxergarem no meu rosto qualquer coisa de estranho. Fiz uma pontaria cuidada, e quando por um quase milagre o tiro partiu ouvi um rumor de folhas, sem poder ver nada: a fumaça não se dissipava logo sob aquela abóbada de verdura. Peguei a arma pelo cano, e fazendo dela uma clava dei uns passos à frente, procurando sair do círculo de fumo. E compreendi ter sido ótimo o tiro: os dois gatos monteses tinham sido atingidos. O maior, embora com os olhos vazados pelo chumbo, ergueu-se do chão, apoiando-se nas patas traseiras; dei-lhe uma



pancada na cabeça, porém ele novamente se levantou e pôde se esconder por entre a vegetação. O menor, também cego, estava caído e miava dolorosamente. A custo consegui matá-lo. Fiquei ansioso por me ver longe dali, mas fui obrigado a demorar-me bem uma hora à procura dos pedaços da espingarda que eu quebrara com as pancadas dadas nos dois gatos do mato. Essa arma me fora emprestada e teria de restituí-la. Ficaram-me nas mãos apenas o cano, e com ele teria de me defender se os animais me atacassem de novo. Finalmente pude me apanhar fora da floresta, levando, porém, uma das minhas vítimas amarradas pela cauda. Respirei à vontade cá fora. Alcançando a escapada vereda de que já falei, por ela mesma tomei, não obstante os perigos, porque não me agradava perder tempo em procurar outro trajeto menos arriscado.

Devo confessar que minha entrada triunfal na povoação, com o fuzil partido, a cara e a roupa sujas de sangue, o animal morto às costas, causou sensação. Cinquenta índios de ambos os sexos me acompanhavam, revelando grande espanto. E a esse espanto se misturava certo terror. Viam em Santa Cruz pela primeira vez um gato do mato. Todos queriam ver o que eu matara. Ao chegar a casa tratei de tirar a pele do animal. Dei a carne aos vizinhos, que com ela prepararam um saboroso prato. Provei também dela, mas achei-a amargosa. Não me afizera bastante ainda à vida dos indígenas para achá-la gostosa. Mais tarde me pareceria excelente.

No outro dia voltei ao local da luta com outras pessoas. Demos uma batida rigorosa nos arredores sem encontrar rastro do outro animal ferido. E ficou nisso a aventura. Eu havia passado a noite inteira a sonhar com os olhos brilhantes e fixos do gato; acordei várias vezes assombrado. Poderia ter, acompanhado como estava, me metido mais de mata adentro, mas nem levava espingarda e não me seduzia outro encontro em situação pouco favorável.

Entrementes os dias corriam e o tempo não mudava. Quando me sentia cansado de caminhadas pela areia ardente e o calor me impunha a procura de um abrigo, recolhia-me ao casebre de um velho negro que não era escravo, o qual se encarregara de consertar a espingarda, embora demoradamente. Esse pobre homem exercia várias profissões; era muito vagaroso no trabalho e somente se animava quando fazia vibrar seus dois sinos. Porque o negro, além de serralheiro, era sacristão

da catedral a que já aludi, sem prejuízo também de seu outro ofício – o de sapateiro remendão. Sendo livre, podia usar sapatos, e nunca vi outros do tamanho dos dele, aliás muito de conformidade com seus enormes pés.

Meu amigo negro, apesar de todas essas acumulações, ainda achava tempo para criar perus e patos. Ao ver sua criação lembrei-me logo de que durante a viagem a empreender, se os ventos contrários a tornassem mais longa do que o previsto, teria necessidade de víveres. Na minha bagagem conduzia ainda a famosa sopeira que já me prestara tão bons serviços e que novamente me poderia proporcionar. Comprei do velho um dos seus patos, pagando-lhe mais de 10 francos. A dona da casa preparou muito bem a ave e me entregou pronta na noite de minha partida. Os ventos haviam afinal mudado. Coloquei em sítio seguro a sopeira e fui meter a chave de minha morada debaixo da porta indicada. E despedi-me de Santa Cruz.

Compunha-se a tripulação do nosso barco de um negro e dois índios, sem falar em Domingos. Partimos às 3 horas da manhã e fomos correndo sobre essa casca de noz com um tempo esplêndido. Ia Domingos ao leme entoando sem cessar cantigas edificantes, e tudo decorreu sem anormalidades até ao anoitecer, quando cessou o vento repentinamente, prenunciando uma tormenta ou uma calmaria, duas circunstâncias pouco tranqüilizadoras. Continuaram os cantos, o que não evitava um balanço que ora me atirava para um lado ora para outro. Todavia, consegui adormecer profundamente, mesmo porque precisava recompensar a quase vigília da noite anterior. E foi bom dormir, pois mais tarde o vento voltou a soprar, e pela manhã entrávamos no porto de Vitória. Tornei a ver o homem do porta-voz, a fortaleza, e afinal a cidade. Lançou-se o ferro defronte da casa do dono da embarcação, e ao deixá-la penetramos num armazém repleto de objetos dos mais díspares: montes de louça de barro, pequenos mastros, rolos de cordas, etc., tudo numa confusão do outro mundo. Havia ao fundo uma escada de madeira que dava para os aposentos da família de Domingos, e lá em cima existiam vários quartos separados por tabiques e de paredes nuas. Por todos os lados, redes penduradas.

Apresentaram-me à dona da casa, que não demorou seu oferecimento de hospitalidade. Aceitei-a, embora preferindo me instalar no

armazém. Para comer trazia o meu pato e ele me daria para aguardar a chegada de Mucuri, velho conhecido, o que se daria dentro de dois dias. Podia, portanto, dar-me ares de Lúculo, sem economizar alimentação. Mandei apenas comprar bananas e pão; ainda dispunha de um pouco de açúcar; deram-me uns limões e com eles preparei uma gostosa limonada, bebida de que nunca me esqueci, pois me curara de um começo de doença trazida do Rio. Com o auxílio de um jovem indígena, tipo risinho e amável, construí uma espécie de estrado, valendo-me de algumas tábuas existentes no armazém, e tudo me correu bem. A esse indiozinho, em gracejo, costumava dizer ir empalhá-lo como fazia com meus passarinhos; ele ria-se à vontade, o dia inteiro, com a minha ameaça e quase demonstrava esperanças de que ela se viesse a objetivar. Torcia-se de riso quando eu o agarrava pela roupa e fingia ir abrir-lhe a barriga com toda precaução para não estragar-lhe a plumagem... Abria tanto a boca, nas risadas, que eu tinha a impressão de que suas orelhas exerciam a função de evitar que os lábios distendidos dessem volta pela sua nuca. Era também um perito marinheiro, esse rapaz. Queria se encarregar de minhas encomendas e não me deixar nunca, mas o dono temia tanto quanto o próprio rapaz ser pegado para servir no Exército, como acontecia freqüentemente com os indígenas. Deste jeito ele não arredava pé da embarcação nem do armazém: virara meu cão de guarda. E assim se comportou durante todo o tempo de minha estada ali, que por sinal se prolongara por haver se atrasado na chegada o navio em que deveria embarcar.

Se nesse armazém em que me hospedara gozava de inteira liberdade, contudo não me pude poupar inteiramente a alguns aborrecimentos: os meninos de Domingos dormiam num aposento por cima do meu; as tábuas do soalho não eram bem calafetadas, e daí certas coisas desagradáveis que caíam lá do alto causavam transtornos... Procurei armar a rede num sítio menos exposto, convencendo-me do erro de tê-la antes pendurado bem embaixo das camas das crianças...

Fui visitar a família Penaud e desculpar-me de não ter aceito a hospedagem oferecida. Conhecera, já, como se sabe, de que natureza era a hospitalidade dos europeus e preferia a do armazém, não obstante certos episódios noturnos. Uma manhã, por exemplo, encontrei dentro do meu chapéu uma galinha acorada e um ovo fresquinho. Pouco a

pouco, entretanto, a família Penaud conseguiu desarmar minhas prevenções e tanto insistiram nas amabilidades que fui a sua casa jantar, caçar e passar as noites até que o vapor chegasse. Consegui matar, ali, dois interessantes macacos, de uns que têm a cara branca cercada por uma cabeleira preta como o azeviche.

Certa vez, ao entrar em casa, encontrei, sentados sobre tonéis, as três principais autoridades da terra: o juiz de direito, o capitão do porto e o subdelegado. Meu amigo José, como se chamava o caboclinho, mantinha-se respeitosamente de pé, ao fundo do armazém, após haver anunciado às visitas que eu não demoraria. Por mais que me lisonjeasse essa deferência das autoridades, senti-me também um pouco humilhado. Vinham me oferecer igualmente hospedagem; fui obrigado a recusá-la, mesmo porque partiria no dia seguinte.

Afinal, o navio chegou. O Sr. Penaud e seus filhos tiveram a gentileza de conduzir minha bagagem a bordo, e depois de terem-na acomodado bem iam se despedir, quando me pediram o passaporte. Eu o havia entregue à polícia ao chegar, e é de praxe a autoridade devolver esse documento ao seu dono no barco em que pretender regressar. Dera-se, porém, uma confusão qualquer, e o passaporte não fora encontrado a bordo; teria de desembarcar com a minha bagagem. Foi quando o Sr. Penaud correu a terra, foi à polícia, e de volta me trouxe não somente o papel como o funcionário negligente que quase se ajoelhava a meus pés, pedindo-me não o botasse a perder.

Reconheci na maior parte a tripulação do barco que me levava; o comandante, porém, era outro, um homem gordo, coxo, sempre amparado numa bengala, ao andar. Perguntei-lhe que fora feito dos quatro feridos do acidente de 4 de novembro. O capitão bateu de leve com a bengala na cabeça de um negro que ia passando perto de nós e puxou-o pela camisa:

– Vem cá, Moricaud.

Era exatamente o mais grave dos feridos, aquele cuja morte o médico prognosticara. Tinha a pele toda cheia de cicatrizes, de manchas brancas semelhantes às de vitilígem. Fiquei contente de tornar a ver esse pobre diabo, e ele para agradecer nossa atenção abria a boca num largo riso e mostrava duas fileiras de dentes pontudos como os das feras. Não negava sua origem africana.

Após três dias e meio de travessia, entrávamos nessa imensa baía do Rio, sobre a qual se chocam sempre as opiniões. Uns a dão como maravilhosa, outros como não possuindo nada de extraordinário. Penso ter alcançado as razões dessas divergências. Os primeiros transpuseram a Guanabara ao cair do sol; a temperatura é suave; os vários planos das montanhas tomam os mais empolgantes matizes; não há monotonia na paisagem; revela-se a natureza brasileira em sua máxima pompa. Os outros, deprimidos e irritados pelo calor, não sabem ver bem as coisas. Seus olhos injetados percebem o cenário de um modo fatigante; tudo lhes parece triste, monótono, de um tom violáceo a envolver as serras.

Esta sensação eu experimentava desta vez contrariamente à que se me proporcionara no dia em que pela primeira vez entrara nesta baía, ao amanhecer, depois de ter caído rápida chuva a refrescar o ar.

Veio ao nosso encontro um bote tripulado por negros a fim de receber os passageiros que desembarcavam antes do navio ir ancorar ao seu ponto de costume. Logo que saltei em terra, fui ao palácio, mas sem o intuito de ali me aboletar. Asseguraram-me: os cupins haviam atacado de tal modo o edifício que o iam em breve demolir. Pouca gente o habitava; os negros que me serviram de criados não mais se encontravam ali; assim, depois de ter deixado minhas malas no antigo aposento, procurei um hotel. Apoderara-se de mim intensa tristeza, nesse primeiro dia, e pus-me a passear a esmo pelo largo do palácio, comparando meus pensamentos de agora com os que me enchiam a cabeça durante os seis meses passados nesta mesma cidade. Não via mais a civilização pelo mesmo prisma olhado antigamente. Perdera no âmago das florestas todo meu entusiasmo por este país a que poderiam tornar tão florescente e que, nesse instante de injusta melancolia, deixara de possuir a meus olhos o encanto de outrora. No dia seguinte lia-se num jornal:

“Ontem, um indivíduo mal vestido passeava em silêncio com as mãos às costas. Usava uma longa barba, como um profeta, e parecia estar tramando qualquer plano sinistro. Os meninos, ao vê-lo, se afastavam medrosos. Alguns polícias seguiam com as vistas os movimentos desse tipo suspeito e estavam prontos a contê-lo se acaso ensaiasse qualquer gesto criminoso.”

E no dia subsequente outra folha anunciava:

“A eminente personalidade a que aludiu ontem de modo tão desatencioso nosso confrade..., é o famoso artista francês Biard, que regressou há pouco de longa excursão pelas matas da província do Espírito Santo etc., etc.” Eu estava reabilitado.

Tratei logo de cortar a barba; um perito cabeleireiro francês penteou-me e frisou-me o bigode; comprei-lhe um preparado para afiar navalhas e procurei apagar do melhor modo a má impressão causada pela primeira notícia de jornal a que aludi. Pedi a meu compatriota para afiar as navalhas que durante a excursão pelo interior não me prestaram serviço, e ele não se negou a me atender. Achei se tratar de um trabalho tão insignificante que não merecia pagamento. Contudo perguntei-lhe por delicadeza quanto lhe devia, e ele me respondeu ser meu débito de 2\$0, mais ou menos seis francos... Querendo guardar uma recordação desse episódio, solicitei-lhe uma conta que ainda hoje possuo. Mais tarde procurei utilizar-me do tal preparado para afiar as navalhas, mas a coisa não deu certo e abandonei-o. Ao regressar à França, fiquei sabendo que se tratava de cosmético para bigodes, e essa descoberta fez crescer minha estima por esse prestimoso patricio.

Vários assuntos me prenderam no Rio mais de um mês. Não encontrei, porém, mais, ali, nenhum motivo de distração: nem passeios que tentei fazer pela cidade nem estudos de costumes pelos seus arredores. Ansiava por partir, fosse para a Europa, fosse para uma excursão pelo Amazonas. Visitei sem interesse as ilhas do Governador e de São Domingos, esta última aliás numa moldura de escolhos muito pitorescos. Debalde tentava desenhar ou escrever. Entre notas e esboços apanhados nessa época pelas ruas do Rio, encontro um gordo burguês que usa sobre sua impecável roupa preta uma opa de seda verde, e estende numa das mãos aos transeuntes uma bolsa escancarada. Que faria esse homem, assim encostado à esquina da casa que ficava fronteira ao meu hotel? Soube-o de sua própria boca: tirava esmolas e dizia invariavelmente aos que por perto passavam:

“Para as almas do purgatório, por amor de Deus!”

.....

V  
*O Amazonas*

DO RIO AO PARÁ

O NAVIO BRASILEIRO *PARANÁ* – PERNAMBUCO – PARAÍBA DO NORTE – OS QUADROS ALEGÓRICOS – CABO SÃO ROQUE – ASPECTO DO LITORAL CEARENSE – SÃO LUÍS DO MARANHÃO – PARÁ OU BELÉM – O INTÉRPRETE – O CÔNSUL – SR. BENOIT – O SUBÚRBIO DO PARÁ – MARAJÓ – ARAPITANGA

**A**TÉ QUE enfim me sentia livre. Faltava-me um criado; ofereceram-me um suíço afeito a viagens pelo interior. Já experimentava os inconvenientes de viver sozinho, mas o acaso me prestou um serviço: um francês que eu conhecia desejou regressar à pátria, mas, como não tinha muita pressa, resolveu ir primeiro ao Pará. Não podia pretender situação melhor: um companheiro e dispensa de criado. Dois proveitos num saco. Fizemos muitos projetos para a viagem; éramos todos os dois ótimos caçadores e planejamos verdadeiros extermínio de onças. Reservamos passagens no vapor *Paraná*, e fui despedir-me dos

imperadores. A 23 de junho partimos. As várias embarcações que levavam passageiros para o vapor foram forçadas a uma série de manobras que não pude compreender. Quando iam conseguindo atracar, o paquete mudava de posição a um movimento das rodas e se afastava. Essa brincadeira durou mais de uma hora. Afinal, disse adeus ao Rio. Eu e meu companheiro tínhamos escolhido os melhores alojamentos; ao irmos procurar nosso camarote, já dois companheiros de viagem se achavam lá. O camarote era de quatro camas. Faltou-nos a sorte. Esses companheiros eram um comendador brasileiro e um mulato. Havia também a bordo uma cantora francesa destinando-se à Bahia. Falava pelos cotovelos, sobretudo a respeito de simpatias brotadas de repente, sem que se saiba como. Essas arengas tanto se dirigiam a um caixeiro viajante propagandista de novidades (a julgar pelo número de pares de luvas mudados todos os dias), como a um moço recém-formado. À exceção do comendador, aquela sociedade de bordo não era muito brilhante. Comida boa, tempo favorável, embora o vapor jogasse um tanto. Três dias de marcha e chegamos à Bahia.

Não me movia grande interesse em ir a terra e, como a cidade não me agradasse, tratei de voltar ao vapor logo que terminei umas compras. Muito antes da hora marcada para a partida. Como tivessem descido na Bahia alguns passageiros, pudemos trocar de camarote, o que bastante nos satisfiz, pois, com o calor reinante, a vida em comum com quatro pessoas num só aposento não constituía grande agrado, e além disso o mulato roncava como um porco. Embarcaram nessa escala três mineiros ianques, iam para o Maranhão; dois nédios alemães e portugueses, chamados de “ilhéus”, tipos de classe inferior a tentar fortuna pelas cidades, uma espécie de *auvergnats*.

Em troca tínhamos deixado um tocador de violino que nos favorecera durante a primeira etapa da viagem com todo seu repertório, mediocrementemente interpretado, diga-se a verdade. Exibia, porém, ares de Paganini. Talvez se originassem do instrumento seus solecismos em harmonia... Ficara igualmente na Bahia um holandês baixote e rotundo, casado com uma cantora. Acabara de atravessar os Andes e contava tais aventuras com os selvagens dessas regiões que me sentia envergonhado da pobreza de minhas histórias de excursões pelas matas brasileiras.



Tanto mais quanto esse herói realizara todas as suas proezas metido num traje cor de manteiga fresca, com uns óculos verdes e um chapéu de pastor.

Nove horas da manhã quando entramos em Pernambuco. Um navio francês saído muito antes de nós chegara apenas na véspera. Nesse barco viajavam pessoas conhecidas de meu companheiro. Almoçamos a bordo e fomos depois visitar a cidade na qual não desembarquei quando passara vindo da Europa. Gostei muito mais dela do que da Bahia. É construída numa planície. Todavia voltei para o vapor com prazer, porquanto esses passeios ao sol do meio-dia fatigam bastante. Reentrei no vapor; faziam o carregamento de combustível tirado de grande e chata embarcação; negros com cestas cheias de carvão às cabeças efetuavam esse serviço. O fundo da embarcação estava cheio d'água e os pobres escravos patinavam nessa espécie de lama preta que felizmente não os podia manchar. O mestre era um tipo robusto e engraçado com suas costeletas negras e exercia a autoridade aos gritos, aos insultos, às pancadas mesmo, se os cativos, por cansaço, diminuía a atividade. Ouviam-se de longe seus berros.

Nosso navio ancorara no rio, por dentro dos recifes que protegem fortemente Pernambuco. As vagas golpeavam com altura e violência essa muralha. O paquete *Tyne*, no qual eu viera da Europa, achava-se, como da outra vez, fundeado ao largo, esperando desembarço para partir. Esperava-me um grande desgosto em consequência dessa coincidência de encontro do *Tyne* nesta cidade. Meu companheiro veio me anunciar que, forçado por certas circunstâncias, resolvera antecipar seu regresso à França, aproveitando esse vapor no qual lhe aprazia fazer a travessia. Esperava que essa separação não modificasse nossas relações de amizade. Não quis ponderar ter deixado de trazer um criado por contar com a companhia dele, nem manifestei pesar ou perturbação. Despedimo-nos, amigavelmente, embora me convencesse, mais uma vez, de que na vida não devemos confiar em ninguém.

Transitava pesada nuvem sobre a cidade e dali a pouco caiu fortíssimo aguaceiro. Ao sairmos à barra, à noite, o mar estava revesso. Na cama de meu companheiro instalara-se um sujeito enjoado a vomitar à vontade; obrigou-me a ir dormir no convés, apesar do mau tempo.

Felizmente esse companheiro indesejável desembarcou no outro dia na Paraíba.

Não vira, desde minha saída da França, porto tão pitoresco como o da Paraíba. Subimos o rio entre duas margens fartamente cultivadas. À direita havia um forte e um homem munido de um porta-voz. Transpostos esses dois aspectos comuns à entrada das cidades, quer grandes, quer pequenas, no litoral brasileiro, apresentou-se-me aos olhos a mais encantadora cidadezinha, banhada pelas águas do rio, e cercada de coqueirais. Os mangues ofereciam milhares de raízes, milhares de braços a se reproduzirem quando, curvando-se, tocam a terra e com ela fazem contato. Caranguejos formigam por todos os lados e fogem ao menor ruído de passos. Desembarquei com meu companheiro brasileiro que usa o título de comendador. Ele não sabia uma palavra em francês e eu não era forte em português, mas nos entendíamos maravilhosamente. A embarcação a nos transportar para terra chamava-se “montaria”, simples tronco cavado. Fomos almoçar num único hotel da cidade, e lá já encontramos outros viajantes, inclusive dois franceses, sendo um deles jovem engenheiro morador no Ceará. Depois, com o comendador, tratamos de conhecer a localidade. Mostraram-me um grande cruzeiro plantado num bloco de pedra. Um homem baixinho, com uma cabeça de gigante, servia-nos de cicerone: assegurou-me que tanto o cruzeiro como a igreja eram obra dos jesuítas. Esse templo, ornamentado de modo grotesco, com excesso de dourados, ostentava no entanto um caráter sombrio, fazendo evocar a época da inquisição. Vira já ornatos semelhantes nas igrejas de Espanha. À medida que percorríamos as várias capelas das quais o cicerone dizia maravilhas, um frade, com um burel azul, passou perto de nós. Era o único habitante da igreja. Disse-nos o guia ser ele muito rico, mas pouco amigo da caridade.

Diversos quadros chamaram-me a atenção. Um representava um crescente em torno do qual havia uma corda, e nele apoiada uma senhora vestida de azul parecendo voar. Quis saber o significado dessa tela e explicaram-me: o crescente era a lua e a dama, Nossa Senhora. O que me parecera uma corda era uma serpente que o poder divino prendera à lua, dominando o reptil.

Outro quadro me despertou a curiosidade; numa roda formada por frades, um deles estava com uma faca ensangüentada nas mãos e

com a cabeça encostada no chão, mostrando-se de semblante carregado. Nosso guia explicou-me: esse monge, no desespero de haver perdido a fé, resolvera, como maior punição, cortar a própria cabeça. Esse gesto parecia causar muito orgulho ao homem que nô-lo explicava, e eu, para diminuir a intensidade desse entusiasmo, lembrei-lhe o que fizera São Diniz: além de cortar a própria cabeça, beijara-a três vezes. Pensara ter reduzido meu guia ao silêncio, porém ele ponderou não ser a ação de São Diniz tão extraordinária assim, pois o mais difícil não seria beijar a própria cabeça, mas cortá-la.

Não tive tempo bastante para apreciar todas essas obras-primas dignas de figurar numa igreja da Alemanha, onde estive certa vez recolhido de um temporal, enquanto consertavam a roda de um carro. Não posso fugir à tentação de descrever um dos quadros dessa igreja. Duas pessoas se abraçavam; uma delas tinha do lado esquerdo, no sítio do coração, uma aberturazinha quadrada, com pequenos varões de ferro, através dos quais se via um menino tocando violino. Traduziu-me o sacristão o sentido da pintura: era a cena da Visitação. No momento em que Santa Isabel sabe que a Virgem se acha grávida, seu filho João Batista vibra de contentamento no seio materno. Há uma grande felicidade em se penetrar desse modo no sentido da alegoria.

A 2 de julho, à uma hora da tarde, passamos pelo cabo de São Roque, a ponta mais saliente das costas do Brasil. Desde Pernambuco vínhamos navegando entre a terra e o recife a se prolongar bastante, de sul a norte, paralelamente à costa.

Há vários dias notava, com certa pena, ser o litoral bastante árido: montes de areia alva contrastando com o azul do céu. As belas montanhas do sul, tão do meu agrado, ficavam para trás. Avistamos a estibordo o casco de um navio naufragado sobre os recifes. Vinha de Hamburgo essa embarcação, e o seu comandante, ignorando o perigo ali existente, por desconhecer a rota, foi bater nas pedras com toda a força das velas. Por milagre a tripulação salvou-se.

Toda essa costa se assemelha ao deserto do Saara. Praia baixa e areias movediças. Pela manhã passamos defronte da cidade do Rio Grande do Norte, que me pareceu pouco importante, embora não de todo desinteressante. Mas, como tive escrúpulos de molhar meus pés naquelas jangadas tão incômodas, consolei-me em me apresentar as razões da ra-

posa da fábula: estão verdes! A noite de 3 de julho passei-a toda no convés e ao despertar tornei a contemplar o sol já nascido entre as nuvens escuras e opacas que me haviam atraído a atenção quando da minha primeira viagem. Tentei desenhar algumas, mas, assim como as auroras-boreais na Lapônia apareciam e desapareciam, quando tendo ao lado um galho de resina inflamado, esperava noites inteiras pelo fenômeno; as nuvens atravessavam o horizonte com uma rapidez indescritível.

Houve nesse dia alguns pequenos acontecimentos: pescaram um bonito; uma gaivota vindo de terra pôs todo mundo alvoroçado; deram uma surra num grumete; o comandante riu-se duas vezes pela manhã. Esse digno homem, misto de militar e de burguês, era um pouco néscio, sem ser todavia vaidoso de seu posto e de suas funções, das quais a parte mais importante consistia em comer com apetite. Ao meio dia fundeamos no Ceará, também chamado Fortaleza. Cercada de coqueiros, essa cidade oferece agradável aspecto, posto o acesso seja feito por uma praia arenosa. A demora é curta: apenas para permuta de papéis e de correio. Vi passarem animais que me intrigaram sobremodo: maiores do que cavalos e parecidos com camelos. E de fato eram camelos trazidos da África, sem dúvida para experiências de aclimação. A região com seus areais lhes seria familiar. Jangadas em grande número constituem as embarcações típicas do Ceará. Acordei com muita dor de cabeça, depois de uma noite maldormida, a ouvir uma partida de víspera que durou até de madrugada. Passei o dia deitado sobre umas cordas apreciando os marinheiros e negros remendarem suas roupas, isto é, suas calças, pois poucos deles usavam camisas. Não tinha sempre um passatempo tão curioso e, não fora o sol que eu evitava, teria ficado dias inteiros a observar de perto essas costureiras tão diferentes das outras. Desde que dobramos o Cabo de São Roque, o sol foi se tornando cada vez mais incômodo. Nosso navio mudara seu rumo de sul a norte para navegar quase paralelamente ao equador, e nos colocava assim de face ao sol pela manhã, e perpendicularmente abaixo dele ao meio-dia. A 4 de julho foi esplêndida a tarde e teria permanecido parte da noite no convés se não me visse obrigado a me afastar dali por causa de um presumido oficial, que depois de entoar lamentavelmente as mais fortes árias de óperas italianas ainda se meteu a assobiá-las.

A São Luís do Maranhão chegamos a 5 de julho. Cidade construída em anfiteatro. Sem mesmo saber por quê, não experimentei grande desejo de visitá-la. Mas aceitei o oferecimento de alguns companheiros de viagem para ir com eles a terra; mudei de roupa rapidamente, agarrei meu álbum e ao voltar ao convés verifiquei que todos tinham tomado o bote sem me esperar. Era justo: eu não passava de um estrangeiro; essa falta de atenção me aumentou a solidão. Refleti: onde ia eu afinal? Ao Pará? Fazer o quê, se diziam que por lá não havia lugar para hospedagem? Para apresentar minhas cartas de recomendação precisaria antes de um canto qualquer em que me preparasse e deixasse minhas bagagens. Onde encontrar esse teto se mal falava a língua do país? Inda por cima soubera que o dinheiro trazido do sul perdia muito do seu valor no extremo-norte. Já no Rio o câmbio não me fora favorável: para obter uma moeda de ouro do valor de 20 francos tive de dar cédulas numa importância correspondente a 25. Sem certeza de ir mesmo até o Pará, comprara passagem até o Maranhão. O preço da passagem ao Pará era de 600 francos, ou sejam, 200\$0; durante a viagem, mudara de resolução e dera disso ciência ao imediato; tive então de pagar mais 50\$0, castigo para doutra vez saber logo para onde me destinava. Uma contrariedade nunca vem sozinha. Cansado de estar ali no convés a sós, pouco satisfeito com meus companheiros de viagem, voltei ao camarote que ocupava sozinho, disposto a fazer arrumações em vista de estarmos próximo da chegada ao Pará. E, no entanto, mais depressa do que esperava, raspei-me do camarote. Desde a Bahia viajava numa cabine vizinha uma família composta de um figurão, de ares insolentes, acompanhado da mulher e de duas crianças. Quatro pessoas metidas num pequeno aposento de onde quase nunca saíam e dentro do qual se respirava um ar fácil de avaliar. Só em passar defronte da porta desse camarote me arrepiava todo. Tudo era bom quando ia lá para cima respirar melhor; o contrário, porém, constituía um suplício. No meu camarote ou fechava a porta e abafava de calor, ou a abria e arriscava-me a uma intoxicação por mau cheiro.

De volta de terra, meus companheiros de viagem trouxeram jornais da Europa, e a leitura deles gerou discussões políticas. Gritaram à vontade e trocaram, como de costume, grosserias. Nos intervalos, o cantor de árias italianas assobiava seus trechos prediletos. Como viram,

o tempo foi bem empregado. Afinal, no dia 9 de julho, entrávamos nas águas do Amazonas: à nossa esquerda as terras paraenses; à direita, mais distante, a grande ilha de Marajó. Notava-se alegria nos rostos de todos os passageiros. A um calor insuportável sucedera um aguaceiro que dispersou o ajuntamento do tombadilho onde, apesar de tudo, o oficial melômano cantarolava. Preferi agüentar a chuva.

O comendador não sabia ainda em que parte iria se hospedar, o que me acontecia também. Outro tanto se dava com o cantor. Este, todavia, conhecia o Pará e um hotel – havia, então, um hotel! –, o que constituía uma fortuna para mim. Cheguei a perdoar-lhe as cantorias e nos entendemos no sentido de procurar cômodos. A despeito de nossa provável vizinhança, tinha esperanças de que os atrativos da cidade me livrassem de ouvir a música italiana desse homem.

Pará tem semelhanças, de longe, com Veneza. O aspecto da cidade com suas praias rasas, com suas árvores de pequeno porte tão diferentes das conhecidas nas montanhas do sul, não correspondia ao que me haviam dito dela. No Rio tudo quanto existia de maravilhoso vinha do Pará: os pássaros de mais esplêndidas plumagens; as frutas mais ricas de sabor, ananases, mangas, sapotis, abacates, etc., tudo era do Pará.

Desde que o vapor lançara ferros e faltou-nos a brisa do mar, tive a impressão de asfixia. Desembarcaram no cais, num barracão, nossas bagagens, e, confiando-as aos cuidados do comendador, fomos procurar alojamentos. A entrada do hotel era uma espécie de cozinha servida por gente tão suja e pálida que tive receio de que se tratassem de pessoas atacadas de febre amarela. Esses fantasmas arrumaram às pressas um aposento que nos seria destinado. Tiraram de lá cacaréus, potes quebrados, um berço, um barril de vinho. Esse quarto, mais ou menos do tamanho do armazém em que me hospedara na Vitória, era apenas separado por um tabique de seis pés de altura da outra peça em que dormiam misturadamente o dono do hotel, seus filhos, os cloróticos criados e os negros.

Arranjada casa e também comida, voltamos ao cais. O cantor conhecia os costumes da terra: cada volume de nossa bagagem foi levada por gente de várias cores, idades e sexos. Os objetos mais pesados tinham sido deixados para os menos robustos dos carregadores. Nada menos de 17. Encheram a cozinha e ainda sobravam pela rua. Afinal

todo esse batalhão entrou no quarto e formou em linha, por altura. Cada portador tinha o respectivo volume trazido a sua frente. Tudo se passara dentro da maior seriedade. E cada um recebeu, conforme seu trabalho, seu dinheiro. E fechamos a porta sem que deixássemos de ser obrigados a empurrar para fora alguns dos carregadores recalcitrantes em reclamar, e estes eram, aliás, os mais bem pagos. Essa maneira de conduzir os interesses me fizera perdoar a música vocal a um homem que tanto entendia de negócios. Mas esperei sempre um pouco para dar-lhe a absolvição. O jantar, como esperava, não foi precisamente bom: a cozinha portuguesa reduzida a sua mais simples expressão. Na mesma noite fomos correr a cidade com o comendador. Ruas largas, casas quase todas de um só andar, varandas a quatro ou cinco pés do solo. Terra vermelha nas ruas a sujar tudo o que é limpo; tive a prova disso ao voltar a casa para dormir.

Dispúnhamos apenas de duas redes num quarto destinado a quatro pessoas. Felizmente trouxera a minha. O comendador e o mulato seu companheiro de viagem ocuparam as do hotel. O oficial melômano entrou já tarde da noite e sem cerimônia, como a bordo quando cantava à vontade suas árias, pôs-se a falar alto, chamando o hoteleiro e os criados, reclamando uma cama, praguejando com fúria, e acabou saindo para ir procurar outra pousada. Eu estava tão danado quanto ele, e dessa vez amaldiçoei-o. O mulato não dera acordo de nada, roncando como um bicho. Acabei indo passar o resto da noite num terraço à luz de uma lua a brilhar numa atmosfera refrescada e que só começa a se aquecer ao sair do sol.

Com pesar soube no dia seguinte que não encontraria ali nenhum criado que falasse francês. Quando muito, havia um relojoeiro que talvez se entendesse comigo. Morava ao lado do hotel. Somente quem já viajou por um país cuja língua pouco ou quase nada se sabe, avaliará a satisfação do encontro de alguém a falar nosso idioma pátrio. O relojoeiro prontificou-se a me levar a todos aqueles para quem trouxera cartas de recomendação, oferecimento aceito com prazer. Fomos juntos às visitas; por toda parte o acolhimento se revestiu dessa maravilhosa hospitalidade tão característica entre os brasileiros. Preferi porém continuar com a minha liberdade, não aceitando os oferecimentos de

hospedagem, de vez que encontrara onde me alojar e aproveitei meu guia para fazer algumas compras.

Para achar coisas banais percorremos a cidade toda; um livroinho que em França custaria cinco *sous*, me custou cinco francos; encontram-se aqui objetos os mais disparatados numa mesma loja, como por exemplo sapatos ou guarda-chuvas onde se vende tabaco; um sapateiro expõe à venda também licor Chartreuse, violão e papagaios. E assim por diante. Procurei bastante uma escrivaninha; perdera uma caneta e não havia jeito de achar uma outra; por onde andei à procura me ofereciam, ao invés de caneta, lancetas para sangrar, objeto esse que havia por toda parte à venda no comércio do Pará; mas esqueci-me de me informar a razão dessa abundância tão estranha.

Em compensação, percorrendo as ruas, vim a saber que essas figuras pálidas, esses cadáveres ambulantes que me haviam anteriormente causado impressão desagradabilíssima, não eram doentes como julgara. E sim portugueses vindos das ilhas. Essa gente, por economia, quase nada gasta e come apenas bananas. Por isto anemia-se-lhes o sangue e perdem as forças. O regime dá-lhes essa coloração mórbida em que o verde predomina, o que todavia não os impede de enriquecer. Ao vê-los, meu guia gracejava: “Lá vai ali um futuro comendador. Todos eles acabam com esse título.” Tive desejo de pintar um deles, pela curiosidade do tipo, porém quando me dispunha ao trabalho via-me também pálido, verde e doente.

Por intermédio do relojoeiro tive esperança de achar um criado francês que habitava o Brasil há uns 32 anos. Não sabiam, entretanto, por que bandas ele andava. Fui visitar nosso cônsul no Pará, Sr. Froidfond. Morava num arrabalde chamado Nazaré, a meia légua do centro. Residência de gente rica. Como Catete no Rio uma espécie de “faubourg Saint Germain”. Encontrei o cônsul deitado numa rede muito pálido e muito magro. Trouxera também para ele uma carta do Sr. Taunay, que com sua costumada modéstia desculpava-se da liberdade de recomendar um homem como o Sr. Biard, não se julgando à altura de ser meu protetor. E de antemão agradecia o que pudesse fazer por mim. Por sua vez o Sr. de Froidfond me apresentou a esposa, filha da senhora duquesa de Rovigo, que eu conhecera em Paris. Aprazia-me sobremodo poder, ao chegar a essa terra, falar de pessoas que outrora me haviam



tratado com tanta benevolência. Ao manifestar minha intenção de alugar um criado francês, o Sr. Cônsul me desenganou desse propósito, porquanto, apesar de seu cargo, não conhecia ali ninguém em condições de me servir. Os franceses residentes no Pará eram comerciantes representantes de casas de Nantes ou do Havre. Tendo meu companheiro aludido ao velho francês não encontrado até agora, o Sr. Froidfond ponderou tratar-se de homem muito idoso e além disso dado ao vício da embriaguez. Que eu não caísse na asneira de tomá-lo como criado. Ninguém o suporta por muito tempo. No que diz respeito às matas virgens a que me destinaria para apanhar fotografias ou pintar, ele sentenciara: “Matas virgens? Não há mais! A não ser no fim do mundo!”

Essa notícia me decepcionou mais do que a da impossibilidade de conseguir o criado. Fizera uma viagem de mais de 500 léguas para obter essa desilusão! Todavia, ao me despedir do cônsul, não me dei por vencido, como não mo dera quando há um ano, no Rio, me garantiram que os índios eram uns mitos. Dizia com meus botões: “Hei de encontrar essas matas ainda que vá ao Peru.”

Continuava a habitar minha água-furtada com o comendador e seu mulato. O oficial melômano mudara-se e agora só me incomodava o roncar dos companheiros. Consegui diminuir a intensidade desses sopros noturnos assobiando com todas as minhas forças, recurso que aprendera nos postos da guarda-nacional parisiense e sempre com êxito. Meu vizinho de quarto me levou um dia com ele a visitar o presidente da província e para tal meti-me na roupa preta, solenemente. O sacrifício aqui era maior do que no Rio, pois nos achávamos em cima da linha do equador, e, malgrado o bom exemplo do povo da terra em se mostrar vestido à européia, aparecem igualmente nas ruas todos de branco sem se envergonhar do indumento. Eu estava assim no meu elemento. Contudo, para ir à presença do presidente, uma espécie de vice-rei... Meu maior inimigo teria sentido piedade de mim ao me ver, em pleno meio-dia, com um sol bem alto, meter-me no trajo de casimira. E como nesse momento tive saudade do tempo em que o sol projetava as sombras de meus guias até ao fundo do deserto da Lapônia, durante o longo dia de seis meses em que se mostra sempre no horizonte, dando-lhe volta sem nunca se encobrir! Estava então muito mais à vontade com meus três ou quatro agasalhos de lã, minhas botas compridas, minhas luvas de

pele de urso, do que ali no Pará, de roupa muito mais leve, colete de seda e gravata branca, ajeitados com um trabalho enorme. Quando quis enfiar as luvas, elas estouraram por todos os lados, o que foi muito bem feito, porque entre os conselhos que me haviam dado ao partir para aqui, e dos quais motejara a princípio, existia o de usar luvas costuradas com linha e não seda, pois esta com o calor se partia facilmente. De uma dúzia de pares possuídos, apenas uma pôde mais ou menos me servir; calcei a menos estragada e enrolei a outra na mão com que devia pegar no chapéu, esse chapéu a me apertar as têmporas e me fazer suar horripelantemente. Meu companheiro, no entanto, mostrava-se ufano: ele estava a gosto com suas calças, suas polainas e seus suspensórios. Partimos, afinal, munidos de guarda-chuvas, objetos indispensáveis, pois tanto servem para proteger dos aguaceiros como do sol. Alguns soldados negros ou caboclos, mal-uniformizados, cochilavam na antecâmara do palácio. O presidente teve a bondade de me mandar dizer que estava a minha disposição, lamentando não poder manter uma conversação seguida com pessoa tão particularmente recomendada. Terminada a audiência, voltei a casa às pressas e ali me despojei do traje de tortura, atirando-o para longe de mim, decidido a só metê-lo no corpo ao chegar à França, se tivesse a felicidade de rever a pátria um dia. Ao entrar, vi à porta do relojoeiro um indivíduo cuja cara me desagradara; tipo sujo, muito velho e muito feio; as sobrancelhas caíam-lhe pelos olhos, quase tapando-os; coxeava um pouco, defeito esse, soube-o depois, conseqüente a um ferimento recebido na perna por ocasião de uma das revoltas no Pará. Essa personagem pouco simpática me foi apresentada em um momento oportuno, porque eu me achava já metido numas calças brancas e nuns chinelos. Se a apresentação se houvera dado ao me sentir enfrornado na roupa preta, eu o teria botado para fora de casa. Era o francês Sr. Benoit, meu futuro criado. No Brasil costuma-se dizer a todos os criados de hotel: “Faça-me o favor de trazer minha sopa.” Se por acaso alguém conservar o hábito europeu de dizer: “Criado, minha sopa”, será logo julgado indesejável e ficará esperando. O indivíduo em questão era, portanto, o senhor Benoit; não podia escolher melhor e tratei de ajustar com ele o que desejava que fizesse.

Antes de tudo, queria que tomasse conta da cozinha, e instintivamente reparei suas mãos; depois, precisava que cuidasse de minhas

roupas e de meu calçado, e também notei o desalinho do seu traje; teria também de me acompanhar pelas matas conduzindo-me a bagagem, e para tal sua perna doente me causava inquietudes; finalmente teria de me servir de intérprete. Ao ouvi-lo a começo pensei tratar-se de um poliglota, porquanto me falou num idioma desconhecido, e como quisesse apenas quem conhecesse o francês e o português interroguei-o de novo quanto a essas línguas, tendo tido resposta quase incompreensível. Explicou-me, porém, o relojoeiro que o Sr. Benoit havia esquecido um pouco o francês e aprendido pouco o português, sobrando-lhe no entanto boa vontade, o que realmente verifiquei logo, pois, tendo lhe pedido para ir buscar uma cadeira à minha direita, ele se precipitou para a esquerda e me trouxe um chapéu. O episódio me decidiu: aluguei o criado por mil réis diários, afora a comida. Ele possuía uma rede e um bauzinho com uma calça e uma camisa para mudar. E por todo o tempo em que estive a meu serviço, o Sr. Benoit nunca mudou coisa alguma.

Tratei, então de escolher um sítio, próximo às matas, onde pudesse me alojar, mas surgiram logo impossibilidades; cada dia me convencia mais de que nesse país se encontra tudo, menos aquilo de que se tem necessidade. Certa vez manifestava meu descontentamento perante o cônsul quando avistamos um rapaz montado num cavalo branco. “Eis ali o de que você precisa”, disse-me o Sr. de Froidfond, “é o Sr. Gingembre, um engenheiro francês que mora em Nazaré: ele tem andado pelas florestas e conhece todos os índios das redondezas, com quem tem trabalhado.”

E o consul chamou o cavaleiro. O Sr. Gingembre pôs-se a minha disposição, e uma hora depois já fazíamos um passeio pelo campo, penetrando na mata pela estrada por ele construída. Após termos caminhado longo trecho à procura do que eu desejava, voltamos sem nada haver conseguido; tudo o que vira estava longe de me satisfazer; contudo, por não me ser dado exigir muito, tive de me contentar com o possível. Tendo andado por aqui e por ali, descobrimos um casebre bem escondido pelas árvores. Pertencia a um médico e era habitado por dois índios, um casal. Fomos sem demora ao proprietário; não se negou a permitir me utilizasse da casa, prevenindo-me, entretanto, de que me daria mal nela. Não compreendia meu desejo de viver ali apenas com o Sr.

Benoit, cuja reputação era bastante conhecida na terra. Isto, porém, só interessava a mim e eu me achava resolvido a fazê-lo.

Teve o Sr. Gingembre a delicadeza de me emprestar vários objetos de sua residência de solteiro e de me oferecer uma lista de outras coisas que me seriam indispensáveis. No dia seguinte, após me haver despedido do comendador, mandei transportar minha bagagem numa carroça. Tínhamos deixado Nazaré quando avistamos o médico vindo ao meu encontro para me prevenir de que uma das peças da casa, que ia ser habitada pelo casal de índios, estava com a coberta de palhas em mau estado, e por isso, até o necessário conserto, só me seria dado ocupar o outro aposento. Contrariadíssimo, desisti da mudança e o Sr. Gingembre me levou para sua casa, e não me consentiu sair de lá. Aceitei a hospedagem e em retribuição me ofereci para fazer-lhe um retrato a fim de que o enviasse à família, de quem se achava separado há tempos. Instalei-me assim numa sala do andar térreo, onde armei minha rede.

Benoit já fora criado do Sr. Gingembre e de lá posto na rua. Pedi desculpas pelo vexame de levar de novo para ali o velho francês, mas o Sr. Gingembre exigiu não lhe tocasse mais nesse assunto. O criado teve permissão de pendurar sua rede no corredor e no outro dia conduziu minha bagagem pela estrada, por onde ninguém passava e quase toda coberta de vegetação. Começou logo o serviço quebrando um frasco de nitrato de prata e de tal modo que estragou uma calça vestida apenas uma vez. Desmanchou-se em desculpas e prometeu-me ter doravante o maior cuidado com tudo. À tarde pisou uma chapa fotográfica, um retrato tirado do Senhor Gingembre para me servir de modelo ao que tencionava pintar para fazer-lhe uma surpresa. Fui no dia seguinte à mata, mas tudo me correu às avessas. O calor pregou-me várias peças: o colódio não queria colar direito, o éter secava imediatamente. Contudo, insisti em trabalhar. Afinal, desconfiando um pouco do Sr. Benoit, substituí-o por um negro no transporte de minha bagagem. O Sr. Benoit acompanhara-me e apreciava à distância o que eu fazia, apoiado num bengalão. Eu fingia não vê-lo, tanto me aborrecia a sua cara e sua pose, embora ele permanecesse assim à espera de minhas ordens. Queria adivinhar meus gostos e como o animava grande boa vontade podia estar certo de que um dia me seria útil de verdade. De fato, ele carregou meus

apetrechos com preciosidade e sem cometer nenhum engano, entretanto a um sinal que lhe fiz para se aproximar apressou-se em se afastar de mim o mais depressa que lhe consentia a perna aleijada. Vi-me obrigado a correr atrás dele, chamando-o em altas vozes, mas, sendo um tanto surdo e não compreendendo direito nem as palavras portuguesas nem as francesas, deu-me trabalho alcançá-lo.

Certa vez eu me achava sozinho a desenhar, à sombra, e de quando em quando a caçar qualquer coisa para experimentar uma magnífica espingarda inglesa comprada no Rio. Para voltar a Nazaré, era preciso caminhar bem uma meia hora debaixo deste sol causticante do Pará. Tirei, portanto, grande parte da roupa, tanto quanto a decência o permitia, e, como ninguém se afoite a andar por estas estradas ao sol do meio-dia, ia a minha vontade. Do outro lado do caminho passa vagorosamente uma cobra vermelha que matei com um tiro. Soube depois ser uma espécie bastante rara. Antes de entrar em Nazaré tive de passar em frente de várias casas de campo; à porta de uma delas dois senhores conversavam, e meu acanhamento foi enorme ao reconhecer num deles o presidente da província. Quis evitá-lo, era tarde: tinha sido descoberto com a minha serpente às costas. Se me tivessem dito dias antes que haveria uma ocasião em que lamentasse não estar metido na minha roupa preta, de botas de verniz e de luvas, teria tomado essa profecia como um gracejo de péssimo gosto e inimaginável. E, no entanto, nesse momento do encontro tive saudades de toda aquela atormentadora indumentária. O Sr. presidente pareceu-me interessar-se bastante pela minha caça e aproveitou o ensejo para conversar demoradamente comigo sobre o Rio e pessoas que me haviam dado cartas de recomendação para ele. Teria preferido raspar-me dali logo... Essa audiência, mais comprida que a primeira, teve afinal um fim, e ao me ver em Nazaré esfolei a cobra diante dos olhos do Sr. Benoit. Dois dias depois, ao acordar, vi o velho francês ao lado de minha rede com uma porção de cobras enroladas ao pescoço, tendo, porém, a precaução de segurá-las perto das cabeças. Por mais habituado que estivesse eu com as cobras, não pude conter certo receio ao ver um desses reptis pertinho de meu rosto, de boca aberta e língua de fora. E ainda me recordo de duas ou três cobrinhas a se enroscarem no chapéu do Sr. Benoit. Ele encontrara um negro que brincava com essas serpentes, pondo-lhes em frente um rato amar-

rado por um cordão, para gáudio das crianças negras e índias. Todas as vezes que as serpentes chegavam perto do rato, o negro as continha, passando-lhe ao pescoço uma palha em forma de gancho, podendo assim dominá-las sem receio de ser mordido.

No Pará todo mundo conhece as “boas” e sabem não ser elas venenosas; por isto em muitas casas elas substituem os gatos. São inofensivas, a menos que as provoquem. Se eu tivesse onde alojar um desses animais, já um tanto familiar para mim, tê-lo-ia comprado; porém minha habitação se achava tão abarrotada!... Agradei, todavia, ao meu pajem, que se precipitou sobre minha roupa para escová-la, o que não consenti. Escapara felizmente à sua culinária e devia ser prudente para evitar que se tornasse meu criado de quarto. Estava-me o Sr. Benoit como intérprete, sabe Deus de que força!...

Costumava freqüentemente dar um pulo até o centro da cidade. Em nenhum outro lugar vira a gente de cor trajar com tanto requinte como no Pará. As negras, e sobretudo as mulatas, graças aos seus cabelos ondedados, fazem penteados de grande altura e que dispensam os pentes. No entanto todas elas usam vistosas marrafas de tartaruga. Por sua vez as flores entram muito nesses ornatos femininos das cabeças. Essas mulheres às vezes apresentam-se com certo agrado para as vistas, com seus vestidos decotados e sempre de tecidos brilhantes. Quando não ia às matas, partia cedo de Nazaré e, como o fazia no Rio, percorria o mercado à margem do rio. Grandes e pequenas embarcações encostam no cais e os compradores do alto da muralha descobrem logo o que lhes convém adquirir. É aconselhável realizar suas compras bem cedo, pois depois de certa hora não se encontra mais nada que preste, principalmente carne.

Outro mercado oferecia menor interesse: era interior e a terra vermelha de que já falei, quando custa a chover, se eleva por todos os lados em nuvens imensas, sujando à vontade as roupas. Esse mercado é menor do que o da beira do rio, e se não me engano ali se expõem à venda objetos já passados pelas mãos de revendedores. Ali se vêem representantes de todos os cruzamentos de raças, desde o branco ao negro, passando pelos matizes de cor mais variados: mamelucos, tapuias, cafusos, mulatos, índios, negros.

Um bando de pretos encarrega-se de descarregar as mercadorias no cais; eles trabalham com ordem e sob a direção de um chefe. Somente ocasionalmente faço alusão a assuntos que entendem com a administração pública; minha sobriedade a esse respeito é patente, desde que me ocupei do Rio de Janeiro. Tenho em mãos um livro, porventura bem interessante, sobre o Brasil: nele fica-se sabendo vintém a vintém quanto custa cada ministério; o vulto da produção do café, do fumo etc.; fala-se no passado e prediz-se o futuro. Tudo isso está acima da minha capacidade de conhecimento: é por esta razão que deixo os outros se ocuparem dessas particularidades e evito louvá-las ou criticá-las.

Por intermédio do Sr. Gingembre travei relações com um francês, o Sr. Leduc, representante de uma casa de Paris, e este, por seu turno, me pôs em comunicações amistosas com outros compatriotas, senhores Gullière, de Nantes, Harismudi, do Havre, etc. Juntos realizamos uma excursão à ilha de Ara-Pitanga, perto da ilha das Onças e da de Marajó,<sup>4</sup> que é enorme e povoada de jacarés e de onças. Fornece ainda a ilha de Marajó o gado para abastecimento do Pará. Foi adverso aos bois o ano de 1859: as inundações do Amazonas destruíram os rebanhos quase por completo, e, como faltasse também carne-seca e feijões, os franceses, habituados a outro regime, viram-se obrigados a comer conservas muito caras, como tudo quanto vem da Europa ou dos Estados Unidos.

Partíramos num domingo em uma canoa e ao cabo de algumas horas de travessia alcançamos vasta fazenda. O dono da propriedade, um português, recebeu-nos e levou-nos logo à sala de jantar que servia de passagem aos outros aposentos da casa. Mesa sem toalha. Preferia estivesse já preparada para o almoço, mas a hora da refeição ainda vinha longe, o que me causou bastante tristeza. Nessa fazenda cerca de cinquenta escravos trabalhavam em cerâmica; mostraram-nos magníficos vasos de vários formatos; depois conduziram-nos ao pomar, onde existiam parreiras em que as uvas, com indefinível desgosto do proprietário, eram azedíssimas. Esse pomar, como os demais no Brasil, era traçado por alamedas entre canteiros de rebordos de pedras ou mariscos, substituindo mal nossos buxos ou relvas, e que dão a tudo um ar de segura e

---

4 A ilha de Marajó separa em duas partes a foz do Amazonas.

aridez. Impede o calor que as flores se desenvolvam, ou se desenvolvem cedo demais.

O dono da casa tinha umas maneiras que me levaram ao silêncio; ao chegar, ao elogiar certas coisas que me agradavam, ele mas ia oferecendo. Fomos depois visitar a ilha. No trajeto íamos caçando e assim alcançamos a outra margem, onde fiz um esboço de mangueiras e apanhei um bocado de búzios. Em seguida, eu e o Sr. Leduc, afastando-nos dos outros companheiros, tomamos um banho, sem nos lembrarmos da vizinhança dos jacarés. O banho aumentou-nos extraordinariamente o apetite. Ao regressarmos, tinham já almoçado, mas guardado a nossa parte. Ficaram todos admirados de ver como devorávamos tudo quanto nos haviam reservado do almoço e ainda uma parte do futuro jantar. No dia seguinte estava de planos feitos: índios que se deixavam pintar comodamente, pássaros pouco ariscos e em bandos, sítios propícios para a fotografia... que podia desejar mais?

Resolvera ir me instalar na ilha. Dias depois aproveitei a condução regular, e com o Sr. Benoit às voltas com minha bagagem passei a residir em Ara-Pitanga.

Tomei a liberdade de observar-lhe, com todo o tato, antes da partida, ser ele pouco aceitável com sua negligência de trajo, com suas maneiras pouco delicadas, tornando-se assim necessário se corrigisse um pouco, se não por asseio, ao menos por decência. O conselho serviu um pouco, pois o Sr. Benoit mudou de gravata. E não tentei mais nada, aguardando-me para atraí-lo à água quando fosse tomar banho.

Quando cheguei a Ara-Pitanga, somente encontrei lá um irmão do dono da casa e um jovem artista que sem ter tido mestre desenhava com certo gosto os jarros de barro. Instalei-me da melhor forma possível num amplo aposento de onde se via o rio e durante uma quinzena pude pintar tudo à vontade, como nunca o fizera desde minha partida da Europa. Nessa fazenda escolhia os modelos, desde o tipo mame-luco ao preto. Quando já havia pintado vários indígenas, tratei de tirar-lhes os retratos. Passados alguns dias, minha bolsa se tornara mais fácil de transporte porque a maior parte de meus utensílios ficavam guardados numa cabana em plena mata onde não tinha que temer os ladrões. O calor era terrível, mas nem por isso deixava de trabalhar e de crescer minhas coleções de todas as espécies. Se não me atormentavam



os mosquitos, restava-me contudo o Sr. Benoit, que me botara fora umas calças, deixando-as cair no rio quando se metera a ajudar a lavadeira a pôr a roupa a secar; poderia tê-la salvo se acaso o seu horror à água não o pregasse aos degraus de madeira por onde os negros subiam ou desciam, quando se entregavam ao trabalho de carregar e descarregar as canoas.

Disse há pouco costumar agora deixar na cabana da mata os objetos de utilidade. Realmente, dispunha ali de um abrigo no qual guardava vidros, frascos, etc., e dali os levava mais facilmente aos pontos em que estivesse trabalhando; podia deste modo dispensar a presença do Sr. Benoit, que, fazendo o contrário do que eu mandava, me trazia sempre aborrecido. Geralmente ele desaparecia de minha vista e ganhava o mundo, mas em outras ocasiões descobria-o por perto, encostado ao bastão, numa posição parecida com a desses jardineiros de terracota que ornamentam certos jardins. Mantinha-se nessa atitude durante todo o tempo do meu trabalho, e, quando eu terminava, se lhe fazia um aceno de chamada, era quase certo pôr-se ao fresco.

Um dia, estando com pressa, confiei-lhe a tarefa de guardar meu material e vim logo embora para casa. Na manhã seguinte, ao chegar ao local em que o Sr. Benoit deveria ter deixado em segurança meus frascos de tinta e de drogas, não encontrei nada. Procuo por todos os lados e insensivelmente me afasto dali e me perco; quanto mais me distancio mais penetro num cipoal, e além do mais chove. Vejo-me cercado de cipós, e, ao tentar recorrer ao meu facão, só encontro a bainha. Necessitei de prolongados esforços para me livrar da estranha prisão cheio de raiva desse meu desastrado ajudante. Molhara-me completamente; caí num buraco cheio de espinhos e fiquei com a mão e o braço completamente feridos. Não me bastava a dor dos ferimentos; ainda por cima vieram-me receios de que se tratasse de uma planta venenosa. Tudo me fez esquecer depressa os frascos e o sabre: o sofrimento não me deixava pensar noutra coisa. Arranquei o mais possível os espinhos, ao menos os que se podiam tirar com os dedos, e deixei os outros para quando dispusesse de uma tesoura ou uma pinça. Acalmara-se-me a cólera e, guiado pelo sol, pude sair do matagal, muito longe de casa. E avistei ali o Sr. Benoit na sua atitude costumada e pressuroso de me trazer um guarda-chuva, quando já não caía água do céu. Tinha mais a fazer do

que passar-lhe um carão e, sem tirá-lo da posição elegante do seu agrado, toquei para casa onde as pinças de preparar passarinhos de muito me serviram. Uma mulatinha com bastante jeito arrancou-me os espinhos, sem que por isso ainda deixassem de me ficar uns cinqüenta mais superficiais, que saíram sem me causar grande dor. Lamento ter de confessar que essa mulatinha, tão habilidosa como enfermeira, fosse um tanto gatuna, e dias depois tive o desgosto de assistir a uma surra que lhe deram com imenso gáudio de outras mulheres menos bonitas do que ela. Essa contingência a que sem dúvida estava acostumada não lhe causou vexames, pois duas horas mais tarde me veio servir de modelo com todas as suas tetéias e flores aos cabelos.

Em compensação o Sr. Benoit mostrou-se penalizado com o que acontecera por sua culpa. Ao regressar, algumas horas depois de mim, nesse mal-aventurado dia, manteve-se inflexivelmente na sua atitude clássica sem dar outro sinal de vida que não fora o de, de quando em quando, passar o cachimbo de uma das mãos para a outra. Não descobrira logo todas as virtudes do meu auxiliar; ele era dessas criaturas que vão sendo reveladas aos poucos e nos oferecem vantagens com isso.

Logo que melhorei dos espinhos e pude de novo excursionar, levei comigo o velho francês para procurar os meus frascos. Procurou-os em vão pelos sítios onde poderiam se achar, à direita do caminhezinho e atrás de um tronco que eu lhe mostrara como ponto de orientação a primeira vez em que ali os escondera. Perdi toda a manhã em buscas inúteis, e foi somente no instante justo em que por mero acaso descobria os objetos perdidos que ele se dignou de se lembrar haver mudado o lugar do esconderijo. “Eu ia dizê-lo quando o Sr. encontrou tudo”, quando tive de ir jantar. Recomendiei ao Sr. Benoit ficasse refrescando os despojos com um pano molhado, até acabar de comer, pois não demoraria, desejando concluir tudo antes do anoitecer. Vieram me chamar; o jantar era servido numa grande sala e numa mesa comprida de cabeceiras arredondadas a que se sentavam os donos na casa. Os pratos compunham-se de verduras, ovos de tartaruga, cutias (o coelho americano), paca, tatu, tartaruga; frutas chamadas abacates cuja polpa é delicioso creme, sobretudo com um pouco de rum e açúcar, melões e abacaxis. No Pará, as laranjas não são boas. Davam-me sempre pão, mas as outras pessoas preferiam farinha de mandioca, e, como todos bebiam água,

não quis aceitar o vinho que me ofereceram, tendo ponderado modestamente não o permitir minha saúde. Junto a cada prato um grande vaso de barro em forma de cálice e uma índia ia enchendo-o à medida que o esvaziávamos.

Terminada a refeição, tratei de voltar ao meu trabalho e... Ai de mim! O Sr. Benoit, num requinte de zelo, quisera apressar o serviço de despregar o couro da cobra e fizera nele uns cinquenta buracos. A serpente estava imprestável. Arranquei-a das mãos do velho e mandei-o embora, proibindo-lhe me falasse, sequer me botasse os olhos em cima. E pouco depois despedi-me de Ara-Pitanga e de seu hospitaleiro dono. Tencionava voltar ali quando regressasse do alto Amazonas para onde iria seguir. O presidente, ao saber deste meu propósito, concedeu-me passagem gratuita num vapor destinado a Manaus, pequena cidade na confluência do grande rio com o Negro. Ficara encantado com esse projeto de viagem o Sr. Benoit, por se recordar de suas visitas ao Peru: subira vários rios e comerciara muito com os índios. Pedira-me algum dinheiro para comprar artigos de comércio como fumo e colares; fiz outro tanto; e temendo não encontrar em Manaus o que me fosse necessário, adquirei garfos, facas, algumas libras de azeite, pimenta e sal. Quisera ainda possuir a sopeira, mas eu a dera ao caboclozinho de Vitória; havia no entanto duas à venda na loja de um alfaiate e aproveitei a ocasião. Comprei ainda nove libras de boa pólvora inglesa; por acaso encontrei chumbo miúdo, o que foi sinal de sorte, pois aqui as pequenas aves não são importunadas pelos caçadores senão quando há fome. Para embarcar era mister esconder a pólvora; certo passageiro que falara demais fora compelido a deitar ao rio a que levava e ainda por cima os cartuchos. Tomei, por isto, grande precaução: enrolei cada litro de pólvora em papel e depois em toalhas e meti tudo num saco com laranjas por cima. O que não pude encontrar no comércio foi papel carbono. Corri tudo à procura. Entrei em lojas onde não se poderia supor se achasse tal artigo... Confiava imenso no acaso... Mas desta vez me foi adverso, porque ninguém sabia ao menos o que era esse papel copiador. Raiou-me no cérebro uma idéia salvadora: a de uma caixa vinda de Paris para um negociante da terra em que havia tecidos envoltos num papel ordinário com o qual fiz uns cadernos de valor inesperado e inapreciável, verdadeiro tesouro. Fiz minhas despedidas, muni-me de cartas de apresentação,

porque o navio partiria no dia seguinte à noite. O Sr. Benoit, que fora ao consulado buscar meu passaporte, nada de voltar! Passei o dia todo à espera. No outro dia senti um cheiro de aguardente: o velho mal se sustinha nas pernas, embora encostado ao bengalão, à minha frente. Não revelava nessa sua atitude a elegância do costume. Completamente bêbedo. Por muito tempo procurara desmentir o mau conceito de que gozava, quanto a gostar do álcool, e durante o tempo em que me prestara serviços pôde disfarçar o vício. Mas, ante a ameaça de se ver privado por longo prazo da cachaça, uma vez que eu não lha forneceria, é claro, tomara uma desforra, bebendo a noite inteira. Eu andava já desconfiado de que ele guardava consigo algum segredo, e que, na hora da partida, após ter bebido um pouco de mais, desistiria dessa excursão de seis meses ou mais. Realmente, o Sr. Benoit, em pranto, me declarou não poder me acompanhar. Tinha, portanto, de ajustar contas com ele. Pedi ao Sr. Leduc para testemunhar esse pagamento, dado o estado de embriaguez do meu ex-servidor. Não foi fácil o ajuste de contas, uma vez que o Sr. Benoit não se lembrava mais do que eu comprara para ele e nem podia prestar informações do que gastara por minha ordem. Pedimos-lhe que se retirasse, depois de tudo terminado. Porém saiu a proferir desaforos e a me dizer que me fazia presente do que pretendia receber a mais. Não sendo humano castigar um indivíduo ébrio, ameacei-o de chamar a polícia, o que não foi preciso porque o Sr. Benoit se retirou, embora ainda a nos insultar.

Voltou horas depois, completamente transformado. Trazia-me suas contas, pedindo-me ainda que ficasse com seus colares, já que me achava descontente com seus serviços *e não queria mais que me acompanhasse*. Estava farto das esquisitices desse meu compatriota, e a última frase, num misto de francês e de português, que lhe ouvira, encheu-me as medidas. Pu-lo de porta afora.

Dessa vez ainda me achava mais embaraçado do que no dia em que abandonara a hospedagem do italiano para ir me alojar entre os índios: pior ainda do que ao chegar ao Pará porque então ignorava a dificuldade de encontrar um criado e alimentava-me a esperança. Agora tinha a certeza de que embarcaria à meia-noite, sozinho, para me meter pelo centro da América, sem conhecer direito a língua da terra, sem uma criatura que me atendesse num caso de necessidade. Sobretudo pensava

na minha bagagem. Seria obrigado a fazer apenas desenhos a *crayon*, quando imaginara nessa longa viagem pintar tanta coisa!

O Sr. Leduc, a par do acontecido com o Sr. Benoit, mandara saber se por acaso não haveria no bando dos negros quem me quisesse servir de “companheiro”, porquanto o título de criado susceptibiliza. O chefe da companhia veio falar-me. Se existe imensa diferença entre um velho preto e uma bonita parisiense, haveria também enorme entre esse homem e um negro velho. Possuía a mais horrível cabeça que eu já vira na vida, fealdade agravada pelo enfeite muito comum aliás entre certas tribos africanas: uma espécie de crista a começar na testa e a descer até a ponta do nariz. Essa crista, ou melhor, essas empolgaduras, são talvez inspiradas pela cauda do crocodilo. Veio-me à idéia essa comparação ao ver um jacarezinho que peguei, o que me foi uma felicidade, pois senão me seria impossível descobrir com que se parecia tal ornato. Quando o homem abriu a boca para me responder, julguei ver a goela de um tigre: dentes aguçados aumentavam a horrível expressão dessa cabeça que prometi a mim mesmo pintar, ao regressar, bem assim a de uma negra albina que vira a mendigar pelas ruas. Esse homem me informara ser-lhe difícil encontrar um preto capaz de me acompanhar na excursão, mas que dispunha de um índio tapuia a minha disposição, bastante conhecedor da região a percorrer, pois nela nascera. Eu ansiava por conhecê-lo, e uma hora depois o índio veio a minha presença. Ia-me em crescendo a medida das surpresas. Tinha agora diante de mim Mefistófeles em carne e osso. Recuei um passo... Goethe e Scheffer haviam adivinhado Policarpo, porque esse tapuia assim se chamava. E esse nome, despido de qualquer idéia diabólica, tranqüilizou-me. A cada uma das recomendações que lhe eram feitas, baixava a cabeça sem dizer coisa alguma; mas já falava o português, porquanto morava no Pará há mais de um ano. Não me era dado ser exigente na escolha e fechamos o negócio. Na repartição da polícia aonde fora tirar uma licença para que meu criado pudesse viajar, todas as dificuldades surgiram e acabaram por me negar essa permissão. Policarpo poderia ser escravo, desertor ou ter dívidas e não dispunha de documentos que provassem o contrário: ele aparecera pelo Pará com uma das mãos à frente e outra para trás... Desesperançado tentei ainda um remédio para o caso na agência de vapores, onde era conhecido através de uma carta de recomendação do

Barão de Mauá, e, ali, em consideração a mim, obtive solução satisfatória. Alguns empregados da empresa conheciam o índio de vista. Paguei pela sua passagem, até à embocadura do rio Negro, 25\$0, e pela minha comedoria, igual importância.

O secretário do Presidente chamou Policarpo ao seu gabinete e fez-lhe um sermão, aconselhando-o a proceder direito comigo, e ameaçando-o caso eu viesse a ter dele motivos de queixa: nesta hipótese metê-lo-ia na cadeia ou fá-lo-ia sentar praça, contingências que aterrorizam os índios, uma vez que, embora em contato com a civilização, por nada deste mundo querem renunciar à sua liberdade. Soube mesmo que, ao se verem presos, caem numa espécie de enfraquecimento e morrem em pouco tempo. Estando, assim, o Policarpo a par de seus deveres, fui a uma loja comprar-lhe uma espingarda e um machado – sabre sem bainha que serve para romper os caminhos nas matas.

Na hora do embarque vi o Sr. Benoit no cais. Não modificara sua imponente atitude; sempre apoiado ao bengalão, ele dava por perdida sua derradeira oportunidade de estragar o resto de minhas drogas e de botar fora minha última calça...

.....

VI  
*O Amazonas*

DO PARÁ A MANAUS

NAVEGAÇÃO PELO FURO DE BREVES - AS CIDADES DO BAIXO AMAZONAS - A ÁRVORE DO VENENO - OS ÍNDIOS MURAS - O GRANDE BRAÇO DO AMAZONAS - PRÁGUA - SANTARÉM - O RIO TAPAJÓS - AS CIDADES DE ÓBIDOS, VILA BELA E SERPA - O RIO NEGRO

**P** EQUENO o vapor. O tombadilho, em vez de toldo, era protegido por tábuas apoiadas em frágeis colunas. Quando subi a bordo, embora ainda houvesse sol, os passageiros, todos portugueses, tinham pendurado suas redes à vontade, impedindo os passos alheios. Tratei de fazer o mesmo. A bagagem de mais imediata necessidade ficava ao longo da amurada, perto das redes, e servia também de bancos. Quis trazer comigo mesmo o célebre saco contendo pólvora, certo de que em minhas mãos ninguém viria examiná-lo. Encarregado do transporte dos outros volumes, Policarpo, sempre que podia se livrar do peso, não se acanhava,

e deixava os catraieiros carregarem as malas sem lhes dar o menor auxílio. Essa observação não me augurou bem o resto da viagem no tocante ao meu novo criado.

Partimos à meia-noite e passamos por entre uma infinidade de ilhas, após ter deixado atrás a de Marajó. Perto de mim jogavam gamão, e um dos parceiros, todo entusiasmo, a cada movimento brusco que fazia, freqüentemente por sinal, impelia-me a rede, sem reparar que, de volta, eu o empurrava também. A princípio me aborreci, porém, depois, fui me interessando tanto por esse vaivém como o meu companheiro pelo gamão; o luar estava magnífico, e nesse balanço ia contemplando as ilhas enfeitadas de palmeiras e de coqueiros, a cuja frente íamos passando. Ao mesmo tempo ia-me recordando de todas as peripécias de minha viagem desde a partida de Paris. Viajara de Southampton ao Rio, com franceses; do Rio a Vitória, com colonos, quase todos alemães; pelo Espírito Santo, com índios; do Rio ao Pará, exclusivamente com brasileiros; e agora, Amazonas acima, com portugueses. Ganhara na troca?

Amanhecera e mais intrincado era o labirinto das ilhas. O que eu via neste momento não tinha nada do que já conhecia. Todas as ilhas eram baixas, as árvores pouco elevadas; numerosas as palmeiras. Aqui e ali, cabanas protegidas por pedras, precaução nem sempre útil nas grandes inundações. Uma dessas choupanas, maior que as outras, possuía numa espécie de cais uma tábua também sobre pedras a ostentar vasos com flores. Por trás da habitação um campo há pouco roçado. Nesta contemplação da paisagem o canto de um pássaro europeu, bem conhecido, me fez estremecer; era um pintassilgo trazido com muito carinho por um velho amador português. Comprara-o certamente por bom preço, e essa preciosidade européia ganhava para os magníficos pássaros brasileiros no seu perfeito canto.

Desde o clarear do dia, notara que orquídeas eram levadas pela correnteza do rio. Presas às arvores pelas raízes pouco sólidas, com facilidade eram arrancadas. Informaram-me não nos acharmos ainda no Amazonas. Sem dúvida cometerei involuntariamente erros geográficos. Procurei por todos os modos no Pará obter esclarecimentos, mas cada um me fornecia elementos a seu modo. E nunca eles combinavam. Disseram-me, por exemplo, que a cidade do Pará ou Belém ficava no



Amazonas, outros no Guajará, ainda alguns, no Guamá, e a maioria afirmava ser essa cidade construída à margem do Tocantins.<sup>5</sup>

No correr da noite escalamos em Breves. Desceram e embarcaram passageiros, carregou-se lenha, pois aqui não se queima carvão. As achas, trazidas de mão em mão, alinham-se no convés. Cada homem, preto ou não, ao recebê-las, repete aquela monótona toada, já ouvida por meus pecados em outra viagem, do jogador de loto que ia cantando os números das pedras. Passado Breves, as ilhas pareciam multiplicar-se em volta de nós; qualquer criança poderia atirar pedras de uma para outra. O furo, ou canal, em que íamos navegando, era calmo e as árvores se refletiam nas suas águas maravilhosamente. Quanto mais nos distanciávamos do mar, mais a vegetação se agigantava. Estávamos longe da influência das marés, embora a água ainda fosse levemente salgada. Vi, então, pela primeira vez, longas e esguias hastes que podiam ser tomadas como bem dispostas paliçadas, se não houvesse na extremidade de cada uma delas larga folha semelhante às dos nossos nenúfares. E dessa folha pendia bela flor branca.

Durante o dia passamos de frente de uma casa construída sobre pilastras: um bando de mulheres e meninos, quase todos vestidos de azul, queria entrar ao mesmo tempo nessa casa; sem dúvida, hora de refeição. Mais adiante, um prédio caiado dava-se ares de uma venda; viam-se negros bebendo ou pagando a aguardente. Perto, gritavam periquitos e um jacapu, cujo canto faz lembrar os sons de um órgão distante. Alargava-se sensivelmente o leito do rio e começava soprar o vento; íamos nos afastando das habitações, sempre muito distantes umas das outras. Travara relações com um excelente brasileiro, o Sr. O., que, como eu, ia a Manaus. Sabia tanto francês quanto eu conhecia de português. Assegurou-me não se poder garantir quantas ilhas existem no curso do Amazonas. Explicou-me muita coisa que eu teria ignorado talvez para sempre. Mostrava-me certas árvores e dizia-me das suas particularidades e utilidades. No Pará ouvira apregoar uma bebida, o açai, e chegara mesmo

---

5 Não deixa de haver verdade em todas essas versões. A cidade do Pará fica situada numa baía formada pela confluência do Guajará e do Guamá, abrindo-se para um golfo que pode ser considerado como a embocadura do grande rio Tocantins, o qual se junta, ao Nordeste, com o Amazonas, pelo furo de Breves.

a prová-la, achando-a pouco agradável e muito ácida. No momento íamos nos defrontando com uma ilha em que a árvore do açaí abundava. Era uma espécie de palmeira. A bebida é fabricada metendo-se o fruto na água fervente e passando-se depois o líquido numa peneira. Mostrou-me também esse companheiro de viagem uma árvore colossal cuja folhagem mata instantaneamente: conhecem-na por açacu. Vi igualmente a árvore da borracha. Os que se entregam à colheita dessa resina ganham bastante; há quem extraia vinte litros por dia quando o seringal é bom. Partem ao amanhecer e começam a golpear de leve os troncos, pondo abaixo desses cortes um potezinho de barro. E vão assim fazendo trabalho igual até o limite do terreno convencionado. Ao regresso, recolhem numa vasilha maior o conteúdo de cada um dos potezinhos. Mais tarde secam a resina ao calor de fogueiras ateadas com uma madeira de que não soube o nome.

Vinha notando, há muito tempo, indivíduos acorados sobre tulhas de madeira, imóveis como estátuas. O Sr. O. esclareceu-me tratar-se de pescadores. Estávamos muito distantes deles para que eu pudesse verificar terem varas de pescar às mãos. Passam assim dias inteiros, sem outro movimento que não seja o de acender um cigarrinho. Esses homens habitam as margens das ilhas amazonenses e são os muras. Nenhuma outra tribo a eles se alia. Julga-se geralmente terem esses índios emigrado do oeste quando da conquista do Peru. São dados ao roubo e não cumprem o que prometem. Mais do que outros grupos indígenas, assimilaram os defeitos da civilização, sem fazer caso das suas boas qualidades... Policarpo era dos muras!

Ensinou-me ainda o Sr. O. que os estreitos entre as ilhas se chamam paranamirins. Por toda parte a vegetação chegava até dentro d'água sem deixar visíveis as praias. Muitas plantas aquáticas penetravam mesmo pelo rio, a ponto de nos oferecer a impressão bizarra de navegar por dentro de um rio florido. Todavia, tendo o cozinheiro de bordo cortado umas plantas dessas para dá-las como alimento aos bois que iam a bordo, encontraram em meio das flores uma cobrazinha azul da qual só pude salvar a cabeça, pois o resto havia sido esmagado pelos mais medrosos. Acredito não existir no resto do mundo viagem mais agradável do que essa que vinha realizando. Supusera, antes de fazê-la, fosse o Amazonas apenas um mar interior com o céu unicamente por horizonte;

quando muito algumas montanhas longínquas. Nada do que ia descobrindo, porém, correspondia a essa expectativa. Não tinha motivos de queixas: a cada instante o cenário mudava diante de meus olhos; desenrolavam-se panoramas variados e sempre novos. E esse espetáculo nada monótono era contemplado de uma rede toda rendada, não permitindo assim o calor aquecer minhas roupas, aliás bastante simplificadas, e protegido por uma clarabóia; em redor, ainda, para me distrair, o vaivém da tripulação, pássaros, flores; por sua vez o barco singrava sob uma temperatura temperada e constantemente bafejado pela brisa habitual na América do Sul.

Não escrevo estas impressões de memória, mas diante de notas, que as minhas viagens costumadas me levam a considerar úteis. Observar-se-á talvez, ora triste, variar em muito meus estados de alma: ora alegre, ora triste, mal satisfeito hoje, entusiasta amanhã. Não procurarei contestar essas apreciações, porquanto eu as poderia também fazer quanto aos outros.

Às 4 da tarde desembocamos no verdadeiro Amazonas, após ter deixado o rio Terragui. Eis aí finalmente o imponente rio, semeado de ilhas que nem por serem inúmeras deixam de se distanciar bastante uma das outras. É realmente como o esperava, uma miniatura do mar. Pouco a pouco o vento vai refrescando e ao anoitecer cai tempestade tropical com muita chuva, mostrando-nos logo do que é capaz o Amazonas. Trataram logo a bordo de abrir os toldos no convés que nos servia de refeitório e de dormida, proteção que não serviu para evitar transformação em sala de banho. Abriram duas enormes cortinas, parecidas com os panos de boca dos teatros, com a diferença apenas de serem abertas ao meio, unidas por costuras, como os espartilhos das senhoras.

Escondi-me a um canto, fugindo à chuva. Escurecera e ouvi as ordens de comando do capitão, embora não pudesse vê-lo. Essas ordens, porém, não podiam ser cumpridas facilmente, tanto o convés se achava atravancado de coisas, sobretudo lenha para as fornalhas do vapor, há pouco embarcada. Os trovões eram de tal modo violentos que pareciam estourar junto de nossos ouvidos. A um relâmpago mais intenso vi de onde partia a voz do capitão; ele metera a cabeça protegida por um amplo chapéu entre a abertura das duas cortinas e desse posto confortável dirigia as manobras, à maneira de um contra-regra que previne a

orquestra de estar tudo pronto para começar a *ouverture*. Como já vira muitos oficiais, inclusive generais, de guarda-chuva aberto, não pude censurar o comandante do meu vapor.

Tive vontade de estar no lugar dele, porquanto a cada balanço da embarcação mergulhava os pés dentro d'água, já que o escoamento da chuva não se fazia com a rapidez desejada. Quando me foi dado voltar à rede encontrei-a pingando. Impossível sonhar com um sono dentro dela. Felizmente fora a única que se molhara assim; as outras todas haviam sido cuidadosamente dobradas e resguardadas do temporal. Ninguém se lembrara da minha, e Policarpo nem me aparecera. Se o senhor Benoit estivesse ali, sem dúvida teria pensado em me ser útil: possivelmente daria uma das suas ratas, mas tentaria o quer que fosse... E por onde andaria Policarpo?

Voltara o bom tempo e a lua ostentava-se no céu. Perto à direita, a ilha de Gouroupa; à esquerda, a confluência com o rio Xingu. Viajávamos próximo de terra por haver o rio se estreitado de novo. Dali a pouco passávamos por uma ilha pequeníssima e abandonada. Adajouba. Pudemos ver um bando de tucanos trepados no alto de uma árvore de porte mais avantajado que as outras. Quando o vapor se aproximou mais da ilha, os pássaros, soltando fortes gritos, voaram para longe. As plantas aquáticas continuavam a invadir a superfície das águas; todas as margens enfeitavam-se de paliçadas floridas, e, ao ver melhor fragmentos a boiarem perto do costado, reconheci ter me enganado ao tomar essas flores por orquídeas. Geralmente acusam de mentirosos aos viajantes: é possível que algumas vezes seja merecida a acusação, mas, na maior parte dos casos, não há mentiras, haverá equívocos. Desde minha primeira excursão pelo mundo tomei o hábito de escrever impressões. E reuni farto material dessa natureza: seis meses na Grécia, depois vi-me em face do monte Líbano, tendo deixado atrás a ilha de Chipre. Nossa corveta ancorara em Beirute: perigoso esse ancoradouro sobre fundo de areia; vários navios já haviam sido jogados contra a costa durante um vendaval que durou 18 dias. Estávamos no inverno. Outros navios mais felizes puderam zarpar e sair para o alto mar. Graças à competência do nosso piloto e ao conhecimento seguro que ele possuía daqueles sítios, nossas âncoras resistiram, sem que deixasse de ser crítica nossa posição; todos os dias ficávamos encalhados. Não sendo eu ainda “bom mari-

nheiro”, padecia bastante; ardia-me a cabeça. Não podia dormir; todas as noites permanecia no tombadilho até tarde e, depois, ao descer para o camarote, escrevia minhas impressões conscienciosamente. O monte Líbano brancamente se destacava no céu por estar coberto de neve; em roda percebia maciços de árvores gigantescas a que qualificava de cedros, porque um cedro não podia deixar de ser gigantesco, de acordo com a tradição. Creio que aludira nessas notas a Salomão, e à rainha de Sabá, recordando, com um pouco de pedantismo, haver o cedro servido para a construção do templo. Com umas variantes, dizia todos os dias a mesma coisa, e afinal chegou um deles em que me foi possível ir a terra, pois deveríamos prosseguir na nossa viagem sem mais demora. O mar ainda se mostrava crespo, principalmente à entrada de bonito rio, cujas margens ostentava eloendros. Nosso bote foi jogado de encontro à praia: tomamos um banho frio, e para me esquentar comecei a correr. Nessa carreira cheguei ao pé de Líbano... Os cedros gigantescos transformaram-se em amoreiras anãs...

Tempos depois, na península em que se travou a batalha de Aboukir, no ponto ocupado pelos franceses, encontrei, entre outras relíquias, um osso embranquecido pelo sol e pela areia do deserto. Mais tarde, ao voltar à vida calma do costume, ocupando-me apenas com pintura, principiei a fazer coleção desses objetos que se vão buscar muito longe e que se pagam muito caro. Tinha para mostrar interessantes curiosidades, porque adquirira em Milo e em Paros pequenos vasos gregos, lacrimatórios, etc., sem esquecer o osso de francês e legítimos ramos do cedro do Líbano. Agora, tratava-se mesmo de cedros gigantescos pois conseguira ver alguns deles nas cercanias de Trípoli.

Pois bem, quase na mesma ocasião, tive de passar por duas decepções semelhantes à das amoreiras-anãs. Um camarada, de passagem por Lião, onde então morava, me convenceu serem meus vasos gregos de pura fabricação inglesa e provou-me que as escavações feitas em minha presença e das quais haviam brotado tais maravilhas antigas não passavam de encenação comercial para enganar os estrangeiros. Restava-me, contudo, o osso guardado com reverência: um médico revelou ser apenas um osso de carneiro. Foi-me cruel esse último desengano, e como desde esse dia me mostro indulgente para as histórias dos

viajantes, fáceis de se equivocarem, peço aos leitores ajam de igual modo para comigo.

Acostumara-me a ir sentar-me perto da proa do navio e junto à roda do leme. Era, aliás, a primeira vez que eu via essa roda colocada assim. Um dia, no meu sítio habitual, seis marinheiros, todos gente de cor, vieram se sentar aos meus pés e iam tirando de uma vasilha de estanho pedaços de peixe seco misturados com farinha de mandioca que metiam na boca, pois não usam garfos. À medida que comiam esse saboroso prato, ficavam todos com as caras sujas de farinha. Ao terminar deixaram por ali as vasilhas e as espinhas dos peixes. Para que limpar! Permaneci ali menos para apreciá-los do que para fazer um desenho, pois no momento não tinha assunto melhor para aproveitar. Navegávamos muito ao longe de terra.

Não tardaram a se recortar no horizonte as montanhas da Guiana. O Sr. O. chamou minha atenção para uma “terra” que no ano anterior não existia: são freqüentes as ilhas dessa natureza, formadas de árvores arrancadas às margens, e que encontrando obstáculos no fundo do rio detêm-se e à força de novos detritos vão crescendo e constituindo-se em terra firme. Nesse meu canto habitual à proa, tinha a vantagem de estar exposto mais diretamente à viração e de assistir a essas pequenas cenas de bordo que, à falta de melhores, distraem bastante. No tombadilho, perto do rolo de cordas no qual me sentava, havia uma gaiola com um sabiá (o tordo da América) que saboreava uma banana. Formara-se uma roda de várias galinhas e um galo invejosos do petisco da ave. Entre o grupo de espectadores e a gaiola, um gato gordo e mourisco parecia dormir quando as galinhas tentavam furtar um pedaço de banana, mas não consentia ao galo igual tentativa, ameaçando-o com as unhas. De outro lado, três amigos comiam silenciosamente: se o banquete não era opulento, os convivas todavia achavam-no gostoso. Um cão d’água, um preto e um índio. A princípio o repasto fora calmo, porém, depois, a discórdia, que outrora revolucionaria o campo de Agramonte, perturbou o festim dessa interessante trindade. O índio quis tomar um pedaço mais cobiçado; o negro reclamou-o e o cachorro, aproveitando-se da discussão, raspou-se com o bom-bocado. Esse barulho chamou a atenção do mestre-de-bordo, e como a culpa deveria caber ao negro este recebeu sem protestos umas chicotadas. Entrementes, o pilo-

to, robusto mulato que na época da revolução do Pará, segundo se dizia, matara muita gente, lia à vontade, estirado na rede. Reaparecera no convés Policarpo, metido numa camisa cor-de-rosa a contrastar com sua pele suja.

Não obstante as árvores arrancadas que jaziam pelas ilhas atingidas por inundações, a despeito do sol a pino sob o qual navegávamos, meu entusiasmo diante da natureza virgem destas paragens não se arrefecia; sempre a me proteger do calor, escrevia ou desenhava, não dispondo com frequência de cenas como as de que há pouco falei.

Contudo, esse entusiasmo, na tarde e noite seguintes, sofreu grande abalo. Tínhamos demorado um pouco mais, parados em certo ponto do rio, quando ouvi de todas as bocas: “As carapanãs!” São grandes mosquitos de pernas compridas que tornam insuportável a viagem pelo Amazonas. Num segundo invadiram o navio todo. Nuvens e mais nuvens. Todos se contorciam, faziam esgares, caretas, negaças. Desde o grumete ao capitão. Este me confessou mesmo que, viajando por essas águas há oito anos, nunca pudera se acostumar com esses ataques. E eu tinha minhas boas razões para compreender tal inaclimatação. A segunda parte de minhas torturas começava, porque mais do que todos os outros a bordo eu sofrera. Minha rede era, como já disse, de crochê, e eu dormia de cabeça coberta; os insetos revoloteavam por aqui e por ali e repelidos por todo mundo acabavam se atirando contra meu corpo, mal protegido pelas malhas da rede. E eu ia sendo devorado. Os outros viajantes levavam vantagem: dentro das suas redes, de tecido mais espesso, somente eram atacados nos rostos e nas mãos. No dia seguinte cada uma exibia seus estragos: um de olho inchado, outro de lábios grossos, um terceiro com vários calombos e havia um recíproco interesse em se conhecer a extensão do padecimento alheio. Apenas eu não podia mostrar minhas gloriosas cicatrizes e no entanto bem precisava de compaixão. Nem mesmo a língua, pois não me explicava claramente em português, me valia, para me justificar devidamente da esquisitice de, à mesa, ter me servido de pé. Julgaram que tal bizzarria estava ainda presa a meu entusiasmo pela paisagem admirada constantemente, embora com grande espanto de meus companheiros de viagem.

No outro dia o gamão voltara a ser jogado; um senhor alto e de semblante triste cantava ao som de uma guitarra: era o dono do pin-

tassilgo. Desde minha chegada ao Brasil notara uma coisa, agora repetida: aqui as árias mais alegres de nossas óperas são cantaroladas num tom de lamento. Não obstante essa música lúgubre, adormeci, mesmo porque tinha que descontar a noite anterior às voltas com as carapanãs.

Ao amanhecer, uma gritaria me despertou; tive a impressão de me achar dentro da mata. Abri as cortinas da rede e espiei: navegávamos entre plantas aquáticas e três araras voavam espantadas, soltando esses gritos que lhes deram o nome. Uma garça, mais afoita, ficou pousada num galho, num pé só, com a outra perna curvada sob o ventre. Ouvi outro grito que não pude identificar: parecia o do pássaro fantasma e era igual ao que também ouvira no dia primeiro, dia em que penetrara na mata-virgem. No Amazonas, como alhures, pudera ouvi-lo sem ver o seu dono. Seria uma alma? Teriam os índios razão? Da outra vez essa ave profetizara o que me viria acontecer na casa do meu hospedeiro: estaria agora me predizendo outro infortúnio nas selvas para onde me botava? Causou-me singular impressão tal voz e fiquei sobressaltado. As ilhas já não me pareciam interessantes; haviam me falado em praias inteiramente cobertas de ovos de tartarugas, mas as águas cobriam-nas de todo, e tão cedo o Amazonas não voltaria ao seu leito normal. Essas coisas transformavam muito meus planos.

Ao fundear-se defronte de Praina, pus de lado esses pensamentos, e, enquanto desembarcavam passageiros, ou que outros vinham para bordo, sentei-me no meu canto da proa e fiz um desenho mais sério do que os anteriores. Era a primeira cidade vista desde o momento em que tomara a resolução de pintar as que fosse vendo: como as outras, aliás, compunha-se de casebres, alguns caiados. A igreja, cujo sino chamava para a missa, pareceu-me bem pequena. Embarcou ali um padre de modesta batina, mas, ao partirmos, vimo-lo aparecer no tombadilho de charuto, *lorgnon* e todo gamenho.

Íamos a caminho de Santarém, e a terra firme começava a surgir; as árvores não mostravam mais aquelas formas graciosas imitadas das plantas trepadeiras. Parecia a paisagem com a da Europa, e para melhor ilusão bandos de canários esvoaçavam. Entramos em águas bem diferentes das do Amazonas, que são amareladas e salgadas; estas agora tinham tom negro-azulado e eram tranqüilas como um lago. O Amazonas, ao contrário, possuía vagas bem altas. Fundeamos em Santarém ao



meio-dia. É uma pequena cidade edificada um pouco acima da foz do rio Tapajós, de águas azuis. O capitão convidou-me a ir com ele a terra. Policarpo também quisera ir até lá. Era filho de Santarém ou de suas redondezas; achei justo o pedido e dei-lhe dinheiro para comprar alguma coisa que não tivesse podido adquirir no Pará. Prometeu-me, mais por gestos que palavras, voltar dentro de uma hora.

Achava-me passeando pela praia quando me procurou o agente da companhia de vapores. O comandante avisara-o de minha presença; ofereceu-me a casa, fazendo questão de que, na volta, se demorasse em Santarém, não procurasse outra hospedagem. Esse bom acolhimento do agente produziu no capitão do vapor efeito sensível, porquanto daí por diante redobrou em deferências para comigo. Ao regressar a bordo não encontrei Policarpo; os companheiros de viagem, dele nada gostando, me garantiram que o melhor a fazer era não contar mais com o meu criado. Não foram os 25\$0 da passagem nem o dinheiro dado para compras que mais me contrariaram, e sim o me haver enganado; sem falar no embarço em que me deixava, embora seus serviços fossem quase nulos. O mal estava feito. Tinha de achar remédio para ele como já achara para outros contratemplos.

Devo confessar ir encontrando nos meus companheiros de viagem um interesse que em princípio nunca supusera que pudessem despertar, e, por isto, me penitencio de certas impressões manifestadas em face dos seus jogos e cantos monótonos. Dos passageiros desembarcados em Breves e Santarém não terei mais que falar, porque, desde que nos deixaram, tudo a bordo tomou ares mais alegres: o comandante, um homem gorducho, estava sempre risonho; o imediato era encantador rapaz, louro como um americano do norte. Havia ainda um jovem médico militar que se destinava, como eu, à barra do rio Negro. Quando se viaja no Brasil, por mar, pode-se estar certo de encontrar funcionários em grande número, alguns comerciantes, mas nunca curiosos. Como, aqui, todas as profissões têm seus doutores, deixáramos vários pelo caminho e tínhamos a bordo ainda outros, inclusive eu.

Ao sairmos de Santarém e do rio Tapajós, voltamos ao curso do Amazonas, mercê de um lindo canal. Nele a natureza não se oferecia com esplendor, porém com tal delicadeza que tive pena de perdê-la de vista. Pássaros de cores variadíssimas pulavam pelas margens floridas

deste pequeno paraíso terrestre, e a água era tão plácida que, com o calor reinante, dava vontade de um banho. Não havendo nenhum perigo nisso, chegamos quase a pedir ao comandante consentimento para esse prazer. Bastar-nos-ia um quarto de hora de parada. Os que não soubessem nadar encontrariam apoio naqueles troncos de árvores a boiarem ao sabor da corrente... Observando-os melhor, entretanto, verificamos que esses troncos não passavam de belos e legítimos jacarés.

Costeando a ilha, formada pela confluência do Tapajós e prestes a reentrar no Amazonas, vi pela primeira vez uma praia de areia, perto da qual pescadores, trepados em troncos de árvores escavados, tocaiavam, numa perfeita imobilidade, as tartarugas. Às flechas de que se valem está presa comprida corda; esta se desenrola à medida que a tartaruga atingida tenta fugir; a outra extremidade da corda fica amarrada à canoa, que acompanha o animal até a completa extinção de suas forças, como se faz com a baleia.

Disse já que este ano de 1859 causara grandes estragos no Amazonas e outros rios. Nas circunvizinhanças de Santarém, todo o gado fora arrebatado pelas cheias. As plantações de cacau foram arrastadas, e por toda parte se viam indícios dessas enchentes. Em Santarém embarcaram duas senhoras; não vinham à mesa comer e se conservavam no pequeno camarote de popa que lhes cedi. Pondo de parte a galanteria, não me agradou muito o gesto, pois ali eu escrevia e desenhava quando o sol se mostrava inclemente na proa. Por volta das 6 horas passamos diante de um grupo de cabanas trepadas numa colina cuja vegetação era raquítica e sem pitoresco. Chamava-se essa povoação Guajarra<sup>6</sup>. Por toda parte sinais de revolvimentos de terra feitos pelas águas e poucas árvores. Prestando atenção a esse sítio, não dei reparo a que, pela direita, e rente a nós, tínhamos uma ilha de Piranga. Também terras baixas litorâneas e mais para dentro pequenas elevações. Incidiam de tal modo sobre os terrenos, de uma coloração vermelha, os raios do sol no poente que tudo se tornava de um tom vermelho vivo, muito belo, enquanto do lado oposto a paisagem já entrara em sensível sombra. Céu límpido, nem um fiapo de nuvens. Também não havia viração e as águas do Amazonas pareciam um espelho. Esse anoitecer despertava por toda

---

6 Guajará.

parte um quê de satisfação íntima. Apenas viajando tão próximo de terra, receávamos segunda investida dos mosquitos. Felizmente tal não aconteceu.

Cedinho, no outro dia, ancorávamos em Óbidos, à margem direita do rio. Tomou-se bastante lenha, com que se encheu de novo o convés. Tínhamos de pular por cima das achas ao querer ir da proa à popa do vapor. Incômodo e perigoso. Preferia andar pela beira do costado, embora me agarrando às cordas. Do lugar onde me coloquei via apenas a bandeira desfraldada no forte que, segundo me disseram, era de construção antiqüíssima; fora levantado para conter os flibusteiros americanos que tentavam penetrar pela bacia amazônica e ali se fixar. Foi pelo menos o que me pareceu contarem, e aqui deixo esta informação sem saber ao certo se é verdadeira. Indaguei também do motivo da escolha deste sítio para ser fortificado e explicaram-me estar a razão da escolha condicionada à estreiteza do rio neste ponto, além de ser muito difícil a passagem a quem não conheça bem o caminho.

De Óbidos para cima o cenário muda sensivelmente de aspecto: as habitações são mais bem construídas e mais cuidadas. À margem direita, inúmeros coqueiros: embora não muito altos, ostentavam amplas folhagens, e a terra em roda era bem-cultivada. Já distante de Óbidos, íamos navegando com precaução, pois faziam constantes sondagens; todavia, a sonda, perto das margens, não encontrava fundo. Todos os passageiros, sem outras ocupações, tomavam interesse pelas menores coisas. Um gavião trepado num galho, uma canoa ao longe, um suposto tronco de árvore a boiar que era quase sempre um jacaré, tudo nos distraía. Releva notar que, depois do engano em que caíramos anteriormente, todos os troncos a flutuar pareciam a nossos olhos jacarés, e esse equívoco é natural, pois os perigosos bichos ficam imóveis como um pau. Nadam assim suavemente, sem mostrar do corpo nada mais do que a parte superior do dorso, o tampo da cabeça e um pouquinho dos olhos.

Não tardou passássemos, à esquerda, à confluência do rio “Fresou” e a ilha “Macourez”. Desapareceram as plantações e estávamos em plena mata virgem. Nem um canto para se pôr o pé; por toda parte árvores derrubadas e terras caídas. Devo notar, antes de ir adiante, e para não dar uma estranha idéia do Amazonas, que, se de quando em

quando faço o navio ir de uma margem a outra, não se deduz daí que o rio não seja de imensa largura, ou que realizávamos singular espécie de rota, sobretudo pelo tempo perdido. Não. Aludo, apenas, às ilhas perto das quais vamos passando, e não às margens propriamente ditas, que essas ficam muito distantes, separadas por grandes extensões d'água, e não permitindo aos olhos observação segura, mesmo se miríades de ilhas não estivessem à sua frente para nos entravar o olhar.

Às 9 horas da manhã, achávamo-nos à vista da cidadezinha de Vila Bela. Casas baixas, de um só andar, caiadas, como quase todas que já tínhamos visto. A localidade situa-se numa pequena colina e nada tem de bela; nem mesmo de pitoresco. Todavia agradou-me, pois recomecei a ver ensaios de montanhas, terrenos sólidos; já me ia fartando das paisagens à flor d'água. Enquanto desenhava, fazia comigo estas reflexões. Os marinheiros que nos primeiros dias me tomaram talvez por maluco, agora, diante de meus desenhos, mudavam de opinião; logo que me viam em preparativos para desenhar, juntavam-se em redor de mim respeitosamente e procuravam proporcionar-me o sítio de onde melhor pudesse trabalhar. Como as crianças de Santa Cruz, chegavam até a me apontar cenas que lhes pareciam dignas do pincel, como fosse um companheiro a dormir de boca aberta ou os dois bois de bordo amarrados pelos chifres e se esforçando para se soltarem. Quando me encontrava a apanhar um trecho de Vila Bela, bateram-me no ombro; um índio me mostrava qualquer coisa de estranho que atiravam ao convés: meia dúzia de grandes tartarugas presas umas às outras pelos cascos. Mostravam, nas patas de detrás, buracos pelos quais haviam enfiado cipós que as dominavam. Deviam com isso sofrer bastante os pobres animais!

Saindo de Vila Bela, aproamos a noroeste, para atravessar o rio em diagonal. E, perto das 5 horas, aproximávamo-nos da margem esquerda: fértil e bem-cultivada, exhibia-nos suas bananeiras de longas folhas, de fartos cachos e rematadas por um tubérculo de tom violeta dos mais belos que tenho visto. Sem conta também os coqueiros cujas nozes encerram um líquido branco e doce como o leite; campos de milho, laranjeiras, cacauzeiros. Por toda parte ramos de flores agrestes, tufo de verdura, árvores frutíferas. Aquele conjunto de plantas da natureza virgem e das sementeiras pelo homem constituía esplêndido espetáculo. O panorama, dali a pouco, transformava-se. A obra da civilização cedia lu-

gar à floresta primitiva. Há muito tempo não me era dado apreciar cenário tão pitoresco. Ali se reencontravam essas formas fantásticas, essas gigantes lianas, parecidas com as correntes dos mais poderosos navios, com seus anéis tão bem soldados entre si que nenhuma força humana conseguiria separá-los.

O tempo estava magnífico; refletia-se o céu nas águas do rio; um papa-moscas voava e ia meter o bico no cálice das flores; mais adiante um jacaré namorava a sua presa. Eu me deitei na rede para dali gozar à vontade e sem fadiga a vista das maravilhas a desenrolarem diante de meus olhos. Por vezes cerrava ligeiramente as pálpebras sentindo a visão cansada de prolongada atenção. O calor, também, fazia-me cair numa espécie de sonolência. Tenho falado pouco do calor porque não o amenizaria com alusões freqüentes a sua impiedade. De repente, um rumor desusado me arrancou o sono: era a âncora a cair n'água, defronte da povoação de Serpa. Edificada, como Vila Bela, numa colina sem nada possuir de notável.

Esquecera-me de certas particularidades do dia. Transpuséramos perigosíssima corrente do Amazonas, Caracara, um pouco acima de um paranamirim, onde ficava o lago e a povoação de Saraca. Foi necessário parar as máquinas para cortar caniços. Os bois mugiam quando passávamos por esse mar de vegetações. Outra curiosidade fora o frio sentido, em pleno equador, na noite anterior. Quase não pudemos dormir direito.

Deixando Serpa, íamos perlongando a margem esquerda e assim entramos no rio Negro, cujas águas se diferenciam das do Amazonas do modo mais visível do que as do Amazonas se destacam das do Tapajós. Durante algum tempo distinguimos perfeitamente duas faixas paralelas, uma branca, uma negra: os dois rios como se mostram dispostos a viver eternamente separados. Deixáramos à nossa esquerda uma das bocas do Madeira e afinal penetráramos no rio Negro e fundeamos diante de Manaus. Terminara a viagem.

No decorrer dessa travessia mal conseguira botar os olhos em cima de Policarpo, e ele nunca me procurara para saber se eu precisava de alguma coisa. Aliás esquecera-me de contar que, no dia de nossa partida de Santarém, tinham descoberto o meu criado num recanto do convés, cozinhando uma bebedeira de cachaça comprada com o dinheiro

que lhe dera. Apesar da monotonia peculiar às viagens por água, não tive razões de queixa quanto às distrações oferecidas pelas belezas da paisagem, única talvez no mundo, pelos episódios de bordo, e pelas proporcionadas pelo meu trabalho: plantas de nomes desconhecidos e de formas encantadoras que meu pincel reproduziu... Enfim, pondo de lado pequenas contrariedades, aproveitei bem meu tempo. Agora, ia demorar em terra por alguns meses, ver novas tribos, realizar estudos sérios, prosseguir nas minhas coleções, reparar minhas avarias fotográficas e, acima de tudo, agir à minha vontade. Contudo, já encarava com certo terror a perspectiva de me meter na roupa preta para fazer visitas de cerimônia. E o diabo é que só possuía uma luva, pois a outra o Sr. Benoit perdera. Vesti-me convenientemente a bordo, mas, quando me senti dentro das calças de casimira, não pude suportar o calor, e embora arriscando-me a passar por mal educado, preferi as calças brancas.

Nesse momento o termômetro marcava 37 graus à sombra.

.....

## VII

### *O Amazonas*

#### MANAUS E O RIO NEGRO

PASSEIOS POR MANAUS E PELAS MATAS – CASCATA – O  
NEGRO HOSPITALEIRO – UM CURRAL – INSTALAÇÃO NAS  
FLORESTAS DO RIO NEGRO – SOLIDÃO – TRABALHOS –  
ÍNDIOS MURAS – COMPRA DE UMA CANOA – URUBUS –  
TARTARUGAS – PREPARATIVOS DE PARTIDA

O

AMÁVEL Sr. O., ao desembarcar, levou-me para sua casa a fim de ali me hospedar. Achando-se, porém, ausente há meses, manteve-se fechado o quarto que me destinara e, ao abrirem os postigos, uma nuvem de maribondos pôs-nos em fuga precipitadamente. Tinham tido tempo de construir ali várias “casas” que, apesar de nossos esforços, não abandonaram; tangiámo-los por um lado e voltavam por outro. Cansado de lutar em vão, preferi armar minha rede na sala e ali colocar também a bagagem.

Minha primeira visita foi feita ao coronel da guarda-nacional, e este teve a gentileza de me acompanhar até à presença do vice-presi-

dente da província do Alto Amazonas. Ali encontrei o chefe de polícia, para quem trouxera igualmente carta de apresentação. Todos me receberam bem e me fizeram vários oferecimentos. Dali fui entregar outras cartas, aproveitando o ensejo para dar conta de todas essas missões e me ver livre do insuportável traje de cerimônia. Um desses senhores me convidou para almoçar com ele todos os dias, o que me foi agradável, porque a dormida já eu a tinha garantida. Procurei depois um italiano e junto a ele me senti a gosto. O bondoso Sr. Costa Jerônimo me cercou de amabilidades e deixou seu trabalho para ir comigo a bordo, a fim de providenciar quanto ao desembarque de minha bagagem. Tive de forçar o horrível Policarpo a me ajudar um pouco. Possuía uma mala que nunca fora carregada por mais de um negro aqui. Dois índios, conseguidos a custo, auxiliaram o preto, e, se nós não protestássemos, teria sido preciso um terceiro. Policarpo somente se interessou pelo seu baú.

Vim a conhecer, por intermédio do Sr. Costa, um francês que chegara de Lima; era relojoeiro e tirava daguerreótipos.

Anoitecera e nenhuma das pessoas a quem visitara, julgando já eu me achar comprometido, me convidara para jantar. Se houvesse um hotel, isto não teria importância. Mas, nem sonhar com hotel! Errei para um lado e para outro, confiando na providência divina, quando encontrei o meu compatriota, a quem expus minha situação. Ele não me podia valer em grande coisa, pois fazia refeições numa casa particular que não recebia, por isso, dinheiro. Tentou, todavia, me ser útil: fomos ter com um senhor que lhe alugava um quartozinho; venderam-me bem caro um pedaço de pão, um pouco de manteiga rançosa embrulhada num papel e uma garrafa de vinho português. Satisfeito o apetite com esse exíguo repasto, fui deitar-me na rede em casa do Sr. O. sem saber por onde andava Policarpo. Na manhã seguinte encontrei-o dormindo no chão, atravessado na minha porta.

Bem cedo, e sem ver ninguém, saí a passeio, disposto a me alojar perto da floresta, embora aqui, como no Pará, ou mais ainda, me desesperançassem de consegui-lo, o que para mim era decepcionador. O tempo corria, eurgia, a todo custo, realizar a missão a que me propusera. Caminhamos bastante, Policarpo e eu, sem que víssemos um só pássaro; região monótona e sem interesse. Íamos a esmo e eu principiava a perder a coragem quando ouvi ao longe o ruído de uma cascata. Foi



para mim como um toque de corneta para um cavalo de batalha. Desaparecera a fadiga e fui sair em meio de uma clareira aberta por uma derubada. Em redor, árvores de grande porte, de troncos lisos e polidos, pouco verdejantes. Os cipós pareciam cordagens de navios, a ponto de nos dar tudo aquilo a idéia de uma mastreação numerosa, sobretudo quando a água nos envolvia. Essa água, lago ou charco, provinha da cascata cujo estrépito ouvira de longe; escura essa água como a do rio Negro e talvez tivesse a mesma origem. Disseram-me depois ser essa coloração atribuída à salsaparrilha, planta que cobre fartamente as terras banhadas por essas águas. Deixo aos cientistas decidirem se essa versão tem algum fundo de verdade.

Acompanhei por algum tempo esse riozinho, porque me servira aos estudos, mas não podia pensar em ir todos os dias tão longe. Para viver ali seria preciso, estava-o vendo, levantar um casebre, como já o fizera há um ano em outra paragem. Mandeí Policarpo, por ali afora, a fim de ver se descobria algum abrigo que me servisse. Disse-lhe fosse e voltasse depressa, porém, acostumado a agir como lhe desse na cabeça, não apressou os passos e quando regressou, para me dar a entender ter encontrado o que eu queria, estirou o dedo na direção do caminho por onde viera e levantando a cabeça formou com os beijos a vogal U, tal qual recomendava o professor de línguas no *Bourgeois gentilhomme*. Depois, para variar, imitava instintivamente as carpas de Fontainebleau, comendo o pão que os basbaques lhe davam.

Levado pela indicação de Policarpo, meti-me por entre espinhos e avistei o que não ousara esperar: uma choupana habitada e outra, mais distante, meio construída. O Sr. Benoit, se ali estivesse, teria se mostrado vitorioso, tomando sua atitude solene. O feioso Policarpo, aproveitando-se de minha pequena demora ali, para arrancar das pernas alguns espinhos, sentou-se. Havia roçado recentemente o terreno e plantado mandioca. As plantas espinhosas nas quais eu me ferira haviam brotado nos sítios não aproveitados para a cultura. Ao me aproximar da casa que julgara ocupada, uma porção de bichos me cercou. Animais de todos os tipos e, exceção dos cães e de uma ninhada de gatos, desconhecidos na Europa. Um papagaio amazonense trepado num caibro; alguns mutuns de bicos vermelhos, parecidos com perus, viviam ali em boa camaradagem com outras aves domésticas. À porta, um negralhão

mantinha-se de braços cruzados, tendo ao lado uma espingarda semelhante às do Exército. Dirigi-me a ele, seguido a uns cem passos por Policarpo, que a custo se levantara. Eu sabia da importância que obtém um branco diante de um negro e, por isto, fui me sentar na cabana, passando junto do tal homem e fazendo-lhe apenas gesto amigável de cumprimento. Perguntei-lhe, então, a quem pertenciam aquele roçado, aquelas casas e que papel representava ele ali, uma vez que a ninguém mais vira. Antes de me responder, foi buscar água fresca para mim, numa cabaça, misturou-lhe um pouco de cachaça, e me ofereceu respeitosamente. Vira-me enxugar o rosto com o lenço. Aceitei com prazer e comigo mesmo achei que se me houvesse oferecido farinha de mandioca, que detesto, teria também aceitado. Afinal Policarpo me alcançara e foi bom porque iria me servir de intérprete na conversa com o negro, dado meu precário português.

Soube enfim que tudo aquilo era do coronel B..., comandante das armas em Manaus, e que Crisóstomo, o negro, era soldado e servia de vigia das plantações. Voltei ansioso, de planos feitos. Nem me lembrei do cansaço, da falta de almoço e das dificuldades de arranjar jantar. Queria conseguir a casa.

Ao reentrar na cidade, fui acabar de comer o pão com manteiga, guardado preciosamente por meu compatriota, e, depois, munido de uma carta de apresentação dada pelo coronel da Guarda Nacional, corri à presença do comandante das armas. Por sorte esse militar já estivera em Paris e sabia bem o francês. Além do mais encontrei lá, também, o jovem médico com quem viajara desde o Pará. Obtive logo o que queria. E o comandante fez questão de se encarregar de minha mudança e de minha instalação. Ainda fez mais: ofereceu-me jantar. Antes da refeição fui visitar uma coleção de animais composta de macacos e pássaros do Pará.

Confesso que não pude me furtar ao pecado da inveja, máxime quando vi o *coq-de-rocha*.<sup>7</sup> Não tivera ainda ocasião de admirar essa ave, quer em liberdade quer presa. E demorei-me a contemplar esse belo pássaro, de penas vermelhas, com uma crista da mesma cor. Uma coisa curiosa me chamou a atenção: engolia avidamente pimentas, sua

---

7 Ave que vive nas rochas e tem uma bonita plumagem.

alimentação habitual, e no mesmo instante botava-as para fora no mesmo estado em que as engolira. Dei-lhes bolinhas de miolo de pão, e do mesmo modo as expeliu sem a menor deformação. Os índios afirmam terem visto esses pássaros, reunidos às beiras dos rochedos, dançando em roda. Quisera me achar já entregue à caça, não para assistir a essa duvidosa dança, mas para enriquecer minha coleção, já bastante valiosa, com as espécies que viera procurar a tão longa distância de meu país.

O Sr. Costa me levava a todas as lojas da cidade, mas nenhuma delas oferecia sortimentos apreciáveis de mercadorias. Tendo já casa, mister era montá-la. Policarpo, que se sentava invariavelmente enquanto eu fazia a escolha dos artigos, foi encarregado de levar as compras à residência do coronel. Comprei logo uma barra de sabão, a única existente em Manaus, e queria que Policarpo lavasse minha roupa. Convém acrescentar que de uma só vez ele gastou o sabão todo. Adquiri mais um frasco de boca larga com manteiga salgada e rançosa, biscoitos, algumas libras de queijo, azeite e um candeeiro. Ao todo uns 10 quilos, que, por sinal, quase alejaram Policarpo. Quando fui jantar, encontrei-o estendido no pátio. Nessa noite fui ainda pernoitar em casa do Sr. O.

No dia seguinte, depois do café, partimos numa canoa tripulada por seis índios, cada um com a sua pá. Eu via pela primeira vez esse utensílio substituir o remo. O piloto era um selvagenzinho de dez anos de idade, recolhido há uns seis meses pela família do comandante das armas. Não sabia explicar aonde ia nem de onde vinha, e mostrava-se vaidoso da camisa e das calças que vestia. Dava gosto porém vê-lo a desempenhar seu papel com consciência e dignidade: não pestanejava e evitava, com segurança inconcebível na sua idade, os obstáculos que íamos encontrando com freqüência. E havia ainda maior mérito nesse menino quando víamos que os seis remadores, hábeis como eram, não lhe dariam tempo para desviar a canoa se cometesse erro de visão ou hesitasse um segundo. Tudo, porém, correu bem, e, não obstante os troncos, raízes e folhagens encontrados pelo caminho, chegamos sãos e salvos ao destino. Dei um abraço no Joãozinho, e ele, mostrando-se reconhecido, pôs-se, a um sinal do coronel, a tocar violão e a cantar estranha canção, acompanhada por uns passos de dança e por umas caretas ainda mais curiosas. Noutra canoa, dirigida por Policarpo, viera minha bagagem. Este “valente” rapaz, temendo ser obrigado a remar, preferira

servir de patrão como o Joãozinho, e, quando os homens botaram dentro de casa todos os meus volumes, ele me apareceu com o seu baú. Ao se retirar o meu hospedeiro, após me haver proporcionado um almoço, restava-me para o dia seguinte um pedaço de tartaruga e outro de carne de porco salpresa, que guardei como preciosidades; como me achava fatigado, fui me deitar mais cedo, tendo antes chamado por toda parte Policarpo, sem ser atendido; resolvi armar a rede e me meter nela. O negro Crisóstomo havia se aboletado num outro compartimento da casa. Estava quase adormecendo quando vi no parapeito da janela, iluminada pela lua, dois bichos a formarem um grupo que não pude explicar o que fosse, pois saltaram ambos para dentro da casa e desapareceram no escuro. Não gostei dessa visita, porquanto a experiência me ensinava que, vivendo-se na mata, deve-se ter a máxima precaução. Com meu pau ferrado pus-me a revolver todos os cantos do aposento, e afinal vi um animal espantado tomar, em fuga, o mesmo caminho por onde entrara. Mais pela imaginação do que pela realidade, pareceu-me ter uma forma esquisitíssima. Para evitar nova invasão, fechei o postigo, com pouca vontade, deixando a porta meio aberta para respirar melhor. Não decorrera meia hora e essa porta se abriu de todo, e tornei a ver o tal bicho fantástico. Estendi o braço, apanhei o pau e vibrei um golpe; ressoou um miado e tive a certeza de ter dado num gato, mas um outro miado mais fraco se fez ouvir. Ao vibrar a pancada no gato, a porta fechara-se e o animal, preso, revelou-se-me de todo. Tratava-se de uma gata, que estava levando de um em um seus gatinhos para local de onde a haviam expulsado. Postara-se num canto do quarto e dali me olhava com raiva: um dos gatinhos escondera-se debaixo dela. Coitada! Eu matara outro bichano, sem querer, talvez o mais novinho. Como não nutria simpatia por esses felinos e agira em legítima defesa, não tive remorsos; botei a gata e o gatinho para fora e me tranquei, para dormir tranqüilo. Ao acordar, a família estava de novo no meu aposento, aninhada num dos meus pallets. Durante a noite eles haviam entrado pelo telhado. Despejei-os de meu domínio pela segunda vez e levei uma semana em litígio com esses animais que defendiam seus direitos de primeiros habitantes da casa. Mas nem Policarpo nem Crisóstomo souberam dessa questão.

Foi-me necessário construir novamente minha câmara escura, pois pretendia trabalhar em fotografia. Não tinha a recear dessa vez,

como acontecera de outras, que o sol prejudicasse os efeitos dos motivos a apanhar, porque todos os meus modelos estavam a descoberto e a luz não me faltava. Era só escolher. Fui instalar-me na cabana maior, a de clarabóia; levei para lá chapas e frascos hermeticamente fechados a esmeril. Tudo concluído, e, estando Policarpo bem-informado da finalidade desses preparativos, tratei de percorrer as vizinhanças. Não era tarefa muito cômoda, e mais de uma vez, a meio dos trabalhos, em idas e vindas, dei uns tombos. Todavia, à medida que ia conhecendo melhor a região, mais dela ia gostando. Um dos primeiros pontos visados por mim foi a cascata. O roçado fora feito perto das águas e deixaram de pé mais acima as árvores, as primeiras que eu tinha visto ali. Do lado oposto, a mata virgem, estendendo-se consideravelmente e ganhando uma montanha pouco elevada; contudo, era uma montanha, e, como é de imaginar, dada a saudade que sentia das altitudes, planejei logo visitá-la muitas vezes, se tal me fosse possível.

O que tornava esse projeto um tanto difícil era a circunstância de terem abatido, justamente pelas redondezas e numa grande extensão de terreno, uma grande porção de árvores que seriam queimadas em breve, pois o verão permitia mais fácil combustão. E, por isso, não poderia sem sacrifício atravessar esses montes e mais montes de troncos, galhos, raízes e folhas.

Uma das coisas que me impressionaram desde o primeiro dia de minha chegada foi o profundo silêncio reinante. Parecia morta a natureza: nem um rumor, nem um canto, nem um réptil, nem um inseto. Nada! Nada! E o sol sempre a brilhar! Eu me achava em meio de imensa clareira florida. Em sítios semelhantes nunca deixara de ver inúmeros insetos. Esplêndidas colheitas fizera neles. Mas, aqui, ao contrário. Nada. E dizia com meus botões: talvez mais adiante. Essa decepção não me perturbou os projetos para o dia seguinte, e, depois de ter observado o que me interessava no momento, voltei à minha tenda de trabalho onde encontrei Policarpo à minha espera, dormindo de barriga para baixo. Com muito desagrado fui deparar com vários frascos de drogas desarrolhados sem poder adivinhar como isso se dera. Acordei Policarpo e este tampouco pôde me dar explicações a respeito.

Dava a porta do meu quarto para o poente, e o calor era insuportável, razão por que me levantava muito cedo. Mal saía da cama, for-

necia instruções a Policarpo quanto a suas obrigações de meu auxiliar-fotográfico. Ele partia na frente com a máquina e o tripé, e eu o seguia levando o chapéu-de-sol, o relógio e a cadeira portátil. Escolhido local conveniente, ali Policarpo devia ficar à espera de minhas ordens, ou acompanhando-me quando necessitasse ir à barraca. Se fosse necessário abrir caminhos, ele o fazia com o machado. Finalmente, se os raios solares me afligissem ou me estorvassem, proteger-me-ia a cabeça com o chapéu-de-sol.

Ele procurou dar conta desses deveres, mas de forma sempre incompleta. Quando eu precisava andar ligeiro, ele vinha a passo. Não havia jeito de fazê-lo se apressar. Pouco a pouco fui vendo nessas atitudes um propósito, ele nunca sorria; ao contrário, mantinha maneiras estranhas de me olhar, um ar demoníaco que jamais esquecerei. Levei muitos dias a trabalhar em fotografia, deixando de lado um pouco o desenho e a pintura, preferindo apanhar aspectos desses lugares onde, talvez, ninguém ainda houvesse levado máquina fotográfica. Esse processo, embora pouco artístico, guardava-me pormenores da paisagem que o lápis ou o pincel teria exigido muito mais tempo para fixar.

Um dia desapareceram-me os óculos, deixados em cima da cadeira. Policarpo, Crisóstomo e eu demos buscas minuciosas por toda parte, sem êxito a princípio; acabei, porém, descobrindo os óculos a uns cem passos do lugar em que os pusera. Meus frascos também continuavam a aparecer destampados sem que soubesse como tal acontecia. Várias vezes botara para fora de casa aves e cães, antigamente ali alojados, e, nessas ocasiões, tirava dos bicos dos mutuns ora um objeto, ora outro que eles carregavam. Esse vício de bulir em tudo me fez lembrar a pega-ladrona, e certa vez ao vê-los, rondando por ali, me escondi e me convenci de que eram esses animais que destampavam os frascos. Pude então me precaver.

Costumava o coronel vir de quando em quando me visitar: trazia-me sempre víveres que eu aceitava com prazer. Quem, vivendo em Paris, só tem a escolher o seu jantar no Café Inglês ou noutra qualquer, admirar-se-á talvez de me ouvir falar sempre em refeições. Verão, porém, que dali a dias eu ainda me preocuparia mais ainda com a alimentação, pois nessa época não terei sequer o bondoso coronel para me oferecer ovos de tartaruga ou de galinha, além do precioso pão!

Um dia o coronel trouxe consigo o juiz de direito, o que sabia falar francês. Ele tinha na sua estante um volume do *Museu das Famílias* ou do *Mosaico*, ou de outra obra desse gênero, cujo nome não me recordo bem. E encontrara nele uma estampa com o meu quadro *Duquesne diante de Alger*. Seria mesmo o autor que vivia atualmente em plena mata na foz do rio Negro? Queria ter a certeza disso. Confesso ter experimentado freqüentemente forte sentimento de orgulho ao me ver conhecido de nome, longe do meu país; desta vez, senti-me imensamente feliz: eu não era mais um viajante banal aos olhos do bom coronel, que me acolhera tão admiravelmente. Os dois visitantes insistiram para que terminasse logo o trabalho a que me entregava e voltasse à cidade onde, daí a dias, o presidente ofereceria um baile. Um baile a que se precisava comparecer de roupa preta! Numa terra em que diariamente o termômetro sobe a 84 graus Fahrenheit, à sombra, e a 125 ao sol! Por polidez, escondi meu horror a tal contingência.

Tinham vindo trabalhar na conclusão da outra cabana quatro índios maruas e sua presença concorreu para diminuir um bocado a solidão em que vivia. Andava nessa época inclinado de novo para a pintura e quis aproveitar esses inesperados modelos. Lutei, porém, com as tintas que secavam rapidamente na paleta. Era impossível pintar ao ar livre. O que favorecia à fotografia, causava inconvenientes ao pincel. Todavia, arranjei um jeito de manter o guarda-sol aberto e ali debaixo podia trabalhar protegendo as minhas tintas.

Tive necessidade de penetrar pelas matas pelo lado em que o rio não é ornado de árvores, como de costume. Não tinha outro meio senão me despir. Para Policarpo isto não tinha importância. Na outra margem, porém, era preciso abrir caminho entre troncos, galhos, espinhos, e, para ensinar a meu criado a missão de guia, Crisóstomo tomou-nos a frente, no primeiro dia. Crisóstomo costumava agir de modo mais simples do que Policarpo. O pequeno rio não constituía grande obstáculo. Caminhamos durante meia-hora expostos ao sol, e o calor ia aumentando, mas, afinal, atingimos terreno mais protegido, e por uma vereda nos metemos outra vez na mata. Ali então o negro nos deixou por ter de ir fiscalizar os trabalhos dos índios. De volta, passou pelo mesmo caminho da ida, procurando assim preparar-nos uma espécie de vereda para o dia seguinte.

Policarpo levava meu saco e eu carregava os apetrechos de caça; ele ia à frente sempre que encontrava caminho franco, o que lhe evitava manejar o machado. Todavia, após algumas inexplicáveis paradas, o pajem foi se ficando para trás e percebi que ele estava com medo, embora não atinasse o motivo. Isso por uma simples razão: ele não me trouxera ao conhecimento que há dias se ouviam nas redondezas rugidos de jaguares. Eu conhecia mais ou menos o índio, porém aos poucos ia me inteirando mais particularmente do seu caráter, o que não aumentava minha simpatia por ele. Tinha em Policarpo um inimigo e tive provas disso. Sabia que eu andava quase sempre sozinho pelas matas quando não trabalhava em fotografia. Contava com essa circunstância e pareceu-me vê-lo sorrir disfarçadamente quando pedi ao negro para me ensinar o caminho da floresta. Crisóstomo, como já expliquei, voltara a casa. Policarpo não me avisara do perigo a correr com os jaguares e viu-se assim metido na armadilha que me preparara. Era necessário andar para frente e ele não seria tão bruto que não conhecesse minha natural impaciência. Pus-me a caminhar tão depressa que precisava por sua vez estugar os passos para não ficar muito longe de mim. Mas eu, na ignorância do risco, ia à frente, derrubando os obstáculos, sem me importar com o companheiro. Ia a esmo, admirado de ouvir apenas as vozes dos sapos-bois; nem um canto de passarinho! Avançando, anotava os pontos a que tencionava voltar para pintar. Não havendo por ali mosquitos a me atormentarem, sentia-me satisfeito da caminhada e prosseguia confiando nas forças das pernas. Quando me virava para trás, avistava Policarpo perto: ele procurava pôr-se sob a proteção de minha espingarda bem carregada. E, sem dúvida, com seus botões, procurava um pretexto para no dia seguinte não me acompanhar mais por essas bandas.

Ouvia-se ao longe a queda de uma cascata, e ao me aproximar notei que as águas do rio estavam escuras. Precipitando-se a princípio sobre uma pedra com a forma de um túmulo, elas se lançavam por uma série de rochedos de onde por fim davam um último salto com grande ruído. Esse sítio pareceu-me ser um dos limites naturais de minhas excursões. Chamei Policarpo; armei, não minha barraca, mas meu guarda-sol, e fiel a minha vocação comecei meu quarto panorama sem medo dos mosquitos, ao murmúrio da cascata e sob um teto de vegetação impenetrável aos raios solares. Nesse momento experimentava uma sensa-



ção de bem-estar. Todas as vantagens e nenhum inconveniente. Encontrara afinal as belas florestas com que tanto sonhara. O horrendo Policarpo fizera uma espécie de cama com folhas de palmeiras e nela se deitara. Não dormia, antes aguçava os ouvidos, e, sob pretexto de evitar que caísse dentro d'água, pusera minha espingarda ao alcance das suas mãos. Sem saber, então, o motivo dessa solicitude, ainda lhe fui grato por ela intimamente.

No alto da cascata uma ilhota permitia passar-se de um lado a outro do rio, se não a pés enxutos, pelo menos sem se recorrer à natação; havia somente um pequeno inconveniente: o risco de ser arrastado pela corrente, ali bastante impetuosa. Tomei minhas cautelas, e após demora prolongada na “minha floresta” – porque podia considerá-la feita para mim e, na ignorância de ser perturbado ali pela visita das feras –, tomei delicioso banho numa banheira de granito. Voltamos pela mesma vereda, Policarpo sempre atrás de mim. Quando saímos da mata, suportamos o suplício da travessia em pleno sol, por entre troncos e galhos abatidos.

Meu amigo o comandante mandara-me um leitão, e o negro havia preparado o petisco, pelo que a um passeio tão agradável seguiu-se saboroso jantar. Mandeí guardar o restante do leitão para no dia seguinte me servir de almoço lá na mata. Quando o procurei, no outro dia, desaparecera sem se saber como. Crisóstomo tinha certamente regado esse fugitivo leitão com uns cálices de aguardente, de modo que, durante a noite toda, com o acompanhamento de um violão, cantou à vontade numa voz tão desafinada que parecia choro de menino. Suportei o mais possível essa cantoria; depois, já farto, fui pendurar minha rede na casa em consertos, quase ao ar livre, pondo, porém, a meu lado a espingarda e o facão, para o que desse e viesse. Ouvei ruídos que me pareceram familiares, e não me importei com eles: achava-me melhor ali do que no meu aposento habitual, sempre muito quente. Ali, a viração entrava por toda parte e desde então não quis dormir noutra lugar. Contudo, como não há ventura completa, os mosquitos me reapareceram. Na manhã seguinte levantei-me cedo e, como não encontrei mais o resto do leitão, enchi um frasco com manteiga e pus no saco umas bolachas. No íntimo queixava-me do negro e do índio, sem dá-lo a perceber. E parti sozinho, consoante Policarpo desejava. Nada me aconteceu de desagra-

dável. Apenas, em certo ponto, surpreendi ruídos de bichos a correr por entre as ervas, parecendo serem, pelo barulho que faziam, de certo tamanho. Sem nada recear, não fiz caso disso, e tratei de me dirigir ao sítio onde começara a trabalhar no meu panorama. Depois, arranjei melhor a cama preparada na véspera pelo índio e ali, pela primeira vez, dormi um bom sono nestas florestas sem sofrer a tortura dos ataques de mosquitos. Vários dias reproduziram-se mais ou menos assim. Dispunha quase sempre de provisões frescas mandadas pelo bondoso comandante, e, quando elas me faltavam, recorria ao pote da manteiga. Meu quadro ia às maravilhas. Trabalhava nele continuamente, sem me preocupar com a caça, nem com a fotografia. Dava-lhe todo meu tempo. E já experimentava certa alegria em terminar desta vez um panorama sem acidentes ou fracassos.

Envolto nesses pensamentos, voltava uma tarde a casa, procurando, como de costume, as pegadas que meus grossos sapatos deixavam pelo chão. Esses sapatos tinham correias como as sandálias gregas, e foi por entre essas correias que senti de repente uma ligeira picada. Continuei a andar com precaução. Ao me descalçar para entrar n'água, a perna fraquejou. Supus tratar-se de uma dessas torceduras comuns por estes caminhos acidentados e não deixei de tomar meu banho costumeado; mas, ao querer me levantar, tive grandes dificuldades em fazê-lo. Regressei a custo, apoiado à espingarda, e sem poder trazer meus apetrechos, meus sapatos e até parte de minha roupa. Deitei-me na rede e nela foram me ver Policarpo e o negro; os muras também vieram examinar-me o pé doente e bem inflamado no tornozelo. Não se via, porém, nenhum sinal de ferimento. Qual a causa dessa inflamação?

O jovem doutor que me fora companheiro de viagem e era hóspede do comandante me visitou e como os demais nada descobriu no pé. Receitou-me qualquer coisa inocente, assegurando-me que no dia seguinte tudo passaria. Enganou-se infelizmente porque uma semana após eu ainda permanecia deitado. Sem poder trabalhar, e quase certo de estar com um espinho venenoso no pé, sem que o vissem nem o tirassem, passei horas angustiosas. Certa manhã agarrei meus apetrechos e, protegendo meu pé doente com um pano, pus-me a caminho e levei bem três horas para atingir o sítio da cascata. Assim terminei o panora-

ma, pagando meu tributo de sofrimentos, como acontecera já com os três outros.

Policarpo não se ofereceu sequer para me acompanhar e, por minha vez, tendo-o como inimigo, evitava o mais possível sua presença indesejável.

Ao dar por finda essa longa tarefa na floresta, havendo, quer nas idas quer nas voltas, feito vários esboços de desenhos e apanhado muitas espécies de plantas para meu ervário, pensei em regressar. Também apanhara o que me fora possível em fotografias; pintara os quatro indígenas; e quanto à caça apenas matara um tucano. Não estava de todo bom do espinho, mas andava com mais facilidade e já podia me apoiar no pé doente. O comandante me viera buscar numa canoa pilotada pelo meu amigo João. Passamos o dia inteiro neste solitário local a que criara amizade e que não esperava mais rever, sentindo como que saudades dele. Ia ser obrigado a viver na cidade e, se bem não tivesse Manaus o aspecto das cidades por mim conhecidas, lá habitavam autoridades de vários títulos; exigia-se o uso de indumentos se não rigorosamente pretos, pelo menos cerimoniosos, e isto constituía um vexame a que me queria furtar o mais que pudesse. Durante o tempo em que vivi na mata muita gente se ofereceu para conseguir a compra de uma canoa para mim; não tinha no entanto quem me arranjasse os homens necessários para tripulá-la. Era uma questão que dependia muito do presidente. Ao regressar nada se havia conseguido. Aumentaram mesmo as dificuldades porque as águas tinham baixado, e toda a população ribeirinha se entregava à pesca das tartarugas, não querendo vender coisa alguma. *A tartaruga é a comida de todos os habitantes dos rios.* Prestou-se o Sr. Costa a me acompanhar numa volta pela cidade. Meu pé não me incomodava mais, felizmente, e num só dia pude fechar o negócio. Encontramos a princípio uma canoa pela qual nos pediram 500 francos (200\$0), mas quando fomos vê-la encontramos-a submersa: era preciso tirá-la de dentro d'água, calafetá-la novamente, pôr-lhe um toldo. Não sabia bem o que resolvesse; fomos caminhando e, ao passar por uma volta do rio Negro, onde existiam outras canoas, entre elas o Sr. Costa mostrou-me uma, dizendo-me:

– Eis ali a que lhe serve; conheço-a bastante. Será necessário apenas cobri-la.

Ponderei que se precisava ainda da disposição do dono em vendê-la, ao que meu companheiro retrucou:

– Meu caro Sr. Biard, se é por isso, digo-lhe que a canoa é sua. Se o Sr. tivesse achado outra que lhe conviesse, eu não teria falado na minha, mas, uma vez que se acha em dificuldades, posso abrir minha boca para dizer-lhe que essa é sua, porque sou seu dono.

Mostrei-me sensibilizado com a oferta e muito agradei porque compreendi quanto me seria difícil obter outra embarcação naquelas circunstâncias. Paguei 60\$0 (cento e sessenta francos) pela canoa; adquirei por 10\$0 uma vela (30 francos) e tratei de melhorar seu interior. Num desses passeios pela cidade vi passar um enterro de um rapaz que, como eu, há tempos, tinha sofrido um ferimento no pé; ébrio habitual, como quase todos os índios, continuara a beber malgrado o ferimento, e a gangrena tomara conta do membro doente.

O comandante havia mandado levar minha bagagem para um aposento sem móveis conseguido para mim, por não poder me hospedar na casa onde diariamente fazia refeições. Procurava retribuir essas gentilezas de que era alvo pintando o retrato da própria pessoa que me obsequiava ou de outra qualquer da família, e, assim, pude ser agradável ao meu prezado coronel. Aproveitei-me bastante desse aposento: emprestaram-me uma mesa, uma jarra; das malas me utilizei como cadeiras ou armários; pendurei a rede e durante alguns dias me entreguei à pintura, esperando que a canoa ficasse pronta. Almoçava o comandante ao meio-dia, e depois vinham habitualmente visitas conversar, o que me fazia perder tempo a ouvir as mesmas coisas; tomei a resolução de mandar Policarpo me comprar um pão de dois *sous* que eu ia mastigando enquanto esperava pelo almoço. De outras vezes renunciava a essa refeição, preferindo passear com o juiz de direito, Sr. Gustavo Ferreira, ou com o Sr. Costa, quando não me dispunha a sentar-me à beira dos caminhos, nas vizinhanças das matas pouco a pouco e lamentavelmente transformadas em roçados. Nenhuma voz de pássaro se ouvia mais por ali. Após um desses passeios, descobri que minhas pernas estavam cheias de carrapatos; entravam-me pela carne os bichinhos, e, a custo, com uma agulha, pude extraí-los. Contudo, pareceu-me haver ainda ficado um. Assegurou-me Policarpo não ser um carrapato e sim um espinho. Emprestei-lhe as pinças para tirá-lo, porém ele encontrou imprevista di-

ficuldade: o corpo estranho era maior do que pensara, e as carnes o tinham recoberto quase por completo. Foi preciso uma incisão maior para se conseguir extirpar o espinho que tinha bem uma polegada de comprimento. Mostrei-o ao médico e este admirou-se de como eu pudera andar tantos dias com esse estranho hóspede. Mas, com a extração, senti-me imediatamente aliviado.

O que não me corria bem era a obtenção de índios para minhas necessidades. O bom coronel compreendia bem minha ansiedade, porque eu não viera até ali para percorrer as ruas. Precisava era penetrar pelas regiões dos indígenas e gozar uma vida de liberdade por esses rincões selvagens. Mas ouvia somente, de todos, esta esperança: “Espere um pouco! Logo se conseguirá o que deseja.” Esse logo era fatal. E me enraivava a maneira por que em Manaus se aprecia o tempo. Cada habitante dessa cidade pensa que o dia dispõe de 48 horas ou mais.

Nessa pequena localidade, cheia de subidas e descidas, onde as ruas são esteiradas de capim, testemunhei mexericos e maledicências como nunca as presenciara em outros lugares do mundo. Que valem os “boatos” de França junto aos dali? Sem aludir aos tigres que me devoraram... em vários jornais, eis aqui uma amostra do que vi: certo indivíduo compareceu à polícia para denunciar um assassinato cometido por uma mulher; ela matara o marido, a quem surpreendera em flagrante delito de infidelidade conjugal. Depois de haver morto o marido e a amante, com uma faca, cortara os dois cadáveres em pedacinhos e lançara-os ao rio. Dias depois chega essa fera a Manaus. Meteram-na numa prisão. Mas, no terceiro dia de detenção, aparece o marido, que se julgava defunto, reclamando notícias da esposa, cujo desaparecimento lhe estava causando apreensões...

Souberam que eu andava a procura de modelos para pintar e trouxeram-me ao conhecimento uma excelente oportunidade: chegara à localidade um índio bravo que matara a mulher. Quis ouvir a opinião de meu amigo, o juiz de direito, e este, sem dúvida mais a par da verdade, disse-me que se tratava, ao contrário, de uma índia feroz que dera cabo do marido. E, no fim das contas, esta versão também não era verdadeira.

Não poderia nunca dar uma idéia das acusações que frequentemente pessoas desafetas faziam umas às outras, e elas me aguçavam o desejo de sair logo dali.

Todas as noites, ao me recolher, era acompanhado por um soldado de baioneta calada. Subíamos e descíamos ladeiras pedregosas, nas quais mais de uma vez tropeçava. Habitualmente, a porta de casa estava fechada. O dono da habitação possuía vários escravos, e quando esses iam dormir trancava-os e levava consigo a chave. Policarpo, de costume sentado ou deitado nos degraus da escada, não se incomodava; o soldado é que ia buscar essa chave, e eu então me dirigia às apalpadelas até minha rede. De Policarpo eu não ouvia, durante a noite, nem a voz.

Se Policarpo se tornava assim mudo, outro tanto não acontecia com as sentinelas da terra. De hora em hora elas gritavam umas para as outras: “Alerta!”, e esse grito ia se reproduzindo de uma em uma até à mais afastada. Dir-se-ia estarmos numa cidade ameaçada, o que absolutamente não se verificava. Se eu não houvesse ouvido esse brado de alarma senão quando regresssei da cascata, poderia ter suposto tratar-se de uma medida de precaução contra certo jaguar, cujos malefícios vinham apavorando os habitantes de Manaus. Mas, desde o dia de minha chegada, fora despertado subitamente pelo “alerta” da sentinela postada defronte da casa do Sr. O. Refletindo melhor no caso, admiti duas causas para tal providência: primeiro, a importância do rio Negro, que desce do interior e comunica-se por um braço navegável (o Cassiquiare) com o Orenoco; segundo, a situação de Manaus que domina o curso inferior do Negro e defende a entrada do Amazonas.

Quando eu contava a alguém que para fugir à música de Crisóstomo e depois ao calor preferira dormir ao relento, num sítio perigoso sob todos os aspectos, ouvindo falar de ameaças de feras todas as noites, tomavam-me como um corajoso romano. Desta vez, porém, não me sentia assim tão bravo; preferia ir embora. Contudo, a visita de despedidas ao presidente ia sendo retardada por várias razões, e à espera que chegasse sua hora oportuna todos os dias observava os trabalhos em realização na minha canoa, lá no *furo* em que ainda se achava.

Figurem esta cena: um senhor bem trajado, bem engravatado, de luvas, sentado numa pilha de folhas de coqueiros; perto, um porco metido na lama; em volta, urubus disputando restos de tartarugas e a

soltarem uns gritos parecidos com os de gatos enfurecidos. Nos galhos de uma árvore e nos paus das cercas muitos outros abutres semelhantes. A um ruído qualquer, em pânico, eles abriam vôo em todas as direções, tumultuosamente; vôos idênticos desferiam quando um deles encontrava cobiçável petisco. Não se pode matar nenhum deles, sob pena de multa ou prisão, porque essas aves ajudam a limpeza das ruas, sempre atulhadas de cisco.

Todas as manhãs eu ouvia risadas lá fora. De comum não me interessava com os trabalhos dos escravos de casa, trabalhos sempre acompanhados de tagarelices e comentários; se uma negra trazia, como de costume, um pote, uma gamela ou um chapéu-de-sol na cabeça, tinha-se um pretexto para conversa. Já andava há tempos farto dessas e outras banalidades, mas desta vez os risos eram tão fortes!... Fizera já retratos de muitas mulatas e indígenas, tipos integrantes da casa que habitava. Tinha, no entanto, certa predileção por uma bonita e bondosa moça de lábios grossos e de face sorridente. Chamava-se Phylis. A partir desse dia, porém, e desde o momento em que a vi na rua, causava-me horror. Minha protegida, armada de um machado, estava de mangas arregaçadas até aos cotovelos; o vestido lambuzado de sangue, e, assim, tentava decepar a carapuça de uma tartaruga. Um dos meus outros modelos, uma meninota, meio índia, meio negra, em ar de brinquedo, ajudava a mãe a segurar a cabeça do animal que, de quando em quando, com a força de que dispõe, lhe escorregava das mãos. E era justamente esse pormenor da cena que fazia todo o mundo rir. Somente Policarpo não tomava parte na alacridade: estava dormindo. Afinal, as mulheres conseguiram abrir uma brecha no pescoço da tartaruga. Não era o suficiente. Esse animal é de tal modo vivaz que se torna preciso empregar outros meios para matá-lo; seus pulos, seus estremecimentos musculares, zombavam dos esforços femininos e dos golpes do machado. Vi-as enterrar um espeto de madeira na coluna vertebral do infeliz bicho, e ele aquietou-se de vez, permitindo o retalhamento. As patas ficaram muito estragadas, mas haviam todos se divertido bastante. Que importavam essas patas que tanto haviam tremido e essa cabeça que tanto soubera escapar às garras dos seus carrascos de saias! Sangue, lava-se... Retirada a carcaça, abriram o estômago e apanharam os ovos, que são redondos, pouco menores que os de galinha, sem casca e muito delicados. Desde

esse dia não permiti a entrada no meu quarto da senhorinha Phylis nem de suas ajudantes.

A canoa estava quase pronta. O presidente determinara fossem postos à minha disposição os índios meio selvagens de que precisasse. Recebera do Pará cartas de recomendação a meu respeito. Sua Majestade, sabendo que me achava no Amazonas, e sem dúvida esquecido de que eu nada podia resolver antes de meu regresso à Europa, e de que até essa ocasião me era impossível aceitar o que sua bondade me reservara, mandava-me dizer que no Rio se esperava minha decisão acerca de serviços solicitados ao meu zelo e minha competência. Diante desse pedido, ao qual não me achava em condições de atender, procurei do melhor modo expor os motivos dessa impossibilidade, ressaltando perante Sua Majestade meu reconhecimento. Essa correspondência me elevara bastante aos olhos do Presidente e ela me serviu mais, num instante, do que todas as tentativas anteriores feitas junto dele para me auxiliar a excursão.

Agora, certo de partir sem demora, mandei levar a canoa para defronte da casa do coronel, perto das embarcações dele, sob a guarda de um soldado, pois já haviam roubado, dali, alguns barcos; prestes a embarcar, a hipótese de um furto desses me levava a tais precauções muito cabíveis.

Faltava ainda na canoa um toldo feito de arcos e coberto de folhagem, à popa, sobre pequeno soalho, onde eu passaria meus dias sentado e minhas noites deitado. O material necessário a essa obra existia na fazenda onde eu vivera, e era azado o momento de dar um pulo até lá. Convidou-me o coronel para um passeio no dia seguinte a esse sítio, e, depois de marcar-me a hora da partida, retirei-me porque ele tinha visitas, e, já notara, em tais circunstâncias o estrangeiro que não sabe a língua do país é esquecido. Deixei-os à vontade, discutindo a possibilidade de fundação de um jornal em Manaus. Natural que, já existindo nesta localidade um presidente, um exército de 300 homens, uma guarda nacional, e de igual efetivo, coronéis, tribunal, sabendo-se dançar, houvesse também, como uma fantasia, um jornal, pelo menos para se ver.

Eu andava enfasiado dessas reuniões em que só se falava no tal jornal. Pouco antes, almoçara com os meus dois *sous* um pedaço de pão e um copo d'água. Meu dia de trabalho fora bem ganho: pintara



com proveito. À hora do jantar cheguei mais cedo, por causa das dúvidas. Falava-se no jornal. Fui, esperando o fim da conversa, até à casa do Sr. O., onde me encontrariam em caso de necessidade. Por providência, voltei lá uma hora depois, sem esperar o chamado. Conversaram ainda à vontade. E lá voltei ainda para ver se havia sombra de jantar, mas o assunto importante que discutiam tinha feito esquecer as exigências do estômago. Chegavam outras pessoas interessadas no caso, e de comer nem se pensava. Afinal, às 10 horas e meia vieram me prevenir de que estavam à mesa. Mesmo assim tivemos de esperar dois convivas, ambos pouco apressados porque estavam tomando banho. Eram 11 horas e tanto quando por fim se começou o jantar. Os meus dois *sous* de pão já iam bem longe...

De outra vez em que se discutiu o projeto da fundação do jornal, mais avisado tive tempo de tomar também banho, e de numa canoa remada por João ir apanhar uns esboços até a hora do jantar. Já era noite e tivemos de acender a lanterna para viajar na escuridão do rio.

Nessa mesma noite o juiz de direito, com quem mantinha certa intimidade, dissera-me: “O Sr. acusa Policarpo de preguiçoso e no entanto acabo de encontrá-lo com um cesto cheio de provisões.” Isso aberrava dos hábitos de Policarpo e receei que ele não estivesse muito no seu juízo, mas ao voltar a casa vi-o como sempre a dormir profundamente. Procurei saber o que ele houvera feito. Eu comprara certa quantidade de algodão para encher com ele pássaros embalsamados e encarregara o criado de separar a pluma dos caroços. Ele gastara 15 dias para dar conta de um quarto dessa tarefa; o resto eu fiz em duas horas.

No dia seguinte tive pressentimento estranho. Corri a ver minha canoa e imaginei o desapontamento, não a encontrei. O soldado que a vigiava contou-me que na véspera, quando estávamos na cascata, um homem aparecera declarando-se dono do barco e o levava. Diante dessa tremenda realidade fiquei num estado de estupefação maior do que me atingira ao ver meu panorama devorado pelas formigas. Fui procurar a canoa por todos os lados como um doido. Dali a pouco toda a cidade sabia do acontecido e enchia-se de espanto. Onde estaria essa canoa que um homem só não podia manejar? Quem a roubara sem dúvida teria disposto de companheiros. Certamente haviam esperado que ficasse pronta para carregá-la. Eu era um simples estrangeiro... Ótima presa!

Meus projetos ruíam como um castelo de cartas. Sem o recurso da canoa o jeito era me meter num vapor e ver de novo o que já havia visto... Vida nas selvas, caça, esse desconhecido com que tanto sonhava... tudo uma ilusão. E nestes pensamentos passou-se uma parte do dia. Errei debaixo de um sol causticante, mas apenas a convicção do roubo de minha canoa me fazia sofrer. Lá se iam todas as minhas esperanças. Fui até à casa do coronel. Ali, um índio serrava madeira. Via e ouvia tudo, sem dizer nada. Fazia mais de uma hora ele encontrara e trouxera de novo a canoa para seu lugar costumado. Quem a roubara estava ébrio e acabara deixando-a numa enseadazinha onde o tal índio a reconhecera, e de lá a trouxera sem abrir a boca para dizer o que fizera. Eis um retrato perfeito do índio!

Outro dia passou-se. Policarpo, ajudado por um carpinteiro, preparou o toldo da canoa. Poderia então deitar-me ou sentar-me a gosto sob essa cobertura. Não quiseram permitir que partisse sem maiores honras: além dos índios para remar deram-me um guarda nacional como ordenança. O primeiro designado para a missão andou por toda a cidade a propalar que estava sendo vítima de uma perseguição; ia ser arrancado à família pela tirania e malvadez do coronel... Prevenido a tempo, e por não me sorrir ter por companheiro um homem assim revoltado e hostil, pedi sua substituição.

Pronta a canoa, era mister cuidar das provisões de boca. Haviam chegado da Europa seis queijos da Holanda; um deles, o último, por sinal, fora-me cedido por grande deferência. Se por isto vim a padecer, sem dúvida terão concorrido as pragas que levei por parte daquele a quem haviam privado do queijo. Aproveitei dois frascos que tinham servido para drogas fotográficas e enchi-os com manteiga rançosa. Ofereceram-me dois tonéis vazios, um vindo da França e outro da Inglaterra; como era natural, escolhi o que devia, dada sua qualidade de compatriota, convir mais ao meu estômago. Nestas circunstâncias meu patriotismo era demais. Arranjaram-me bolachas e biscoitos. De minha parte, ainda possuía um pouco de chocolate trazido do Pará. Provi-me de uma dúzia de garrafas de aguardente para os índios; para eles também enchi um canto da canoa de cestos com farinha de mandioca, um peixe seco chamado *piraroca*, o qual é pescado em geral nas lagoas. Para o resto que

me fosse necessário no caminho confiava em Deus e nos indígenas que encontrasse por lá.

Marcou-se a partida para as 6 horas da manhã. A essa hora deveríamos estar reunidos. Transcrevo do meu diário estes trechos:

“Quarta-feira 28 – Estou sentado à sombra de uma palhoça: faz muito calor; enfureço-me. Levantei-me às 3 horas da madrugada, apressei meus preparativos e fui até o sítio onde se achava a canoa. Ajudado por um negro, Policarpo amarrara a um poste dois macacos que seriam nossos companheiros de viagem. Ninguém ainda aparecera! Corri à casa do Sr. M. L., não ousando incomodar o Presidente a essa hora; o Sr. M. L., disse-me que tinham sido dadas ordens a respeito e que se admirava de não haver ainda ninguém no ponto de embarque. Dei um pulo a casa do chefe dos índios, um português, que lhe dirige os trabalhos. Esse homem, para aumentar-me as dificuldades na compreensão da sua língua, era gago; deu-nos o que fazer um entendimento. Contudo, terminou por me prometer dois homens, além de outros três, que me transportariam as bagagens, o que de algum modo compensaria o tempo perdido. De fato, esses últimos fizeram, cada um, uma viagem de casa para a canoa, porém, feito isso, certamente sentindo-se muito cansados, sumiram-se. Aproveitei a presença de Policarpo para me entender com os dois remeiros. Esses homens, como era costume ali, tinham chegado à cidade há meses em busca de trabalho; eram-me agora confiados, bem assim um outro guarda-nacional, sob a condição de, finda a excursão pelo Madeira, trazê-los pelo Amazonas e pagar-lhes a passagem de regresso a Manaus. Enquanto Policarpo e os remadores se instalavam a bordo, fui apertar a mão do coronel em despedida; ao voltar à canoa já não se achavam mais ali os dois índios, porque haviam ido buscar tabaco, etc. Mandeí o criado a sua procura e, quando os três apareceram, faltava o guarda-nacional, que por sua vez se eclipsara. Mandeí procurá-lo também, mas em vão. Resultado: às 5 horas da tarde não nos havíamos mexido do ponto em que nos encontrávamos, às 5 horas da manhã. E eu mais furioso ainda do que pela madrugada. Afinal deram com o soldado num canto de sua palhoça tão bêbedo que não dizia palavra. Quis prescindir do guarda, mas ponderaram-me não ser prudente tal decisão. Era mister um homem que impusesse respeito aos outros: os remeiros, indígenas ainda pouco

civilizados, nada resolvem com acerto sem a intervenção de alguém a quem respeitem. Arranjaram-me um terceiro guarda-nacional; não era antipático com sua cara bochechuda. Perguntei-lhe se aceitara de bom grado a missão de me acompanhar, e respondeu afirmativamente, sorrindo, garantindo-me ficaria satisfeito com seus serviços. Pediu-me hora para se preparar e embarcar, o que na verdade o fez. Mas de novo os remadores haviam desaparecido, de modo que deram 6 horas e eu me encontrava sentado no mesmíssimo ponto em que me achara de manhã. Resolvi passar ali a noite porque, caso os homens surgissem, fosse a que hora fosse, talvez pudesse embarcar e seguir viagem. O Sr. Costa, desembaraçando-se de suas ocupações, veio até ao cais, certo de que eu iria já longe. Encontrando-me, não quis que pernoitasse ao desabrigo à espera dos índios a quem conhecia bem nos seus costumes: eles logo que contratam uma excursão tratam de se embebedar o mais que podem, desforrando-se de antemão do longo período a transcorrer sem que possam se entregar às doçuras do vício.

Antes de voltar à casa do Sr. Costa, passando perto de uns barcos, vimos metidos num deles os meus remadores, completamente embriagados e com as caras emporcalhadas de lodo. Era impossível despertá-los e ainda mais levá-los para a canoa. O remédio seria deixá-los dormir, enquanto íamos tratar de fazer o mesmo. Eu, porém, não o consegui, porque caiu um desses súbitos e torrenciais aguaceiros dos trópicos, inundando tudo, e eu só me lembrava de que a minha canoa não era inteiramente coberta. Afinal, ao amanhecer, disse adeus a Manaus. Encontrara um dos remadores de pé e obriguei-o a carregar o outro. Como íamos descer o rio, poderíamos prescindir por enquanto dos remos. Logo que largamos, tratei de fazer minhas arrumações; felizmente o temporal não me causara muitos prejuízos. Comprara uma esteira e encontrei-a estendida por cima de minha bagagem. Fora idéia de Policarpo, e, se não lhe fui grato inteiramente, foi porque compreendi que ele, ao fazer-me esse benefício, visara principalmente abrigar-se debaixo da coberta, no ponto mais protegido. O soldado também achara cômodo deitar-se debaixo de meu pequeno abrigo; dispusera sem acanhamentos do espaço que já não era suficiente para mim, e nele arrumara seu boné, sua espingarda, seu sabre e sua baioneta. Só considereei minha famosa carabina dos caçadores de Orléans um objeto pesado, até o dia em que

peguei na espingarda do guarda, arma primitiva, que ele, previdente, temendo acidente, enrolara com um pedaço de madeira e algodão, em vez do sílex comum.

Pedi ao descerimonioso soldado que me cedesse o lugar onde tão à vontade se instalara e principiiei então a me acomodar ali, o que não me foi nada fácil, porquanto tinha de manter de joelhos. O soalho era feito de tiras de palmeira amarradas por cipós. Arrumei primeiro no alto os objetos que não me seriam talvez logo necessários e os que fossem suscetíveis de se quebrar, além dos que precisavam estar sempre às minhas vistas: as 12 garrafas de aguardente. Policarpo ia me dando uma a uma, mas ao chegar à nona desaparecera. Compreendi logo que o conteúdo dessa garrafa passara aos estômagos dos índios e do guarda nº 2, contribuindo assim para o retardo de nossa partida. Esse desfalque nas minhas provisões fez-me ficar de olho vivo quanto ao resto, e por isto coloquei as outras garrafas em sítio bem protegido. Das bolachas que adquirira, tirei um bocado para utilização próxima e guardei o restante debaixo do soalho, perto da aguardente. Essa arrumação mais tarde não me foi proveitosa.

Entre o meu toldo e a popa havia lugar para piloto. Ele podia ali deitar-se à vontade e, por isto, Policarpo escolheu essa tarefa que não lhe seria fatigante. Tinham me dado um lindo periquito, muito manso, e levava-o comigo para toda parte. A bordo, procurei-o para botá-lo numa gaiola, mas Policarpo o esquecera em casa e o bichinho iria morrer de fome. Acrescentei mais esse malfeito aos outros cometidos pelo miserável de quem cada vez mais raiva eu sentia. Pude, porém, amarrar de cada lado do meu abrigo meus dois macacos, *Rio Negro* e *Amazonas*: dois interessantes animais cujo pêlo era da cor da dos ratos; nunca tentaram me morder, e tudo quanto lhes dava para comer seguravam com o rabo cuja extremidade desprovida de cabelos parecia um dedo. Uma esteira servia-me de cama. Deitado nela tinha ao alcance das mãos meu material de fotografia, manteiga e azeite, em frascos protegidos com palhas (todo cuidado para não haver engano nesses frascos); também meus álbuns, lápis, canivete, óculos; instrumentos para dissecar e empalhar animais; dinheiro de cobre, pólvora, chumbo, balas; e, enfim, num caixote de sabão minhas provisões de boca e minha cabaça para tirar água. O que sobrava de espaço era para meu corpo deitado, isto mesmo colocando os

braços onde era possível. Ao cabo de 15 dias estava inteiramente acostumado. Como não precisava dessa cama senão à noite, o resto do tempo eu a transformava em mesa. Os remadores arranjavam-se à proa com o guarda. Policarpo, na popa, construía com folhas de palmeira um leito excelente. Eu colocara minha espingarda com o cano para fora do toldo, à sombra e ao alcance da mão. Afinal, sentia-me novamente livre!

Livre, sim, mas à mercê dos meus guias, o que era bastante imprudente, porquanto poderiam dispor de mim ao seu talento. Se alguma desgraça me acontecesse, só teria de me queixar de mim mesmo, porquanto, se no Pará me haviam aconselhado essa viagem, em Manaus tal não acontecera. Bem ao contrário se deu e eu o confesso, porque, se tenho feito leves críticas a hábitos que não são os meus, jamais esquecerei as provas de bondade que tantas pessoas me deram opondo-se a esta minha aventura cujo desfecho se lhes afigurava duvidoso quanto ao seu êxito. Essas pessoas me asseguravam que as promessas dos índios eram a coisa mais incerta do mundo; eu o sabia. Amedrontavam-me com a hipótese de ser abandonado por eles num ponto de onde o regresso se tornasse impossível, e vim a experimentar mais tarde essa contingência. O chefe de polícia tivera o cuidado de me prover de cartas de recomendação para o caso de ir parar em lugares habitados. O amável Sr. O. traçara-me um itinerário que alcançava até um certo limite da região. De Manaus, que fica no rio Negro, deveria reentrar nas águas do Amazonas e seguir por elas até a confluência do Madeira; depois tornar a subir esse rio até um sítio chamado Canoma; o resto do percurso tornava-se incerto. Eu queria conhecer a vida natural dos indígenas, e para isto era mister penetrar pelo sul o mais que fosse possível. Iria desta vez para o desconhecido.

Durante as primeiras horas da viagem um só índio trabalhou. O outro curtiu ainda a cachaça no fundo do barco. O guarda tirara a camisa e lavava-a. Policarpo de boné na cabeça, por causa do sol, segurava o leme e dormia. Eu, entregue a mim mesmo, tomei precauções para, tanto quanto possível, não ficar sujeito aos outros. Nesse propósito, quando o beberrão despertou, fiz um coisa, com aparente ar de naturalidade, mas propósitos ostensivos, fingindo não reparar nos olhos que seguiam meus movimentos. Após ter limpado meticulosamente um pequeno objeto de todo estranho aos homens que me

acompanhavam, pus dentro dele quatro cartuchos, e, com uma atitude de displicência, dei quase instantaneamente quatro tiros na direção do rio. Quer os índios, quer o guarda, não esconderam seu espanto. Os remos pararam; o soldado enfiou mais na cabeça o boné, e Policarpo pôs-se subitamente de pé. Repeti o gesto, mas desta vez abri o tambor do revólver e nele meti quatro balas que pareciam ter sido tiradas do bolso de minha calça, mas na realidade estavam guardadas num saquinho invisível; eu preferia que eles supusessem costumar trazer comigo a provisão dessas balas. Durante esta segunda experiência, os índios, que são avaros em exteriorizar suas emoções de riso ou de choro, de boas ou de más intenções, tinham entretanto cessado de remar, de lavar e de dormir, para assistirem até o fim os meus movimentos, para verem o que eu ia fazer com esse objeto misterioso, que de tão pequeno parecia mais ser um brinquedo de criança. Sem dúvida, Policarpo já dissera aos outros o que pensava de mim. Há de chegar o momento em que falarei dos serviços que ele me prestara com isso e do que eu podia esperar no tocante a minha segurança.

Tendo me metido numa empresa perigosa, necessitava inspirar senão afeto – que se pode obter algumas vezes do negro, porém nunca do índio – pelo menos temor. Mandei tirar da canoa uma grande tábua, de duas polegadas de grossura, que servia de suporte a uma das minhas caixas, pondo-a a salvo do contato com as águas do rio que nos incomodavam de quando em quando. Colocada esta tábua na borda da canoa, comecei a atirar contra ela, varando-a quatro vezes seguidas. Esse divertimento não me pareceu agradar aos meus companheiros; contudo, tratando-se de dar-lhes uma idéia de minha pontaria, não o terminei enquanto não fiz um grande buraco nessa madeira, cuja rijeza parecia de ferro. Depois pendurei o revólver no pescoço, por uma correntezinha de aço, como se se tratasse de um relógio. E a pequena arma aninhou-se num dos bolsos de minhas calças. Tomadas estas precauções e com balas de fuzil também no bolso, ofereci amavelmente um pouco de aguardente aos meus companheiros. Beberam até o último gole, e então ordenei: “*Vamos*”. Os remos tornaram a golpear as águas do Amazonas. Acabávamos de deixar o rio Negro.

.....

VIII  
*O Amazonas*

DO RIO NEGRO AO RIO MADEIRA

UMA TEMPESTADE NO AMAZONAS - OVOS DE TARTARUGA - UM JAGUAR - REFEIÇÃO NUMA ILHA - UM BRAÇO DO RIO MADEIRA - AS MUTUCAS - O INTERIOR DA CANOA - POLICARPO E SEUS COMPANHEIROS - BANHO ARRISCADO - MARGENS DO MADEIRA - O COLONO BRANCO - O BURACO DE AREIA - CÓLERA - SEUS RESULTADOS - CANOMA - ÍNDIOS MUNDURUCUS

**M**INHA intenção era de acostar e desembarcar num sítio<sup>1</sup> pertencente ao Sr. Costa. Ali sua mulher e filhos haviam se instalado. Mas, tendo verificado não ser favorável a caça, nessas paragens, não quis demorar e pusemo-nos ao largo sem demora. No meu diário, escrevi este pedacinho sob as impressões do momento:

---

1 Terreno roçadoe plantado.



*Cinco horas da tarde* – Eis-nos em plena tempestade no Amazonas. Fomos obrigados a procurar abrigo debaixo de umas árvores. Vem um forte rumor do rio, parecendo-me se originar de correntes contrárias a se chocarem. Cuida-se de endireitar a vela da canoa que esteve prestes a ser arrancada pelo vento. A chuva inundou tudo. Os trovões estalam sobre nossas cabeças. Mesmo debaixo do toldo, abro o guarda-chuva. Se esse mau tempo durar mais, tudo o que me pertence estará perdido.

*Seis horas* – A noite vem chegando; acalma-se a tormenta. Há pouco um urubu veio pousar num dos troncos quebrados que nos cercam. Quis atirar, mas o tiro falhou devido à umidade. Não é prudente sair daqui por enquanto; vamos passar a noite num ponto em que nos abrigamos. Mas o bom tempo voltou inteiramente. A vela consertou-se. O vento é favorável... “*Vamos*”. Perto de meio-dia o calor aumenta; de novo temporal. Os macacos, que na véspera tinham gritado bastante durante a trovoada, recomeçam sua música. Desta vez, é menor a tempestade; passa mais depressa. A tarde foi tranqüila e a noite, bonita. Ao largo, descíamos ao sabor da corrente. Tentei dormir na minha esteira, mas o calor era terrível; troquei a posição: os pés onde ficava a cabeça e vice-versa. Deste modo, recebia um pouco de ar no rosto. Havia o incômodo de ficar a cabeça mais baixa do que os pés, mas ao menos não morreria abafado.

Decorreram vários dias sem nada de novo. Ansiávamos por alcançar uma dessas praias de areia nas quais poderíamos desembarcar, e com grande alegria avistamos ao longe extensa faixa branca a contrastar com o fundo escuro das matas. Até então uma descida à terra nos fora interdita: as margens a descoberto pelo abaixamento das águas formavam degraus resultantes dos detritos de toda natureza que o rio, ao baixar, ali deixara. Quem ousasse pôr o pé numa dessas camadas seria imediatamente engolido, atolando-se a uma profundidade incalculável, sem ninguém poder salvá-lo, à falta de um ponto de apoio que servisse a esse esforço de salvamento.

Os remadores fizeram o possível para nos aproximarmos da praia, e nela desembarcamos afinal. A canoa foi levada para terra. Polícarpo agarrou o fuzil, o guarda, seu boné e eu, meus apetrechos de caça. Todos nos metemos por dentro da água, que estava morna, e cada um, ao sabor de suas preferências, tomou um destino pelos terrenos onde se

podia pisar. Não me importei com os outros e parti com ares de aventura, obrigado, de quando em quando, a recuar, porquanto me deparava com trechos alagadiços, temendo me ver enterrado vivo e sem probabilidade de ser socorrido como o fora outrora na Lapônia. Afinal, achei caminho seguro e fui feliz na caçada, renovando minhas provisões nesse salutar exercício. Ao atingir as impenetráveis florestas, voltei para junto da canoa. Policarpo despertou, pois a sua gulodice era mais forte do que minhas palavras. Ele encontrara grande quantidade de ovos de uma espécie de tartaruga a que os índios chamam de *tracajá*. Esses ovos, ao contrário dos comuns, têm a casca resistente. Procurei em vão, depois, na areia, ovos escondidos pelas tartarugas; somente os índios os descobrem, mercê de traços imperceptíveis; os animais, após a postura, procuram apagar de todo modo os vestígios desses ninhos, no que são ainda ajudados pelas chuvas e pelo vento.

Vi, a distância, bandos de grandes aves chamadas ciganos. Separava-nos delas pequena enseada. Tive de me meter novamente na canoa para abater um desses pássaros que há tempos desejava para minha coleção. Trouxe-o em triunfo. E estava a carregar a espingarda quando descobri um jacaré a nadar suavemente por entre uns bambus. A descoberta não era nada tranqüilizadora e tratei logo de verificar se em terra não vinha algum companheiro dele. Convenientemente afastado, dispunha-me a mandar-lhe uma bala entre os olhos, quando um dos indígenas, ocupado em atingir umas tartarugas com suas flechas de pontas ferradas, me fez sinal para que prestasse atenção ao rio. Custei a perceber o que houvesse de estranho nessa direção, mas por fim notei um ponto escuro, parecido com uma cabeça; vinha de uma ilha afastada cerca de uma légua, em nossa direção. A princípio supus fosse um índio desejoso de visitar seus patrícios. Refleti, no entanto, que de tão longe não poderia ter nos avistado, sendo também muito grande a distância a transpor a nado. Mas, se não era um homem, que seria então? Era um jaguar nadando em direção à praia onde nos achávamos. Agora já se distinguia perfeitamente sua bela cabeça. Ele por sua vez nos vira, e, como não teria forças para voltar à margem oposta, estava forçado a ganhar terra num ponto mais próximo. Não podia contar com Policarpo, bastante ocupado com os ovos de tartaruga, nem tampouco com o inofensivo fuzil do guarda, e, por isto, tive de apelar para a bala metida na

minha espingarda e destinada ao jacaré. E esperei o jaguar. Batia-me doidamente o coração. Aquela cabeça precisava ser atingida. Lembrei-me do meu antigo conhecido, o bravo Gerard. No momento exato em que o visava, o bicho deu uma brusca reviravolta e nadou para outro ponto. Compreendera. Corri para me achar face a face com ele quando alcançasse terra e atirar certamente, porém espinhos e cipós me atrapalharam. Estava descalço e tive de subir a um montículo que me separava do local onde o animal ia pôr os pés em terra. Em desespero de causa, atirei apressadamente e consegui feri-lo, sem dúvida, porque levou uma das mãos à cabeça esfregando a orelha como costuma fazê-lo um gato. Perdi-o de vista por um instante e, quando reapareceu do outro lado do montículo, vi-o se esconder por entre o espesso arvoredos.

Esse insucesso de caça levou-me a não mais me descalçar quando desembarcasse e a levar sempre comigo o revólver, pouco me importando que seu tamanho e sua forma angulosa me causassem incômodos. Ao voltar à canoa, tratei de preparar as aves que matara. A chamada cigano é do tamanho de uma franga; tem a plumagem de uma cor malva-violeta; na cabeça um penacho; o bico é azul-celeste e os olhos de um vermelho-laca. Vieram índios nos oferecer a venda de uma tartaruga; pediam por ela cinco patacas, o que equivale mais ou menos a 4 francos e 50 cêntimos. Como estivesse ocupado com meus pássaros, não aceitei o negócio.

*Cinco horas da tarde* (extraído do meu diário) – Ainda experimento sensação de medo bem motivado pelo local em que me encontro. Havíamos chegado, poucas horas antes, a um sítio em que se achavam alguns indivíduos. E ali, enquanto meus companheiros conversavam, fizera um desenho. Íamos já de novo embora e a alguma distância quando dei pela falta dos óculos. A perda era lamentabilíssima, pois não tinha mais outros. O Sr. Benoit havia quebrado meia-dúzia de vidros sobressalentes, e eu não pudera substituí-los. Tive de fazer com que a canoa voltasse ao tal sítio, e, por felicidade, encontrei o meu tesouro. Em seguida, viajamos por muito tempo em frente de enorme ilha na qual nem se pensava descer, pois suas margens eram verdadeiros alçapões de alagadiços. Contudo, alcançando um dos seus extremos, descobrimos uma praia, e todos se apressaram em se atirar à água e a amarrar a canoa. Caça e pesca foram os interesses de todos nós, conforme suas preferências.

Eu tomara comigo mesmo o compromisso de nunca mais largar os sapatos de borracha, para evitar repetição do insucesso na caça ao jaguar, mas tive de renunciar a esse propósito porque, além de me incomodar o calçado nas carreiras pela areia, esquentava-me tanto os pés que se tornava insuportável.

Imenso o areal e nem um pau para cozinhar a tartaruga que pegáramos; era mister atravessar extensa faixa d'água. Resolveu-se o reembarque para se confiar à sorte costeando. Eu todavia fui andando por terra, e a canoa me acompanhou. Alcançamos, desse modo, a extremidade da praia e nos consideramos felizes por ter encontrando margem bem alta com farta arborização. Eram enormes acajus. Sendo pedregoso o terreno, foi-nos fácil atingir ponto bem alto, sem nos atolarmos. Fiz dois esboços dessas árvores cujas raízes foram banhadas pelas águas do Amazonas na sua enchente. Essas raízes, como as dos mangues, parecem se prender à terra apenas por uns fios.

Os índios fizeram fogo e sobre ele puseram uma grande panela; dela tiraram depois os ovos com os quais encheram uma não menor vasilha que lhes servia ao mesmo tempo de prato e de copo. Misturaram um pouco d'água, formando um pirão que os deliciava. Vira-os já preparar idêntico quitute com os ovos de tracajá. Consoante seus hábitos, nunca me convidaram a partilhar dessas refeições. Eu, porém, não me deixara inerte; pegara uma dúzia desses ovos e cozinhará-os sob a cinza quente; assim preparados, pareceram-me gostosos. É provável não tivesse conhecido esse gosto se não houvesse tido a precaução de não sair de perto da comida.

Parte da tartaruga foi cozinhada no próprio casco e assaram ligeiramente o resto num espeto. Tínhamos provisões para alguns dias. Cada homem recebeu seu quinhão para comê-lo como melhor o entendesse. Eu pus a gamela entre as pernas e fui molhando as bolachas no caldo, o que me pareceu delicioso. Depois distribuiu-se cachaça, tendo aumentado a ração diária para encorajar mais minha gente. Não era tarefa de pouca monta ir-se procurar à margem direita do Amazonas uma das bocas do rio Madeira. O guarda, digna parelha de Policarpo, nada ainda fizera de útil. Mas, agora, tornava-se indispensável forçá-lo a uma tarefa qualquer: não se tratava mais de nos entregarmos à correnteza e sim de atravessar o próprio *thalweg* do Amazonas. Dei o exemplo e

peguei num remo; confiei outro ao guarda. E a canoa voou. Algumas horas passaram e entramos nesse Madeira tão pouco conhecido e que devia corresponder a todas as nossas esperanças.

Nesse momento, julguei descobrir indícios de mau humor nos meus companheiros: não lhes causava agrado saber que teriam de por algum tempo navegar contra forte correnteza. Não mais deixar o tempo passar olhando as águas; mas ganhar a vida com esforço, remando. Mal entráramos no Madeira, ao cair do sol, os maruins nos assaltaram. Lembrei-me da noite passada a bordo do vapor no Amazonas. Os índios se embrulharam na vela da canoa; nem por isto puderam dormir um minuto. Eu, apesar do calor, embrulhara-me na capa e enfiara na cabeça uma rede de pegar borboletas que uma senhora me oferecera no Pará. Ah! Não podendo me atacar o rosto, os bichinhos me investem os pés. Não conseguindo meio de vencer os atacantes, passamos a noite inteira a nos defender com as mãos. Ao amanhecer, outros carrascos nos aguardavam: uma mosca chamada mutuca. Age contra o corpo humano à semelhança do moscardo contra o cavalo; morde e fica agarrado à ferida, sugando-a. Como o borrachudo, faz o sangue vir logo à superfície. Essa mosca não voa muito; esconde-se num canto escuro, e dele se atira contra a vítima. Depois torna a se ocultar.

Desde que atingíramos o Madeira, tinha pernas e pés inchados a ponto de não suportar o calçado. Ao me assentar para fazer qualquer coisa, metia as pernas num estreito espaço entre o toldo e as tábuas sobre as quais colocara minha bagagem. Nessas regiões baixas e sombrias, moravam hordas de mutucas e maruins. Quando não podia mais agüentar as picadas e procurava me coçar, as mãos enchiam-se de sangue. Como a canoa fizesse água, trazia quase sempre meus pés mergulhados. De outras vezes distraía-me em armar ciladas às mutucas, ficando contente quando conseguia afogar algumas. Não se imagina quanto me atraía esse novo gênero de caça: batia-me mais o coração, suspendia a respiração, enquanto permanecia com os pés fora d'água, e de repente mergulhava-os quando os meus inimigos menos esperavam por esse gesto. Uma morte instantânea seria doce demais para eles; eu esmagara milhares e quis afogar outros tantos, o que creio haver conseguido. Um grande pano cobria os volumes de minha bagagem; tendo-o levantado certa manhã pude avaliar o cuidado que Policarpo mostrara ter tido para tudo aquilo.

Não teria feito trabalho melhor o Sr. Benoit. Tudo o que era frágil, inclusive uma cesta repleta de vários ornatos em penas, estava inteiramente estragado pela água; minha caixa de chapéu achatada. Todavia o baú de Policarpo achava-se bem protegido, bem como o que pertencia aos outros três companheiros de viagem. Tratei de por mim mesmo fazer nova arrumação, reparando a desordem e melhorando o lugar em que dormia. Uma vez decidido a obter mais conforto, fiz uma espécie de cobertor com a lona da minha tenda fotográfica. Perto do amanhecer, reinando um calor insuportável, senti de brusco uma terrível umidade e tive de me agasalhar para adormecer. Porém, mal o sol saía, as mutucas entravam em atividade e adeus sono. Não podendo fugir ao sol, como se faz a bordo de um navio, arranjava uma espécie de mosquiteiro verde e dele fazia cortina protetora. Tudo muito útil quando o astro-rei estava defronte de mim, mas quando ele tomava outras posições tinha de recorrer ao guarda-sol.

Pouco disse ainda acerca dos dois macacos que levava; amarra-os de cada lado do barco para que pudessem beber água à vontade quando tivessem sede. Ao cabo de alguns dias tive de diminuir-lhes as correntes e aproximá-los assim mais da água. Tendo se reproduzido os estragos do armazém na Vitória, com meu prejuízo, era preciso afastar os bichos do lugar em que me deitava. Eu os alimentava com farinha de mandioca e eles arranhavam o toldo para aproveitar os fragmentos que ali deixavam cair. Fizeram de cada lado um buraco por onde espriavam para dentro. Enquanto se limitaram a me observar, tudo correu bem, pois não me aborreciam com isso, mas depois nasceu-lhes o desejo de partilhar de tudo o que viam e começaram a aumentar as brechas na palha, malgrado as chicotadas que por minha ordem Policarpo lhes dava, tarefa de que ele se desempenhava comodamente instalado. Todavia, somente o fazia quando bem entendia. A propósito lembrei-me do efeito produzido pelo meu cacete contra os ratos que, em outra situação, roíam o couro de boi a me servir de telhado. Enrolei o cacete ferrado num pano para não causar maiores estragos, e com ele cutucava os macacos quando atacavam o meu toldo; os símios faziam tantas caretas que os índios se voltavam para apreciá-las. Às caretas acrescentavam gritos de ensurdecer. Afinal, à custa de golpes semelhantes, resolveram suspender o trabalho de demolição da coberta. Doravante, mal ensaiavam recomeçar,

eu metia pelo buraco um cabo de pincel, uma palha, um feto, o quer que fosse que os amedrontasse e os fizesse recuar. Maior o efeito quando eu pegava na espingarda: já tinham ouvido os tiros e ficaram pasmados, soltando berros de terror, ao verem, após a detonação, caírem mortas as aves que eu visava. Eram muito medrosos os macacos, porem dóceis; a não ser essas tentativas de pilhagem, não me causaram outros desgostos a bordo. Mais tarde, a cantiga foi outra, confesso, e seu transporte para a Europa me custou bastante.

Certa manhã, após horrível noite, encostamos a um banco de areia próximo a alta ribanceira cavada pelas águas, em forma de anfiteatro, e com degraus bem regulares. A praia onde desembarcáramos desenhava-se como rasa península; podia-se armar ali uma barraca sem se precisar preparo do terreno. Mandei pôr em terra pela primeira vez tudo de que necessitasse e constatei a careta de Policarpo ao ter de me ajudar nessa mudança. Ali apanhei algumas fotografias, mas, como os obstáculos e contrariedades nessa viagem não faltavam, desabou minha barraca sobre as minhas drogas e, se não se quebraram as chapas, ficaram entretanto manchadas. Tendo me entretido no trabalho, foi sorte haver numa trégua surpreendido o guarda Zeferino preparando-se para roubar açúcar de uma cabaça. Nada lhe disse; apenas tornei a colocar a cabaça no seu lugar depois de lhe haver entregue a vasilha trazida para conter o furto. E fui tratar de minhas fotografias.

Um acontecimento posterior levou-me às mais profundas meditações. Meus companheiros tinham o costume, logo que a canoa parava em algum sítio, de se atirar à água, sem contudo se afastarem muito. Eu julgava que, não sabendo nadar, eles preferiam permanecer próximo das margens. Como dispusesse de dois calções sujos de nitrato de prata, eu me jogava também ao rio, vestido com um deles, e dessa vez fiz, para mostrar minha superioridade de nadador, algumas voltas ao longe. Enquanto me afastava de terra, os índios me observavam, sentados na praia. De repente percebi um movimento de beiços particular a Policarpo, como a mostrar aos companheiros o quer que fosse que eu não via. Todos os olhos se voltaram para o ponto indicado, sem que os espectadores nenhum sinal me fizessem. Instintivamente, estremei; alarguei as braçadas e alcancei terra, pondo-me a correr sem explicação para esse terror súbito. Ao chegar perto dos índios compreendi então tudo. Mais

uns segundos eu teria sido devorado por um bando de jacarés que os olhos de Policarpo haviam descoberto. E todos esperavam o resultado do meu encontro com os anfíbios. Sem dúvida eu tivera carradas de razões em não me separar do meu revólver; vivendo com índios civilizados, isto é, com homens dos quais devia desconfiar, deveria agir como se fosse índio. Ao partir do Pará, quisera ser agradável a Policarpo, dando-lhe certa soma em dinheiro correspondente à de seus salários. Tinha a intenção de fazer a mesma coisa com os outros servidores. Mas, diante dessa prova de felonía, desisti desse gesto de generosidade.

Na própria tarde dessa aventura, enquanto os meus homens faziam fogo para cozinhar um peixe, fui, como de costume, caçar um pouco à beira do rio. Matei três engole-ventos de uma espécie particular, o que não me foi fácil, pois me assaltava nesse momento uma nuvem de mosquitos brancos; embora não picassem, faziam uma zoada medonha. Permaneci uns cinco minutos no meio desse nevoeiro vivo, semelhante aos turbilhões de efêmeros que se tomam por neve. Pareceu-me a princípio que esses engole-ventos pertenciam a uma família desconhecida, mas, ao chegar à Europa, tive a certeza de eles já terem sido descritos, embora fossem muito raros. Nessa noite ainda, tendo levado a canoa para o meio do rio a fim de dormir tranqüilo ali, entre os zunidos dos mosquitos brancos, encontramos pela primeira vez no Madeira uma canoa tripulada por um indígena. Ele trocou um peixe que matara com uma flechada por uma rede, preferindo-a ao dinheiro. Nunca comi nada mais gostoso do que esse peixe assado num espeto, à moda dos selvagens. Subindo o Madeira, fabriquei álbuns com papel grosso de embrulho e, como as florestas se me ofereciam cada dia mais belas, mandava remar de uma margem a outra, à escolha, para de perto admirá-las. Via, entre outras bizarras, enormes balanços floridos onde pousavam bandos de pássaros; pareciam postos em movimento por invisíveis mãos. Das soberbas árvores pendiam centenas de ninhos como frutos, balançando-se ao menor sopro do vento. Desses ninhos surdiam bicos alvos e róseos: eram “caciques”. Foi-me fácil apanhar alguns deles, mas, ao tentar alimentá-los, descobri em cada um particularidade inesperada: tinham na carne uns parasitas que os iam devorando. Certa mosca deposita nos ninhos seus ovos, sempre em grande número, e eles se agarram aos corpos dos pássaros por meio de uma substância pegajosa; quando



se rompem, as larvas se introduzem na pele e crescem de tal modo que tomam o tamanho de um feijão. Cobrindo as aves, vão devorando-a e somente com um canivete pude arrancar alguns desses parasitas.

Nesse mesmo dia, desde que penetráramos no Madeira, vi sobre uma colina uma palhoça em ruínas; fora em parte destruída pelo fogo. Gostando sempre de pôr os pés em terra firme, mal a canoa foi amarrada peguei na espingarda e pus-me a subir. O principal habitante, ali, era tipo de cara de poucos amigos. Perguntei-lhe se por trás da casa havia um caminho para a mata. Meu aspecto certamente não me favorecia: as calças estavam manchadas de nitrato de prata; meu chapéu de jardineiro estragado pela chuva, esfiapado, caía-me sobre os olhos, cobria-me em parte o rosto; apenas minhas armas podiam inspirar até certo ponto confiança, sem falar de minha corrente de aço que não tivera ainda tempo de se enferrujar. Deixei os índios entenderem-se com esse homem que não era mulato, e sim branco como eu. Afinal consegui caçar. Não foi longa a caçada; abati um pássaro vermelho, mas, ao procurá-lo entre umas touças, uma nuvem de mosquitos mordedores me atacou e tive de fugir. Não eram mais mosquitos brancos. Minha derrota despertou risos nos indígenas. O próprio homem branco não teve cerimônias em revelar sua alegria com meu fracasso, e ao me dizer em despedida “Adeus Sr. francês” soltava boas risadas. Vinguei-me com esta frase: “Adeus, Sr. mulato!” Pusemo-nos ao largo. O golpe da minha frase fora tão rude que o homem desceu à praia e berrou-me enquanto pôde: “Não sou mulato, não, Sr. francês, nem sou português, Sr. francês, sou brasileiro.”

Ancoramos no meio do rio, num sítio um tanto estreito. Durante a noite soprou vento tão forte que receamos ser arrastados; tivemos, então, de ir encostar a canoa a uma das margens, sem temer os mosquitos, porque o vento os dispersava. Os índios, não podendo resistir à tormenta, agarravam-se uns aos outros e cobriam-se todos com a esteira grande. Felizmente não choveu. Os macacos gritavam de fazer dó. Eu me enrolei no capote, mas o vento entrava pelas aberturas do toldo e entufava-me todo como se eu fora um balão.

Lutando assim com o vendaval, eu dizia com meus botões que, se lograsse levar para a Europa alguns dos meus desenhos, tê-los-ia conseguido, pagando-os bem caro. Essas reflexões voltam a minha pena

com mais freqüência do que desejava; perdoem-nas, pois não tenho com elas a pretensão de me tornar notável, nem me fazer herói; apenas, e infelizmente, sinto-me farto de contratemplos, e por isto a eles freqüentemente aludo. Para se empreender viagens nas regiões polares ou nas solidões ardentes do Equador é mister possuir, sem dúvida, algum órgão esquecido de Gall e de seus discípulos: porquanto poderia pintar a meu gosto, os pés sobre tapetes durante o inverno, e como outros continuar no campo um trabalho inacabado, gozando o verão com todos os recursos de uma vida independente. Foi porventura esse órgão desconhecido que me levou a procurar contrastes tão chocantes que a zona equatorial opõe à ártica. Quiseram que eu descrevesse minha viagem, porque além das notas tomadas diariamente trouxera desenhos talvez interessantes; portanto não será tão grande culpa minha a de repetir que esses trabalhos me deram muito de fadigas e de desgostos.

Ao amanhecer, o vento serenou, o que não era habitual; reparamos avarias, esvaziamos a canoa, serviço a que, com minha cabaça, prestei auxílio; depois reencetamos a viagem. Durante o dia inteiro navegamos diante de trechos onde os desmoronamentos tomavam a forma de circos, tendo como degraus camadas de terra caída separadas por árvores arrancadas e ainda retidas por fortes cipós. Aproximei-me de um desses sítios: impelia-me não só o desejo de fazer um esboço como o de matar algum pássaro ou macaco entrevistos de longe. Embora os indígenas não costumem exteriorizar seus pensamentos, percebi que eles não gostaram dessa minha curiosidade. Policarpo, então, declamava; tomava nas suas arengas um ar tão manso que me fazia esquecer sua cara feiosa. Começava sempre a falar num tom comum; pouco a pouco a voz baixava tanto que parecia um melodioso canto ouvido a distância. Não era mais uma voz humana. Magnetizava-me. Que dizia ele? Era uma história da gente de sua tribo expulsa das terras cheias de folhagens onde outrora havia reinado? Aludia às alegrias de suas longas caçadas? Não sei. Mas o certo é que o ouviam em silêncio enquanto os remos deslizavam nas águas. Por vezes ele adormecia com a mão pousada no leme. E eu, não obstante a antipatia que me causava, esquecia tudo e o perdoava... Bem depressa, porém, Policarpo se encarregava de provocar-me uma transformação. Dessa vez, por exemplo, foi despertado pelos companheiros que, num certo ponto transposto pela canoa, tinham

avistado, como eu, também, ao longe, um trecho de areia alva. Já fiz sentir o prazer que essas praias nos despertavam. Ao nos aproximarmos, julguei distinguir grandes aves róseas que me pareceram flamengos. Ansiava por me ver em terra: quanto mais dela nos avizinhávamos, mais descobria riquezas a conquistar, entre as quais um pássaro de tamanho maior do que o dos outros, apoiado numa só perna e com ares de quem está dormindo. Mal a embarcação encalhou, posto que ainda a certa distância da praia, eu já me achava de pé, pronto a saltar mal os índios fizessem a costumada amarração. Aliás, a única coisa que eles faziam com certa ligeireza. O guarda era o primeiro a lançar-se à água, com ou sem boné, conforme o sol estivesse ou não alto, depois os dois remadores imitavam-no, enquanto Policarpo, sempre prudente em face do trabalho, fingia procurar um objeto a cujo encontro renunciava logo quando via nada mais ter que ajudar aos camaradas. Nesse dia, entretanto, o guarda não se atirara ao rio e permanecia na canoa; os remadores também aguardavam ordens com os remos nas mãos. Virando-me, vi Policarpo sentado ainda e perguntei-lhe: “Então? Ficamos aqui?” Deu-me resposta vaga. Os índios nem se mexeram. O pássaro vermelho, apoiado na outra pata, parecia tê-los enfeitiçados. Iriam esses preguiçosos concorrer para que tudo quanto ali tanto me seduzira me fugisse das mãos? Impaciente, pusera já um dos pés fora da canoa, mas, refletindo melhor nas razões dessa imobilidade pouco comum dos índios, ao invés de me meter dentro d’água com a espingarda na mão, preferi pegar numa vara de uns 15 pés de comprimento e com ela sondar o fundo do rio. A vara desapareceu quase toda sem encontrar fundo...

Foi quando experimentei um frêmito de terror diante do perigo que correra. Permaneci alguns minutos com a vara nas mãos, estatelado, convicto de que os meus companheiros, sem a coragem precisa para darem cabo de mim a peito descoberto, valiam-se de todas as oportunidades naturais em que eu próprio me lançasse à morte. E essa ocasião desses alagadiços era das mais felizes...

Se eu neles houvera caído, a culpa seria toda minha. Eles voltariam tranquilos a Manaus depois de terem dividido meus despojos.

Por quanto tempo fiquei assim atônito? Não sei. De súbito, passando da imobilidade ao furor, dei em cada um dos meus guias boas vergastadas, porque eles tinham feito de mim não mais um homem, um

demônio. Teria preferido houvessem reagido, porém nenhum resmungou sequer. Policarpo, o mais culpado, este levou na cabeça com tanta força uma pancada com o remo que o quebrei. E o miserável ainda ficou contente: não teria mais que manejá-lo. Após esses castigos, dei-me debaixo do meu toldo, fechei as cortinas, pus à mão o revólver e esperei. Eram-me penosas as reflexões; indagava de mim mesmo o que teria feito a esses homens para assim procederem. Que mal causara a Policarpo? E mostrava-se entretanto meu inimigo. Seguiu os conselhos de perdoar-lhe os defeitos; tudo suportara com paciência; aos outros homens procurara tornar suaves os trabalhos, encorajando-os, brincando com eles, ajudando-os às vezes a remar; nada dissera ao guarda quando quisera me roubar; e eis o fruto de minha bondade!

Enquanto me entregava a essas considerações, sem esquecer certas precauções, como a de encher os bolsos de balas, de armar a espingarda, de pôr na cintura o sabre, percebi que à proa da canoa se realizava uma reunião dos meus companheiros de viagem. Falavam em voz baixa. Sem demora conheci os resultados do conciliábulo. A canoa mexia-se. Os remadores estavam a postos. O guarda fora do costume também remava. Policarpo ao leme dirigia as manobras. E estávamos de novo em marcha.

E ali estavam os homens, cuja sorte antigamente lamentara, para os quais mostrava tanta simpatia quando na Europa lia o relato das torturas que os brancos lhes infligiam! Haviam-me dito muitas vezes serem traiçoeiros, mas, ao viver junto deles, procurara esquecer esse conceito. Mostrei-me bom para com todos e quiseram me dar aquele troco... Doravante saberia ser apenas um senhor. Via-me obrigado a esse papel.

A partir desse dia não consenti mais que o guarda vivesse perto de mim nem que guardasse suas armas no meu abrigo. Pela manhã permitira guardasse uma tartaruga ali, e mandei que a levassem para a proa. Falava com Policarpo de cara fechada. À hora de distribuir a cachaça ninguém deu palavra. No outro dia, tendo desejado pintar certa paisagem, bastou-me um sinal e os remadores me levaram logo ao sítio escolhido. Se tinha necessidade de repetir uma ordem, nenhum gesto de mau humor se esboçava. Apenas um receio me restava, receio esse que nunca deixou de me afligir durante toda a viagem: todas as ocasiões em

que me metia pelas matas, e delas regressava, batia-me mais forte o coração, esperando ver a canoa afastar-se de terra sem mim, abandonando-me no deserto para morrer devorado pelas feras ou de fome.

Embora nessa expectativa, aproveitava-me do “meu golpe de Estado”. Mal avistava uma ave de meu agrado, encarapitada num galho de árvore, os índios para ali me levavam, orientados por Policarpo com tal habilidade que meu tiro raramente falhava. Atirava mesmo sentado; o remador, à minha frente, baixava a cabeça no instante exato da detonação. Muitas vezes o tiro punha em reboliço bandos de macacos que se punham a saltar de árvore em árvore, fazendo-nos caretas. Todavia, no rio Madeira a caça muitas vezes não se oferece ao caçador; a paisagem não é pitoresca sempre, mormente quando os grandes pés de acaju enfeitam as margens com seus troncos lisos e alvos e com suas folhas claro-escuras. Nesses instantes de desinteresse para o exterior, eu arrumava meu ateliê, afiava escalpelos, fazia ponta nos lápis, lavava frascos e cuidava das armas. Não perdia um minuto. Frequentemente, após um dia de forte calor sentava-me debaixo do toldo e punha os dois macacos sobre os joelhos, o que para eles constituía suprema felicidade, sobretudo porque não lhes faltavam laranjas e bananas. Ficava assim pela noite afora, enquanto os índios dormiam confiados na âncora de pedra que nos retinha em meio do rio. A pequena embarcação destacava-se com um ponto negro sobre a face lisa e brilhante das águas que refletiam um céu maravilhoso. Silêncio profundo. Tinha a impressão de estar sozinho, pois os próprios macacos cediam ao sono. Inúmeras vezes passara horas a bordo de navios contemplando a imensidade dos mares, olhando sem ver, ou a acompanhar os desenhos das nuvens em suas caprichosas formas. Mas, então, era-me impossível um isolamento completo; tinha companheiros. Em meio de minhas reflexões ouvia vozes de comando, apitos de manobras. Aqui, não. Natureza muda. A canoa parecia deslizar no espaço... Encontraria um porto?... Sonhando acordado, acabava me integrando no silêncio que me cercava e por minha vez adormecia para despertar sobressaltado sentindo o orvalho da noite. Metia-me debaixo da cobertura para me enxugar, esperando o sol, o dia e as mutucas. Nessas alternativas alcançamos vários sítios mais adiantados e onde existiam casinhas de bom aspecto. Estávamos em Canoma, no verdadeiro Madeira, tendo subido um de seus braços secundários.

Projetava descer por um outro, o Paraná-mirim que completa pelo oriente o delta formado pelo rio Madeira na sua confluência com o Amazonas. Diante de Canoma, passamos a noite ao largo, prontos a desembarcar logo que clareasse. Não se achava na localidade o vigário para quem trouxera uma carta, mas o irmão recebeu-me tão bem que lhe pedi logo para me obter um modelo. Nesse modesto recanto, habitado apenas pelo padre e alguns portugueses seus paroquianos, construía-se uma igreja e vários índios tinham sido chamados para esse serviço. Uma tribo inteira de mundurucus: homens, mulheres e meninos. Eram todos apreciados pela brandura, coragem e sobretudo fidelidade. A maior parte andava vestida; as mulheres traziam apenas uns casaquinhos, e as que usavam saias amarravam-nas muito abaixo da barriga. Essa gente passava o dia a trabalhar entre risadas, sem se importar quando as peças do vestuário se desamarravam. Esses índios me levaram a querer menos mal aos outros. Eu já sabia morarem os mundurucus às margens do Madeira; asseguraram-me que mais em cima encontraria os araras, tribos perigosas e inimigas dos mundurucus. Fazia questão de levar comigo alguma lembrança palpável desses povos ainda não civilizados, mas eram-me de todo escassas as informações a seu respeito. Deste jeito, confiando-me ao acaso, como os turcos à fatalidade, deixei Canoma e pusemo-nos de novo ao largo.

Se não exteriorizaram o descontentamento, eu o senti, quando ordenei aos meus homens remassem em direção ao ponto de onde desce o Madeira. Quanto mais nos encaminhávamos para o sul, mais as árvores me pareciam elevadas. Decorreram quatro dias sem logarmos ir a terra; quase esgotadas as provisões e forçado a permanecer deitado ou sentado, ardia de impaciência por uma oportunidade para mudar de posição e contemplar outro cenário que não o de areias movediças e árvores decepidas. Haviam-me dito que em Manaus encontraria no Madeira, desde a foz até Canoma, alimentação abundante, sobretudo caça; entretanto apenas tínhamos visto raros indígenas aos quais compramos duas tartarugas e um peixe. Felizmente tinha minha provisão de bolachas, mas, quando se acabou a que trazia mais a mão, tive de recorrer à da reserva e tive uma decepção. As chuvas que já me haviam estragado coisas de pouca importância, desbotando uns panos verdes e manchando o que lhe estava junto, desta vez tinham ocasionado deterioração por

completo das bolachas que se colaram umas às outras, formando uma pasta pegajosa e de aspecto repugnante. Era o começo de minhas privações. Passei grande parte do dia a separar algumas das bolachas menos estragadas, lavando-as na minha gamela cheia d'água, procurando tirar-lhe o mofo. Depois botei-as a secar ao sol. Perdi uma quantidade regular dessas bolachas porque não quis comer as que se achavam mais apodrecidas. Contudo, não as deitei fora, dada a insegurança do futuro... Em Canoma renovara a provisão da cachaça. Costumava distribuir com essa bebida alguns punhados de farinha, aos índios, e eles misturando tudo com água pareciam gostar bastante do petisco. Aumentara a ração, mas depois do meu "golpe de Estado" somente fazia uma vez ao dia essa distribuição, mesmo porque ia se me impondo a necessidade de um racionamento. Esperando melhores dias, mandei atracar a canoa para uma colheita de limões e laranjas avistados numa colina. Esses limões serviam-me não só para preparar os peixes salgados como para misturar com água fabricando limonadas substitutas do vinho. Esse regime, porém, aos poucos, foi me perturbando a saúde; bebendo muito comia pouco. Economizara o queijo de Holanda, mas tive de recorrer a ele, afinal. Esqueci-me de dizer que em Manaus me fizeram presente de um pedaço de queijo especial, em forma de cubo, mas, sem dúvida, era mister submetê-lo a certo preparo antes de ser comido. Com receios de que endurecesse demais, servi-me dele logo. Era-me pueril o receio, pois esse queijo, antes de ser guardado, já se constituíra um fóssil. Procurei parti-lo com o canivete, com o escalpelo, com a faca, com o facão e nada! Teria de renunciar ao seu préstimo como alimento, para guardá-lo como mineral, se por acaso meu facão não dispusesse de face em forma de serrote. Pude assim, duas vezes ao dia, serrar esse queijo e apanhar na palma da mão os fragmentos que levava à boca. Ao terminar o derradeiro repasto dessa natureza, lembrei-me de que o queijo de Holanda iria me proporcionar momentos mais agradáveis ao paladar. Era uma novidade, e como artista saboreava o encanto dos contrastes; sempre é delicioso ver um círculo suceder a um quadrado. Um belo dia, portanto, sentei-me a gosto protegido pelo toldo que no começo da viagem se chamaria bem um teto de folhagem, mas era agora um feioso coberto de palha; pus a gamela cheia d'água ao lado e preendi entre as pernas o tentador queijo. Com a faca fiz-lhe um círculo na casca e procurei des-

tampá-lo. O primeiro golpe não deu resultado; repeti-o ainda sem êxito; a arma inútil caiu-me das mãos. Suei frio. Ter-me-iam enganado? Compraria um queijo de pau? Não tentei empregar outros instrumentos cortantes; recorri logo ao serrote. E ele deu conta da sua tarefa. Aquela bola era realmente um queijo, mas com um poder de resistência maior do que o de Manaus; a tal ponto que tive de empregar uma pua para fazer-lhe um buraco no meio. Por esse orifício despejei um pouco de manteiga que, graças ao calor, estava liquefeita. Com esse lubrificante consegui aumentar a brecha com o auxílio da faca. E então regalei-me com o queijo, diante dos olhos curiosos dos dois macacos a me espiarem pelas janelas do seu observatório.



.....

*IX*  
*O Amazonas*

AS MARGENS E OS HABITANTES DO RIO MADEIRA

OS ÍNDIOS DO BAIXO MADEIRA – MUNDURUCUS E ARARAS –  
RETRATOS INTERROMPIDOS – O CAPITÃO JOÃO – UM RAPAZ  
BOM PARA CASAR – UMA NOVA FAÇANHA DO POLICARPO –  
CRENÇAS E COSTUMES INDÍGENAS – ADIVINHOS – O  
CURARE E AS VELHAS – A ZARABATANA – REGRESSO –  
MAUÉS

O

TEMPO ia passando e eu achava que não tirava todas as fotografias desejadas. Quase sempre eram inacessíveis as margens do rio. Procurava índios e não os encontrava. Escasseavam-me os víveres e nenhum meio de os substituir. Afinal se nos oferece terra firme e atracamos. Mal desembarcáramos, ouvimos latidos de cães. Pertenciam a uma maloca dos mundurucus, construída como tantas outras, porém de maiores dimensões. Dentro dela as famílias ficavam separadas por paredes que, como as portas e telhados, eram feitas de folhas de palmeiras. Cada compartimento dispunha de um fogão de barro, esteiras, redes,

almofariz e pilão para farinha de mandioca; aos cantos, pendurados, arcos e flechas. Fui forçado a me servir de Policarpo e do soldado para mandá-los perguntar se tinham alguma coisa para vender, e responderam que isso era quase impossível. Como houvera pintado, em Canoma, um índio da tribo, mostrei o retrato aos que me cercavam. E não se avaliavam os gestos que fizeram: olhavam por trás do papel, pegavam-no, repetindo uma palavra que não entendia. As mulheres e as mocinhas, entretanto, não se aproximavam e ao querer me dirigir a elas fugiram. Preguei o retrato num tronco de árvore e dessa vez, posso dizer, triunfei de tal jeito que o próprio chefe da tribo, um pobre velho doente, quis ver a maravilha e veio fazê-lo, apoiado no filho. Trocamos um aperto de mão e mandei buscar uma garrafa de cachaça. O soldado que a trouxera bebeu uns goles pelo caminho, mas fingi não tê-lo percebido. Ele pusera o boné e armara-se, sem saber que me prestara um bom serviço, apresentando-se assim formalizado diante do chefe indígena, a quem ouvira tratar por cacique. Ofereci mais ao velho dois colares de contas azuis e um pedaço de fumo por uma hora de pose. Tudo ficou combinado. Penduraram a rede do doente debaixo de duas árvores defronte do retrato que eu expusera. O cacique sentou-se na rede, com as pernas para fora, e, sob os olhares da assistência, pintei minha nova obra-prima em meio de solene silêncio. Todos os pescoços se espichavam, e as respirações como que se suspendiam. Ao longe entreviam-se algumas lindas caras femininas, e no último plano Policarpo com o seu tipo mefistofélico contrastava com os bons mundurucus.

Tendo assim ganho a confiança da tribo, pudemos comprar-lhes farinha e peixe; paguei-lhes com fumo e anzóis. Como visse nas árvores vizinhas pássaros bonitos, para lá levei minha barraca a fim de pernoitar. A areia, próxima ao rio, era fina e seca; há muito não dormia em terra e achei-me à vontade entre esses selvagens. Não se mostraram hostis os mosquitos; embrulhei-me apenas no capote e mantive ao lado minhas armas. Permiti aos companheiros fossem passar a noite onde quisessem e deitei-me na areia mole que trocava de bom grado pela minha esteira da canoa. Veio uma velha me trazer um balaio com bananas, e regalei-me com essas frutas. Dormi até meia-noite; a lua batia-me no rosto. Ao despertar, pareceu-me ver alguns vultos fugirem.

Levantei-me rápido e corri atrás deles, alcançando o último deles; era uma mulher a se mostrar medrosa, mas sem nenhuma intenção má. A pobre criatura quisera sem dúvida, como as outras do mesmo sexo, ver de perto, à luz da lua, um homem branco, não ousando fazê-lo na presença dos seus senhores. A mulher índia é realmente escrava do marido e cabe-lhe em regra as tarefas mais penosas. Voltei à minha cama e, ao amanhecer, enquanto meus homens levavam para a canoa tudo o que adquiríramos, ou bebiam açaí e guardavam laranjas e bananas, meti-me por um caminho e ali matei um dos pássaros que na véspera tanto me haviam tentado. Fui despedir-me do chefe da tribo e reencetamos a viagem.

Muitos outros dias se passaram como este que acabo de descrever. Infelizmente, porém, não conseguira pôr os pés nessas matas onde nunca ninguém entrara, para ser o primeiro a romper caminhos com meu facão. Contudo sempre descobria umas clareiras, e numa das vezes em que por elas me metia quase fui vítima de uma cobra de 20 pés de comprimento; não a consegui matar; feri, porém, um quati, que viveu ainda uns oito dias na canoa, aumentando nossas provisões de boca a se esgotarem rapidamente. Frequentemente entrava numa habitação, mostrava retratos de outros chefes índios, oferecia fumo e colares e pintava uma cabeça tatuada. Se o calor me afligia, na tenda ou no barco, metia-me dentro d'água, pendurado às bordas da canoa, como os indígenas faziam, sem temer os jacarés. Familiarizara-me de tal modo com os hábitos desses famosos nadadores que os avistava, corajosamente, em bandos de cinqüenta, perto do local onde tomava banho, ou das plantas aquáticas onde pescava. Quando o sol ia caindo, mandava levar a canoa para o lado da sombra e ali desenhava sem ser incomodado. Depois sentava-me no meu abrigo e brincava com meus dois macacos; às vezes matava um martim-pescador, quando não fosse uma garça ou mesmo um macaco. Ao amanhecer, tirava a capa, enrolava a esteira e saía da barraca, após ter me esquentado ao sol e secado o orvalho, para recomeçar a vida. Pouco a pouco, entretanto, alterava-se-me a saúde; comia menos e bebia muita água; sentia-me tão fraco que passava o dia inteiro sem fazer nada. Já em outras ocasiões experimentara tal lassidão provocada pela monotonia. Todavia, acostumado agora a ser obedecido pelos

meus servidores, dei-lhes ordem para que levassem a canoa a um dos braços do Madeira.

A vegetação sofrera há tempos grandes transformações: árvores de imenso porte. Certo dia medi um desses troncos e vi que tinha de diâmetro cinco vezes o tamanho de minha espingarda. As palmeiras que sempre se me apresentaram finas e retas, tomavam proporções gigantescas. Grandes aves de rapina soltavam grasnidos por todos os lados. Uma águia de cabeça branca pagou seu tributo e veio aumentar minha coleção.<sup>2</sup> Deu-me, aliás, trabalho embalsamá-la, porquanto, abatida em pleno vôo, caíra dentro do rio e ao se debater estragara um pouco a plumagem.

Por todas essas margens as árvores formavam, ao jeito dos mangues, estranhos labirintos com suas raízes. Este pequeno curso d'água de que não soube o nome deveria, nas marés altas, ser muito perigoso: suas margens mostravam sinais de desmoronamentos. Certo dia penetramos num amplo lago e descobrimos ao longe um grupo de casebres. Ao nos aproximarmos acorreram à praia uns homens e ali sentaram-se à nossa espera. Reconhecemos logo a tribo a que pertenciam, pois em Manaus obtivéramos indicações fáceis de serem lembradas. Sabia por exemplo que os mundurucus pintam os rostos com tinta esverdeada e traçam uma risca que parte de uma orelha e passando pelo nariz alcança a outra. Não se tratava de tatuagem e sim de um talho muito profundo; tinham também desenhos no pescoço, peito e braços. O meu bom amigo cacique era assim. Não menos sabia que os araras se contentavam em pintar um crescente que ia do queixo às faces, perdendo-se os traços perto dos olhos. E entre os araras nos encontrávamos agora. O que, entre eles, pareceu-me ser o chefe, além do crescente em tatuagem, trazia penas no nariz, nos buracos feitos acima do lábio superior e acima do queixo. Ali, como acontecera entre os mundurucus, consegui, em troca de fumo e miçangas, que alguns índios se deixassem pintar. O próprio chefe a isso prestou. Contudo, fizera novamente um reparo. Um jovem arara, disposto a me servir de modelo, não fora encontrado quando tudo já se achava pronto para iniciar o trabalho. Procuraram-no

---

<sup>2</sup> O autor refere-se a uma águia. Sem dúvida, equivocou-se com alguma outra ave que lhe pareceuser daquela espécie – N. T.

debalde por toda parte. A cena repetiu-se no dia seguinte. Fizera grandes projetos, entre os quais o de pintar ali um quadro que mais tarde terminaria. Queria com esse trabalho abrir um intervalo naquela vida de constante navegar que se me ia tornando fatigante. Demorando em terra, obteria frutas e galinhas, trocando-as por fumo; não me faltaria peixe fresco; passaria ali uns 15 dias, e essa temporada me seria mais fecunda do que um mês de viagem. Mas, ao querer pôr em execução esse plano, meus modelos escondiam-se nos matos e via em cada rosto tais indícios de desconfiança que acabei também desconfiado. Era-me tão familiar o caráter dos índios que não havia necessidade de me prevenir tomando outra resolução. Com um pretexto qualquer mandei minha gente embarcar, e ao anoitecer pusemo-nos ao largo. Enquanto os remadores se preparavam para a partida, permaneci de pé na popa com revólver numa das mãos e a espingarda na outra.

Uma hora depois estendi a esteira e o capote, deitando-me tranqüilamente em cima deles, embora com o coração entristecido não só por haver renunciado a meus planos de artista como por ter motivos para crer que aquelas fugas súbitas dos modelos seria conseqüência de maquinações do meu pessoal. Esses homens perversos e poltrões ter-me iam feito passar perante os indígenas como malfeitor. A lembrança bem viva do banho entre os jacarés e do episódio dos alagadiços me levou a um constante estado de irritação e me induziu a mostrar-me igualmente cheio de manhas e de dissimulação para com meus companheiros.

Quando íamos a favor da correnteza, tudo corria bem. Nessas condições, reentrando no Madeira, o pessoal da canoa ignorava se eu continuaria a viagem ou não; na dúvida, descobrir-lhes nos rostos um fenômeno pouco esperado: um sorriso. Mas, ao desembocarmos no rio e ao dar ordem para aproar a oeste e abrir a vela a fim de aproveitar o vento favorável para subir a corrente, esses sorrisos murcharam. Eu não gostava de apelar para a força quando pedia um serviço que não agradava. Então, punha-me de pé, fechava a cara, procurando subjugar pelo respeito que os homens brancos infundem aos de cor e também pela natureza do meu trabalho a que os índios emprestavam caráter mágico e misterioso. Vim mais tarde a ter certeza de que esta última influência era verdadeira. Valendo-me dessas superstições, fui obedecido e, embora de

malgrado, tornamos a subir o rio. A primeira praia alcançada era de uma areia tão fina que resolvi ali acampar. Levei meu capote e dei um passeio pelos arredores, voltando quando já escurecera, aliás rapidamente. Despi-me completamente e assim deitei-me na areia, rolando por ela, enquanto meus companheiros ficavam à vontade para o que bem lhes aprouvesse. Despertei, porém, com seus gritos; tinham aproveitado o luar para uma caça às tartarugas, e uma delas, ferida, procurava escapar-lhes, com rapidez estranha às que até então eu conhecera. Vira em Manaus como se procede para detê-las, quando por acaso conseguem se virar e valer-se das patas. Muitas vezes Philys me dera essas lições debaixo de minhas janelas: admirara mesmo como de modo rápido e cômodo põem as tartarugas de pernas para o ar. Todavia, não fui feliz imitando-a, ou porque estivesse ainda mal acordado ou por não ter a devida presteza; ao baixar-me para fazer a manobra adequada, senti-me levantado do chão e caí em seguida de costas numa areia tão mole que deixei nela a marca do corpo, além de humilhado pelo ridículo da queda. O índio, porém, na carreira, aproximou-se da tartaruga e, embora ela já se achasse dentro d'água, virou-a com a maior facilidade.

No outro dia, depois de ter apanhado umas fotografias e tomado um banho, prosseguimos até achar sítio propício para cozinhar a tartaruga. Encontramos no caminho uma canoa, mas vazia. De onde viera? Nenhum sinal de habitação. Não tardou a sair de uma vereda um índio já idoso armado de espingarda. Trazia amarrado no corpo um cipó à guisa de bandoleira, dela pendendo uma dúzia de aves e um macaquinho. Ficou espantado de nos ver ali, onde raro apareciam estranhos. Há muito tempo já ignorava em que regiões nos achávamos, e, como meus companheiros ainda menos soubessem, íamos à aventura. Fiquei, portanto, contente quando esse velho nos perguntou em português quem nós éramos e que tínhamos ido procurar por essas bandas. Os selvagens anteriormente encontrados nada sabiam de português; falavam um idioma denominado língua geral, oriundo da antiga língua dos guaranis e da qual eu não percebia palavra. Esse velho índio, que ostentava o nome de João e a patente de capitão, vivera há anos no lugar chamado Abacatchi, num dos braços do Madeira. Era o chefe de um povoadozinho a poucas léguas da praia em que havíamos acostado. Uma inesperada fortuna, o seu encontro.

Fi-lo entrar na minha canoa depois de haver amarrado a dele a nossa popa, e encetamos boas relações com uma infalível libação de cachaça, bebida que, segundo me confessou, há tempos não levava à boca. Deu-me a esperança de encontrar na sua tribo, para compra, algum peixe e alguma farinha que já nos iam faltando. Acharia também algodão; o que eu trouxera acabara-se, e o fio que me restava não era bastante fino para o preparo dos passarinhos. Não precisei convidá-lo a posar; mal viu os retratos que lhe mostrei, ofereceu-se para que lhe fizesse a cabeça assim que alcançássemos ponto favorável ao desembarque. Aceitei o oferecimento mais por interesse do que por arte, pois essa cabeça nada tinha de pitoresca. Deveria aproveitá-la de outro modo.

Mostrara-lhe, como disse, todos os meus trabalhos anteriores de pintura e pedi-lhe fizesse sentir aos da sua tribo que eu tirava esses retratos apenas com o bom intuito de levar recordações das pessoas a quem estimava. Quanto possível expliquei-lhe igualmente os mistérios de minha máquina fotográfica. Quis pegar em tudo e permitir-lhe meter os dedos numa chapa que em parte estragou. Enquanto íamos navegando, desenhei, para que visse, uma palmeira inclinada sobre o rio. Por fim, ao chegarmos, nossa amizade estava fortalecida ainda pelo embalsamamento que eu fizera do macaquinho morto por ele. Todavia expliquei-lhe bem o perigo que lhe adveria de pegar no sabão arsenical. Tanto quanto o desgosto que me davam os companheiros de canoa, era a simpatia que me despertara esse velho índio. Ao atingirmos o ponto de desembarque, meu novo amigo saiu em primeiro lugar da canoa, e vi-o afastar-se, subindo uma ladeira muito íngreme; ia avisar sua tribo de nossa chegada. Eram ainda mundurucus. E esses índios não me inspiravam nenhum receio. Todas as vezes que fora seu hóspede, essa confiança me favorecia. Porque dissera ao capitão João desejar pintar homens tatuados, trouxe-me dois deles, que apresentavam recentes tatuagens. A risca profunda do rosto ainda sangrava. Eram pai e filho. A cor azul da tatuagem fazia os olhos de um vermelho vivo, mais vermelhos realmente do que na realidade eram, não sei bem por quê; malgrado essa esquisitice, esses olhos se revestiam de tal doçura que me levou a uma simpatia pelos dois homens. Estando próxima a noite, não quis ir logo à taba dos mundurucus; preferi me reconfortar com o resto da sopa de tartaruga que ficara na panela e com os derradeiros pedaços do queijo. Completamente no

escuro, pus a panela entre as pernas e fui tomando o seu conteúdo sem ver bem o que fosse. Horas depois senti-me mal com terrível perturbação digestiva. Incontestavelmente envenenado, sofria dores no estômago que não digería, e por sua vez doíam-me as costas de tal maneira que me parecia ter a coluna vertebral partida. Rolei pela areia, não suportando mais a esteira, e tive a impressão de ir morrer asfixiado. No dia seguinte, sem querer me valer nem de Policarpo nem dos outros homens de minha comitiva, aceitei o oferecimento do velho capitão, e este me fez transportar numa rede com minha espingarda e minha caixa de tintas a sua casa, onde os dois índios tatuados da véspera me ampararam bondosamente. Penduraram a rede debaixo de umas laranjeiras cujas copas me protegiam do sol. Dali avistava a minha canoa, e dentro dela meus homens fartavam-se da sopa de tartaruga que me fizera tanto mal. Maldita tartaruga! Causara-me queda ridícula e doença de quebra. Nem por isto deixo de conservar seu casco de um metro de comprimento a cobrir o soalho do meu ateliê, como lembrança. Com o apetite que esses homens têm, estava certo de que uma provisão de carne, capaz de dar para uma semana, devorariam-na num dia só, sem pensar no amanhã. Do outro lado da habitação, descortinava a maloca inteiramente. E experimentava entre essa gente um bem-estar há muito não sentido.

Perto do meio dia, mais calmo e sem poder ir passear, devido à fraqueza, dispus-me a começar o retrato do mais jovem dos índios recém-tatuados; não consegui avançar muito no trabalho; deitei-me no chão extenuado. Cercaram-me; os índios sentaram-se calados e não foi sem certa emoção que descobri neles algum interesse por mim. As mulheres também tomaram parte na roda e, quando os meninos queriam fazer barulho, elas os mandavam ficar quietos. Passei assim, ali, meu primeiro dia. Depois de terem devorado a tartaruga, meus companheiros foram reunir-se aos outros índios. Por via das dúvidas, pedira ao capitão João mandasse de quando em quando ver se na canoa tudo ia direito. À noite, mal eu ia adormecendo, despertou-me um ruído constante e desagradável. Havia um belo luar. Embora doente, a curiosidade me espicou, e arrastando-me quase, de fuzil na mão, pude assistir a um estranho espetáculo que a princípio não compreendi. Contudo fui sentar-me com os outros espectadores. A música compunha-se de tambores e de um instrumento cujos sons pareciam os de um flautim. Todos os índios es-



tavam abancados em forma de círculo, no meio do qual um rapaz de 17 a 18 anos, de pé, despertava a atenção geral. Nada tinha de notável, se não no braço direito, em lugar de manga, um *tiptip*, ou seja, um canudo de flandres que se espichava ou se encolhia à vontade. Servem-se dele os índios para amassar a farinha de mandioca. Existem alguns enormes, mas o do rapaz era do tamanho do braço e estava bem amarrado ao ombro. Sem entender nada daquilo, pus-me a esperar o seu desfecho. Ao cabo de meia hora, o rapaz, em cujo rosto não pude descobrir qualquer emoção, viu-se livre do tal canudo. O braço ficara-lhe horrivelmente inchado, e foi com espanto indescritível que vi saírem do canudo grande quantidade de formigas volumosas e das mais mordedoras. Rodearam o mártir e levaram-no a uma casa vizinha ao som da música. Ao passar esta perto de mim, verifiquei de que eram feitos os instrumentos que produziam sons tão melodiosos: ossos de defuntos, não havia dúvida, e enfeitados com grandes asas de insetos. Os tocadores traziam-nos pendurados aos pescoços por cordões.

Explicou-me então meu amigo João que esse rapaz, desejando casar-se, fora submetido a uma costumada experiência. A paciência que demonstrara no sofrimento acreditara-o para o casamento. Após três horas de absoluto repouso, tentei pintar uma velha índia, porém ela fugiu-me mal a olhara com certa insistência. Também os dois índios tatuados haviam desaparecido antes de terminados os retratos. Isso me acontecera tantas vezes que fiquei desconfiado de tais fugas e falei no assunto ao velho chefe. Ele, então, mandou chamar não somente os dois homens, mas também a velha, e soube, por intermédio de João, coisa em que jamais pensara. Policarpo, não ousando atacar-me de frente, havia, desde Manaus, posto em prática maldade surda que produzira seus efeitos sem conhecer-lhe a causa. Quando um índio se prestava a servir de modelo, e eu não acabava o retrato no mesmo dia, Policarpo convencia-o de que na terra dos brancos existiam muitas criaturas sem cabeça. Eu estava encarregado de consegui-las entre os selvagens. Assim, quem fosse por mim pintado um dia teria a cabeça misteriosamente arrancada dos ombros e levada pelos ares ao corpo a que estaria destinada. Tive vontade de dar logo ao meu criado o castigo merecido e que lhe dei depois, mas tive medo de ser abandonado, ali. Já suspeitara de um plano nesse sentido entre ele e os outros homens da tripulação. O próprio ca-

pitão João, que também não simpatizara com Policarpo, me aconselhou a fingir que de nada sabia. Devia levá-lo ao Pará de novo e lá o presidente lhe daria a recompensa... Aos índios receosos de perder as cabeças, João explicou que não deviam temer coisa alguma, e, para dar-lhes o exemplo, deixou-se retratar. Depois disso, como eu quisesse apanhar um grupo fotográfico, novamente o capitão dissipou os temores de sua gente e eu mandei mesmo que os meus companheiros de canoa tomassem parte na fotografia. O efeito foi maravilhoso: todos vieram fotografar-se. Policarpo e os três companheiros de tal jeito se colocaram que suas sinistras caras não apareceram na chapa. Não importa. Eu tinha tido uma boa oportunidade, uma reação se operara, e a história das cabeças cortadas estava esquecida.<sup>3</sup> Infelizmente, mais tarde, essa chapa ficou em parte inutilizada.

Os dias seguintes foram de recaída para mim. Sentia-me muito enfraquecido. Devia, no entanto, partir. Obtivera do capitão João certos pormenores sobre os mundurucus, ficando inteirado das sensíveis mudanças que eles haviam sofrido. Certo dia arrastei-me até perto de uma choupana de onde saíam gritos de dor. Estava curioso de conhecer o que ali se passava e vim a saber pelo capitão João que haviam encerrado nessa casa, dentro de uma gaiola, uma mocinha que acabava de deixar o estado de menina para entrar no seu período de puberdade. Segundo o uso, era exposta a uma espécie de suplício: cada membro da tribo, com os dedos untados numa banha, vinha sucessivamente arrancar-lhe um fio de cabelo. E então a vítima podia tomar seu lugar entre as mulheres. Disse-me também que entre os que não conhecia os ensinamentos do catolicismo – ele já tinha a felicidade de pertencer a esta religião – existiam costumes que o horrorizavam. Por exemplo: esses indígenas não cristãos pensam que Deus, o sol ou um ser supremo qualquer, depois de haver dado a vida, não pode tirá-la sem iniquidade. Portanto, quando um homem morre, não pode ser senão por ato de um inimigo. A família do morto dirige-se à casa do padre, do doutor ou adivinho (a que denominam de pajé) e este procede a exorcismos e evocações e acaba designando o culpado daquela morte. A pessoa escolhida, ao sabor do pajé, embora inocente, é punida. O pajé falou e deve ser obedecido. Avalia-se

---

3 A história das cabeças cor ta das é alu são a um epi só dio an te ri or do li vro de Bi ard.

daí a importância que um homem desses tem numa tribo. Cada um tem sua vida ameaçada por ele e trata de merecer-lhe as graças. O próprio chefe não fica isento. Essa mania de vingar uma morte com uma vida explica talvez porque em terras tão extensas existem tão poucos habitantes. João me contou também que índios habitantes acima das cataratas do Madeira dirigem preces ao sol, como o faziam os antigos peruanos.

A tribo, poucos dias antes da minha chegada, fizera seu fornecimento de curare; eu chegara um tanto tarde. Não obstante meu amigo João me deu uma vasilha cheia desse veneno. Eis como ele se prepara segundo a fórmula do capitão. Sabe-se que, em todas as cerimônias dos selvagens, as mulheres representam os primeiros papéis. Não sei se será uma maneira se distinguí-las ou não. Já as vira dançar diante de São Benedito; aqui se encarregam da missão mais importante de fabricar o curare, e desde logo estão com a vida condenada: devem morrer. Um dia toda a tribo se reúne e amontoam galhos de árvores secas num pátio. Velhas índias ateiam o fogo e o mantêm vivo durante três dias. Duas varas presas ao alto são fincadas no chão e delas pende uma grande panela. Separados em dois grupos, vão os homens cortar nas matas os cipós venenosos com os quais o curare é em parte preparado; outros enchem no rio vasilhas com água que trazem solenemente, assim como os cipós, para o pátio onde as vítimas devem permanecer até que termine a fabricação. Cantam em voz baixa: “Morrerão também assim os que forem feridos por nossas flechas.” Cada um toma seu lugar na roda formada pela tribo, desde o primeiro dia, perto do local em que as velhas deitaram dentro da grande panela os cipós, a água e outras substâncias desconhecidas, cujos nomes João não pôde ou não me quis revelar. No segundo dia o fogo é mais intenso, e as exalações que se escapam da panela fazem a roda afastar-se mais. Ao terceiro dia há uma imensa fogueira. Mas ao entardecer as chamas extinguem-se aos poucos, a fumaça venenosa dissipa-se; a obra misteriosa está concluída, o veneno é bom e as velhas estão mortas. Cada qual, então, leva o seu quinhão para guardá-lo cuidadosamente em casa.

O curare, ao esfriar, torna-se duro e consistente. Para se servir dele, os índios o esquentam brandamente e ao amolecer mergulham nele as pontas das flechas. Antes de partir, quis ver como se aproveitam

desse veneno nas caçadas. Fui com João e o mais moço dos dois zarari, já esquecido da história das cabeças cortadas, realizar uma excursão pelas matas. O rapaz conduzia uma zarabatana de uns 12 pés de comprimento e um leve carcás que parecia envernizado. Dentro deste ia meia-dúzia de pedacinhos de madeira muito duros, afilados numa das extremidades, e nas outras guarnecidos de bolas de algodão. Fomos, passo a passo, por uma vereda tão estreita que mal nos dava passagem. Os guias puseram os dedos nos lábios e a esse sinal deixamos o caminho e nos sentamos, ou nos deitamos, sob grande árvore, cujos galhos, tocando o solo, haviam feito brotar filhotes, formando com eles pequena floresta onde os cipós, subindo aqui e descendo ali, nos cercavam por todos os lados. O jovem indígena ficou de pé de costas para a árvore e preparou a zarabatana, apoiando entre os ramos mais baixos, porquanto a arma, de tão longa, impede a liberdade dos movimentos de quem a maneja, se tiver de aguentar-lhe todo o peso. Permanecemos calados por alguns minutos, quase meia-hora: não era quebrado o silêncio senão pelos assobiozinhos do rapaz sempre imóvel. Ele percebia sem dúvida o que fosse de interessante, pois fez um ligeiro gesto e olhou para nós de modo compreensível por João. Um instante mais e vi atirar-se de uma árvore próxima um macacozinho vermelho, dos que chamam de mico; ao primeiro seguiu-se outro, mais outro, uns sete ao todo. Zarari soprou e um dos sagüis levou a mão à cabeça, ao peito, à coxa, coçando-se com sofreguidão, até que caiu morto. Todos os sete tiveram igual sorte em menos de 10 minutos, sem que se ouvisse o menor ruído. De volta a casa, comprei a zarari sua mortífera arma e amarrei a uma das bordas da canoa, por ser muito comprida para caber dentro da embarcação. Ela figura, atualmente, com o carcás, em meu ateliê, no meio de outras coisas díspares tão admiradas de se encontrar assim juntas que um dia perdoei certo visitante que, ao sair, disse à pessoa que mo havia apresentado: Tudo aquilo é muito bonito, mas não tem senso comum, são remendos de artista.

Essa criatura não teve jamais idéia do quanto esses remendos me custaram! Voltei a custo dessa caçada da zarabatana e não pude mais ter ilusões acerca do mau estado de minha saúde. Urgia partir: atingira dessa vez os limites de minha viagem. E admitindo-se a hipótese de querer continuar, seria abandonado pelos meus companheiros um dia

ou outro. No momento da partida João me avisou ter ouvido algo inquietador para mim. Meus quatro canoieiros não cessavam os conciliábulos; pareciam ter tomado uma deliberação ou preparado uma conjura. Mas, como iríamos descer o rio, confiava na boa disposição de ânimo deles; cada um estava mais ansioso de regressar. Policarpo, em suas arengas, só falava no Pará; e todos, ao aludir à volta, não escondiam o contentamento. Mostraram-se solícitos nos preparativos e convenci-me de que agora não teria de recorrer a cara feia e às armas para estimulá-los. Toda a tribo veio ao meu botafora; dei um abraço sincero em João e no meu protegido zarari, e, tal qual se dera no dia em que deixei as florestas do Espírito Santo, senti-me emocionado. O vento ajudaria a vela; distribuí uma ração de cachaça; voltei a minha barraca, onde fechei as cortinas e adormeci profundamente.

Ao entardecer, mudou o tempo; caiu um aguaceiro que nos molhou bastante. Não dispusesse do guarda-sol e teria ficado inteiramente exposto à chuva. A água entrava a jorros por um buraco feito pelos macacos, sem falar nos pequenos orifícios que transformavam o teto do meu abrigo numa escumadeira. Tivera a precaução de guardar meus biscoitos numa lata vazia, e o resto das minhas provisões por felicidade se achava também protegido. Não podia ter o mesmo sossego de espírito quanto aos artigos fotográficos; qualquer umidade descola chapas e estraga a câmara escura. Possuía certa quantidade de pregos, de cola que eu aquecia em álcool; não se passava um dia sem ter de consertar alguma coisa, para gáudio das mutucas que se aproveitavam de minhas ocupações para me atacar as pernas, transformando-as numa espécie de elefantíase, essa horrenda doença de que vira tantas vítimas no Rio de Janeiro.

Meus companheiros nadavam em alegria. Policarpo falava a todo instante, e sua voz tomava a inflexão a que atrás aludi. Monótonos os dias que se seguiram e passei-os quase todos deitado; morria de calor e bebia em excesso. À falta de açúcar, a limonada era bem ácida; porém mesmo assim a sede me obrigava a achá-la saborosa. Comprara no Pará algumas libras de chocolate, reservadas para o caso de fome absoluta. Quando resolvi me servir dele e tirei-o da caixa fechada a chave, encontrei-o virado numa manteiga, do mesmo modo que a manteiga se transformara em azeite. Tive de fazer com o chocolate o que fizera com as bolachas pois o papel que o envolvia virara uma pasta.

Até ali o mal era reparável, mas depois de ter posto a papa de chocolate numa pequena vasilha utilizada no esvaziamento da canoa, descobri com tristeza que o frasco de óleo derramara, tendo sujado umas camisas de que felizmente não precisava no momento. Não pude saber direito quantos dias passei na maloca de João nem quantos durou minha volta. Tão fraco me achava da doença que me afligia que não pude continuar meu diário sem prestar atenção ao almanaque. Também me esqueci de perguntar a João o nome do rio a cujas margens encontramos os araras. Não podia mais voltar quando de tal me lembrei.

Uma noite, procurando reunir recordações, experimentei sensação de bem-estar; melhorava de saúde, ganhava novas forças; calculava os dias, as horas e as etapas necessários à minha chegada ao Pará, de onde tencionava me atirar ao norte, visitar a América setentrional, antes de reentrar na Europa. Nessa marcha de projetos senti o que sentem todos os viajantes que, longe ainda dos lares, neles pensam. Diz-se então adeus ao desconhecido; volta-se à vida comum, e, ao sabor dos pensamentos, anseia-se por já se estar em casa... As afeições retomam seu poder... Uns vêem as esperanças realizadas; outros, e estes eram maioria, só encontram decepções. Para estes últimos o provérbio sobre os ausentes é uma verdade.

Fui arrancado dos devaneios por um ruído semelhante ao de um grande temporal. Dir-se-ia que todas as árvores iam ser arrancadas do chão, que os trovões cairiam sobre nossas cabeças, e no entanto, olhando em roda, tudo estava claro e calmo. Os índios dormiam. De onde vinha esse barulho de tormenta? Desde o caso dos alagadiços só dirigia perguntas a Policarpo quando não tinha outro jeito e por isto, embora curioso, nada indaguei dele acerca desse rumor estranho. E ele recomeçou na noite seguinte. Procurava, com o auxílio da memória, identificá-lo com outros rumores anteriormente percebidos. Formavam-no um conjunto de sons ensurdecedores, discordantes, que pareciam provir de um mesmo ponto. Na véspera comparara-os a um temporal, mas agora tive a impressão dos grunhidos de um porco em agonia. Pus de lado a comparação poética da tempestade e escrevi então no diário: “Sei afinal com que se parecem os gritos horríveis cuja causa ignoro: semelham os grunhidos de uma dúzia de porcos estrangulados simultaneamente.” Posteriormente nada tive a modificar nesta nota. Ao cabo

de alguns dias vimos de novo Canoma, e soube então que os ruídos que tanto me haviam preocupado e espantado eram produzidos por bandos de macacos gritadores (*alouates* ou *stentors*), possuidores de um apêndice singular debaixo dos maxilares inferiores; esse órgão empresta-lhes à voz tal poder de entonação que, ouvida em meio às florestas do novo-mundo, produzem aquele barulho noturno. Eu o ignorava.

Passei dois dias em Canoma, onde retribuí a hospedagem com um retrato. No primeiro dia, desenhando uma casa em construção, com o intuito de estudar a maneira adotada pela gente da terra, fui surpreendido por um temporal e tive de me refugiar debaixo de umas folhas de palmeira com a forma de um sino. Se nesse refúgio não havia galinhas, encontrei, porém, muitas pulgas, cujos ataques me obrigaram a procurar um banho no qual me demorei mais de uma hora, sem receio dos jacarés. Esperaram-me para jantar. Havia tartaruga que não comi por precaução; gostei no entanto de duas araras assadas e de uma garrafa de vinho português de cujo sabor quase me esquecera. No dia seguinte dei extenso passeio pela margem do rio, ali formando um cotovelo e entrando pela água. Matei um canário de cabeça cor de laranja e duas rolas. Há tanto tempo não caminhava assim comodamente na areia e debaixo de árvores de troncos esguios e lisos! Adiante entrei à vontade por florestas virgens, diferentes de todas as que já vira. Não mais vegetação parasita que ia da base ao cimo das árvores e caía em cascatas ou em cortinados intransponíveis, como ouvira contar das matas existentes na América do Norte: árvores enormes, mas desprovidas de folhagem, exceto nos cimos, onde uma espessa copa interceptava os raios do sol e privava de luz e de vida as espécies que lhes ficavam abaixo. Solo úmido e lastrado de folhas secas; de raro em raro grossos cipós parecendo cadeias que pendiam perpendicularmente. Nem um pássaro; silêncio absoluto. Parecia estar dentro de uma igreja abobadada. Também nem um mosquito, nem uma cobra, nem um mover de folhas.

Após ter percorrido longa extensão de caminho, senti-me abafado; a atmosfera pesada ali reinante, a monotonia daqueles troncos, sobretudo o silêncio malquebrado pelos meus passos inspiraram-me sentimento de irreprimível terror, e foi quase a custo que encontrei uma saída da solitária mata. Partimos ao cair da noite, e no dia seguinte comecei logo matando um martim-pescador e uma garça. A preparação

dessas aves servia-me de distração e tinha também outra vantagem: as mutucas, enquanto investiam a carne dos animais, deixavam a minha em sossego. Findo esse trabalho, voltei aos desenhos das margens do Paraná-mirim, braço do Madeira, que então íamos descendo; margens sempre curiosas nas suas formas devido às terras caídas que por vezes dão idéia de um caos. Mais uns dias chegávamos a Abacatchi, povoação há pouco fundada no mesmo braço do rio Madeira. Não me importando de entregar duas cartas de recomendação que levava para um Sr. Rodrigues, fiquei a bordo; mandei arriar a vela para servir de toldo aos índios; eles comeram ali e fiz um esboço do grupo, bem como de um tronco bizarro que se me oferecia às vistas. Fizemo-nos ao largo para passar a noite, e ao amanhecer subi a um alto onde se viam casinholas. Descobri de longe um homem que não me agradou nada: era aquele para quem trouxera as cartas. Como o tipo não me caíra na simpatia nem tinha coisa alguma a pedir-lhe, sendo a terra pouco propícia a excursões, preferi entregar as cartas aos meus companheiros de canoa para que com elas acendessem seus cigarros. E prosseguimos na viagem.

Ouvimos durante o dia latidos. Havia habitação próxima. Atracamos. Subi por um terreno pedregoso e ladeiroso e no alto encontrei muitos limoeiros. Ao contrário do que se costuma fazer aqui, a casa fora construída debaixo das árvores. Nela vi muitas mulheres, que, também, estranhamente, não se esconderam ao me verem com minhas calças manchadas, meu chapéu esfiapado, minha cara barbada e minha espingarda. Sem dúvida negociantes portugueses já se tinham aventurado ali. Nossa canoa havia mesmo cruzado na véspera com duas outras carregadas de pirarucu, mercadoria que vem por aqui adquirir a baixo preço, transportando-a pelo Amazonas até o Pará, seja em vapores, seja-o em canoas, se estas forem bastante resistentes às ondas da baía de Marajó.

As mulheres, embora sozinhas na casa, permitiram-me entrar, e fui sentar-me numa rede à espera do guarda que, não sendo boa bisca, sempre era melhor do que Policarpo. Graças a sua algaravia, mistura de português e de língua geral, e também mercê de bonitos colares de contas azuis e vermelhas, consegui que as mulheres se deixassem pintar. Fiz um estudo de uma delas, bem bonita apesar da tatuagem; estava vestida apenas com saíote. Ao terminar, deixei o retrato de sua companheira para o outro dia e mandei armar minha barraca em terra, disposto a descansar



alguns dias. O chefe chegou quando esses preparativos iam terminando. Ofereci-lhe fumo provocador, sempre de boa acolhida, tão favorável mesmo que não somente minha câmara escura não o assustou como se deixou fotografar e ficou admirado ao ver sua figura assim reproduzida. Às vezes eu arranjava jeito de fotografar a mim mesmo e, se o fazia, era porque precisava de um ponto de comparação, de uma escala das proporções de uma figura. E nenhum dos meus companheiros de viagem quisera a isso se prestar. Policarpo por muito favor abria e fechava a objetiva quando com leve tosse combinada eu lhe dava sinal para fazê-lo. E nada mais. Incontestavelmente, o Sr. Benoit era mais amável.

Nas matas dessa localidade penetrei bastante e achei nelas muita semelhança com as florestas do Sangaçu: os mesmos tufos de orquídeas, os templos, as grutas de verdura, as árvores gigantes, tudo como lá. Caminhava sem recorrer ao facão porquanto as veredas já estavam abertas. Apanhei várias folhas de formas bizarras. Com a saúde voltava-me o interesse pelos estudos. Conhece-se já minha paixão pela natureza virgem, e aqui eu podia satisfazê-la, esquecendo-me das horas em que, à vista de margens inabordáveis, passava por um suplício de Tântalo. Todas as noites ia dormir ao largo, fugindo dos mosquitos, e bafejando pela viração que vinha de terra. Uma noite, já deitado, gozando essa frescura, recebi violenta pancada no rosto e, sem demora, vi grande morcego, dos de tipo vampiro, voar por cima de mim. Logo depois os macacos gritadores começaram seu coro acompanhado dos cantos dos sapos. O rio refletia as árvores centenárias.

Quando resolvi deixar Abacatchi, não precisei dizê-lo duas vezes aos meus homens de tripulação: íamos de rio abaixo, os remos em descanso; Policarpo falava, e ao cabo de uma hora todos dormiam. Ao amanhecer, os índios mostravam sinais de inquietação, olhavam para todos os lados; fizeram uma reunião a que fui estranho, e, como tivessem parado a canoa, indaguei o que havia... Eles julgavam chegar a Maués, primeira etapa de certa importância do nosso trajeto, e, enquanto dormíamos, correnteza mais forte levou-nos muito adiante dessa paragem, sem que ninguém o notasse a bordo. Não foi preciso ordenar-lhes que voltassem, porque Maués constituía porto desejado de todos. Uma cidadezinha semelhante às que se encontram pelo Amazonas e onde se renovam à vontade as provisões.

Perdemos doze horas para corrigir erro de poucas léguas. A subida não se fazia pelo meio do rio, a ela se opondo a corrente; costeamos. O soldado remou um pouco para ajudar a marcha. Policarpo sempre ao leme; esse serviço inútil poupava-o de outro qualquer. Em um ponto onde grossas raízes se estendiam pelas águas, vimos um grande peixe preso entre as raízes e a terra. Discutimos se estaria morto ou vivo, pois não fazia nenhum movimento. Um dos índios, achando que estaria morto, afastou uma das raízes com o remo. Ah! O peixe estava bem vivo, e com uma das barbatanas levantou uma coluna d'água, desaparecendo em seguida, para grande desapontamento nosso. Perdêramos comida para muitos dias... alcançáramos afinal Maués. Permaneci a bordo enquanto Zeferino, o soldado, fora a terra investido das cerimônias oficiais. Um homem que se achava numa canoa perto da nossa dissera-lhe morar na cidade um tenente-coronel da Guarda Nacional. Como não contara passar por Maués, não trouxera nenhuma carta de recomendação para ali. Mas, tendo o guarda, por vaidade, falado a meu respeito como uma grande personagem, amigo do coronel e do presidente, o tenente-coronel mandou dizer-me que, estando doente, não me podia vir visitar, porém me receberia com prazer. Vesti-me do melhor modo: calça e paletó brancos; a camisa estava infelizmente enodada e desbotada. Custou-me calçar as botinas: há muito não andava senão descalço. Apresentei-me o mais decentemente possível, precedido pelo soldado, e no trajeto saudaram-me várias vezes dando-me um "Excelência". Recebeu-me um homem ainda moço; apresentou-me a um seu amigo e ambos falavam um tanto o francês. Encheram-me de amabilidades e convidaram-me a jantar. Ao saberem do que me trouxera a essa excursão, prepararam logo outra para o dia seguinte.

Há pouco tempo uma tribo selvagem (que tem o mesmo nome da cidade) estabelecera-se às margens deste rio. Deram-me um soldado para minha proteção e, para melhor garantia, apelaram igualmente para os préstimos de um velho maués já civilizado que possuía patentes de capitão da Guarda Nacional. Ele deveria partir para sua maloca à noite a fim de prevenir seus companheiros da minha visita, e, assim, estariam ali preparados. Minha permanência aqui, dado meu estado de saúde, não deveria exceder 48 horas. Os índios ficariam também cientes de que eu seria um recomendado do coronel. Enquanto a noite não caía, dei uma

volta pelas vizinhanças da cidade. Maués, como as outras povoações amazônicas, compõe-se de grupos de casas sem regularidade de disposição. O coronel morava numa rua mais larga e comprida, onde as residências semelhantes a sua eram mais altas que os casebres. Como em Santarém, Serpa e Vila Bela, todas as fachadas revestiam-se de caiação branca, amarela ou vermelha, embora não tivessem os prédios senão folhas de palmeiras como telhados. Mostrou-me o coronel um tiro ao alvo no qual crianças ainda revelavam excelente pontaria. Um imenso areal muito alvo me fez não aceitar o oferecimento para que fosse dormir dentro de casa. Preferi estender-me na areia, ao luar. E já me achava deitado quando ouvi falarem perto de mim. Um negro alto e vadio misturara-se com os meus homens da canoa e bebiam juntos uma garrafa de cachaça. O soldado, em vez de manter a ordem, bebia também à vontade. Quando a cachaça se acabou, o negro foi buscar uma “montaria”, meteram-se todos nela e perdi-os de vista.

No outro dia deixei o guarda Zeferino ir para onde bem quisesse, uma vez que dispunha de outro soldado conhecedor da cidade. Partimos numa canoa, mas a marcha foi vagarosa. Os remadores estavam enressacados de uma pândega noturna. Tencionando alcançar o ponto em que viviam os índios maués, ainda com o sol de fora, só o fizemos já noite. A lua ainda não aparecera. A custo galguei a praia um tanto íngreme; pisávamos ao acaso sem saber se havia caminho aberto ou não. Se os olhos não se prestavam a muita coisa, os ouvidos, porém, foram muito úteis. Há uma meia hora percebia estranho ruído e, à medida que avançávamos, ele se ia tornando ensurdecedor. Atingimos um alto e paramos. Oferecia-se-nos um espetáculo inesperado. Toda a tribo, num amável propósito, tentava acordar a lua com verdadeira atoarda: julgavam que um eclipse houvesse coberto o astro dos poetas. Vim a saber depois que os índios confundem quase sempre as pesadas nuvens equatoriais com os eclipses. Alguns dos músicos batiam com uma pedra num grande prato de ferro destinado a cozinhar a farinha de mandioca; esse prato, para ressoar melhor, fora pendurado a uma árvore. Os meninos sopravam em flautins de osso; outros faziam-no em bambus que também servem para nos combates desafiar o inimigo, à guisa de porta-vozes; o resto da tribo tocava em tambores fabricados com troncos velhos, recobertos de peles de boi ou de anta. Afinal a lua apareceu e o silêncio se

fez como por milagre. Cada índio voltou a sua oca. Aproveitara, porém, a cena e dela fizera um desenho. Em seguida, como nada tivesse a fazer ali de noite, e como a claridade da lua me ajudasse, voltei facilmente à canoa. Ao clarear tornei a me aproximar da maloca; Policarpo levava meu saco e minha espingarda. O capitão da Guarda Nacional desempenhara bem sua missão: ninguém se recusou a deixar-se pintar. E o meu trabalho decorreu dentro de geral entusiasmo. Comprei aos índios um daqueles paus furados que serviam de porta-voz e despedi-me da tribo, ainda adoentado e prometendo a mim mesmo não trabalhar mais. Em Maués mandei levar a minha rede para a casa do coronel e andei acertado pois dali a pouco se desencadeou forte tempestade: a chuva caía a jorros na cidade, inundando ruas e casas e impedindo as comunicações com a minha canoa. Quando lá fui, no outro dia, encontrei Policarpo debaixo de minha barraca: o soldado metera-se num canto qualquer e os remadores se abrigaram como puderam, não sei onde. Policarpo não me soube informar em que mundo andavam os companheiros. Viera, porém, um índio maués buscar sua “montaria”, que na véspera fora amarrada à minha canoa. A praia estendia-se bastante e quase reta; o pobre homem não via a piroga e lamentava-se. Interrogado a respeito do desaparecimento, Policarpo dava respostas tão embrulhadas que despertaram suspeitas. Por fim não tive mais dúvidas; dois dos homens de minha tripulação, de cumplicidade com o soldado e esse miserável do Policarpo, planejaram a fuga; obtiveram o auxílio de um índio de outra tribo, e, na montaria dele, raspam-se. Maiores eram minhas desconfianças ao lembrar-me que um dos fugitivos tinha me pedido algum dinheiro adiantado, na véspera; prometera-lhe atender no outro dia. Estava a refletir no que teria agora a fazer para me sair do embaraço, quando o soldado chegou à praia. Até então calara meus aborrecimentos, mas como esse homem de nada me servia despejei sobre ele minha revolta. Atirei fora da canoa tudo que lhe pertencia e mandei que levassem todos esses objetos à casa do coronel. E para lá me botei também. Quando o coronel teve ciência da fuga dos índios, nenhum espanto revelou. “Essa gente, disse-me, não leva nada em conta quando decide fugir; esses gestos de abandono são comuns. São brutos de quem nunca se esperou nem se espera coisa melhor.” Muitas pessoas confirmavam esses conceitos e contavam histórias semelhantes. Admiro bastante os senti-

mentos de independência, mas quando se aliam ao respeito, aos direitos alheios e aos contratos aceitos. Essa maneira de ver é estranha aos índios que se dizem civilizados. Preferia um antropofagozinho que nos servia à mesa e do qual fiz até um retrato, como também o de uma mulher que com ele fora levada a Maués, pouco antes de minha chegada ali, por um oficial encarregado de uma missão meio militar, meio comercial. Esse rapazinho tinha sido posto numa casa e dias depois desapareceu. Procuraram-no por toda a parte e vêem um fio de fumaça a sair pelas frestas de um depósito que ficava ao fundo do pátio. Ali chegaram a tempo de evitar que esse indiozinho estrangulasse uma criança de 3 anos para dela fazer um assado. Quando o conheci, ainda tinha costume de comer barro. A mulher não lhe tinham nada a censurar no tocante a hábitos antigos; mostrava grande doçura, a despeito da expressão selvagem dos seus olhos, cujas pupilas eram tão pequenas que pareciam brancas, salvo quando se injetavam de sangue.

O coronel castigara o soldado prendendo-o a um poste, onde aguardaria ocasião de ser mandado para Manaus com especial recomendação... Por minha parte escrevi também para a capital amazonense, contando o malfeito desse militar; se ele houvesse contido Policarpo e fiscalizado melhor os remadores, nada daquilo teria acontecido. E continuava em dificuldade para conseguir novos remeiros. O coronel encomendara por toda parte dois homens. No primeiro dia ninguém apareceu; tratava-se de ir muito longe, até Vila Bela, no Amazonas, e de lá as oportunidades de regresso a Maués são raras. Por felicidade chegou uma grande canoa tripulada por oito índios da tribo que tinha o nome da localidade e na qual viajava o delegado de polícia de Vila Bela. Trazia uma carta de recomendação para ele. Como tivesse de demorar ali uma semana, emprestou-me três de seus remadores, fazendo-lhes um “sermão” não sei bem em que língua, pois não entendiam uma só palavra de português. Ouviram tudo em silêncio; desde então não os perdi de vista a fim de que a cachaça não botasse tudo a perder. Esqueci-me de dizer que o coronel tinha uma venda, e nela adquiri uma garrafa de vinho do Porto, duas galinhas e uma tartaruga. Ele me ofereceu mais um ornato indígena de penas, e, quando quis pagar, o doutor, seu amigo, opôs-se a tal, considerando-o uma ofensa. Não pude sequer corresponder a essa obsequiosidade com um retrato, pois já guardara todos os apetrechos de

pintura. Parti sem demora antes que os remadores fugissem; nada de se fiar neles. Abracei o coronel e o doutor, de maneira teatral, demorando-nos bastante um nos braços do outro e de cabeças afastadas. É costume no Brasil esses abraços.

Minutos mais e estávamos viajando, e desta vez aliviado da presença do soldado e dos dois remeiros. Os seus substitutos mostravam ter um ar de doçura que me agradava. Eram pai e filho, e o terceiro, parente de ambos. Esperava não ter o que me queixar dos três. E, de fato, durante o tempo em que estiveram a meu serviço, não os repreendi. Muito estúpidos, é verdade. Mas, que mal havia nisso se remavam bem?

.....

X  
*Regresso*

DO RIO MADEIRA AOS ESTADOS UNIDOS

NAVEGAÇÃO – UM DESPERTAR DENTRO D'ÁGUA – UMA  
BRANCA UM TANTO MORENA – PESCARIA – VOLTA DO  
AMAZONAS – VILA BELA – AMADORES DE PINTURA – O BOM  
MIGUEL – ACESSO DE CÓLERA – FUGA DE POLICARPO – A  
FREGUESIA – COBRA MONSTRO – TEMPESTADE – INSOLAÇÃO  
E CONSEQÜÊNCIAS – DOENÇA – SANTARÉM – ÓBIDOS –  
PARÁ

**M**AL viajávamos uma hora, a noite desceu de todo; fiz apenas um gesto e logo a canoa foi levada ao meio do rio, muito largo neste trecho abaixo de Maués, e ancoramos. Distribuía a ração de cachaça e tudo corria bem, ainda melhor porque o prestígio de Policarpo acabara com os novos remadores. Estaria de todo contente se a fraqueza de meu organismo não me produzisse tristezas passageiras que procurava logo dissipar. As carapanãs que haviam me deixado um pou-

co tranqüilo voltava a me hostilizar em grandes nuvens. Mais me contrariavam esses bichinhos audazes porque não podia pintar as paisagens que perpassavam rápidas diante dos olhos devido à velocidade da correnteza. Certa noite, extenuado, deitara-me sobre minha bagagem; não pretendia dormir, tanto assim que não abria a esteira nem desdobrara o capote. Contudo adormeci e ao despertar me vi a mergulhar dentro d'água. Confesso nunca ter me acontecido coisa tão desagradável, desde o dia em que, a bordo de uma corveta, tendo visto um homem arrebatado do convés por uma onda, tive nessa noite pesadelo horrível, acordando de cabeça para baixo. Tinham aparafusado mal meu beliche. Pensei que o navio estava naufragando e corri à tolda, tonto de sono, verificando com alívio estar o mar calmo e tudo sem novidade. O oficial de quarto cantarolava e, ao me ver assim, julgou que enlouquecera. Voltei às carreiras ao camarote para reparar a negligência de meu criado.

Desta vez, porém, ao grito que soltei ao despertar dentro d'água, os índios pararam a canoa e me estenderam as mãos; Policarpo dormia ou fingia fazê-lo. Esse pequeno acidente sem outras conseqüências não me deixou pegar mais no sono. Quando, após mudar a roupa e feito minha cama, deitei-me a gosto, sem risco de outro banho, comecei a ouvir o coro dos sapos, a que respondiam os gritos do saci. Não sou supersticioso, felizmente; porque, com meu banho forçado, a solidão, a estranheza da vida levada, a gente que me cercava, e esse estridente grito do saci, com seus ares de fantasma, poderiam me impressionar vivamente. É bem verdade ser o hábito uma segunda natureza: o que mais predominava em mim nesse momento era a pena de não poder enriquecer minha coleção zoológica com esse diabólico animal em cuja perseguição tantas vezes corraera sem resultado. No dia seguinte subimos a um terreno plantado com cacau e mandioca. Muitas bananeiras carregadas de cachos que pretendi logo comprar e guardar; um deles apodreecera por ter caído n'água. Uma portuguesa, embora morena como uma índia, veio ao meu encontro. Cumprimentei-a, chamando-lhe "Minha branca". As bananas me levaram a essa lisonja, no que não me saí mal. Comprei-lhe uma galinha magra, que foi logo cozinhada na ponta de um espeto; e dispondo de uns litros de vinho comi à vontade e refiz um tanto as forças. Passei parte do dia sozinho na canoa porque meus três



companheiros preferiram permanecer na palhoça da portuguesa. Dei fumo a todo mundo e consagrei-me ao repouso, aguardando o cair da tarde para caçar. Mas mudei de resolução ao ver umas índias que surgiram no alto da colina onde fora construída a casa; trazia cada uma delas grande cesto chato com o qual vão pescar. Acompanhei-as sem despertar medo nem espanto. Entraram nas matas, e ao cabo de meia hora alcançamos uma vasta campina transformada pelo sol num verdadeiro tapete. Por todos os lados troncos mortos, folhas secas e lagoas em que as mulheres se meteram. Duas delas mantinham os cestos perpendicularmente, e as outras pesquisavam as águas. Deste modo pegaram vários peixes, uns grandes e outros pequenos. Depois de darem várias voltas, reuniram-se todas como para decidir se deveriam também entrar na lagoa maior. Causara-me aliás estranheza não tivessem começado a pescaria por aquela, pois estava descobrindo nela taludos peixes escuros. Por fim decidiram-se e compreendi o motivo da hesitação: em certos pontos a água passava das suas cabeças e forçava-as a nadar. Havia também nessa lagoa muitas plantas aquáticas e muita lama, porque, mal revolveram a água, esta deixou de ser transparente. Todavia a pesca já se anunciava promissora. Os cestos enchiam-se de grandes crustáceos, quando uma das mulheres soltou um grito que foi repetido pelas companheiras, embora o decoro indígena proíba à mulher manifestar as emoções a homens estranhos. Cada grito era acompanhado de uma careta. E por fim saíram da lagoa precipitadamente e cobertas de sanguessugas dos pés à cabeça. Achei que devia auxiliá-las a se livrar das sanguessugas, lembrando-me dos meus apertos anteriores com as formigas.

Voltaram à cabana em meio a risadas, malgrado o sangue a escorrer. Comprei-lhes alguns peixes, e como a noite se aproximasse despedi-me das companheiras de pescaria e de sua patroa branca.

Ao voltar a bordo não sabia o nome do rio pelo qual navegávamos; metêramo-nos em tantos canais que era difícil distingui-los do curso principal ou de seus afluentes. Cada braço do Madeira tem uma denominação. Policarpo chamava *Ramo* àquele por onde íamos viajando. Mesmo num único rio os nomes variam conforme as localidades que banha. Quando fui de Maués visitar os índios amigos da lua, disseram-me que subia o *Limã*. A artéria-máter deste colossal sistema fluvial, ela própria muda três vezes de nome entre a nascente e o oceano: Ama-

zonas, do Pará a Manaus, Solimões, de Manaus a Tabatinga, e dali ao Peru, Maranhão. Quantos enganos não haverá nessas várias denominações!

Aproximando-me do Amazonas e tornando-se raros os índios tatuados, passei grande parte do dia a limpar os objetos de uso, disposto a ir a terra caso passássemos perto de algum sítio habitado. Limpei também as armas. Não teve maior interesse para mim esse dia, mas no outro ia, à falta de melhor assunto, pintar umas plantas quando pisei a pata de um jacarezinho meio enterrado na areia da praia. Tive vontade de pegá-lo vivo; com a ajuda dos índios amarrei-o pela ponta do focinho, mas assim, se não podia morder, também não poderia comer; deixá-lo solto na canoa seria imprudente. Enrolamos-lhe a cabeça com uns panos e cipós, pendurando-o na popa; minutos depois não se mexia mais. A preparação desse jacarezinho foi trabalhosa porque a pele era dura como ferro.

Depois de termos passado pela foz do Anidira, que se lança no Ramo, penetramos novamente no Amazonas, acima de Vila Bela. Ali, se quisesse, teria terminado minhas atribulações; tomaria um vapor e em oito dias estaria no Pará. Mas sentindo-me mais forte, quis ainda um pouco de aventura, navegando em canoa até Santarém e subir, se possível, o Tapajós. Conforme o combinado, deixei em Vila Bela os três índios maués, paguei-lhes à razão de uma pataca por dia; receberam o dinheiro sem me dizer nada, deram-me as costas e desapareceram. A dificuldade de procurar outros remadores juntava-se à obrigação, custosa para mim, de meter-me na roupa preta e visitar o promotor e o delegado de polícia, para quem trazia cartas. Se essa *toilette* me era penosa num certo conforto de quarto, que diria numa canoa onde só podia estar sentado ou de joelhos. Nesses instantes maldizia mais do que nunca os remadores fujões, porquanto sua substituição me obrigava àquelas torturantes cerimônias de indumentária.

Achava-se a canoa afastada bastante da terra enxuta e era preciso meter-se n'água para alcançá-la. Nada me custava fazê-lo, pois me acostumara a isso, porém de botinas as dificuldades eram tremendas. Tive de chamar um negro e ele me carregou às costas sem me machucar o traje nem estragar os objetos aos quais ia dever uma recepção amável e conseguir os homens de que precisava. Mas a praia era extensa e o sol, bem

ardente. Deste modo, apesar do guarda-sol, quando me apresentei com minhas cartas, estava banhado de suor. Não era fácil obter os remadores; mandaram-me a um padre e este fez com que me levassem a um comerciante português que, por sua vez, me expediu ao subdelegado. O subdelegado conferenciou com o promotor e afinal me prometeram não somente os dois remeiros, mas também um soldado que me acompanharia até Óbidos. Voltariam pelo vapor, com despesas por minha conta, bem entendido. Como as cartas de recomendação explicavam quem eu era e a que trabalhos me entregava, pediram-me mostrasse meus desenhos a um punhado de pessoas atraídas pela curiosidade de ver um francês. E vi-me assim a dar explicações de cada retrato ou motivo a um grupo de amadores dos mais curiosos. Um homem vistoso, de costeletas pretas, parecia-me sobremodo interessar-se por tudo; evitava-me o trabalho de manter os desenhos diante dos olhos da assistência e fazia-o ele mesmo, embora às vezes apresentasse uma paisagem de cabeça para baixo. Um outro desses apreciadores, depois de haver contemplado vários retratos de índios, mostrou-se intrigado por encontrar entre aqueles desenhos um que representava uma floresta, e não percebia bem a diferença entre os assuntos... Explicaram-lhe então tratar-se de uma paisagem. Não acreditou muito... a prova é que, descobrindo novamente um índio de cabeça para baixo, perguntou logo se se tratava de árvores. Revirei o desenho e disse-lhe em francês com um sorriso afável: *“On t’en donnera comme cela des feuilles, animal!”* Em suma: eu tivera maior êxito entre os selvagens. Com estas considerações, um tanto humilhado, apressei-me em guardar tudo no seu canto costumado na canoa.

Passei a noite numa das várias redes existentes em casa do promotor, e no dia seguinte trouxeram-me um índio com a promessa de vir mais tarde outro. O soldado estava já ao meu dispor. Policarpo pernoitava sempre na embarcação. Ao saber que teríamos novo guarda, declarou-me: “Para que tanta gente? Com um só remador desceríamos o rio até o Pará, se o senhor quiser. Além do mais, com o vento reinante nesta época, pode-se aproveitar a vela.” Fiado nestas palavras, dispunha-me a ir ao promotor agradecer o outro remador e mesmo o guarda. Este, porém, não aprovou minha decisão: conhecendo bem os indígenas, achava arriscado a viagem com um remador só, e sem um polícia para conter-lhe a possível fuga. Comprei pirarucu, farinha, vinho do

Porto e voltei à canoa para arranjar as coisas ali de modo a me ser permitido manejar o leme sem sair da minha barraca. Amarrei um cordão que ficasse ao alcance de minhas mãos. Policarpo e Miguel remariam. Ao partir, recebi a visita de um morador de Vila Bela que, por sua vez, ia também embarcar acompanhado dos três maués que me trouxeram; iam todos numa embarcação a oito remos. Esse homem, ao ver o crocodilozinho que secava, me disse: “Já que o senhor faz coleção desses bichos, deveria ir ver uma grande cobra que matei há meses. Está em casa do vigário de Freguesia no lago do Jourouti.”

Quando me despedi desse informante, descobri o preguiçoso Policarpo sentado no seu posto habitual e Miguel de remo na mão. Os dois, porém, abriram a vela porque o vento se mostrava favorável. Sem que tivéssemos propriamente tempestade, eram as ondas bem altas para nossa frágil canoa e nela entravam à vontade. Eu e Miguel tratamos de esvaziar a embarcação, enquanto Policarpo manejava a vela de modo a evitar o mais possível as vagas. O dia e a noite decorreram assim a bordejar, e na outra tarde entramos no rio Jourouti. Ali, Policarpo recomeçou com suas caretas de aborrecimento. Eu ia contendo a cólera. Cometera nova imprudência não aceitando os outros dois homens que me ofereceram e me encontrava agora mais à mercê desse miserável. Contudo, pus-me de guarda a observá-lo e a impedir toda camaradagem dele com o remador, que, por sua vez, não me agradava muito. Antes de embarcar, cientifiquei a Policarpo quanto iria ganhar, e, quando estávamos prestes a partir, pediu-me logo dinheiro adiantado, ao que acedi; com esse gesto fiquei prevenido à espera de piores atitudes. Com o espírito preocupado, prossegui a viagem.

Policarpo, ao entrarmos no rio Jourouti, declarara ser nossa canoa muito grande para subir até Freguesia; deduzi haver alguma passagem estreita, acessível apenas a “montarias”. E combinei arranjarmos uma por empréstimo. Vimos cerca de 30 dessas embarcações, mas Policarpo sempre as recusava com um “logo”. Não achava conveniente aproveitar-se das que apareciam. Mas, à medida que avançávamos, mais raras se tornavam as “montarias”. Notava que Miguel dava mostras de cansaço, e o preguiçoso Policarpo, de braços cruzados, repousava. Crescia-me a cólera e indaguei que pretendia ele com essas recusas repetidas, quando fora o primeiro a exigir montaria para navegar neste rio, embora

este, ao contrário do que eu esperava, cada vez se tornasse mais largo. Desde o caso dos retratos, de que ficara desconfiado, embora não fosse punido, Policarpo se mostrara mais cordato, porém agora queria de novo botar as manguinhas de fora, não ligando importância ao que eu dizia, não me atendendo, sem fazê-lo por imbecilidade, como Benoit, mas por má vontade. A certo ponto a paciência faltou-me de todo e, tirando-o bruscamente do lugar de que tanto gostava, meti-lhe um remo nas mãos e pela primeira vez fi-lo trabalhar cinco minutos. Decorrido esse tempo, descobri três montarias amarradas a um pequeno porto e esperei o que Policarpo ia fazer. Mandou Miguel remar naquela direção. Perto de terra, Miguel saltou logo, enquanto Policarpo voltava ao seu canto de costume, pondo-se a embrulhar o quer que fosse, num lenço, sem se preocupar com a obtenção da montaria tão necessária, conforme afirmava. Eu o observava tranquilamente, não tendo dúvidas sobre suas intenções. Pronto o embrulho, meteu-o debaixo do braço, agarrou num cacete que ele mesmo fabricara na véspera, e de que eu conhecia o peso, e pulou em terra, caminhando na direção da floresta. Quando já se achava a uns 15 metros, perguntei-lhe aonde ia e respondeu-me: “Vou passear no mato.” Queria dizer, ao seu jeito, que me abandonava.

Senti, como no dia dos alagadiços, coisa estranha dentro de mim. Eugênio Sue, nos *Mistérios de Paris*, diz que Chourineur, em certas ocasiões, via tudo vermelho. Eu também estava vendo tudo dessa cor, porque nem sei bem o que se passou antes de me encontrar com o joelho em cima de Policarpo e com meus cinco dedos manchados de sangue a apertar-lhe o pescoço, enquanto com o revólver na outra mão levantada dispunha-me a quebrar-lhe a cabeça com o cabo. O cacete jazia a alguns passos de nós. Miguel a tudo assistia sem dar um pio. Se não matei esse miserável, nesse dia, foi por tê-lo visto tão amarelo que o julguei ferido gravemente. Tornara-se irreconhecível de medo. Assustei-me pelo que poderia ter acontecido e levantei-me do chão sem dúvida tão pálido quanto o índio. Ele pôs-se de joelhos e pediu-me perdão, prometendo-me andar muito direito se o levasse ao Pará. Que poderia fazer senão perdoar? Sentia-me até feliz de não haver cometido um crime que me perseguiria pelo resto da vida. Escorria bastante sangue da cara de Policarpo porque minhas unhas estavam crescidas e meus dedos haviam penetrado bastante na sua pele. Mandei que se lavasse e eu próprio me-

diquei os ferimentos, pondo-lhe colódio, prevenindo-o de que doeria um pouco a princípio, mas depois far-lhe-ia bem. Dei-lhe mesmo uma ração de cachaça. Por fim, em face da fraqueza moral do meu adversário, não tive mais ânimo para nada contra ele e, como acontece freqüentemente, procurei justificar seu mau procedimento. Tive piedade dele e prometi a mim mesmo reparar o mal que lhe fizera. Modificaram-se as idéias que fazia dessa gente, perdoava também ao soldado Zeferino, aos remadores fujões, as peças que me pregaram. Decididamente não tinha vocação para assassino, pois muito tempo depois estremecia só em pensar no que pudera ter acontecido nesse dia.

Entretanto, não me devia limitar a essas emoções, tinha de agir; mandei os dois homens à procura de uma habitação próxima onde pudessem obter licença para utilizarmos uma das montarias do porto. Nela eu iria com Miguel enquanto Policarpo ficaria ali tomando conta da canoa. Interessado em voltar ao Pará, ele não se meteria a qualquer proeza contra mim. Deitei-me na areia à espera dos mensageiros, e, embora julgasse que o regresso seria breve, passou-se uma hora sem tal acontecer. Uma hora e ninguém. Comecei a ficar inquieto e, não podendo me conter, segui as pegadas dos meus dois homens. Caminhei bastante; às vezes chegava a correr, por fim já andava sem rumo certo, pois os sinais dos pés pelo chão tinham desaparecido, pelo menos aos meus olhos embaciados pelo suor a escorrer na testa e que não pensava em enxugar. Atingi assim uma espécie de vale que descí, subindo a encosta fronteira. Lá em cima nem uma vereda. Receoso de me perder, voltei à canoa. Ninguém ainda. Imaginem minha situação! Sozinho, longe de todo auxílio, que fazer? Sem dúvida Policarpo havia desencaminhado o outro índio.

O tempo a correr e nada. Os macacos soltavam gritos horri-veis, e eu tinha a impressão de ouvir rugidos longínquos. Meti a cabeça entre as mãos e – fato inacreditável! – passei por ligeiro sono. Acor-dou-me um raio de sol batendo-me no rosto. Estava ainda sozinho, mas esse instante de repouso, esse sono que me vencera, me restituíra toda a energia. Nada de fraquezas. Era mister reagir. Subir o rio, impossível. Mas deixaria a canoa descer a corrente até a foz do Jourouti e de lá pelo Amazonas. Iria, ora a vela, ora a remo. Tudo como Deus quisesse. Decidi partir dali a uma hora, se ninguém aparecesse.

Gritavam sempre os macacos. Dei-lhes de comer. E quando acabei esse serviço vi Policarpo e Miguel na minha frente. Estava escrito que nesse dia passaria por toda sorte de emoções. Esta fora tão forte que fiquei sem poder dizer nada, de braços cruzados, à espera do que acontecesse mais. Os dois homens explicaram a demora pela distância percorrida; não tendo encontrado logo nenhuma casa, foram andando, andando, tendo sido preciso ir bastante longe para conseguirem com quem falar sobre a embarcação desejada. A explicação podia ter visos de verdade e aceitei-a. Policarpo desamarrou a montaria e nela colocou os objetos necessários. Ainda relutei um pouco em ir ver essa tal cobra, porque agitava-me pressentimento de que não devia tentar semelhante aventura depois do que há pouco me acontecera. Mas, por outro lado, tranquilizava-me a ânsia em que Policarpo se achava de regressar ao Pará. E persisti. Tínhamos partido há poucos momentos quando Policarpo me chamou para entregar a espingarda de que me esquecera. Esse fato aumentou minha confiança nele e parti bem tranqüilo. Miguel falava português: disse-me ser casado e ter filhos, razão por que me pedira um preço mais alto do que os outros. Tornamo-nos depressa bons amigos e compreendi que, se Policarpo tentara desencaminhá-lo, nada obtivera. Sabia que eu gostava de caçadas e interessava-se pelos resultados de minhas aventuras desse gênero. Policarpo nunca acertava na precisão das manobras quando eu queria visar uma ave ou outro animal; errava o tiro por causa da sua falta de destreza. Miguel, ao contrário, era-me o primeiro a indicar um bom alvo e para lá dirigia com precisão a montaria. Ia-me conquistando a amizade. No entanto, nada de tal passagem estreita que exigia esta pequena embarcação! A aversão ao trabalho certamente provocara em Policarpo mais esta mentira: ele receara ter de ajudar Miguel neste excursão. Lamentei ter caído numa armadilha tão grosseira e com meus botões jurava não reincidir na boa-fé, e de regresso obrigar Policarpo a trabalhar o bastante para corresponder ao dinheiro que ganhava, por sinal três vezes mais do que Miguel. Quanto mais avançávamos, mais o rio se alargava, e pela primeira vez, ali, via altas montanhas dispostas em anfiteatro. As que ficavam próximo d'água estavam cobertas de detritos de toda espécie. Parecia-me em certas ocasiões ver povoações com seus tetos de palhas ou filas de tulhas de feno. Esses amontoados de detritos existentes até em cima das árvores, a grande altura,

davam bem idéia do vulto das enchentes nestas paragens. Depois de ter subido o rio umas três horas entramos num lago a cujo fundo ficava Freguesia. A noite vinha perto; não se via casa nenhuma. E Miguel, embora cansado, demonstrava certo contentamento, o que contrastava com o que já vira em outros servidores. Dava-me, assim, grande satisfação, satisfação essa com que Miguel resgatava a perfídia dos de sua raça. Há recordações que nunca se apagam de nossa memória. Achávamo-nos os dois, no meio dessa lagoa, em um tronco de árvore transformado em frágil embarcação que com a maior facilidade poderia virar. Um céu puríssimo e águas tão calmas a dar a impressão de estarmos no espaço a voar. A ilusão só se quebrava em face dos jacarés muito freqüentes nestas alturas, traindo-se pelos movimentos d'água ao mergulharem. Íamos para frente e nem um ente humano nos aparecia. Escurecia mais e Miguel não sabia que rumo tomar. A cada curva dizia com alegria: "É ali." E nada! Tínhamos de encarar a situação com jovialidade, encorajando-nos. Mas eu já ansiava por um abrigo para pernoitar. A posição na canoazinha era assaz incômoda: não podia esticar direito as pernas e, ao desembarcar, parecia-me impossível andar. Afinal divisamos ao longe claridade indecisa, depois outro ponto de luz: era o termo da nossa viagem. Amarrada a canoa, subimos uma ladeira e alcançamos um grupo de habitações cujos donos já dormiam. No alto uma igreja. Recebeu-me o padre amavelmente quando lhe disse de onde viera. Foi buscar o couro da cobra, aliás em mau estado de conservação: a cabeça não existia mais ou talvez ele tivesse preferido ficar com ela. O couro, o padre me deu sem qualquer remuneração. Enquanto jantávamos, disse-me que, se eu demorasse uns dias em Freguesia, me levaria a um grande lago próximo, onde já aparecera a maior serpente das que por ali existiam. Os índios haviam descoberto certo dia no meio dessa lagoa uma coisa imóvel que não puderam logo saber o que fosse. Parecia-lhes uma das ilhas que surgem subitamente formada pela correnteza. Mas ali não havia correnteza: as águas eram muito serenas. Que seria então? A tribo inteira reuniu-se à margem da lagoa. Olhavam a coisa estranha sem coragem de ir lá perto. Enfim, três mais afoitos tomaram uma montaria e com todas as precauções que a prudência aconselhava rodearam a tal coisa desconhecida; um dos homens, pondo-se em pé, não pôde alcançar a altura de enorme cobra que ali ficara a descoberto quando as águas da lagoa baixa-



ram. Mediram-na: tinha uns cem pés de comprimento. Vários moradores das vizinhanças da lagoa tiveram de se mudar dali por causa do mau cheiro, quando a cobra apodreceu. Se minha canoa houvesse ficado em mais segurança, eu teria aceito o convite do padre, malgrado o estado de fraqueza em que me achava. Esse fato extraordinário da cobra já fora narrado por pessoa digna de fé ao cônsul Froidfond no Pará. Quem contara essa história habitava então Santarém e me forneceu uns apontamentos que colheira a respeito desse reptil fabuloso.<sup>4</sup> Nós troçáramos bastante dessa cobra gigante que se assemelhava à famosa serpente marinha. Imagine-se minha surpresa ao me ver, agora, a centenas de léguas de Santarém, num lago que ficava a pouca distância do local em que se encontrara esse bicho descomunal. Porque, a julgar pelo que ouvira, tratava-se do mesmo cuja história fora contada ao cônsul. Entrego, porém, o caso, sem julgá-lo, ao comentário dos leitores.

Tal a minha inquietude quanto à sorte de minha canoa, que ardia por voltar a ela. Despedi-me do padre, agradeci-lhe a hospitalidade e o presente. Ele esperava rever-me, pois nessa mesma tarde partiria para um sítio que ficava na embocadura do Jourouti. Eu e Miguel embarcamos às 4 horas da madrugada, depois de ter feito um rolo com a pele da cobra que, sem a cabeça, media 19 pés, tamanho já respeitável, comparado com o das serpentes do Jardim das Plantas. Esse couro é o que um visitante a que aludi julgava preparado com vários outros reunidos. Ao descer o rio, eu ia com um pressentimento parecido com o que me assaltara nos dias do banho perto dos jacarés e dos alagadiços. Tudo me dizia que não encontraria mais a canoa. E, então, para que me serviria o dinheiro que trazia sempre amarrado à cintura? E minhas coleções, meus desenhos, tudo mais conseguido à custa de perigos e de sofrimentos? Eu mesmo, que seria de mim? Se a minha canoa tivesse levado um fim, com ela se iria o passado e o futuro, a minha pátria, o meu lar. E debaixo dessas reflexões amargas maldizia a curiosidade que me atirara para longe da minha embarcação, e a imprudência de tê-la confiado a Policarpo. A cada curva do rio Jourouti, eu dizia a Miguel: “Eis-nos

---

4 Morrera no lago de Craoray, distrito de Faro, uma serpente que, segundo contavam alguns índios que a viram boiar a uma altura de quatro pés das águas, media cerca de 100 pés de comprimento. Conhecem-na os selvícolas pelo nome de *Biaru* ou *Buiassu*. Era de cor escura, com algumas manchas avermelhadas.

chegados.” Mas enganara-me e meus receios aumentavam. Quanto mais me avizinhava do local em que ficara a canoa mais me sentia oprimido. Acho que, se tal estado de ansiedade durasse muito tempo, meu coração teria estourado com o afluxo extraordinário do sangue, pois muitas vezes continha com a mão o ímpeto de seus batimentos. Assim, avistei de longe uma montaria tripulada por três mulheres. Minha sorte ia depender do que elas me informassem dali a pouco. Miguel perguntou-lhes qualquer coisa que não compreendi bem, e entendi apenas na resposta a palavra *macaque*. Elas haviam visto a canoa e os dois macacos. Um quarto de hora mais e chegaríamos lá. Agora, que me importava Policarpo!

Recuperei a tranqüilidade, e com ela, um pouco de alegria. Disse, rindo-me, a Miguel: “Vamos!” Ao que me respondeu: “Vaa-moos”, apoiando-se nas vogais. E de fato com umas remadas mais vigorosas avistamos a canoa. Os macacos puseram-se a gritar. Sem dúvida Policarpo dormia. No local em que na véspera esperara tanto tempo a volta dele e de Miguel estavam sentadas quatro pessoas: um velho, um negro e duas mulheres, para gozarem com certeza o espetáculo do desapontamento que me estava reservado. Os pressentimentos não me enganaram de todo: Policarpo fugira. Entrei rápido na embarcação e inventariei com os olhos tudo quanto possuía de mais precioso. Policarpo roubara-me uma espingarda comprada no Pará especialmente para ele, bem como o facão que me servia para abrir caminho nos matos. Além disso, um saco com chumbo, pólvora, cápsulas e uma caixa na qual havia linha, agulhas, botões e tesouras. Fiquei tão contente com o encontro da canoa que não me contrariou o roubo. E para que esse miserável Policarpo se enganasse pensando ter-me pregado uma peça desagradável, distribuí cachaça aos assistentes e declarei a todos, por intermédio de Miguel, estar satisfeito de haver ficado livre de um grande malandro, um tipo que não prestava para nada. Desconfiava que ele estivesse escondido na casa daquela gente.

Entrementes o vigário de Freguesia passou por nós e me marcou novo encontro no seu roçado. Mal ele seguira caminho, e depois de ter sondado Miguel quanto a suas disposições de serviço, agora que estava sozinho, despedi-me dos quatro espectadores, peguei num remo disposto a não largá-lo senão em Óbidos. Fui sentar-me à proa ao lado

de Miguel e ordenei-lhe: “Vaamoos”, enquanto me respondia com seriedade: “Vaamoos”. Descemos o Jourouti com rapidez. Ao cair da noite reentrávamos no Amazonas. Atingimos o roçado do padre; lugar detestável. Nem uma casa; árvores derrubadas por todos os lados; troncos atulhando o solo; trepadeiras. Quase não se podia andar. Armaram a rede do padre perto de uma fogueira. Mosquitos em tal quantidade que escureciam o brilho do fogo. Eu tinha necessidade de repouso e, não vendo jeito de obtê-lo ali, resolvi me despedir. Parece que o sacerdote não me entendeu bem, pois quando já ia distante e lhe fiz sinais de adeus mostrou-se contrariado. Pensara que eu pernoitaria ali ao seu lado. Não compreendera que em tal sítio um estrangeiro doente não acharia nenhum repouso. Essa noite dormi em meio do rio Amazonas, com a canoa ancorada. Estava cansadíssimo.

Depois de ter remado dois dias, puxamos pelos remos para atingir uma ilha situada na margem oposta àquela em que navegávamos; uma tempestade anunciava-se; ouvia-se o trovão e era impossível encontrar abrigo no meio de árvores arrancadas que enchiam a praia. Rapidamente, sem nos dar tempo a alcançar a tal ilha, a tormenta desabara. Chuva torrencial, misturada com granizo, fez-nos temer que a canoa se enchesse demais. Miguel alcançou suavemente a pedra que nos servia de âncora, dando-lhe todo o cabo, e eu com a panela tratava de esvaziar a embarcação. Os macacos aumentavam com os gritos o barulho do temporal. Só víamos alguma coisa diante dos olhos ao abrir dos relâmpagos. Miguel veio me ajudar no esvaziamento da canoa. Tive de trabalhar de verdade dando o exemplo, apesar da fraqueza orgânica. Se deixasse o índio somente às voltas com o temporal, ele acabaria cedendo ao fatalismo da raça e morreríamos ambos. De repente senti a canoa adernar. Miguel achava-se na outra extremidade do barco, e, ao clarear de um relâmpago, vi que recolhia o cabo da âncora. A pedra ficara no fundo do rio. O cabo partira-se. Agora, íamos ao sabor da correnteza sem podermos parar. Nem sei quanto tempo durou esta terrível viagem: a canoa, levada pela corrente e tangida por vento feroz, às vezes rodava em torno de si mesma. Impotente os remos. Houve um instante em que nos pareceu haver terra próxima, mas desaparecera. Todavia brotou-me certa esperança, peguei na vara que há tempos me proporcionara grande êxito e metia-a dentro d’água, a princípio sem resultado, mas, persistindo, felizmente,

senti tocar no fundo do rio. Dei um grito de alegria, chamando Miguel, e, então, juntos, empregamos todos os nossos esforços para manter a canoa parada. Conseguimos enterrar mais a vara, que era toda nossa esperança; a noite inteira decorreu assim, e a luz do sol veio nos encontrar com a vara convulsivamente agarrada por nossas quatro mãos. O perigo aos poucos desaparecera, embora o vento ainda fosse forte. Trocamos idéias sobre o que devíamos fazer, uma vez que, agora, podíamos ver o que nos cercava e ameaçava. Por felicidade encontrávamos uma dessas ilhas que saem das águas e justamente nos salváramos por estar um tanto protegidos por ela. Como não houvesse meio de acharmos abrigo ali, resolvemos navegar na direção de outra ilha, a duas léguas de distância, e da qual víamos a praia. Para lá nos botamos, e com a ajuda do vento alcançamos-la com agrado, pois dispunha de uma praia de areia muito convidativa. O sol já estava tão ardente que tive de correr para não queimar os pés na areia. Descansei debaixo de umas árvores, e ali Miguel serviu-me um pedaço de pirarucu comprado em Vila Bela, com um pouco de farinha. Não dispunha mais de bolacha. Mandei vir também sal, azeite rançoso e limões de que me servia à guisa de vinagre. Comemos ambos esses petiscos e depois nos deitamos no chão, passando assim metade do dia. Teríamos de bom grado ficado ali até de noite, se não fora o desejo de terminar o mais depressa possível essa viagem sem mais interesse para mim. Alimentava apenas um propósito: encontrar uma plaga em que pudesse ainda apanhar umas chapas; depois embalaria tudo e tomaria o primeiro vapor que me passasse perto.

Voltara o bom tempo. Luar. Grandes peixes nadando à superfície das águas metiam medo aos macacos. De meia em meia hora, cada um de sua vez, íamos esvaziando a canoa. Ao clarear, por uma inaudita ventura, encontramos uma dessas enormes planícies cortadas por grandes regatos. Preparei-me para tirar umas fotografias. O sol, porém, andava mais ligeiro do que eu, e, quando estava tudo pronto, o calor era tamanho que tive de trabalhar quase nu. Esse costume, aliás, deu em resultado ficar com a pele em mísero estado. Não me dera nenhum proveito essa última experiência artística. Conseqüências do temporal da véspera? Alguma perversidade de Policarpo misturando minhas drogas? Seja porque for, resolvi empacotar tudo e dar por finda minha missão. Miguel remava e eu preparava minhas bagagens. Ao anoitecer o pobre

homem adormeceu, e a canoa ia ao sabor da corrente. Eu velava. O vento mudava de repente e às 10 horas tive, embora com pena, de acordar Miguel para orientar melhor a vela.

Depois de Benoit, que sempre se enganava, depois do feioso Policarpo, que o fazia por cálculo, Miguel era o tipo do índio mais vagaroso, mais difícil de dar conta das suas tarefas. Era preciso tempo enorme para que realizasse um trabalho e tudo ficasse pronto. Ao meu “vamos”, respondia “vaamos”, e dessa vez ainda tive de ir ajudá-lo na manobra da vela com medo que tornasse a dormir. Nessa navegação pelo grande rio ocorreram-nos várias peripécias. Certa vez a canoa ficou metida entre poderosas raízes, e foi uma luta para nos safarmos dali. Outra ocasião, malgrado minha perícia adquirida há tempos, uma onda cai sobre o teto da minha barraca, passando por cima dos macacos. Mercê do guarda-sol prudentemente aberto sobre minha cabeça, apenas apanhei salpicos, embora tivesse de esvaziar a canoa do líquido que nela ficara. Vi o resto do colódio que possuía evaporar-se por ter deixado o frasco destampado. Perdi, certa noite, uma de minhas calças e uma camisa que secavam por cima da esteira protetora de minhas bagagens. O buraco que os macacos tinham aberto no meu telhado aumentara de tal modo que por ele passaria um chapéu. Isto deu margem a uma porção de artes desses símios: com os rabos me furtaram vários objetos.

Um dia em que mudávamos de rumo a todos os instantes, vi uma coisa inesperada em meio dessas solidões: no céu azul destacava-se uma cruz branca sem que se pudesse imaginar quem ali a houvesse posto. Passávamos perto da margem e para fazer um desenho bastava virar de bordo. Miguel encarregou-se da manobra enquanto eu cuidava do desenho. Pouco a pouco essa cruz, que a princípio aparecia no céu, dominou, ao se afastar mais a canoa, uma cortina de árvores gigantescas que transformavam completamente o aspecto da paisagem. Agora a cruz se aparecia com a brancura dos maciços vegetais que lhe serviam de fundo. Haviam feito uma queimada na base da montanha sobre a qual dominava essa cruz. Era de um magnífico efeito. Nenhum local se prestaria melhor para um cemitério. Mais tarde, voltando à Europa no vapor *New York*, um jovem alemão, meu companheiro de camarote, perguntou-me se ouvira falar numa cruz que um doutor, seu patrício,

mandara levantar num sítio do Amazonas onde estivera em risco de se afogar. E nenhum outro pormenor mais obtive acerca desse assunto.

Segundo os cálculos de Miguel, estaríamos perto de Óbidos. Contudo não podia precisá-lo, pois ele nunca andara por ali. Viajávamos um tanto a esmo, esperando obter informações de alguma canoa com que cruzássemos. De madrugada eu pegara no sono, deixando o companheiro a dirigir o barco, mas, por ignorância ou negligência, ele não deu conta de que já passáramos Óbidos e nos achávamos por caiporismo do outro lado do rio. Tivemos de recorrer aos remos. Nada mais de sono. Ao contrário, bem despertos para subir e atravessar uma corrente veloz como a do Amazonas. Tarefa penosa que afinal vencemos. E atracamos em Óbidos.

A canoa ficou amarrada perto de terra ao lado de várias outras nas quais se achavam muitos indígenas. Aproveitei o ensejo e pintei um muras e uma mulher das margens do Andira. Não foi sem custo que tive de me meter em trajos de cerimônia para ir fazer visitas. Procurei furtar-me a esse protocolo. Havia um vapor no outro dia e podia me dispensar dessas novas amizades. Tinha, porém, de tratar de assunto importante: desembaraçar-me da canoa, pois não podia levá-la para Belém. Nesse momento uma mulata já idosa, saltando de canoa em canoa, veio sentar-se ao lado da minha e me perguntar se ela estava para vender. No caso afirmativo iria buscar o patrão para nos entendermos. Vinha a calhar a proposta, e tratei de não perdê-la. Efetivamente um quarto de hora depois um gordo português veio a mim e indagou do preço da canoa. Ou melhor, ofereceu-me logo uma soma que era apenas inferior em 30 francos do que me custara a embarcação. Aceitei sem relutar: negócio bom para ambos. Eu me desembaraçava do que não mais precisava; ele adquiria um barco com que negociara no transporte de madeira do Amazonas. Fiquei apenas com a vela para enrolar com ela os objetos para os quais não dispunha de caixas.

Vesti-me, então, vagorosamente para ir concluir a transação. De caminho entreguei uma das cartas trazidas para Óbidos, e como o destinatário não me ligasse importância rasguei a outra, destinada ao comandante do forte. Sendo intolerável o calor, voltei para bordo. Ali esperaria o vapor, segundo combinara com o comprador, e este confiou tanto em mim que pôs nas vizinhanças uns escravos de vigia para não

me perderem de vista, nem de dia nem de noite. Ao lado, uma embarcação cheia de cavalos e imunda. Miguel armara perto minha rede. Passei a noite com um calor tremendo, quase nu, e a me coçar desesperadamente. Ainda por cima a guerra aos mosquitos. Ao clarear, fui para dentro da barraca. Mais tarde dei uma volta pelas cercanias do forte e arrependi-me de ter rasgado a carta para seu comandante. Aproximando-me do portão, vi que era desnecessária: nem soldados, nem sentinela. Entrava-se à vontade. Dentro, apenas os canhões sobre rodas numa esplanada em semicírculo, diante de uma muralha de um metro de altura. Causou-me reparo que essas peças tivessem na frente, como para não lhes permitir atirarem para baixo, uma espécie de jardim.

E o vapor a demorar. Fui dar um passeio numa praia defronte de uma ilha que esse vapor deveria contornar antes de entrar no porto. Assim o veria chegar mais depressa. O calor ali era tão forte que eu ia andando dentro d'água. Cansado, parei. Tomei um banho que durou uma hora; não tinha vontade de sair dele. Era quase meio-dia. Nem sombra. Avistei uns arvoredos e encaminhei-me para lá. Mas, ao alcançá-los, verifiquei que não podiam oferecer-me proteção suficiente. Sentei-me, porém, ali, contra o sol. Havia certa umidade nos rochedos da praia e seminu encostei-me a essas pedras embora pudesse adoecer. Tentei desenhar. Impossível. Tomar notas, ainda menos. Meus olhos estavam tontos de luz, minha cabeça doía, não atinava com o que fazer. Ficar ali, não me era possível; voltar, era tão longo o caminho! E o vapor que não chegava! Meti-me n'água de novo, mas não demorei. O primeiro banho pareceram-me morno; agora sentia frio. Tremia. Vesti-me e regressei à canoa, num lastimável estado. Duas horas após ardia em febre. Deitei-me na rede. Delirei.

Assim esperei ainda três dias o vapor. Sem dúvida um acidente demorava-lhe a chegada. Afinal entrou no porto. Era tempo. O calor e a doença davam cabo de mim. No momento de despedir-me de Miguel, tive ensejo de avaliar seu desinteresse. Eu, além de ordenado, dera-lhe várias vezes gordas gratificações; pagara-lhe a passagem do vapor de Óbidos a Vila Bela; dei-lhe também uma porção de coisas de que não precisava mais. Não satisfeito ainda, reclamou-me ainda os dois últimos dias que estivera comigo, dias suplementares, mas em que lhe dera de comer. Mas o índio se revela em tudo. Aceitei-lhe a reclamação; fiz de

novo suas contas, porém mandando que jogasse ao rio tudo quanto lhe dera. Refletiu e achou melhor ficar com os meus presentes.

Tivemos trabalho para embarcar os dois macacos; soltavam gritos tremendos e agarravam-se com todas as forças à canoa. Armei minha rede no convés e ali fiquei até o Pará. Ao entrarmos na baía de Marajó, soprava um vento ríspido; compreendi então as advertências que me fizeram quando pensei em vir até ali na canoa. Não teria me saído bem, sem dúvida, com tal ventania.

Passsei um mês de cama. O Sr. Leduc me deu novamente hospitalidade, e sinto-me feliz em declarar aqui nunca ter esquecido os cuidados que me prodigalizou durante os acessos de febre intermitente que me acompanharam até a Europa. Quando ia recuperando as forças que uma alimentação forçada de bananas, queijo duro e peixe seco me tinham roubado, fui obrigado a dieta completadora do estrago que a vida na canoa começara. Enquanto sofria no leito, por vezes delirando, o vômito negro fazia vítimas na cidade. Eram numerosos os enterros. Esperavam-se as chuvas e nada de chegarem. A poeira era de um vermelho de barro e parecia o “simun” do deserto: entrava por todas as partes, cobria tudo. Quando não era presa do delírio (e malgrado a negra que me servia de enfermeira), rolava pelo chão para aliviar o calor que me torturava. Ao perceber os passos do Sr. Leduc, voltava depressa à cama, porque ele era inflexível em me censurar por essas loucuras. Todavia, ralhava comigo, pois meus lençóis manchados de barro me traíam. Não podia enganá-lo.

Que lhe chegue um dia, através do oceano, a expressão do meu eterno reconhecimento, registrado neste livro.



.....

## *Epílogo*

Niágara, 25 de janeiro.

MEU CARO LUÍS:

**V**OCÊ irá ficar admirado ao ver de que lugar esta carta é datada, principalmente ao se lembrar de que a anterior fora escrita do Pará, entre dois acessos de febre. Dissera-lhe então: ao me restabelecer, regressaria a Europa, tomando o vapor costeiro que me levaria a Pernambuco e ali me passaria para o transatlântico da linha de Southampton. Era o caminho mais seguro a tomar na entrada do inverno; mas precisava esperar alguns dias. Eu me achava, ou me supunha, curado, e já que me encontrava na América aproveitei um navio, o Frederico-Domingos, de partida para New York. Quis visitar os Estados Unidos e acrescentar alguns tipos aos que apanhara por aqui.

Sim, meu caro amigo, partindo de uma cidade em pleno equador, cheguei, ao cabo de dois meses de viagem, pelos fins de janeiro, ao território canadense. E lá era bem o termo de minha peregrinação através das duas Américas.

*Que espetáculo agora poderia me interessar? Vi ontem as famosas cataratas do Niágara e vi-as em excepcionais condições: um vento muito violento, um nevoeiro espesso, gelo e neve e frio de não me permitir fazer a ponta do lápis ao querer desenhar. Ao voltar ao hotel, tive de ir para a cama; de novo a maldita febre a me assaltar em pleno entusiasmo. Meu bom Luís, estou vencido. Devo regressar o mais depressa possível. Não escrevi a minha filha. Deixemo-la crer que me acho comodamente instalado em magnífico paquete, dos que lhe fizera há tempos maravilhosa descrição.*

*Quanto a você, não receio dizer-lhe que na travessia no pequeno barco à vela, malgrado minha experiência do mar, pensei em ir para o fundo. E não fui dos menos felizes, porque soube depois terem naufragado vários navios franceses e ingleses. Éramos arrastados pela Gulf-Stream que do México, passando pelas Bahamas, banha as costas americanas até além dos bancos da Terra Nova. Dessas águas tépidas sobem nuvens de vapor ao contato com o ar frio. Passamos nove dias sem ver o sol; impossível fazer observações. O capitão e o imediato não se harmonizavam nos seus cálculos: havia uma diferença de posição, entre eles, de 150 léguas. Vento contrário sempre. O navio navegava à capa, sem velas e constantemente ao acaso. As provisões de boca, conforme avaliará, escasseavam, pois tinham sido estimadas para uma travessia de 25 dias mais ou menos, e ela durara quase dois meses.*

*Adeus e até breve. Quanta coisa a lhe contar quando nos tornarmos a ver! Levo recordações e material para trabalho que darão para o resto de minha vida!*

*Seu Amigo* BIARD

.....

## Índice Onomástico

### A

ABRANTES (marquês de) – 33  
ALI-BABA – 39  
ALMEIDA – 96, 107  
AUMONT, Alteve – 16, 31

### B

B. (coronel) – 166  
BARRAL (conde de) – 34  
BENOIT – 123, 135, 136, 137, 140, 141,  
142, 143, 144, 145, 146, 152, 162, 165,  
192, 195, 223, 235, 243  
BIARD – 38, 121, 132, 176, 248  
BLONDIN – 12  
BLAS, Gil – 21

### C

CAMERALZAMAN – Ver ALI-BABA  
CHOURINEUR – 235  
COSTA JERÔNIMO – 164, 167, 175,  
176, 184, 189  
CRISÓSTOMO – 166, 168, 170, 171,  
172, 173, 178

### D

DEBRAY – 39  
DESCHÊNES, Parceval – 39  
DOMINGOS – 113, 117

### E

EDUARDO – 100

### F

FERREIRA, Gus ta vo – 176  
FEVEREIRO (senhor) – 28  
FRA-DIAVOLO – 114  
FROIDFOND – 132, 133, 135, 239

### G

GALL – 199  
GERARD – 192  
GINGEMBRE – 135, 136, 139  
GOETHE – 145  
GULLIÈRE – 139

### H

HARISMUDI – 139

### I

ISABEL – 34, 38

### J

JANEIRO (senhor) – 28  
JOÃO – 175, 181, 207, 212, 213, 214,  
215, 216, 217, 218, 219, 220  
JOÃO VI (dom) – 39  
JOÃOZINHO – 167, 168  
JOSÉ – 119

### L

LA FAYETTE (general) – 87  
LEDUC – 139, 140, 144, 145, 246  
LEOPOLDINA – 34, 38  
LUÍS – 247, 248

**M**

M. L. (senhor) – 183  
MANUEL – 99, 100, 102, 103, 104, 105,  
106, 109, 113

MAUÁ (barão) – 146

MAYNE – REID – 110

MEFISTÓFELES – 145

MIGUEL – 229, 234, 235, 236, 237,  
238, 239, 240, 241, 242, 243, 244,  
245

MORICAUD – 119

MPB (senhor) – 31

MUCURI – 118

**O**

O. (senhor) – 149, 150, 154, 163, 164,  
178, 181, 186

**P**

PENAUD (família) – 56, 118, 119

PENAUD (senhor) – 56, 119

PHYLIS – 179, 180, 212

POLICARPO – 145, 146, 147, 150, 152,  
155, 157, 161, 164, 165, 166, 167, 168,  
169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176,  
178, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186,  
187, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 199,  
200, 201, 202, 207, 208, 214, 215, 216,

219, 220, 222, 223, 226, 227, 229, 230,  
231, 233, 234, 235, 236, 237, 239, 240,  
242, 243

**R**

REGNARD – 81

RODRIGUES – 222

ROSA – 96

ROVIGO (duquesa de) – 132

**S**

SALOMÃO – 153

SCHEFFER – 145

SUE, Eugênio – 235

**T**

TAUNAY – 31, 39, 88, 100, 132

**V**

VERREAUX, Júlio - 100

**X**

X. (senhor) – 54, 57, 60, 71, 78, 79, 80,  
81, 82, 86, 88

**Z**

ZEFERINO – 196, 224, 225, 236

*Dois Anos no Brasil*, de Auguste François Biard,  
foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em papel  
vergê areia 85g/m<sup>2</sup>, nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial  
de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília.  
Acabou-se de imprimir em fevereiro de 2004, de acordo com  
o programa editorial e projeto gráfico do Conselho  
Editorial do Senado Federal